

Unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara – SP

LUÍS ANTONIO BITANTE FERNANDES

AFINAL O QUE QUEREM OS HOMENS?

UM ESTUDO DA MASCULINIDADE

ARARAQUARA – S.P
2011

Unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara – SP

AFINAL O QUE QUEREM OS HOMENS?
UM ESTUDO DA MASCULINIDADE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras, Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Linha de pesquisa: Gênero, etnia e saúde

Orientadora: Profa. Dra. Lucila Scavone

Discente: Luís Antonio Bitante Fernandes

ARARAQUARA – S.P
2011

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. LUCILA SCAVONE

Prof. Dr. RICHARD MISKOLCI ESCUDEIRO

Profa. Dra. MIRIAM PILLAR GROSSI

Profa. ELIANA MARIA DE MELO SOUZA

Profa. Dra. CLAUDIA ELISABETH POZZI

Aos meus pais, Junilda e Luiz.

Aos meus filhos, Olívia e Raul.

A Pedro (filho de coração).

AGRADECIMENTOS

A tod@s @s professor@s que contribuíram para minha formação...

À Banca Examinadora...

À minha orientadora, Prof^ª. Dra. Lucila Scavone, que compreendeu os meus momentos difíceis e me conduziu com sabedoria... meu muito obrigado...

À Sônia, Carmem Lúcia e Rafael; muito mais que irmãos...

Ao Leopoldo, grande parceiro... e a Ana Cláudia, amiga...

Aos meus AMIGOS da União/Família Araguaia...

À minha companheira, Edna, que esteve ao meu lado e que hoje pode compartilhar das minhas alegrias e conquistas... um grande beijo a você que faz parte de minha vida... te

amo...

A tod@s que estiveram ao meu lado e compartilharam esse momento...

... meu muito obrigado!

ABSTRACT:

This paper discusses the construction of masculinity, in contemporary, seen from the model and heteronormative hegemonic masculinity, in which values are socially produced and desired transmitted and transferred, in accordance with the historical and contextual needs. For this discussion, we use incursions ethnographic in rooms chat located in sites dating on the internet and in magazine Mean's Health as a research field in which, as spaces for inter-personal relations and means of communication and information, the manifestation of masculinities find ideal conditions of exposure, affirmation and reprocessing. The data collected were analyzed theoretically mediated based on three analytical categories: sexuality, gender and identity. These analytical categories have provided support to understand how masculinity is produced and reproduced, sometimes keeping, sometimes subverting the social order, showing that masculinity is, nowadays, by changes in its design, which we may call masculinity.

Key words: Masculinity; sexuality; gender; identity.

RESUMO:

Este trabalho discute a construção da *Masculinidade*, na contemporaneidade, vista a partir do modelo Masculinidade Hegemônica e Heteronormativo, no qual os valores socialmente elaborados e desejados são transmitidos e repassados, de acordo com as necessidades históricas e contextuais. Para tal discussão, utilizamos incursões etnográficas em salas de *bate-papo* localizadas em sítios de relacionamento na internet e na revista Mean's Health, como campo de pesquisa em que, como espaços de inter-relações pessoais e meio de comunicação e informação, a manifestação das masculinidades encontra condições ideais de exposição, afirmação, negação e reelaboração. Os dados coletado foram analisados mediados teoricamente com base em três categorias analítica: *sexualidade*, *gênero* e *identidade*. Essas categorias analíticas deram suporte para compreender como a masculinidade se produz e reproduz, ora mantendo, ora subvertendo a ordem social, mostrando que a masculinidade passa, nos dias de hoje, por mudanças em sua concepção, da qual podemos denominar de masculinidades.

Palavras-Chave: Masculinidade. Sexualidade. Gênero. Identidade

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	06
2. Capítulo I – MASCULINIDADES	17
2.1 Uso de medicamentos de Disfunção Erétil: afirmação, negação ou construção das novas masculinidades.	27
3. Capítulo II - A CONSTRUÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA: MASCULINIDADES NAS SALAS DE BATE-PAPO E NA REVISTA MEN’S HEALTH.	31
3.1 Metodologia da pesquisa: a etnografia nas Salas de <i>bate-papo</i> e o olhar crítico sob a Revista Men’s Health.	34
3.2 Disfunção Erétil: as fronteiras entre o prazer e o gozo	59
4. Capítulo III: A DESCOBERTA DA SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DA MASCULINIDADE.	64
4.1 Sexualidade: o sexo expresso <i>pele e nos</i> discursos.	66
4.2 Do sexo único ao duplo sexo: um estudo da construção dos sexos e do gênero.	84
4.3 Manifestações da sexualidade - salas de <i>bate-papo</i> e Men’s Health: aproximações e distanciamentos.	95
5. Capítulo IV: A MASCULINIDADE SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO.	104
5.1 Masculinidade Hegemônica ou Heteronormatividade?	130
5.2 Identificando a matriz de gênero na discursividade dos internautas das salas de <i>bate-papo</i> e nas propostas da revista Men’s Health.	133
6. Capítulo V: IDENTIDADES MASCULINAS.	142
6.1 Por que o conceito de identidade é importante?	156
6.2 Identidade e Diferença: é possível conviver com esses marcadores sociais?	162
6.3 Nick/Nomes e o Corpo na Revista Men’s Health: uma análise das identidades masculinas.	164
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.	172
8. BIBLIOGRAFIA.	177

LISTA DE ABREVIATURAS:

D.E. = Disfunção Erétil

M.D.E. = Medicamentos de Disfunção Erétil

MH = Men's Health

1. INTRODUÇÃO

E, já que o ato sexual consiste sempre em tratar o outro como um objeto, isso significa que todos os objetos se equivalem e que, por conseguinte, o mundo vivo em seu conjunto deve ser tratado não apenas à maneira de uma coleção de coisas, mas segundo o princípio de uma norma invertida.¹

Inverter a norma é submeter-se a uma inversão de valores atribuídos histórico, cultural e socialmente. As Masculinidades enquanto atributo de uma norma instituída sócio-cultural e historicamente, também, podem ser assumidas enquanto princípios de uma norma invertida. Inverte-se os valores para a reelaboração e aceitação de novas masculinidades. Na contemporaneidade, observamos que nas relações entre os seres podemos encontrar mudanças e permanências das masculinidades. As pesquisas sobre *masculinidades* durante muito tempo foram relegadas pelas ciências sociais, mas tomaram impulso a partir dos estudos de gênero e de homossexualidade, ampliando o debate e as informações sobre o tema.

A questão das *Masculinidades* nesta pesquisa será realizada com base na interlocução de três tipos de tecnologias presentes na contemporaneidade. As Tecnologias Médico/Fármacos - pensadas pela inserção dos Medicamentos de Disfunção Erétil (MDE) em meados dos anos de 1990 do século XX; as Tecnologias de Comunicação - que proporcionou, dentre os diversos contextos criados por ela, o surgimento de um espaço de interação virtual denominado de salas de *bate-papo*; e as Tecnologias de Informação – que será mediado por um mensário especializado e dirigido ao público masculino – a Revista Men's Health do Brasil. Porém, ressaltamos que este não é um estudo sobre essas tecnologias, mas o uso dessas para pensarmos as masculinidades na contemporaneidade.

Em meus estudos preliminares a preocupação com a Masculinidade se deu com o questionamento do uso de Medicamentos de Disfunção Erétil (MDE), de maneira recreativa, por jovens que supostamente *não* necessitam deste tipo de medicalização, mas que fazem o seu uso por diversos motivos, chamando atenção ao uso associado com outras drogas como álcool, cocaína e ecstasy. A hipótese levantada que estava em jogo era a afirmação e a reafirmação da Masculinidade construída com base em um

¹ RODINESCO, Elisabeth. “Sade para e contra si mesmo”. In: **A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p.48.

modelo heteronormativo, do qual a virilidade é o pilar de sustentação e, portanto, não poderia ser colocada à prova.

Mas que jovem é este que faz o uso desse tipo de medicamento? O perfil desse jovem foi traçado com base em categorias de análises como: faixa etária situada entre 20 a 30 anos; que se declaram heterossexuais; estilo de vida, que o caracteriza como pertencente ao grupo de jovem; usuário ou não de drogas como álcool, ecstasy e cocaína; freqüentador de festas noturnas, conhecidas como *baladas* ou *raves*; usuário frequentes das redes de relacionamento da internet.

Portanto, o estudo visava fazer uma análise comportamental, no âmbito sociológico e antropológico, deste jovem que ao mesmo tempo em que busca manter suas características de juventude, busca, também, manter as características da masculinidade heteronormativa, isto é, manter a ideia do *ser homem* concebido dentro de expectativas socialmente determinadas. Porém, vários foram os percalços para a sustentação dessa tese, principalmente o acesso aos usuários de MDE associados ao uso de drogas, pois os sujeitos mesmo que existentes, estão eles dimensionados por mecanismos sócio-culturais que não os permitem que façam declarações questionando as suas masculinidades.

O objetivo desse estudo foi compreender a afirmação, reafirmação ou negação da Masculinidade de um determinado grupo social, cujo recorte foi feito pela faixa etária 20 a 30 anos (jovens), no período de desenvolvimento da pesquisa. A escolha se deve pela facilidade que este grupo tem em trafegar ('navegar' na linguagem utilizada por usuários da internet) pelos meios de comunicação propostos pelas novas tecnologias de comunicação, em nosso caso específico as salas de *bate-papo* promovido pelos sítios de relacionamentos da internet. Sendo assim, utilizamos este espaço como um dos campos de pesquisa deste estudo por ser um local de grande encontro de jovens.

Outro campo utilizado neste estudo e que faz parte do universo dos jovens, contidos nas tecnologias de informação, foi a leitura crítica da Revista Men's Health. Essa publicação mensal destina-se a um público específico formado por homens com características de padrões heteronormativos e que se propõem a trabalhar com conselhos informativos no sentido de compreender o processo de reelaboração das masculinidades sem perder a condição de *macho*, atributo do qual o jovem do gênero masculino continua assumindo como condição essencial na concepção de sua identidade masculina.

Sendo esta a perspectiva de masculinidade, pensada socialmente no atributo do ser *macho*, como condição para *ser homem*, fizemos o uso de uma terceira tecnologia enquanto instrumento utilizado para compreender a formação da masculinidade presente na contemporaneidade, as tecnologias médica/fármacos com a inserção dos medicamentos de disfunção erétil. Isso nos possibilitou instigar nossos sujeitos de pesquisa a pensar suas masculinidades sob a ótica de subversão da ordem social dada, isto é, a possibilidade de fazer o uso desses medicamentos de forma recreacional e o que esse uso implicaria em sua concepção de *ser homem*.

Tomando como base essa perspectiva, procuramos desenvolver discussões de pontos essenciais na compreensão da construção de nossa tese, que parte do princípio de que há uma masculinidade heteronormativa e socialmente construída, sustentada por valores centrados numa visão tradicional do “ser homem” e, portanto, uma masculinidade hegemônica, que vem sendo, na contemporaneidade, questionada enquanto forma de manifestação única. Uma masculinidade que sofre mudanças, de maneira mais intensa, em sua concepção, num primeiro momento a partir da chamada revolução sexual e do processo de emancipação feminina que teve um impulso significativo a partir dos anos 60 do Século XX. E num segundo momento, já no século XXI, com a chegada do ao *mercado* consumidor dos medicamentos de disfunção erétil.

A primeira revolução sexual que aconteceu no final dos anos de 1960, ativada pelo surgimento da pílula anticoncepcional (abrindo as portas para os movimentos de emancipação feminina) e pelas ideias de Herbert Marcuse, entre outros, que defendia que a livre expressão da sexualidade humana traria desdobramentos políticos, igualitários e libertários.

No final dos anos 60 e início dos anos 70 do século passado, parecia que as coisas iriam caminhar num sentido diferente; homens deixaram seus cabelos crescerem, passaram a usar sandálias e a andar de bolsas a tiracolo. Isso fez com que o comportamento masculino se aproximasse do modelo feminino, dando a parecer que eles tinham se tornados mais doces, mais sensíveis. As mulheres, tanto quanto os homens, estavam mais abertos para o sexo sem compromisso e houve várias tentativas de vida em comunidade.

Esse movimento durou muito pouco, de modo que, rapidamente, os ciúmes prevaleceram sobre a liberdade sentimental e sexual, o jogo de poder entre os sexos se tornou a regra, a maconha foi substituída pela cocaína, as mulheres passaram a se vestir com gravatas e outros acessórios masculinos e os Hippies viraram Yuppies. A ânsia por

poder econômico e sucesso profissional se tornou enorme e a ideia era a de conseguir mais sucesso a qualquer preço - e rápido. Trabalhavam muito durante o dia e queriam se divertir loucamente durante a noite. Para conseguir tal feito, usavam a cocaína.

Esse era o caminho que estava traçado, até o final dos anos 80 do Século XX, quando, aos poucos, introduziu-se um novo ingrediente nesse cenário: o crescente desenvolvimento da indústria da comunicação e da indústria pornográfica. Tal indústria não se trata de um fenômeno novo, o que é novo é o material produzido, que se tornou disponível 24 horas por dia, em canais de televisão, revistas e, principalmente, na grande revolução da comunicação do século XXI, a internet.

Aparentemente o fato parecia ser secundário e sem importância, porém cada vez mais os jovens passaram a dividir seus interesses, no que diz respeito às relações sexuais, entre o mundo real e o mundo virtual. Vários deles estão à procura do sexo virtual, aquele que se processa intermediado por um computador ligado a uma rede de comunicação virtual, a internet, ou, então, se divertem muito, assistindo a filmes pornográficos postados na rede, de modo a dividir suas preferências com as relações sexuais propriamente ditas. Soma-se a isso a ideia de “sexo seguro”, após o aparecimento do HIV, nos anos 1980.

É crescente o número de homens que acham as moças da vida real muito pouco interessantes, quando comparadas com as atrizes dos filmes pornográficos, ou às moças que fazem sexo virtual na internet (pago ou não). Preferem o comportamento muito mais extravagante e exibido das mulheres que aparecem nos filmes e daquelas que estão dispostas a uma relação sexual virtual. Parece que não se incomodam muito com o fato de que, provavelmente, se trate de um prazer “falso”, irreal ou virtual, como dizem.

Muitos homens se mantêm virgens no plano real, até que surja um envolvimento amoroso de maior significado, condição na qual se iniciam. Atualmente, há mais rapazes de 18 anos virgens do que moças. As mulheres de programa, denominadas socialmente de prostitutas, continuam visitadas por homens mais velhos e turistas, como revelado pela pesquisadora Adriana Piscitelli (2005) em “Viagens e sexo online: a Internet na geografia do turismo sexual”. Alguns jovens não se interessam muito pelas mulheres, a menos que elas saibam fingir, da mesma forma que as do mundo virtual, que se tornaram o padrão de referência para os homens.

Numa inversão de papéis atribuídos socialmente aos gêneros, mulheres jovens, estão sendo muito menos assediadas e cortejadas do que antes, e agora passam a ter que tomar iniciativas (BITANTE-FERNANDES, 2005). Assim, homens que são fortemente

influenciados pela visão estão se saciando no mundo virtual, e as moças que são menos “visuais” estão recriando novas formas de contato real subvertendo a ordem social imposta. Elas, que manifestam formas de desejo, que culturalmente se diferenciam dos desejos dos homens, têm que se tornar mais “ativas”, isto é, passam a assumir um atributo que antes era dado ao masculino.

Registrar a relevância dessas mudanças é mostrar que há uma vantagem feminina que está sendo transferida para os homens; essas mudanças questionam a masculinidade heteronormativa: *elas* sempre foram objeto do desejo e *eles* sempre tiveram que tomar as iniciativas e correr os riscos de rejeição. Agora, pela primeira vez na história, *eles* podem ficar encostados no bar da discoteca, com um copo de bebida na mão (representação simbólica do masculino), esperando para ser abordado, o que não significa que eles estejam agindo e aceitando essas mudanças simples, há algo que os incomodam. Numa história de vitórias femininas, esta parece ser a primeira vez em que os homens “conseguem reverter” o resultado. E isso graças aos avanços da tecnologia da informação que amplia a indústria pornográfica.

O fato dramático e triste é que a vida sexual dos jovens está sendo norteadá pelo que está disponível nos meios de comunicação. Estes é que se transformaram nos verdadeiros mestres da arte erótica, de modo que as mulheres mais jovens venham a se comportarem como as mulheres que inspiram os sonhos masculinos, ou elas são desprezadas e tratadas como *caretas*, ou pouco atraentes.

Este é um dos pontos principais de nossa pesquisa. Não podemos generalizar e afirmar que são todos os homens e mulheres jovens que aderiram a tal padrão de comportamento, mas é para lá que os ventos sopram. Assim, procuramos compreender, de forma construtiva, o processo a que estão submetidos.

Nos capítulos desenvolvidos, procuramos trabalhar a elaboração teórica e metodológica que deu suporte para nossas discussões. Este estudo procura fazer uma análise discursiva/comportamental de jovens, do sexo masculino e que se declaram heterossexuais, em dois contextos. O primeiro contexto nos sítios de relacionamento definidos como salas de *bate-papo*, do qual busca-se relacionamentos interpessoais, com propósitos diversos, sendo o principal deles o sexo. No segundo, a revista *Men's Health*, um periódico mensal voltado para o público masculino heterossexual, em que trabalha com aconselhamentos comportamentais para a afirmação da masculinidade.

Nosso objeto de estudo, portanto, é compreender a afirmação, reafirmação ou a negação das masculinidades, em um contexto social em que valores culturais de uma

identidade específica, a de serem considerados e vistos como jovens, entram em conflito com a elaboração e manutenção de outra identidade, a identidade masculina. Esta construída com base em uma sexualidade socialmente determinada, numa concepção de gênero que contribui para a construção e definição da masculinidade, que é, portanto, socialmente construída, mas que pode ser conceitualmente definida.

Num primeiro momento, temos o conceito de *Masculinidade*, segundo o Dicionário da Crítica Feminista, como termo de referência ao campo de investigação para as áreas dos estudos sobre o gênero e a sexualidade, reportando-se a significados culturais da “pessoa”, sendo ideologicamente remetidas para o terreno da essência dos “homens”, por processos metafóricos, aplicáveis às mais variadas áreas da interação humana e da vida sociocultural. É assim que podemos encontrar, em nível etnográfico, expressões como “mulher masculina”, “gestos masculinos”, “valores masculinos”, “símbolos masculinos”, etc., independentemente dos sexos e até do sexo, como no caso dos símbolos.²

Fizemos uma descrição dos espaços de práticas sociais relacionadas à interação dos jovens. Esses espaços dizem respeito a uma nova possibilidade de comunicação que se desenvolveu e tomou forte impulso, no início do século XXI, e que vem se tornando um dos espaços de maior ocupação, tanto por jovens como por qualquer pessoa, sem restrição de classe, raça/etnia, gênero, religião, opção sexual, geracional, enfim, um espaço aberto e, aos poucos vai se tornando democrático. Estamos falando da *Internet* (enterrredes).

Para atingir objetivo de compreender a elaboração da masculinidade nos espaços acima citados, utilizamos de uma **metodologia** de pesquisa que consiste em dois momentos, que não se separam, mas, sim, que se complementam. O primeiro momento diz respeito à apropriação teórico/conceitual para a qual nos utilizamos das categorias: *sexualidade, gênero e identidade*, como elementos para a compreensão da construção da *Masculinidade* que os jovens estão incorporando. Sexualidade, como algo histórico e discursivamente construído, com base em estruturas de poder (FOUCAULT, 1985). Gênero não somente como distinções binárias – masculino e feminino - e que se opõem ao sexo biológico, mas como categoria histórica e analítica que se propõe compreender

² MACEDO, A. G.; AMARAL, A. L.(orgs.), **Dicionário da Crítica Feminista**. Porto: Afrontamento, 2005, pp. 122-123. Contribuição conceitual para a construção do verbete de: ALMEIDA, M. V. *Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995; e CONNELL, R. W. *Masculinities*. Londres: Polity Press, 1995.

as formas de organização das relações sociais (SCOTT, 1990) e Identidade, como parte de se reconhecer no outro e, portanto, sentir-se semelhante e pertencente, bem como negar-se no outro para a construção de sua identidade, reconhecendo-se pela diferença (HALL, 2002).

O segundo momento consiste em fazer uma pesquisa empírica em dois contextos distintos. No primeiro contexto, que chamamos de pesquisa interativa, realizou-se abordagem com jovens usuários de espaços de interação virtual conhecidos como salas de *bate-papo*, Orkut, comunidades virtuais, na busca de compreensão das várias formas de formulação da masculinidade e como se reproduz nesse novo espaço de interação. O segundo contexto se deu numa análise do conteúdo da revista Men's Health, que tem como especificidade a proposta o cuidar da saúde masculina em sentido amplo.

Como a problemática da pesquisa envolve a masculinidade, buscamos, no desenvolvimento do trabalho, captar, no discurso dos sujeitos entrevistados nas salas de *bate-papo*, a essência das respostas que levam ao entendimento de como os colaboradores vêem sua masculinidade, buscando abranger toda a dimensão qualitativa de uma pesquisa. Na revista Men's Health captar o discurso contido em sua proposta de modelo de masculinidade contido nas reportagens nos diversos espaços da revista.

A pesquisa nas salas de *bate-papo* se desenvolveu com base num *perfil* de jovem construído idealmente, a partir de comportamentos socialmente desejados e contextualizados. Para tal, usou-se de variáveis como: *estilo de vida* - consumo de álcool, consumo de drogas (cocaína e ecstasy, não necessariamente de forma conjunta), frequentadores de festas noturnas, suas *vivências relacionais*, relação entre *corpo*, *sexualidade*, *virilidade e masculinidade*, importância do *lazer* como parte de sua vida e faixa etária, definida entre 18 e 30 anos. Essas variáveis foram inseridas gradualmente, de acordo com o desenvolvimento do diálogo que se estabelecia nas salas de *bate-papo* e observadas nas matérias contidas na revista MH.

Por fim, questionamos o uso ou não de Medicamentos de Disfunção Erétil (MDE) de forma *recreativa* pelos nossos sujeito/colaboradores, como estratégia de questionamento da masculinidade/virilidade, na busca de compreender a percepção da construção da identidade masculina de nossos sujeitos de pesquisa.

Segundo Deslandes (2002), há uma fase chamada exploratória, que define a elaboração da proposta de trabalho, alicerçada em muitos esforços de uma pesquisa bibliográfica, realizada de forma disciplinada, crítica e ampla, que mostra uma prática sistemática, com um diálogo reflexivo entre teoria e objeto de investigação,

visualizando amplamente o “estado” do conhecimento atual sobre o tema, até a elaboração da proposta de trabalho.

Este estudo foi elaborado em cinco capítulos constituídos de uma parte teórica e de uma parte analítica. No primeiro, intitulado “**Masculinidades**”, discutimos a construção da categoria Masculinidade e sua trajetória como campo de estudo e pesquisa. Este capítulo tem como objetivo construir um conjunto de elementos teóricos dos quais nos possibilitaram no desenvolvimento dos capítulos posteriores, criando elos entre o campo teórico e o campo empírico.

Neste capítulo trabalhamos com autores como Anthony Giddens (2005), R. W. Connell (1985), uma das pioneiras no estudo de gênero estabelecendo uma abordagem sobre a masculinidade, Karen Giffin (2005) que traz uma contribuição na compreensão da trajetória dos estudos sobre a masculinidade, Romeu Gomes (2008) pesquisador das implicações da saúde no contexto da masculinidade, Mirian Pilar Grossi (1995) que faz uma revisão teórica da masculinidade por meio da Antropologia e Daniel Welzer-Lang (2005), que faz um olhar para a masculinidade dentro da perspectiva da qual na construção da masculinidade o menino sofre de violência que está contida nas práticas desempenhadas pelos homens mais velhos.

“A construção do campo de pesquisa: masculinidades nas salas de *bate-papo* e na revista *Men’s Health*” têm por objetivo a descrição dos campos de pesquisas e análises iniciais, dos quais se deram em dois contextos. O primeiro contextos os espaços de interação dos jovens conhecidos como salas de *bate-papo*, local em que são geradas as noções de espaço social e espaço simbólico, examinadas em si e por si mesmas, sendo utilizadas e postas a prova, em uma pesquisa teórica e empírica, com um objeto situado no espaço e no tempo. Espaço representado pelos elementos de representação simbólica criada pelos jovens nas salas de *bate-papo*.

Espaços de interação contextualizados temporalmente por um conjunto de valores simbólicos que criam toda uma representatividade do que é ser “jovem”, independente de sua faixa etária. Dito isso de uma maneira em que ser “jovem” está representado por todo um conjunto de manifestações de comportamentos e atitudes que garantirão o *status* de “jovem”.

O segundo contexto foi uma inserção pelo universo da revista *Men’s Health*, que tem como proposta discutir a condição da masculinidade como algo que passa por mudanças significativas. Assim, a revista através de uma linguagem simples e com o uso de recursos visuais trabalha proporcionando dicas de comportamentos em várias

seções como: *sexo e relacionamento* (dicas de comportamento sexual para melhorar/incrementar a relação), *saúde* (a seção refere-se aos cuidados com o corpo na busca de um corpo estrutural modelado/definido), *estilo* (aparência visual e cuidados com o vestir), *fitness* (dicas de exercícios para o corpo; malhação), *cabeça de homem* (dicas para que o leitor passe a ter uma percepção de si), *nutrição* (saúde alimentar/alimentação saudável). Portanto, a revista propõe um trabalho com um universo de masculinidade que está em processo de reelaboração e ao mesmo tempo de afirmação e que terá compreender os novos valores.

Ainda, nesse capítulo, trabalhamos os elementos necessários para a compreensão do que vem a ser a Disfunção Erétil, tanto no sentido patológico, e aqui de uma maneira sucinta, pois está fora de nossos domínios teóricos, quanto no sentido cultural e social. Para tanto, discutimos a função do *gozo* dentro das representações psíquicas e sociais.

O terceiro capítulo, “**A descoberta da sexualidade na concepção e formação da masculinidade**”, tem como objetivo fazer um estudo sobre os discursos elaborados, a partir da construção histórica da sexualidade, com base nas obras: *História da Sexualidade 1: a vontade de saber* de Michel Foucault; e *Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*, de Thomas Laqueur. A intenção não é fazer um estudo comparativo das duas obras, mas, sim, um estudo em que se complementam, em que o estudo da sexualidade será proposto pela descoberta que se dá, por meio da história, e de como os discursos proferidos, dentro de contextos históricos diferentes, irão tomando corpo na determinação das representações sociais da sexualidade.

Em Foucault, encontramos a ideia do uso do controle da sexualidade por meio dos discursos na construção da sociedade. Veremos que ele mostra a proliferação de um discurso que não se caracteriza por uma existência lateral, ilícita, mas que se concretiza via instituições modernas e do poder que emana delas e, que nos convida a enunciar nossa sexualidade. Além disso, Foucault mostra que essa produção discursiva não tem o objetivo de reduzir ou proibir as práticas sexuais, mas, ao contrário, reforça uma série de dispositivos criados pela própria sociedade na qual vivemos nossa sexualidade.

Thomas Laqueur, analisando os discursos sobre o corpo, a fisiologia reprodutiva e as relações entre os sexos, proporciona diferentes formas de pensar a diferença entre os sexos. O que Laqueur nos mostra não resulta de conhecimento específico e, sim, é resultado de produções discursivas que só são explicadas dentro de um contexto de lutas e conflitos. Para Laqueur, uma das questões centrais está na tomada de posição que o sexo biológico assume em detrimento do colapso do gênero.

Este capítulo nos proporcionou o arcabouço teórico importantíssimo para o desenvolvimento e análise de nossa pesquisa, bem como para pensarmos as transformações que foram ocorrendo no campo da discursividade, em relação à sexualidade.

O quarto capítulo, “**A Masculinidade sob a perspectiva de Gênero**”, tem por objetivo discutir a masculinidade numa perspectiva da categoria de gênero, com base em autores das ciências sociais e com uma perspectiva multidisciplinar, isto é, analisar a contribuição dada pela Sociologia, pela Antropologia e pela Psicologia nos estudos de gênero que nos levem a uma reflexão sobre a masculinidade.

A categoria Gênero será o elo para a compreensão das práticas sociais que marcam a construção das identidades masculinas e da discursividade que irá referendar essas identidades dentro de uma lógica social de dominação masculina e da busca da manutenção dessa lógica. Assim, a categoria Gênero nos permite compreender a organização social e sua justificativa de manutenção, fazendo com que as diferenças se transformem em desigualdades, que estão presentes nas práticas e reafirmadas nas discursividade.

No quinto capítulo, “**Identidades masculinas**”, trabalhamos a categoria de identidade numa perspectiva de abordagem sociológica, pois, na contemporaneidade, ela está sendo colocado em questionamento, o que faz com que se pense na possibilidade de uma suposta crise da identidade masculina sustentada pela heteronormatividade. Vista não de uma maneira negativa, mas, sim, como forma de entender as mudanças que estão ocorrendo na sociedade que levam a uma desconfiguração das identidades masculinas para a reelaboração de novas identidades. Assim, buscamos compreender a masculinidade, como elemento que se projeta para dentro de uma identidade socialmente construída, com base em características de comportamento socialmente desejado.

O objetivo desse capítulo é mostrar que a *masculinidade*, como parte de uma construção social, pode ser pensada, num primeiro momento, com base em uma identidade construída, a partir da negação da diferença. Diferença que tem como referência a oposição, isto é, uma identidade construída a partir daquilo que não se é. Não se é *feminino*. E, num segundo momento, como uma identidade que também não só se opõe à identidade feminina, mas que se reconhece no outro, como semelhante. Assim, nosso trabalho não assume somente uma postura negativa, mas procura demonstrar alguns elementos que levam à formação social do sujeito – que possui

identidades, tanto no sentido essencialista, isto é, de uma percepção enquanto existência em sua própria identidade e, como no sentido materialista com base em relações de divisão material.

Como proposta não linear no desenvolvimento deste trabalho, buscamos manter, de uma forma coesa, um diálogo entre as diversas correntes teóricas e metodológicas que discutem o tema. Assim, no decorrer de nossas discussões teóricas fizemos o uso de dados e, a cada final de capítulo, nos propusemos um debate na forma de análise do material coletado em nossas incursões a campo.

Por fim, finalizamos nosso trabalho com algumas considerações que não se esgotam nelas, pois, dentro do universo estudado, há muito a se explorar. A masculinidade como objeto de estudo, também, não se esgota enquanto tema a ser pesquisado, pois, na sociedade contemporânea, há uma infinidade de mudanças que ocorrem paralelamente à formulação das antigas e novas masculinidades que tornam amplo esse universo de pesquisa.

2. CAPÍTULO I - MASCULINIDADES

O homem deve exibir uma aparência de audácia, de agressividade até; mostrar-se disposto a correr todos os riscos (...). O supermacho que (...) encontra uma ilustração perfeita na imagem do homem dos cigarros de Marlboro (...). O homem duro, solitário porque não precisa de ninguém, impassível, viril a toda prova. Todos os homens, em determinada época, sonharam ser assim: uma besta sexual com as mulheres, mas que não se liga a nenhuma delas; um ser que só encontra seus congêneres masculinos na competição, na guerra ou no esporte. Em suma, o mais duro dos duros, um “mutilado de afeto”, feito mais para morrer do que para se casar e ninar bebês. (Elisabeth Badinter, 1992, p.134)

A proposta deste capítulo é fazer um estudo para compreender a Masculinidade como parte de uma construção social que define a condição de “ser homem” e os elementos que estão ocorrendo em torno dessa masculinidade colocando-a como algo em processo de transformação. Ao buscarmos a resposta para a pergunta “o que é ser homem”, nos deparamos com outras questões. As diferenças no comportamento de mulheres e homens resultam do sexo ou do gênero? Em outras palavras, em que medidas são resultantes das diferenças biológicas ou das consciências sociais? Como a sexualidade nos dias de hoje está interferindo na construção da masculinidade?

Nossa intenção é de desconstruir o olhar de naturalização das relações entre os sexos e das sexualidades e também de desconstruir as categorias de ação e de pensamento que articulam a masculinidade, para compreendermos como as transformações sociais, políticas e culturais, no que se refere às mulheres e ao próprio homem, interferem no comportamento dos mesmos e em suas concepções de masculinidade.

Pressupomos que as masculinidades são socialmente construídas e que variam de cultura a cultura; variam em qualquer cultura no transcorrer de certo período de tempo; variam em qualquer cultura através de um conjunto de outras variáveis, outros lugares potenciais de identidade; e variam no decorrer da vida de qualquer homem. Entendemos, ainda, que as masculinidades são construídas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder, que são: homens com mulheres e homens com outros homens, tendo este campo dois elementos constitutivos na construção social de masculinidades que são o sexismo e a homofobia.

A masculinidade como uma construção imersa em relações de poder é frequentemente algo invisível aos homens cuja ordem de gênero é mais privilegiada com relação àqueles que são menos privilegiados por ela e aos quais isto é mais visível.

O papel do homem na vida social vem sendo ultimamente alvo de muitos debates. Por muito tempo considerado como sexo forte, seu papel na sociedade começou a ser posto em questionamento desde o surgimento dos movimentos feministas que tomaram impulso com a segunda onda do movimento feminista que eclode nos anos de 1960. Com as mulheres lutando por direitos iguais e desprezando a figura do machão, os homens começaram a sentir que suas identidades masculinas estavam sendo ameaçadas e, como consequência, a necessidade de buscar uma nova forma de ser homem. No rastro do movimento feminista, surge também o movimento gay, que busca abrir caminhos para a aceitação social de outras formas de ser homem. São esses dois acontecimentos o ponto de partida que detona aquilo que denominaremos de “crise do masculino”.

Ao propor a *Masculinidade* como objeto de estudo, devemos considerá-la com base em perspectivas de sua constituição tanto no campo teórico como no campo das relações sociais. A primeira, sem determinação hierárquica entre elas, mas de modo a vê-las imbricadas, é de que a categoria em si não pode ser vista dentro de uma perspectiva isolada, mas sim com um olhar relacional, o que, portanto, não se separa da categoria de *feminilidade*, pois ambas se complementam e se contrapõem em sua construção. Outro elemento importante é que *masculinidade* não tem uma representação singular, mas sim plural – *masculinidades*, no sentido de transitarmos por uma variedade de possibilidades que se dão a partir de um modelo dominante o qual estruturará as demais. Por fim, *masculinidade*, na contemporaneidade, deve se afastar da categoria patriarcal que se estabelece como ordenamento social, mas que já não mais corresponde aos anseios e ao modelo de organização social diante das transformações que estão em andamento nas relações de gênero.

Ainda em relação aos limites deste estudo, chamo a atenção acerca do “homem” ao qual nos referimos, pois este se encontra contextualizado no início da década do século XXI. Tal delimitação se faz importante na medida em que entendemos o modelo masculino como não universal, mas, como já dito, variável através do tempo e do espaço. Ao enfocarmos o padrão hegemônico do ser masculino vigente na realidade contemporânea, não estamos desconsiderando que em tal *locus* se circunscreveu,

também, outras masculinidades e que encontraremos em um mesmo contexto social a produção de diferentes masculinidades.

Deslocamentos aos quais as masculinidades se vêem confrontadas na contemporaneidade constituiu-se o que tem sido chamado de crise de identidade masculina. Em vista disso, se só considerarmos inicialmente o termo identidade, fica pressuposto que, se não havendo crise, haveria uma coincidência do sujeito consigo mesmo, portanto, H seria igual a H. Isso implica que a identidade masculina seria construída pela afirmação do discurso cotidiano tais como “...homem que é homem não chora...”, “homem é homem”, o que ao recaírem sobre o ser, permitiriam ao sujeito afirmar que: “eu sou homem”.

Ao considerar a preocupação feminista com a subordinação das mulheres na sociedade, não é surpreendente que a maioria das pesquisas mais recentes sobre o gênero tenha se preocupado com as mulheres e os conceitos de feminilidade. Durante o ressurgimento do feminismo nos anos de 1960 e do início dos “estudos das mulheres” e mesmo antes da conceitualização da categoria gênero, as estudiosas vetaram os estudos sobre as questões sobre homens, um veto necessário para o contexto e para o momento, devido à dominação masculina que era exercida (GIFFIN, 2005).

Os homens e a masculinidade eram considerados noções relativamente claras e não problemáticas, pois estes eram vistos dentro de uma ordem patriarcal que consistia em uma lógica binária, na qual os homens assumiam um lugar de racional, ativo no público, na produção da ciência e da cultura, provedor, sexualmente irresponsável, poderoso, universalizado na sua dominação, homem com ‘H’ maiúsculo (GIFFIN, 2005). Por outro lado, as mulheres assumiam o posto contrário desta relação binária, e é esta posição que se manifesta em opressão, que será denunciada pelas estudiosas feministas.

Porém, desde o final dos anos de 1980, pesquisadoras(es) como Connell (1995) e Almeida (2000) dedicaram-se a estudos críticos sobre os homens e a masculinidade. Mudanças fundamentais que afetaram os papéis das mulheres e dos padrões da família nas sociedades industrializadas levantaram questões sobre a masculinidade e seu papel mutável na sociedade (GIDDENS, 2005).

Nos últimos tempos, os estudos Sociológicos, Antropológicos e Psicológicos, dentre outras ciências, interessaram-se cada vez mais nas posições e na experiência de homens dentro da ordem maior na qual são moldados, pois homens não estão mais sabendo como agir e espera-se que ajam de uma forma completamente diferente daquela

como vêm agindo há séculos. Nesse sentido, os homens buscam redescobrir suas identidades masculinas, tentando conseguir um ponto de equilíbrio entre a masculinidade hegemônica, modelo no qual estão habituados a se relacionarem, e os novos modelos de um “novo homem”, que cada vez mais estão sendo exigidos pela sociedade.

A dificuldade em abandonar o modelo de masculinidade hegemônica tem sido grande, principalmente a nossa que foi construída dentro de um modelo tradicional. Essa dificuldade pode ser representada, como exemplo, por um monólogo teatral com o título “O Homem da tarja preta”, escrito pelo psicanalista Contardo Calligaris, que narra a história de um homem de meia idade que, em frente de seu computador, utilizando-se da ferramenta da internet, manifesta sua crise existencial colocada em questão a partir de sua sexualidade. Essa crise é motivada pelas mudanças sociais no campo das relações de trabalho, de sexo e de relacionamento.

O monólogo rendeu uma série de debates, coordenada pelo próprio autor, com o título “O macho em crise”, no programa Café Filosófico³, onde pesquisadores convidados de áreas de conhecimento diversas contribuíram para a reflexão da masculinidade na contemporaneidade⁴. Essa mudança nos estudos do gênero e da sexualidade levou a uma nova ênfase na compreensão dos homens e da masculinidade no interior do abrangente contexto das relações de gênero, das interações socialmente padronizadas entre homens e mulheres. Isto mostra que alguns setores da sociedade estão atentos às mudanças em andamento.

A resistência aos protótipos masculinos e femininos de outros tempos não foi concomitante à necessidade de se pensar novos modelos do que é *ser homem*, processo que contribui para a chamada crise do macho e que se dá a partir de muito sofrimento, pois é muito difícil abandonar papéis históricos e socialmente instituídos como superiores, pois o estranho gera perturbação nas pessoas e grupos sociais por provocar medo da perda das referências habituais.

É interessante destacar que nas descrições teóricas dos gêneros (CHODOROW, 1990; OLIVEIRA, 2004; WELZER-LANG, 2009) a masculinidade está integrada ao conceito de patriarcado, isto é, falar deste conceito faz com que masculinidade seja

³ Café Filosófico – programa exibido pela rede de televisão Cultura que tem como proposta a discussão de temas contemporâneos a partir de diversas áreas do conhecimento.

⁴ As vídeos-conferências podem ser encontradas no sítio: www.cpflcultura.com.br.

parte crítica da ordem dos gêneros e não pode ser compreendida fora dessa ordem, nem das feminilidades que a acompanham.

Essa ordem reflete como o poder social detido pelos homens cria e sustenta a desigualdade de gênero denunciada pelas feministas e presente no contexto social. Assim, as relações de gênero são produtos de interações sociais e práticas cotidianas, ações e comportamentos das pessoas comuns, em suas vidas pessoais, que estão ligados às ordenações sociais coletivas dentro da sociedade.

Para a Antropóloga e pesquisadora, Mirim P. Grossi (1995), o estudo do gênero que remonta à tradição europeia e norte-americana, assume nos dias atuais diversas correntes teóricas, que veem o gênero não somente como uma categoria analítica do estudo de homens e mulheres, mas que ultrapassa essas possibilidades enquanto objeto de análises. De sua leitura do gênero, a autora destaca duas teorias que considera as principais, a estruturalista e a pós-estruturalista.

Na vertente estruturalista, o gênero, segundo Grossi (1995), implica em alteridade, o que significa dizer que o masculino só existe em oposição ao feminino e, portanto, a formação da identidade de gênero masculina se dará no reconhecimento de que há pessoas idênticas e diferentes de nós mesmos. Nessa concepção, o gênero se constrói com base numa concepção biológica e num corpo sexuado, o que caracteriza na condição de macho e fêmea. Para a vertente pós-estruturalista, Grossi afirma que o gênero se constitui pela linguagem, ou seja, pelo discurso. O “discurso não são somente palavras, mas linguagem, atos que têm significados” (1995), portanto, ele irá permear todo um conjunto de relações sociais, onde a masculinidade e a feminilidade se fazem presente. Judith Butler, em “Problemas de Gênero” (1993), que agrega aspectos do pensamento de Foucault e Laqueur, afirma que o gênero é sempre um ato performativo, que se constitui apenas e a partir dos símbolos criados para o feminino e o masculino, sendo o gênero *performance*, isto é, ele está longe de se desenvolver de maneira livre, pois é regulamentada por uma matriz que pressupõe coerência entre sexo biológico, as atuações de gênero, o desejo e a prática sexual.

Já para R. W. Connell⁵ (1995), uma das pioneiras dos estudos da masculinidade, verificamos que a autora apresenta três aspectos da sociedade que se interagem para formar uma ordem de gênero da sociedade, na qual os paradigmas de relações de poder entre masculinidades e feminilidades, largamente difundidas na sociedade, se dão pela

⁵ Mulher transexual que mudou o sexo e nome de Robert Willian Connell para atual, Raewyn Connell. Ela continua amplamente sendo conhecida pela sigla R. W.

tríade *trabalho, força e cathesis* (relações pessoais/sexuais). Para a autora, essas três categorias são partes distintas e inter-relacionadas que trabalham conjuntamente e se modificam umas em relação às outras. Esses domínios representam os lugares fundamentais em que as relações de gênero são constituídas e consolidadas.

O primeiro aspecto, o *trabalho*, refere-se à divisão sexual do trabalho, tanto dentro da casa, na qual se observam a divisão das responsabilidades domésticas e o cuidado com os filhos, e que vem sofrendo mudanças consideráveis nos dias atuais, como no mercado de trabalho, onde se observam a segregação ocupacional e o pagamento desigual. A *força*, como segundo aspecto, se dá em forma de poder que opera com base nas relações sociais como a autoridade, a violência e a ideologia nas instituições, no Estado, na vida militar e doméstica. A terceira, a *cathesis*, refere-se a uma dinâmica dentro das relações íntimas, emocionais e pessoais, que se incluem no casamento, na sexualidade e na educação infantil (CONNELL, 1985).

Connell (1985) mostra que esses três aspectos referem-se a um regime de gênero em que a masculinidade e a feminilidade são suas expressões. No nível da sociedade, essas versões de masculinidade e feminilidade são versões opostas e que estão ordenadas numa hierarquia em que a premissa definidora é a dominação dos homens sobre as mulheres. No topo dessa hierarquia está a masculinidade hegemônica que é dominante sobre todas as outras masculinidades e feminilidades e que será a base da heteronormatividade.

O adjetivo “hegemônica” refere-se ao conceito de hegemonia, que tem seu significado e sua legitimidade baseado na dominação de um grupo social em relação a outro. Isso ocorre não pelo uso da força bruta, mas por uma dinâmica social e cultural que se estende aos domínios da vida privada e social. Na sociedade, são vários os canais pelos quais a hegemonia é estabelecida, como a mídia, a educação, a ideologia e mais recentemente a internet, como veremos e discutiremos em nossas pesquisas empíricas.

Portanto, na concepção de Connell (1985), há um tipo de homem ideal, no sentido weberiano, que está associado diretamente e principalmente com a heterossexualidade e o casamento, mas também com outros indicadores de conduta social, como autoridade, divisão sexual do trabalho, força, e resistência física.

Isso nos leva a pensar que a masculinidade hegemônica se apresenta como uma forma ideal de masculinidade que somente poucos homens poderão alcançar. São duas as possibilidades diretas em relação à masculinidade hegemônica e sua relação com o gênero masculino: a primeira é que muitos homens continuam a se beneficiar delas

mesmo não alcançando o tipo ideal de masculinidade; e segundo, que os homens são vítimas da própria construção da masculinidade.

K. Giffin (2005) também compartilha desta lógica. Para a autora, os estudos sobre a masculinidade, sejam eles da vertente homossexual ou heterossexual, demonstram que a centralidade está na questão do “poder”, mas também enfatiza que há mudanças constantes dos padrões de dominação, da internalização das estruturas sociais de opressão e poder, e que indo mais além, possibilita entender a inter-relação de opressão no nível individual e das grandes estruturas sociais, políticas, econômicas e ideológicas. Sem negar a dominação dos homens, Giffin (2005) propõe ver a construção da masculinidade dentro do pressuposto de que homens são marcados e brutalizados pelo mesmo sistema que fornecem seus privilégios e poder.

Para os homens, a construção de sua masculinidade, na maioria das culturas, se faz regularmente submetida ao desafio dos pares e deve ser ininterruptamente manifestada através da rejeição a comportamentos ditos femininos ou afeminados, bem como por meio de uma virilidade permanente no desempenho sexual, para que não deixe espaço para a suspeita de homossexualidade, da capacidade de procriar, da vigilância ciumenta das mulheres da família e de relações com outras parceiras (BOZON, 2004).

Kaufman (1987) considera a masculinidade hegemônica sob uma tríade de violência: de um homem contra a mulher, contra outros homens e contra si mesmo, isso demonstra a violência cotidiana de uma sociedade de classes hierárquicas, autoritária, sexista, militarista, racista, impessoal e louca canalizada através de um homem individual.

O que Giffin (2005) chama atenção é que dentro desta lógica (a qual encontramos em Kaufman (1987)) a forma de dominação masculina em nossa época não mais assume os caracteres de uma sociedade patriarcal, mas sim sob uma ótica de transformações de todas as relações em forma de instrumentais e impessoais. Isto leva a pensar a construção da masculinidade com base na supressão de necessidades, desejos, sentimentos e formas de expressão, fazendo da masculinidade algo extremamente frágil.

O resultado desta construção da masculinidade a partir de novas perspectivas é a tensão que se estabelece entre ser ‘macho’ e ser ‘masculino’, mantendo uma constante insegurança entre os homens, capaz de impulsionar uma auto desvalorização ou uma violência contra outros ou outras.

Em nossas pesquisas, a percepção de uma masculinidade dentro destes padrões os quais estamos discutindo fica muito clara. A tensão apresentada está na condição hipotética de poder assumir uma nova postura social de masculinidade, mas que ao mesmo tempo não coloquem em questionamento os privilégios sociais que os homens têm por “naturalização”, o que demonstra a “crise” presente na masculinidade contemporânea.

Pascale Molinier e Daniel Welzer-Lang (2009) elaboraram a definição dos verbetes “Feminilidade, masculinidade e virilidade” para o Dicionário Crítico do Feminismo, em que para a Sociologia e a Antropologia dos sexos, a masculinidade e a feminilidade assumem características e qualidades que são atribuídas social e culturalmente, tanto para os homens como para as mulheres. Isso mostra a aproximação das ideias desses autores com os autores trabalhados anteriormente, porém para Molinier e Welzer-Lang (2009), são as relações de sexo que determinam e dão as diretrizes do que se estabelece no que é considerado “normal” enquanto relacionamento.

Ao relacionar a definição de Masculinidade e Feminilidade com as relações de sexo, os autores afirmam que o parâmetro de normalidade é dado pela condição de dominação masculina o que faz com que as relações sexuais com base na heteronormatividade se tornem relações naturalizadas, tanto na construção da masculinidade como na de feminilidade. Daí que a virilidade, enquanto característica de definição da masculinidade na lógica da masculinidade hegemônica, reveste-se de um duplo sentido: o primeiro são os atributos socialmente associados aos homens e ao masculino, como a força, a coragem, a capacidade de combater, o “direito” à violência e aos privilégios associados à dominação daqueles e daquelas que não são - e não podem ser viris: mulheres e crianças.

Essas definições de virilidade estão muito próximas à definição de Connell (1985) sobre o tipo ideal de homem na masculinidade hegemônica. A virilidade é um conjunto de disposições masculinas inculcadas desde a infância e reiteradas durante toda a vida, pois interacionalmente vivenciadas, prendem-se às ideias mais difusas e comuns acerca do comportamento masculino autêntico (OLIVEIRA, 2004), o que referenda a naturalização do processo. Desta maneira, a virilidade contribui para a delimitação da região que constitui um lugar simbólico de sentido estruturante, instituição e significação social que impelem o agente a adquirir disposições estáveis, sedimentadas nas relações. A masculinidade é, portanto, este lugar vivenciado, dinamizado pelas interações que a constituem.

O segundo sentido da virilidade é a forma erétil e penetrante da sexualidade masculina, em que na cultura ocidental para o gênero o masculino é o ativo. Ser ativo, no senso comum, significa ser ativo sexualmente. A perda da forma erétil coloca a masculinidade como o lugar da perda do poder simbólico que ela possui. Em nosso contexto social, ser homem é ser aquele que “come”, que penetra tanto a mulher como outros homens que são descritos a partir das variantes de feminização, isto é, são pejorativamente classificados como “bichas” (GROSSI, 1995).

Portanto, a virilidade se constrói na junção dos termos em um processo e é “apreendida e imposta aos meninos pelo grupo dos homens durante a socialização, para que eles se distingam hierarquicamente das mulheres”, sendo ela então a “expressão coletiva e individualizada da dominação masculina” (MOLINIER; WELZER-LAG, 2009, p.102).

A masculinidade passa a ser apreendida como algo que expressa um valor positivo na qualidade de significação social e representação simbólica formulada pela cultura, o que se caracteriza sob uma separação entre o universo masculino e o feminino. Essa clivagem é expressa quando em relação às qualidades físicas, sociais e culturais estão diretamente ligadas aos papéis que a sociedade atribui aos sexos e que são confundidos com as diferenças ligadas à fisiologia da reprodução.

Segundo Oliveira (2004), não há nenhuma essência a-histórica que possa definir o que é masculino em si, o que se tem são representações sociais que giram em torno de um conjunto de qualidades que são atribuídas ao masculino em contraste com o feminino. Ao se falar do conjunto da humanidade, fala-se por meio do masculino como universal, atribuindo-se a isso o lugar do “normal”. Ao feminino dá-se um lugar específico que parte dessa condição de “normal” e de acordo como um contexto sócio-histórico bem específico.

Pensando dessa forma, as pesquisas femininas retomaram as questões da definição masculina da feminilidade o que resultou na percepção de que a masculinidade não estava em uma zona de conforto como se imaginava. Parte daí que a virilidade como condição para a formação e estruturação da masculinidade é imposta pelo processo de educação masculina. No capítulo 3, “Masculinidade na perspectiva de Gênero”, mostraremos que ao definirmos a masculinidade com base nas experiências vivenciadas por meninos e meninas verificamos que, segundo Nancy Chodorow (1990), meninas se espelham nas atitudes da mãe, enquanto que meninos, nas atitudes do pai. Porém, para as meninas, o processo de construção de uma identidade de gênero

feminino é muito mais tranquilo que para os meninos. Enquanto a casa representa o espaço de desenvolvimento dos processos de sociabilização das crianças, a presença da mãe se dá de uma forma mais significativa, o que facilita de certa forma para as meninas.

Welzer-Lang (2001), nesta mesma perspectiva de construção das identidades de gênero, fala em um espaço o qual ele denomina de ‘casa dos homens’, espaço esse, em que segundo o autor, os meninos são educados por seus pares para a violência. Estes espaços ultrapassam as fronteiras do lar, enquanto espaço privado, e ganham os espaços públicos, como o pátio da escola, na violência entre meninos; os clubes desportivos, entre meninos mais velhos; o Exército, em relação a seus superiores; nos bares no confronto com seus competidores; no trabalho, entre outros espaços.

Essa ‘casa dos homens’ será o espaço em que se estruturam as relações entre homens “de acordo com a imagem hierarquizada das relações homens-mulheres” (MOLIENER; WELZER-LANG, 2009, p.102), e dentro das expressões diferentes de masculinidade e feminilidade, verificamos que no nível da sociedade, essas versões de masculinidade contrastantes estão ordenadas a partir de uma premissa definidora da dominação masculina.

Assim, a masculinidade hegemônica irá reger as masculinidades e feminilidades que estão subordinadas a ela. Entre as masculinidades subordinadas a que mais se opõe é a masculinidade homossexual, pois esta se posiciona de maneira oposta ao homem real. A masculinidade homossexual não se equipara ao ideal de masculinidade e frequentemente incorpora vários traços que são rejeitados pela masculinidade. Outra característica é que homossexuais não conseguem adotar atitude viril ou a quem os outros homens negam a virilidade. O efeito dessa percepção de masculinidade é a homofobia.

Quanto à feminilidade, a masculinidade hegemônica também traçará um perfil no qual se impõem tipos de comportamento desejantes, fazendo com que ela se subordine ao masculino. Por um lado, referimo-nos à feminilidade enfática, que se caracteriza como o complemento da masculinidade hegemônica, pois esta está orientada em satisfazer os desejos e os interesses dos homens, caracterizando-se pela submissão, maternidade e afetividade. Por outro lado, há aquelas feminilidades subordinadas que não se veem pertencentes e incluídas nessas características da feminilidade enfática. Porém, a forma pela qual os cuidados de manutenção da feminilidade enfática são tão

determinantes que acaba por não dar voz a outras feminilidades que resistem a convenções.

As mulheres que desenvolveram outras feminilidades ou que desenvolveram identidades e estilos de vida não subordinados incluem as feministas, lésbicas, parteiras, prostitutas e trabalhadoras manuais, o que fazem com que as suas experiências de vida sejam ocultadas na história (GIDDENS, 2005).

Mesmo que tenhamos uma hierarquia de gênero organizada com base em atributos socialmente determinados, há uma tendência na contemporaneidade de rejeição de uma visão em que as relações de gênero sejam fixas e estáticas. Ao contrário, percebe-se que as masculinidades são o resultado de um processo em andamento e estão, portanto, abertas a mudanças e desafios, o que faz com que as masculinidade e a sexualidade passem por ajustamentos constantes.

Assim, chegamos ao nosso ponto de partida, sugerido por alguns sociólogos, de que a sociedade ocidental esteja passando por uma crise de gênero, sendo o masculino o mais afetado. A legitimidade da dominação dos homens sobre as mulheres e sobre os próprios homens está sendo enfraquecida por diversos fatores que atuam diretamente na sociedade, como: a legislação que incide sobre o divórcio, o casamento e a adoção por casais homoafetivos, a violência doméstica, o estupro e sobre questões econômicas.

O que temos é que esta crise, ou melhor, essa tendência de crise no interior da ordenação de gênero ameaça minar a estabilidade da masculinidade hegemônica. O que nossas pesquisas mostram é que os homens, que fizeram parte de nossos estudos, estão buscando novas formas de interação para a reelaboração da masculinidade sem que esta perca a sua condição de masculinidade hegemônica. Afirmação e negação das mudanças que estão ocorrendo podem levar à construção ou reconstrução das masculinidades.

2.1 Uso de medicamentos de Disfunção Erétil: afirmação, negação ou construção das novas masculinidades?

Diante das possibilidades dadas aos homens, na sociedade contemporânea, de afirmar ou negar as novas masculinidades, discutiremos aqui o uso de medicamentos de disfunção erétil como uma nova tecnologia fármaco utilizada dentro deste contexto para incitar nossos sujeitos/colaboradores a falar sobre a sua sexualidade. A ideia é mensurar até que ponto os sujeitos de nossa pesquisa estão dispostos a fazer uso desse tipo de

medicamento e o quanto isso interfere na sua percepção e reelaboração da masculinidade.

Do mesmo modo que as noções tradicionais de gênero estão passando por mudanças, a ideia acerca da sexualidade também está em processo de transformação. Nas últimas décadas, aspectos importantes da vida sexual das pessoas foram sendo alteradas de maneira marcante.

Como seres humanos sexuados e marcados por uma identidade sexual, percebemos que há valores, organizações culturais, simbolização religiosa e política que organizam e abrangem a sexualidade. Assim, esta está definida por um conjunto de ações, vivências, valores, regras, determinações pessoais e coletivas que envolvem a questão da identidade sexual do homem e da mulher.

Tempos atrás, em sociedades ditas mais primitivas, a sexualidade estava representada por rituais de passagem que estavam diretamente associadas à reprodução e, portanto, passava por um enorme controle social. No contexto atual, a sexualidade desvencilha-se dele, tornando-se dimensão da vida de cada indivíduo e este pode explorá-la e moldá-la aos seus desejos e necessidades. Desta forma, a sexualidade passa por mudanças profundas de comportamento quais ela torna-se um discurso, uma representação e passa a compor o dia-a-dia de cada um de nós.

A sexualidade, que foi definida em termos de heterossexualidade e monogamia no contexto das relações matrimoniais, pode hoje ser aceita com formas de comportamento e orientações sexuais diversos numa variedade abrangente de contextos. Podemos pensar em uma sexualidade autonomizada e, em alguns casos, totalmente desvinculada da reprodução, isto é, de uma sexualidade dirigida exclusivamente ou primordialmente para o prazer, sob o controle cada vez maior e invasivo da medicina (LOYOLA, 2003).

Sendo a sexualidade masculina desvinculada desse processo, o trabalho ideológico de construção dessa autonomia, levado a cabo pelos médicos, se fez principalmente em relação à sexualidade feminina (FOUCAULT, 1988; LAQUEUR, 2001). Imaginava-se que o orgasmo feminino fazia parte do processo de concepção, o que levou o prazer feminino a ser apagado dos relatos médicos, ao mesmo tempo em que o corpo feminino passou a ser visto não como algo inferior em relação ao masculino, mas o seu oposto. O orgasmo que era algo comum, agora passa a ser diferenciado.

Essa concepção sofrerá alteração quando o modelo de sexo único for substituído pelo modelo de dois sexos. É a partir daí que a ideia da horizontalidade entre os sexos, implicada por este modelo de dois sexos, torna possível a ideia de democracia sexual, ou talvez o seu contrário. A necessidade de transpor o ideal democrático ao terreno sexual recoloca o orgasmo no modelo de dois sexos, reconstruindo, em certa medida a ideia do sexo único, aquele de um prazer único.

O controle da sexualidade passará por um processo de mudança marcado por acontecimentos históricos significativos. O primeiro deles com a revolução sexual, na década de 1960, em que os movimentos sociais desafiaram a ordem vigente e estavam associados à contracultura ou ao estilo de vida hippie. O que provocou a quebra das normas sexuais existentes, como já descrito na introdução, e marcou a tomada de impulso do movimento feminista e da liberalização do sexo, principalmente com o surgimento da pílula anticoncepcional para as mulheres.

Isso permitiu que as mulheres fizessem suas escolhas separando prazer sexual da reprodução. Além disso, alguns grupos de mulheres passaram a pressionar e exigir maior independência em relação aos valores sexuais masculinos e a necessidade das mulheres obterem maior satisfação sexual.

O segundo momento com a descoberta do HIV que será utilizado como mote para a retomada do controle, que era feito com base num modelo moral, agora será feito através de um modelo estatístico. Pesquisas empíricas irão fazer apontamentos sobre a sexualidade da população. É neste contexto que, segundo Giami (1991), a sexualidade será vista como orgástica, contraceptiva, em tempos de AIDS, em sexualidade de risco.

No final do século XX e início do século XXI, encontraremos o terceiro momento, pois surge no cenário social um novo medicamento que promoverá uma transformação do comportamento masculino, os Medicamentos de Disfunção Erétil (MDE).

Com a intenção de promover o resgate da virilidade perdida, principalmente por causa da idade e outros fatores que descreveremos posteriormente, os MDEs serão utilizados dentro de uma perspectiva contrária ao processo de normatização imposta pelo discurso médico e moralizador. Verifica-se que a utilização deste tipo de medicalização irá cruzar as matrizes de gênero até então existentes. Podemos então pensar em duas perspectivas de masculinidade após este momento: a masculinidade como afirmação e a masculinidade como negação ou reconstrução.

A primeira, masculinidade como afirmação, retoma o modelo tradicional de masculinidade hegemônica e faz do uso dos medicamentos de D.E. ferramenta para a não perda da condição de domínio masculino existente na sociedade. A sexualidade será vista dentro de padrões pelos quais ela era condicionada anteriormente, isto é, uma sexualidade voltada para a representação de uma virilidade em que o pênis ereto é o símbolo do poder que emana da condição de ser homem e de que a condição de ereto permite a ele, homem, a ação de penetração. O prazer será retomado a partir da ideia de prazer único, aquele que coloca o homem dentro de sua hegemonia.

Masculinidade como negação ou reconstrução, será o modelo que opor-se-á a toda a masculinidade hegemônica. Porém, esse modelo é de rejeição às imposições dadas pela masculinidade dominante se projetando, por um lado, como forma de resistência. Esse modelo pode ser representado pela masculinidade homossexual que é a forma do não enquadramento à masculinidade hegemônica.

Por outro lado, esse modelo pode ser representado por outro tipo de masculinidade, a masculinidade desse “novo homem” que está revendo seus princípios de valores que sustentam a sua concepção de homem. Para ele, os medicamentos de D.E. são vistos como uma forma de reinventar sua sexualidade. Nossas pesquisas mostram que há um tipo de homem que está disposto a rever a forma pela qual ele encara a realidade relacional e, portanto, demonstra que está aberto a novas possibilidades de relacionamento e de construção da sua masculinidade.

3. CAPÍTULO II – A CONSTRUÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA: MASCULINIDADES NAS SALAS DE *BATE-PAPO* E NA REVISTA MEN’S HEALTH.

A lógica de um pensamento é o conjunto das crises que ele atravessa, assemelha-se mais a uma cadeia vulcânica do que a um sistema tranqüilo e próximo do equilíbrio.⁶

Este capítulo consiste em descrever as etapas de construção e desenvolvimento desta pesquisa, bem como análises dos contextos sociais pesquisados. Divididas em etapas, a primeira descreve os passos metodológicos utilizados na coleta de dados nos dois universos de nosso campo de pesquisa, as Salas de *Bate-papo* (Tecnologias da Comunicação) e a Revista Men’s Health (Tecnologias da Informação), para em seguida abordarmos a questão do uso dos Medicamentos de Disfunção Erétil - MDE (Tecnologias Médicas) como elemento catalisador (provocador) dos diálogos com nossos sujeitos pesquisados. A segunda etapa consiste em uma análise estrutural da Sala de *bate-papo* enquanto espaço social pesquisado e da Revista Men’s Health. No terceiro momento trabalhou-se a questão do prazer e do gozo como parte constituinte na formação da sexualidade.

A construção desse *campo* de pesquisa justifica-se pela necessidade de delimitação do espaço social, no qual foram realizadas as coletas de dados, que neste estudo se deram em dois momentos. O primeiro, através de uma pesquisa etnográfica nos espaços de interação virtual conhecidos como salas de *bate-papo*, em que durante as entrevistas/diálogos utilizou-se dos MDE como instrumento provocador nos diálogos estabelecidos com os sujeitos colaboradores; no segundo, uma pesquisa bibliográfica/documental através de leitura crítica do conteúdo da revista Men’s Health que tem como proposta trabalhar com “dicas” de comportamento masculino chamando atenção a novas posturas que devem ser assumidas pelos homens.

Ainda no primeiro momento, verificou-se que as interações pessoais ocorreram de tal forma que ultrapassam os limites daquilo a que chamamos de real, sendo que o campo em questão, constituído pelo espaço virtual dos sítios de relacionamento na internet, mesmo tendo a conotação de algo não “concreto”, se dão a partir das vivências reais que são transportadas para dentro desse espaço, fazendo com que virtual e real se imbriquem numa teia de relações vividas.

⁶ DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.

Esse campo é formado pelas noções de espaço social e espaço simbólico, que são examinados em si mesmos e por si mesmos (BOURDIEU, 2005), imbricados numa correlação e que serão utilizados e postos à prova em uma pesquisa inseparavelmente teórica e empírica, e em que o objeto está localizado “virtualmente” no espaço e no tempo. Virtualmente, no espaço e no tempo, pois está representado por elementos simbólicos criados pelas e nas tecnologias de comunicação e que se incorporam nos sujeitos, de diferentes formas e maneiras.

São espaços de interação contextualizados temporalmente por um conjunto de valores simbólicos, que criam toda uma representatividade do que é ser um navegador de rede – um internauta, independente de sua condição social, educacional, étnico-racial e geracional. Dito isto de uma maneira em que ser internauta está representado por todo um conjunto de manifestações de comportamentos e atitudes que são possíveis e permitidas e, que garantirão a ele o *status quo* simbólico naquele espaço.

No segundo momento de nossa pesquisa, realizado através de um olhar crítico/analítico da Revista Men’s Health, chama-nos atenção, inicialmente, a proposta de interlocução com o leitor que visa atingir um público com padrão sócio-cultural/econômico que está habilitado a introjetar as novas propostas de relacionamentos consigo e com outras pessoas.

Numa primeira leitura, superficial, verificou-se que a revista toma como modelo ideal de homem as características dos padrões discutidos por Connell (1985), como: heterossexual, monogâmico, inteligente, com autoridade, força e resistência física e que, portanto, se enquadram no padrão de masculinidade hegemônica; homem branco, novo e ao mesmo tempo maduro, forte no sentido físico e na tomada de decisões e que está preocupado em compreender as mudanças que estão ocorrendo com a masculinidade na contemporaneidade, isto é, ter a percepção de que o modelo de homem tradicional não mais condiz com a realidade relacional, o que demonstra um caráter de contradição, pois a revista dentro desta perspectiva também trabalha a masculinidade pensada como forma de manutenção do controle.

Assim, é notório que tanto nos espaços virtuais das salas de *bate-papo*, como na proposta de interação da Revista MH, cria-se um espaço relacional simbólico, temporal e espacial, que mobiliza uma pluralidade de métodos das ciências sociais, para ser compreendido dentro de outra realidade.

Segundo Bourdieu (2001), são quatro os elementos que formam um sistema simbólico e que são constituídos como parte dos processos de interação. O primeiro,

que ele denomina de *Os 'sistemas simbólicos' como estruturas estruturantes (arte, religião, língua)*, mostra que a visão tradicional neo-kantiana trata os diferentes universos simbólicos, o mito, a língua, a arte, a ciência “como instrumentos de conhecimento e de construção do mundo dos objetos, como ‘formas simbólicas’”. (2001, p.8)

Os espaços de interação da internet podem ser vistos como parte desse sistema, pois se articulam dentro de uma concepção de linguagem própria e dentro de uma nova concepção – o virtual – que também se modela por um conjunto de estruturas estruturantes.

Isso fica claro, ao percebermos que as formas de classificação, que são universais, perdem sentido e passam a ser *formas sociais* e socialmente determinadas. Encontraremos esses elementos nas definições de salas de *bate-papo* e *Nicks* assumidos.

Portanto, para Bourdieu (2001), essa visão idealista trabalha a objetividade do sentido do mundo definida pela concordância das subjetividades estruturantes.

O segundo sistema – *os 'sistemas simbólicos' como estruturas estruturadas (passíveis de uma análise estrutural)* - mostra que a análise estrutural constitui-se como um instrumento metodológico de análise que permite apreender, de maneira lógica, cada uma das formas simbólicas. Lógica, pois nesse campo de análise, verificamos que a tradição estruturalista privilegia o *opus operantum* em detrimento ao *modus operandum*.

Ao estabelecermos o diálogo com os internautas, nota-se que eles trazem consigo elementos de uma estrutura estruturada que não é sua, mas do contexto do qual eles fazem parte, portanto, seu *habitus*, passa ser modelado pelo novo *habitus* constituído e estruturado virtualmente. A revista traz esta mesma estrutura estruturante, já que propõe ao homem se (re)estabelecer enquanto “macho dominante” sem perder suas características de dominador, mas permissível a novas possibilidades.

Feitas essas duas leituras dos sistemas simbólicos, Bourdieu (2001) nos dá uma terceira possibilidade de análise, o que ele chama de *As produções simbólicas como instrumentos de dominação*.

Em campo de análises diferentes das anteriores, mas complementares, Bourdieu (2005) mostra que, na tradição marxista, se privilegiam as funções políticas dos sistemas simbólicos, em detrimento da sua estrutura lógica e da função gnosiológica, mostrando que as produções simbólicas estão relacionadas com os interesses de uma classe dominante. Esses interesses são reproduzidos pelas ideologias, que se opõem ao

mito, sendo produto coletivo e coletivamente apropriado, servindo, assim, a interesses particulares que tendem a se apresentar como interesses universais.

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (...); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. (BOURDIEU, 1996, p.10)

Isso nos remete ao quarto elemento – *os sistemas ideológicos que os especialistas produzem para a luta pelo monopólio da produção ideológica legítima – e que por meio dessa luta -, sendo instrumentos de dominação estruturantes, pois que estão estruturados, reproduzem sob forma irreconhecível, por intermédio da homologia entre o campo de produção ideológica e o campo das classes sociais, a estrutura do campo das classes sociais.*

Ao trabalhar os sistemas simbólicos dentro das produções de sistemas ideológicos, Bourdieu (2001) mostra que os sistemas simbólicos vão se distinguindo conforme sua produção e, ao mesmo tempo, conforme sua apropriação pelo conjunto do grupo, ou, de maneira contrária, produzidos por especialistas, como campos de produção e circulação autônoma.

Os quatro elementos vão constituir o que Bourdieu denomina de *Poder Simbólico*, um poder que, ao mesmo tempo em que procura manter as estruturas de dominação, no interior de uma concepção lógica da ordem, pode, também, levar a uma subversão dessa mesma lógica, criando novas formas de manifestação.

3.1 Metodologia da pesquisa: a etnografia nas Salas de *bate-papo* e o olhar crítico sob a Revista *Men's Health*.

Um “novo homem” está na ordem do dia. São palavras da moda repetidas com exaustão e reiteradamente reforçadas em revistas, jornais, televisão e hoje na internet, que apresentam evidências dessas mudanças e suscitam reflexões. O “novo” homem surge no lugar do “antigo” homem, ou seja, um homem que se comporta dentro dos padrões esperados para um macho tradicional.

O desenvolvimento dos meios de comunicação, possibilitado pelo avanço da tecnologia, permitiu, no cenário das relações interpessoais, o surgimento de um novo

sistema de interação que, ao mesmo tempo em que encurta os espaços, cria uma nova realidade procurando interagir com possibilidades de novas masculinidades. Esse espaço passa a se chamar de internet ou rede de relações pessoais e virtuais.

É importante constatar que, ao usarmos a expressão *virtual*, como já o fizemos em diversos momentos, não estamos somente fazendo a distinção entre o *real* e o *virtual*, mas abrindo a possibilidade de olhar para esse *virtual* como um espaço vivido e, portanto, como afirma Marcelo Tas⁷, um espaço que se assume como *real*.

Incorporada por um grande número de pessoas, a Internet é utilizada para diversas finalidades, desde o uso comercial na venda de produtos, como meio de informação, como instrumento de estudo, como veículo de trabalho e até como rede de relacionamentos por meio de sítios específicos, como o Orkut, o Messenger (MSN), o Facebook e o Twitter, entre outros.

Nos últimos anos, a internet se apresentou como outra possibilidade de campo de pesquisa na compreensão da realidade, como encontrados em Adriana Piscitelli (2005), “Viagens e sexo on-line: a Internet na geografia do turismo sexual”, que além de trazer uma contribuição na discussão metodológica também traz uma contribuição para a discussão ética de pesquisa nesse campo de investigação; em Richard Miskolsci (2009), “O Armário ampliado – notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet”, que faz uma descrição metodológica de investigação das salas de bate papo; e Jair de Souza Ramos (2011), “Dilemas da masculinidade em comunidades de leitores da Revista Men’s Health”, em que o autor analisa quatro comunidades de leitores da Revista MH postadas no sítio de relacionamento Orkut, procurando compreender os reflexos da proposta da revista nos participantes dessas comunidades virtuais.

Outra forma de relacionamento que ganhou espaço entre os internautas são as salas de *bate-papo*. Introduzidas no Brasil por provedores, como UOL, Globo.com, Terra, entre outros, nelas há uma interação entre os internautas possibilitada pelas “conversas” realizadas em tempo real, mas com a possibilidade de estarem, e na maioria vezes estão, a quilômetros de distância. Essas salas são divididas em várias categorias, o que permite aos usuários, dentre as várias opções, escolher a que melhor se encaixa ao seu perfil (real ou virtual; imaginário; idealizado), ou ao perfil de relacionamento pelo qual ele procura.

⁷ TAS, Marcelo. **Mundo Virtual:** relações humanas, demasiado humanas. Apresentado no programa Café Filosófico, pela Rede de TV Cultura em parceria com a CPFL, em 2010.

Sendo um local em que mudanças são constantes, esse novo espaço de interação possibilita estabelecer novas relações interpessoais, pois permite ao usuário/internauta criar uma infinidade de interações, mediante o contexto que lhe é apresentado e que é imaginado por ele.

É esse mundo virtual, que será visto como um novo campo, que carrega para dentro de si o *habitus* (BOURDIEU, 1996), que é reformulado constituindo-se com outros sistemas de disposições duradouras e, ao mesmo tempo, renováveis e virtualmente constituídas. As salas de *bate-papo* se tornam parte de uma estrutura estruturada com dispositivos que irão funcionar como estruturas estruturantes. Os internautas transportam para esses espaços um conjunto de sistemas simbólicos que darão a eles credibilidade para se afirmarem como sujeitos reais, em um contexto virtual, moldados por sistemas anteriormente estruturados. É nesse contexto que o real e o virtual se imbricam, não deixando claro qual deles está se manifestando.

A etnografia nas Salas de *Bate-papo*.

As incursões etnográficas no primeiro campo de pesquisa, as salas de *bate-papo*, se dão de forma tal que o pesquisador está, ao mesmo tempo, distante de seu sujeito de pesquisa, possivelmente separados por quilômetros de distância e muito próximo, já que eles foram intermediados pela tecnologia e pela própria representação simbólica que lhes são permitidas enquanto espaço de interação social.

A etnografia nesse universo de pesquisa assumirá a mesma responsabilidade de outros universos, o de buscar descrever um contexto social, utilizando-se de generalizações e comparações, implícitas ou explícitas, que dão sentido aos aspectos culturais que o contexto pesquisado manifesta.

Os espaços, segundo Bourdieu (2005), podem indicar diferenças reais que separam tanto a estrutura quanto as disposições, o *habitus*, cujo princípio está na particularidade criada por cada espaço. Portanto, a cada inserção no campo, encontraremos um *habitus* elaborado diferentemente, pois este estará sendo constituído por sujeitos diferentes e que levam para a realidade virtual o seu próprio *modus vivendi*.

Ainda, segundo Bourdieu (2001), a construção dos espaços de interação se dá pela elaboração dos espaços de objetivação (estruturas) nos quais são manifestadas as permutas de comunicação diretamente observadas (interação). “Trata-se de apreender

uma realidade oculta, que só se descobre encobrendo-se, que só se mostra enquanto fato banal das interações em que se dissimula a si própria” (BOURDIEU, 2001, p.54).

Trabalhamos, então, com a categoria de *habitus*, para engendrarmos os processos de socialização estabelecidos pelos internautas, como modelos a serem seguidos, pois, mesmo sendo um espaço onde a permissão é ampla, os internautas acabam assumindo elementos estruturantes que transportam de seu *habitus* para o novo campo de interação.

O *habitus* se mostra como um sistema de disposições duradouras e transponíveis que, mesmo estando em um contexto virtual, assume características e papéis sociais pré-estabelecidos que são transferidos do real para o virtual. O *habitus* se mostrará como estruturas estruturadas, com uma disposição para funcionar como estruturas estruturantes, o que significa que suas práticas e representações são princípios geradores e organizadores.

A escolha da pesquisa empírica foi pela incursão no universo virtual em salas de *bate-papo*, com características supostamente heterossexuais, em que percebemos a ideologia sexista de uma cultura dominante como elemento predominante. A maioria dos internautas, que se declaram *homens* e entram nas salas de *bate-papo*, tem como objetivo *conquistar* virtualmente, o que é, a princípio, característica da masculinidade heteronormativa, um internauta declarado supostamente do gênero feminino.

Na busca de compreender este universo foram feitas vinte e duas incursões, entre os meses de agosto e dezembro do ano de 2010, numa média de três horas por incursão, totalizando, aproximadamente, sessenta e seis horas, das quais três dessas incursões foram realizadas com o objetivo de reconhecimento do espaço e familiarização com a linguagem. Das dezenove restantes, dialogamos com cinquenta e sete internautas, dos quais tivemos retorno de onze aceitações de uso das entrevistas/diálogos, sendo estes utilizados como sujeitos de pesquisa. Os aceites estão registrados nas entrevistas realizadas; os quarenta e seis entrevistados que não aceitaram, ou deixaram dúvidas em relação à permissão de uso de suas falas não foram utilizados como objeto de análise em nossa pesquisa.

Inicialmente, definimos quais universos virtuais a serem pesquisados para, em seguida, optar por incursões em salas de *bate-papo* do provedor Universo Online (UOL) e *comunidades* do Orkut, no processo de delimitação do universo pesquisado. A escolha das salas de *bate-papo* do provedor UOL se deu pela facilidade de acesso e a delimitação da pesquisa, pois ele se configura, no período da pesquisa, como um dos

mais usados no Brasil. As comunidades criadas a partir do sítio de relacionamento Orkut, foram incluídas como campo de pesquisa, devido à grande quantidade de usuários que se encontram nele e à possibilidade de se estabelecer outras relações virtuais.

A primeira fase consistiu em uma exploração inicial com três incursões a campo, que foram realizadas para nos familiarizarmos com o contexto a ser pesquisado. Nessa fase, descobrimos e desvendamos os caminhos que seriam percorridos na busca de coleta de dados, que passa por algumas etapas comuns a tod@s usuários, como: 1 - entrar no provedor (UOL); 2 - clicar em Bate-Papo; 3 - escolher o tipo de sala; 4 - clicar na sala escolhida dentre as 40 opções oferecidas (nesta etapa tem-se a opção de entrar ou espiar para ver o tipo de conversa e quem se encontra na sala); 5 - ao optar por *entrar* surge para o 'navegador' uma página com três etapas: verificação de segurança, identificação - criação de um *Nick/Nome*⁸ em local indicado e, por fim, entrar na sala (no caso do internauta ser associado ao provedor ele tem a opção de digitar seu login e senha para ter permissão de entrada em qualquer sala que tenha disponibilidade, isto é, que não ultrapassou a quantidade permitida); após essas etapas, o internauta entra na sala escolhida e está pronto para interagir dialogando com os demais.

Ao entrar na página que contém as salas de *bate-papo*, deparamo-nos com a configuração de layout em que são distribuídas diversas opções de salas. No cabeçalho encontramos o slogan da UOL - Bate-Papo UOL - e, em seguida, algumas informações sobre os aspectos da abrangência de domínio desse sítio de relacionamento, tais como número de salas com web cam, número de salas abertas, número on-line e número de lugares disponíveis. Do lado esquerdo e acima da página, encontramos as opções de salas, divididas em:

Assinantes - criar salas; estados; idades; sexo e temas livres;

Cidades e regiões - mostra como opções grandes cidades e divisões por estado;

Idades - que oferece como opção divisões por faixa etária, sendo que a primeira faixa é de "15 a 20 anos" seguida por faixas que se configuram de 10 em 10 anos, iniciando-se pela de "20 a 30 anos" e terminando com a faixa "acima de 70 anos";

Outros Temas - amizade, encontros, namoro, sexo, imagens eróticas, outras imagens, variados, exterior, idiomas, religião, temas livres, criados por assinantes, clássicos.

⁸ *Nick*: tem significado de apelido, uma forma de identificação do usuário na sala de bate-papo. A intenção do Nick é preservar a identidade real do internauta.

Ainda, do lado esquerdo e na parte do meio para a inferior, alguns serviços são oferecidos: buscador por pessoas ou salas; uolsac (serviço de atendimento ao usuário) e agenda do bate-papo (bate-papo com pessoas famosas agendadas). Salas que apresentam um histórico maior de visitas aparecem em destaque e as demais estão dispostas do lado esquerdo do usuário. Encontramos também uma infinidade de anúncios de produtos que estão dispostos, de acordo com a proposta temática das salas a serem visitadas.

O lado direito da página é reservado para o marketing de produtos. Nesse espaço há uma variedade de produtos que vão desde calçados, produtos de informática até produtos eróticos, de acordo com o tema da sala escolhida e horário de entrada na página.

As salas de *bate-papo* configuram-se em temas que designam a proposta do tipo de relacionamento praticado, atributos físicos, credo ou de pessoas que o internauta irá encontrar. Encontramos exemplos de salas com temas como: *sexo, imagens eróticas, jogos, religiões, amizade* e outras salas em que a temática se expressa implicitamente, como: *idades (adultas), cidades e regiões, exterior, tema livre*. Notou-se também que, nessas últimas salas, os internautas estavam à procura de uma simples conversa, como também à procura de conversas relacionadas a sexo, como ficou claro na declaração de um dos nossos sujeitos de pesquisa, que diz:

- *Booom, a maioria procura alguma mulher, que aceite brinca com webcam e etc....99%*

Nossa opção e delimitação deste campo de pesquisa foram pelas salas, no total de 40, que têm como tema a proposta “idade: 20 a 30 anos”, pois notamos características importantes contidas nessas salas para o seu desenvolvimento. Num primeiro momento, pela delimitação do *corpus* de pesquisa que se caracteriza entre 18 a 30 anos de idade, o que caracteriza a ideia de encontrarmos um público jovem e que se encontra de acordo com a proposta da pesquisa, devendo ressaltar que, em se tratando de um mundo virtual, nem sempre teremos a real noção do tipo de usuários que estaremos encontrando e se de fato sua idade virtual condiz com sua idade real.

Em um segundo momento, a idade, como componente da identidade, pode ser mascarada para que o usuário assuma outra identidade relacionada à geração, o que nos dá um indicador de que a geração é uma importante característica na formação da identidade. Isso foi confirmado, quando, em nossas incursões, encontramos internautas

com menos de 20 anos e, com mais frequência, internautas acima de 30 anos, que assumiam idades fantasiadas.

A escolha também se fez por sexo/gênero declarado – heterossexual; justificada pelo objeto da pesquisa que é a masculinidade, vista na perspectiva heteroafetiva. Trabalhamos dentro de um contexto de suposição desta opção sexual, pois o tema da sala apenas nos indica que poderemos encontrar usuários em uma determinada faixa de idade, não deixando explícita sua opção sexual. Há que considerar a facilidade que a Internet proporciona ao usuário, de assumir uma identidade (que seja ligada à geração, à profissão, ao gênero, à etnia, à religião, à classe, entre outros) que nem sempre corresponde à sua. Assim, usuários que estão à procura de contatos interpessoais podem assumir diferentes identidades, o que nos dá mais um indicativo de análise e compreensão dos jovens que fazem o uso dessa ferramenta de tecnologia de comunicação para se relacionarem.

Os sujeitos desta pesquisa se definem, portanto, como sendo do gênero masculino e declaradamente heterossexuais e que serão percebidos, inicialmente, pelos seus *Nick/nomes* e, posteriormente, mediante sua discursividade nas salas de *bate-papo*, fazendo com que os sujeitos da pesquisa, que formam o corpus deste trabalho, sejam supostamente compostos, em sua maioria, de homens, considerando que no contexto virtual a certeza em relação ao que é real está dentro de um imaginário construído, aceito e legitimado pelos participantes do mesmo, os internautas.

Optamos, numa segunda fase, por criar um pesquisador *virtual* que assumiu a condição de identidade de gênero feminino para a inserção no campo escolhido. Essa condição de “*pesquisadora*” assumiu os atributos de identidade feminina idealizados pelo universo masculino, por exemplo, o de jovem, padrão de beleza atual, inteligente e com sensualidade e, justifica-se pela facilitação da aceitação nos contatos e diálogos com os sujeitos pesquisados, como demonstraremos mais adiante. Devemos deixar claro que o posicionamento ético dessa pesquisa foi respeitado, pois ao se apresentar como pesquisadora deixamos claro quais eram as intenções – o diálogo/entrevista para a obtenção de dados para uma pesquisa sobre masculinidade.

Essa pesquisadora virtual recebeu o *Nick/nome* de **Morena Sensual**, nome sugestivo que foi criado, após inserções exploratórias em que observamos que os *Nicks* utilizados nas salas de *bate-papo* pesquisadas sugeriam, na grande maioria, algo associado principalmente à sexualidade, à sensualidade, ao romantismo, à singeleza, a

características físicas, à profissão, ao uso de webcam e alguns, eventualmente, com nomes próprios.

O *Nick Morena Sensual* traz, propositalmente, um apelo sexual-provocativo, de um fetiche masculino, no sentido de atrair internautas que estão em busca de algo que vai além do conhecer alguém, ou de uma simples conversa, o que facilita a condição básica de nossa pesquisa, que é o estudo da masculinidade com base no modelo heteronormativo.

A quarta estratégia foi criar um msn/messenger, onde nossa pesquisadora pode estabelecer contatos pessoais e uma página de Orkut para nossa pesquisadora virtual, cujo objetivo foi usar esse espaço de relacionamento virtual, para estabelecer contatos com pessoas e comunidades virtuais. Assim, navegamos em diversas comunidades que têm como características, ou a ligação com a afirmação da masculinidade, ou, ainda, que se manifestem referindo-se à masculinidade, como exemplo, a comunidade “Macho S.A. ou a ligação com o uso de MDE, como a comunidade “Eu uso Viagra”. Esses último campo de pesquisa foi deixado de lado, pois as expectativas em relação contatos e interações com outros usuários não foram correspondidas.

Chamamos a atenção para a maneira pela qual os internautas criam seus *Nicks*⁹. Alguns, do gênero masculino, buscam criá-los, fazendo menção a sua idade, profissão, estrutura física do corpo, cor da pele, nome próprio, referência a webcam, tamanho do pênis, enfim, nomes como:

MorenOSaradO; Moreno 25, KAULLIN h; máster(h); nego; Rafael 25 webcam; Sem Sentido; VanillaEssence; tatuado cam; Piloto-Comercial; MORENO SAFADO; Gabriel33-Poa; Bruno SSA; Médico-Cam; feioveio e gordo; gato simpático; PalyboySafadoSexy; \$Samantha travesti; Carlos nextel RJ; bombeiro FARDADOW; porto seguro; personal 21 cam; IMPERADOR 29; Solteiro-25; solteiro webcam; FRED MARLEY; H Aphaville; LÉO 1981; MARCELO-SP; Tédio supremo/RS; ksado Safado; Marcos; Pau na CAM; Professor LindoCAM; RICARDOTADO; gostosinho_cam;

Na quinta estratégia adotada durante as entrevistas, nossa pesquisadora virtual induzia seus interlocutores a refletirem sobre a sua condição de masculinidade. Para tanto, provocava o sujeito da pesquisa, questionando-o, ou “jogando” com ele a possibilidade dele fazer uso de medicamentos de disfunção erétil e, portanto, colocando

⁹ No Capítulo V fizemos uma discussão sobre Identidade tomando como referência os Nicks utilizados pelos sujeitos de pesquisa.

em xeque a sua virilidade. Esse elemento provocador teve como objetivo fazer com que os sujeitos/colaboradores se colocassem diante de uma situação não comum aos padrões da heteronormatividade.

Ao entrarmos em uma sala de *bate-papo*, com a opção escolhida, “idade de 20 a 30 anos”, logo éramos abordados de uma forma tal que a linguagem utilizada expressava toda ideologia de um contexto criado na base da hierarquia masculina e etária. Isso só se rompeu em alguns casos, após o diálogo entrar em uma zona de confiabilidade e conforto.

No decorrer do diálogo entre pesquisador e internautas, a conversa foi sendo direcionada para os interesses da pesquisa e, para tal, a estratégia utilizada foi mostrar ao interlocutor que ele estava conversando com uma pesquisadora. Isso se deu de maneira muito simples e sem constrangimento, pois, nos contatos de aproximação, usuários das salas de *bate-papo* se identificam apresentando sua ocupação profissional, o que nos deixou confortáveis em nosso propósito.

A legitimação da condição de pesquisador dentro do referido espaço foi construída ao assumirmos uma identidade de gênero feminino para as nossas incursões em campo. Apresentávamo-nos na condição de “pesquisadora, doutoranda e professora”, dando *status quo* de pesquisador a nossa identidade, criado dentro de uma produção ideológica legitimada pela intermediação entre campo de produção ideológica e campo das classes sociais. A intenção não foi de ludibriar nossos interlocutores, mas facilitar o desenvolvimento de nossa coleta de dados e mostrar que naquele espaço as possibilidades são infinitas. Nossa fonte de inspiração foi a literatura teatral à qual nós já fizemos referência – “O Homem da tarja preta”, em que o personagem interage na rede assumindo uma outra identidade de gênero. Devemos deixar claro que utilizamos somente as entrevistas que foram permitidas pelos nossos sujeitos.

Ficou esclarecido que essa possibilidade só é permitida ou se dá o direito de permissão de uma subversão em um espaço virtual criado, pois este se apresenta como algo constituído pela enunciação, de se fazer ver e se fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, desse modo, a ação criada pela enunciação sobre o novo “mundo” cria um poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido no mundo real. “Portanto, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário” (BOURDIEU, 2001, p.14).

Segundo Bourdieu (1996), o empreendimento científico se inspira naquilo que só poderemos capturar da lógica do mundo social, se mergulharmos na realidade de uma

particularidade empírica, historicamente datada e situada, para construí-la, como caso particular possível, isto é, como uma figura em um universo de configurações possíveis.

O pesquisador, ao mesmo tempo mais modesto e mais ambicioso do que o curioso pelos exotismos, objetiva apreender estruturas e mecanismos que, ainda que por razões diferentes, escapam tanto ao olhar nativo quanto ao olhar estrangeiro, tais como os princípios de construção do espaço social ou os mecanismos de reprodução desse espaço e que ele acha que pode representar em um modelo que tem pretensão de *validade universal*. Ele pode, assim, indicar as diferenças reais que separam tanto as estruturas quanto as disposições (os *habitus*) e cujo princípio é preciso procurar, não na singularidade das naturezas – ou das “almas” –, mas nas particularidades de *histórias coletivas* diferentes. (BOURDIEU, 1996, p. 15)

Atrás da tela e do teclado de um computador, os sujeitos podem assumir uma infinidade de identidades¹⁰ que lhes garantem, ao mesmo tempo, preservação de sua identidade real e dão autenticidade à nova identidade que pode vir a assumir. O *habitus* do sujeito transfere-se para o *habitus* virtual proporcionado pela sala, criando um espaço relacional virtual e real em que projetará suas práticas e representações geradoras e organizadoras de sua vivência, sejam elas reais ou imaginárias.

A *masculinidade*, como parte de um sistema simbólico de estruturas estruturantes, torna-se objeto de estudo, pois se constitui instrumento de análise que permite apreender como se manifestam as formas simbólicas de organização social. Torna-se, ainda, instigante, ao ser pensado por meio desse espaço de interação, pois, vista dentro dos padrões heteronormativos, pode ela se estruturar e reestruturar dentro de modelos socialmente desejados e aceitos, ou, pode, ainda, ser recriada dentro de modelos que subvertem toda a ordem estabelecida na e pela condição da masculinidade, o que nos leva a pensar em seu sentido plural - *masculinidades*.

Para se criar um ambiente provocador, em que os sujeitos possam manifestar as suas representações de masculinidades, acrescentou-se nos diálogos com os internautas, como já dito anteriormente, um diálogo baseado no avanço tecnológico médico/fármaco, isto é, o uso dos MDE de maneira recreacional como forma de “apimentar” as relações amorosas/sexuais ou de sustentação da virilidade.

¹⁰ Discutidas no capítulo V que trata da Identidade.

Os medicamentos de disfunção erétil

Desenvolvidos pelas pesquisas de fármacos, os MDE têm como proposta, criada a partir de um discurso médico-normativo, resgatar a masculinidade – dentro de um imaginário – perdida pela disfunção erétil, causada principalmente pelo avanço da idade e estilo de vida. Esse discurso médico-normativo logo será desconstruído pelas diversas formas de uso que se faz desse tipo de medicamento.

Outro grupo social que não se enquadra no discurso médico-normativo, que é o dos jovens, descobriu na droga uma nova forma de suprir e repor suas energias nas práticas sexuais. A revista americana *Health*, em 21 de março de 2001, apresentou um artigo¹¹ denunciando o uso abusivo de MDE por jovens universitários. A reportagem revela o uso de medicamentos de MDE combinados com outras drogas, como anfetaminas, ecstasy e cocaína. Jovens estão buscando nesta combinação para potencializar suas emoções, em que as práticas sexuais deixam de ser relações amorosas e passam a fazer parte da ideia de se viver intensamente e perigosamente. O que está em jogo é a possibilidade de rearticulação das masculinidades, não perdendo o foco de sua hegemonia.

A Gazeta On-line, em 17 de julho de 2009, também faz uma denúncia do uso dos MDE associados ao uso de drogas como o ecstasy e a cocaína. Nessa reportagem, o autor chama atenção para os perigos que os medicamentos podem vir a causar, o que corresponde à normatização do discurso médico.

Sob uma perspectiva sociológica e com auxílio de ciências correlatas, como a Antropologia e a Psicologia, serão aqui discutidos aspectos do comportamento de sujeitos – jovens, ou que se sintam jovens, ou que se declaram jovens – que fazem, fizeram ou se propõem a fazer o uso de MDE (ainda dentro de um aspecto hipotético), mas que não apresentam problemas patológicos da mesma ordem e, portanto, não necessitariam do uso do medicamento na forma como ele é prescrito.

Estudar o que poderíamos denominar de comportamento de jovens que fazem uso de medicamentos de disfunção erétil, sem apresentarem problemas de ereção, é mergulhar em uma complexidade que envolve aspectos quanto à própria terminologia

¹¹ PETERSON, Karen. *Young men add Viagra to their drug arsenal*. Postado em 21/03/2001 -USA TODAY.

utilizada para se referir ao problema de disfunção erétil e pensar as formas pelas quais esses jovens rompem com esse discurso médico de normatização¹².

Jovens com faixa etária entre 20 a 30 anos, frequentadores de salas de *bate-papo*, à procura de estabelecer contatos com diversos propósitos: sexo - seja ele real ou virtual - amizade, desabafo, curtição com o outro que está do lado de lá, vender um produto, namorar, como eles mesmos dizem se relacionarem, enfim, uma infinidade de possibilidades que só a Internet pode proporcionar de maneira rápida e com dinâmicas próprias.

Por que trabalhar com a categoria de Disfunção Erétil e não com a de Impotência Sexual? Passando pela ordem das ideias, a invenção e o surgimento no mercado de fármacos do citrato de sildenafil, ou o popular Viagra, vai ser uma forma de (re)colocar a ereção no centro da atividade sexual, o que influencia no desenrolar das relações sexuais.

O tratamento da disfunção erétil foi trabalhado pelos laboratórios farmacêuticos dentro da proposta de construir uma nova atitude para o público, atitudes portadoras de novas normas da qualidade da atividade sexual. Em primeiro lugar, para Bozon (2004), houve uma evolução das definições médicas do problema: o que era tratado como impotência foi redefinido como disfunção erétil, o que altera a concepção etiológica do fenômeno e minimiza os traumas relacionais e sociais.

Fatores que predominavam nas discussões anteriores, como os psicogenéticos, foram substituídos por outros fatores, como orgânicos, ou ligados ao envelhecimento. Em segundo lugar, ocorre uma amplitude no fenômeno, uma vez que todas as panes sexuais foram assimiladas a alguma forma de disfunção erétil. O terceiro elemento é que o tratamento farmacológico foi proposto como o único possível, em detrimento de outras abordagens psicoterapêuticas.

As campanhas do laboratório que produziu o Viagra visavam médicos, mas foram também orientados de maneira a atingir um público bastante amplo, estimulado a ousar dirigir-se aos médicos (a “romper o silêncio”) em caso de problema de ereção (...) tornou-se o

¹² Normatização: Foucault desenvolveu a ideia de normatização em sua teoria do “biopoder”, que pode ser descrito como um conjunto de práticas e discursos que determinam a normatização do desejo sexual. O biopoder utiliza a família, enquanto instituição privilegiada, para que se trace a linha divisória entre o que seria normal e patológico em relação à sexualidade. Para Foucault, a noção de biopoder corresponde aos interesses da vida nos jogos do poder da sociedade atuando sobre os corpos. O poder passa a dominar a vida de todos nós, um poder preocupado em produzir forças e foi, a partir do século XVII, que essa nova configuração de poder sobre a vida entra no cenário da sociedade ocidental, por meio de dois caminhos: pela tomada do corpo como máquina e pela biopolítica da população, na qual se captura do corpo toda a mecânica do ser vivo e dos processos biológicos que o atravessam.

elemento motor da “patologização” dos distúrbios eréteis e do sucesso do produto, até mesmo antes que os médicos mudassem de atitude. (BOZON, 2004, p.144)

Os MDE introduzem uma nova molécula social responsável pela estimulação da atividade sexual, na representação da sexualidade, com a tendência de dissociar os diferentes componentes do funcionamento sexual. A qualidade da ereção é colocada no centro das discussões sobre relação sexual, mas sendo encarada como um problema mecânico, isolado do resto do desenrolar sexual, principalmente quando esses medicamentos são usados pelo público jovem que trabalha com o imediatismo e faz de algumas relações algo de prazer momentâneo.

Idealizado como um afrodisíaco e não como um tratamento, o *Viagra* e seus similares irão despertar em certos homens o sonho de um desejo ilimitado e programável, o que cai como luva, diante do comportamento jovem, contribuindo para manter a visão tradicional da centralidade do desejo masculino.

Em entrevista dada para o sítio do Dr. Dráuzio Varella, o cirurgião vascular Dr. José Mário Reis afirma que 70% dos casos de disfunção erétil são de causas emocionais, o que nos dá alguns elementos para compreendermos o comportamento desses jovens. Os outros 30% são de causas orgânicas. Assim, ao estudar comportamentos que envolvem o uso de medicamentos de disfunção erétil temos que levar em consideração que

A disfunção erétil não envolve apenas o pênis. Quando se estuda esse órgão, deve-se pensar sempre nele e na pessoa que o comanda, na vagina que está a sua frente e na pessoa que comanda essa vagina. A relação entre pênis e ereção subentende um envolvimento entre pessoas. Daí, a grande dificuldade para determinar o diagnóstico. Sexualidade não é doença, é disfunção. Se o indivíduo quebra uma perna, o ortopedista avalia a fratura e trata daquela perna independentemente do que o paciente esteja pensando ou sentindo. Na sexualidade, ao contrário, o enfoque tem de ser emocional, porque o pênis faz parte do relacionamento íntimo entre duas pessoas. É de extrema importância estabelecer se ele funciona mal e compromete a relação, ou se funciona mal porque a relação já está comprometida. Como já disse, em 70% dos casos de disfunção erétil, a emoção está envolvida na causa. É impossível, por exemplo, manter a ereção se o casal for surpreendido por ladrões, pois o medo libera substâncias (adrenalina) que bloqueiam o estímulo sexual. Se o indivíduo atravessa um mau momento na vida, não se pode exigir que tenha bom desempenho eretivo. (REIS, Mário J. In: Sítio: Entrevistas com Dráuzio Varella, 01/09/2008)

Jovens que se encontram numa condição de desgaste e esgotamento físico devido a uma noite intensa de dança e consumo de droga e álcool criam um imaginário de que a noite deva ser completada com uma bela e intensa “transa”. A depressão causada pelo uso de drogas, em conjunto com o estresse e desgaste físico da “balada”, a ansiedade e o medo do fracasso em relação à parceira, podem contribuir para a disfunção erétil momentânea. Manter a potência diante da parceira é uma questão de honra; o controle do pênis em posição ereta é de “responsabilidade” do homem, ficando sua honra à mercê da parceira, o que é marca de uma masculinidade heteronormativa.

Temos que a *Disfunção Erétil*, segundo o I Congresso Brasileiro de Disfunção Erétil, é definida “como a incapacidade permanente em obter e/ou manter ereção rígida suficiente para uma atividade sexual satisfatória” (GRASSI, 2004, p.16) e, ainda, segundo a autora, o termo Disfunção Erétil passa a ser utilizado, a partir de 1992, como termo mais preciso e preferido para a impotência.

É recente a tentativa médica de dissociar a acepção de “impotência” dos portadores de algum tipo de insuficiência erétil. Essa tentativa busca encontrar um modo politicamente correto e menos preconceituoso para se referir sem que o homem carregue um estigma cultural.

Impotente assinalava, assim, a qualidade de ‘fraqueza’, inaptidão comumente associada à fragilidade e passividade. Ser rotulado como incapaz, fraco, aparece, com o início dos sintomas, como o principal medo dos homens com DE – abre-se uma ferida identitária. (GRASSI, 2004, 17)

Disfunção Erétil, termo utilizado na prática clínica e médica, é incorporado pelas ciências humanas, como objeto de análise, bem como incorporado pelo marketing das indústrias farmacológicas.

Inicialmente podemos formular uma questão técnica acerca do assunto: Como a ereção se processa? Segue-se um resumo do que acontece quando se está sexualmente excitado.

Quando você vê, escuta ou sente alguma coisa "sexualmente excitante", seu cérebro envia um sinal que faz com que os músculos do seu pênis se relaxem. Quando isso ocorre, dois tubos existentes ao longo de seu pênis (denominados *corpo cavernoso*) enchem-se de sangue. O pênis se expande e torna-se rígido. À medida que os tubos se expandem, eles também fazem pressão contra as veias que transportam o sangue para fora do pênis. O sangue fica então bloqueado nos tubos e o pênis torna-se ereto.

É importante compreender o papel do fluxo de sangue na obtenção e manutenção da ereção. Em muitos casos, a disfunção erétil é causada por outros problemas de saúde que podem restringir o fluxo de sangue por todo o corpo, inclusive no pênis. Assim há causas comuns da disfunção erétil (DE).

Alguns homens acreditam que a disfunção erétil é parte inevitável do envelhecimento. Não é. A disfunção erétil é usualmente provocada por outras condições de saúde, uso de medicamentos ou hábitos que interferem no fluxo de sangue. Alguns desses problemas de saúde ocorrem mais comumente à medida que se envelhece — mas isso *não* causa a disfunção erétil. Alguns fatores como *condições de saúde, o uso de medicamentos, hábitos e estilo de Vida*, podem levar a ela.

Ao se falar em disfunção erétil, é importante observarmos que, segundo o I Congresso Nacional de Disfunção Erétil, DE não se constitui doença que necessite de um tratamento específico. Para Grassi (2004), a clínica médica considera a modalidade terapêutica desejada pelo paciente, mas nos encontramos frente a uma patologia que poderíamos denominar de ordinária, “no sentido de freqüente, comum, habitual, que não oferece riscos à integridade física do sujeito” (2004, p.51) podendo, assim, ser levado em conta o desejo do paciente no tratamento.

Assim, em relação à dinâmica masculina, o medicamento é algo crucial com relação às falhas eréteis, pois traz a promessa que os homens procuram - a de obter de forma segura, não invasiva e eficaz, uma ereção potente, firme e durável. Os medicamentos de disfunção erétil, como o Viagra e outros, surgem dentro de uma perspectiva médico-normativa, como formas alternativas aos tratamentos de DE, dando uma trégua na ansiedade de desempenho da masculinidade.

A Revista Men's Health.

Por fim, a pesquisa realizada na Revista MEN'S HEALTH – Brasil. O porquê da escolha da Revista Men's Health? A motivação pela escolha desta revista mensal para o desenvolvimento da pesquisa se deu num primeiro momento pela leitura da obra “Sexualidade Masculina, gênero e saúde”, pesquisa realizada por Romeu Gomes, onde, dentre outras análises, ele faz uma incursão nesta Revista para perceber como o universo masculino é descrito através de um *cuidar de si* para o, *cuidar do outro*, no qual esse outro é o feminino, pois a revista trabalha na concepção heteronormativa. Num segundo momento, pela proposta editorial que se propõe a falar sobre esse suposto

“novo” homem e, portanto, trabalhando sob uma perspectiva de redefinição da masculinidade.

O terceiro elemento motivador desta escolha é que ela é dirigida explicitamente para o público masculino. Porém, ao aprofundarmos a leitura das reportagens percebe-se que, de maneira inteligente, há o uso de uma linguagem em que tanto o universo masculino como o feminino são contemplados, o que caracteriza-se por ter uma visão relacional entre o masculino e o feminino como marcas de uma ordem social heteronormativa.

Nossa Escolha para a coleta de dados e análise da Revista Men’s Health foi da chamada de capa que está diretamente ligada à prática sexual, a seção *Sexo* e de reportagens outras que não se encontram nesta seção, mas que nos chama atenção pela sua temática, como temas relacionados a comportamento relacional, contribuindo para a compreensão da construção das novas masculinidades. Assim, estabelecemos o critério inicial de fazer uma sistematização dividida por mês e seção.

A mídia, neste caso, virtual e escrita, é um sistema cultural complexo que possui uma dimensão simbólica, que compreende a (re)construção, o armazenamento, a reprodução e a circulação de produtos repletos de sentidos, tanto para quem produz como para quem consome e vão ganhando novas dimensões diante das novas propostas de interações em mudança na sociedade, a partir das novas tecnologias de comunicação e informação, aumentando as possibilidades de circulação de discursos de toda a ordem.

Análise estrutural das Salas de *Bate-papo* pesquisada e da Revista Men’s Health.

Por um lado, veremos que o espaço social será pensado em duas dimensões. A primeira, pensada pelo volume global de capital e a segunda, de acordo com o peso relativo dos diferentes tipos de capital, econômico e cultural.

O que Bourdieu (2001) está propondo é pensar o espaço em duas dimensões, vistas a partir de suas diferenças em que o capital que o indivíduo traz consigo será o marcador dessas diferenças. Porém, na dimensão das interações no espaço virtual, essa primeira dimensão toma uma conotação com suas particularidades. O capital global se pulveriza em um imaginário simbólico permitido nesse espaço.

Na primeira dimensão, classificada como a dos detentores de um grande volume de capital global, encontramos uma infinidade de membros possuidores de um capital econômico e cultural e, ao mesmo tempo, um número significativo de membros só

possuidores de capital cultural, que opor-se-ão na ocupação desse espaço. Porém, quando da análise da revista percebemos que ela se propõe a trabalhar com um público que é possuidor de um capital cultural e econômico. Mesmo articulando com base em uma linguagem relativamente simples, ela se propõe a delimitação do seu público consumidor, configurando-se campos contrários na compreensão da masculinidade.

Na segunda dimensão, o fundamento de diferenças se dá com base nas posições e disposições do capital cultural relativo. Veremos, por exemplo, que a distinção está no status que as profissões ocupam. O exemplo se dá quando da escolha dos *Nicks* que podem ser reais ou não, mas que se mostram construídos pelas posições e disposições do capital cultural, como representação simbólica; é comum *Nicks* se referindo à “profissão médica”, quando o status se refere ao poder/saber/econômico. Ou o *Nick* “bombeiro” quando o status se refere ao fetiche sexual.

Quando focamos o olhar na revista percebemos que ela estabelece uma relação com um capital cultural privilegiado, pois a referência ao tipo de homem que ela faz é de um homem com “classe”, requinte e que tenha acesso ao capital econômico, possuidor de um *status quo* econômico. Nesse aspecto, a proposta da revista se aproxima do imaginário representado pelos *Nicks*, pois estes se caracterizam como marcadores de posicionamento social.

Portanto, o espaço social, será o espaço de posições sociais que se “retraduz em um espaço de tomadas de posição pela intermediação do espaço de disposições (ou do *habitus*)”, ou ainda, ele mostrará que no sistema de separações diferenciais encontraremos um sistema de separações com base nas práticas e nos bens que se possui (BOURDIEU, 2005), mesmo sendo este, como veremos em nossa pesquisa, um espaço virtualmente criado nos dois sentidos.

O *habitus* tem como função dar conta da unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular, ou de uma classe de agentes que se manifesta nos espaços sociais. Assim, o *habitus* é o princípio gerador e unificador que reproduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição, em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas. Como esta pesquisa traz dois campos diferentes, porém não distintos, o real e o virtual, veremos que o *habitus* irá requalificar a sua função de acordo com o universo pesquisado.

Por outro lado, o que encontramos nos espaços sociais construídos na Internet é que o *habitus*, como princípio gerador e unificador, será retrabalhado, a partir de um conjunto de condições nas quais o capital cultural e o capital econômico desaparecem,

em certo aspecto, como elementos estruturadores desse espaço, já que ele não revela de fato o pertencimento e posicionamento do indivíduo.

O *habitus*, aqui, enquanto elemento estruturado, se estrutura a partir de outros elementos de capital, o capital de domínio dos meios de comunicação, criado por esse novo espaço, mas que estabelecerá condições para que o poder simbólico permaneça, isto é, um poder que é estruturado por elementos de *habitus* que estão fora desse mundo virtual.

Já nos espaços sociais propostos pela Revista Men's Health, o princípio gerador se propõe a afirmar e reafirmar os elementos estruturantes desse novo espaço de interação do universo masculino. Afirmando as novas propostas de comportamento para a condição masculina, mas ao mesmo tempo reafirmando essa condição com base em elementos já estruturados, o capital econômico e cultural que colocam o homem numa condição de privilégio social.

Transferidas as práticas reais para o campo virtual, observam-se a constituição e a tentativa da manutenção de um poder simbólico que, ao mesmo tempo, pode sofrer inversões que são permitidas, a partir da subversão da ordem estabelecida, já que as certezas no campo virtual se pulverizam diante das infinitas possibilidades que são dadas. Esse poder simbólico, seja ele reconstruído ou subvertido, prepara o terreno para entendermos, mais adiante, como são construídas as relações pelas quais um poder simbólico é instituído no processo de dominação reproduzido no espaço virtual.

Os espaços de interação da internet podem ser vistos como parte desse sistema, pois se articulam dentro de uma concepção de linguagem própria e dentro de uma nova concepção – o virtual – que também se modela por um conjunto de estruturas estruturantes.

Ao estabelecermos o diálogo com os internautas, nota-se que eles trazem consigo elementos de uma estrutura estruturada que não é sua, mas do contexto do qual eles fazem parte, portanto, o seu *habitus*, modelado pelo novo *habitus* constituído e estruturado virtualmente. A revista traz esta mesma estrutura estruturante, já que propõe ao “homem” se (re)estabelecer enquanto “macho dominante” sem perder suas características de dominador, mas aberto a novas possibilidades.

A Revista Men's Health, voltada para o público masculino, é uma versão da Men's Health Americana e aqui no Brasil completou a edição de número 50 no mês de junho de 2010, o que faz dela uma revista relativamente nova no Brasil. Sua proposta é de estabelecer uma comunicação com um determinado público formado inicialmente

por homens com características específicas: heterossexual; que desenvolve atividade física com corpo (lê-se malhar na linguagem jovem) e vê nisso algo extremamente saudável e importante para sua manutenção da masculinidade/virilidade; que pertence a uma camada social com forte potencial de consumo; e por fim, a ideia de uma revista direcionada para pessoas possuidoras de capital cultural.

Observa-se em sua estrutura de designer gráfico, que a distribuição das reportagens se dá de forma sucinta com mensagens objetivas para que o leitor apenas receba informações, poupando-o de um processo reflexivo. Dividida em reportagens especiais de capa e reportagens secundárias, que estão distribuídas em sete seções: sexo, fitness, nutrição, cabeça de homem, saúde, estilo. Das sete edições que tivemos acesso para análise, a reportagem de chamada, isto é, aquela que é destaque na capa, em seis edições, refere-se à importância do **corpo sarado** e uma refere-se à prática sexual, sendo esta uma edição especial de verão. A revista também pode ser encontrada na versão eletrônica, na qual realizamos nossas últimas inserções.

Vejamos as chamadas de capa principal (A) e secundária (B):

Outubro/2009

A - “Em forma para o verão! *sarado em 1 mês!*”

B - “Sexo fácil, fácil! Deixe-a no comando... e curta adoidado!”

Novembro/2009

A - “Perca 5 Kg em um mês! *Treino e dieta infalíveis.*”

B - “Sexo: 23 jeitos de se dar bem na praia.”

Dezembro/2009

A - “Coma bem e fique enxuto! *O cardápio ideal do verão.*”

B - “Sexo: não deixe a birita detonar sua transa”.

Janeiro/2010 – Edição Especial Prazer

A - “Transe mais no verão! *guia MH para driblar a segura*”.

B - “Corpo sarado em 6 passos!”

Fevereiro/2010

A - “Ganhe músculos em casa! *Treino em portátil que resolve*”.

B - “Prazer!: deixe-a doida de tesão! *e tenha sexo o ano todo*”.

Março/2010

A - “Chega de pança! *delete 1 Kg por semana*”.

B - “Sexo!: seja gentil, mas não mané!”

Abril/2010

A – “Comida que dá músculo: *o guia MH da proteína*”.

B – “Sexo!: seja o cara na cama dela”.

Destacamos nas sete edições impressas e nas duas edições on-line do nosso universo de pesquisa que todas têm como matéria de capa a figura do homem com **corpo sarado**, isto é, a importância que a revista dá ao *corpo* enquanto objeto instituído de poder e, ao mesmo tempo, de desejo. Poder e desejo no sentido de que é o corpo sarado ali visto, na sociedade contemporânea, como símbolo da virilidade masculina e que ele representa o tornar-se *homem* com características de *homem*. Para esta revista é o modelo de homem que representa o seu tempo, um tempo de mudanças e transformações que colocam em xeque toda a representação das masculinidades anteriores, mas que ainda sustenta valores tradicionais como a força representada por uma musculatura rígida.

Poder, pois se afirmará enquanto *homem* capaz de possuir o controle da situação e, ao mesmo tempo, articular-se com essa “nova” condição de masculinidade, isto é, ser objeto de desejo do seu oposto, o feminino, pois responderá às expectativas das mulheres de hoje. Assim, retornamos às antigas atribuições dos papéis sociais que são impostos a essa condição de ser homem. Encontramos, portanto, elementos de propostas da revista que são contraditórios e, ao mesmo tempo, que estão em transformação, pois por um lado, referencia a importância de levar o homem atual a rever sua condição de masculinidade e virilidade e, por outro, seduz e induz o público masculino e feminino no sentido de ressaltar os “velhos” atributos sociais da masculinidade hegemônica que os caracterizam.

Nota-se, também, que dentre as sete edições impressas analisadas cinco têm como modelo de capa a figura exclusivamente masculina e somente em duas delas encontramos o modelo masculino dividindo a atenção com um modelo feminino. O que chama a atenção é que sendo uma revista voltada para um público hetero/masculino o modelo de capa não são mulheres nuas ou semi nuas como encontrado em outras revistas direcionadas para este mesmo público, como Playboy, Vip-Exame, Ele-Ela.

A presença da figura masculina mostrando que a condição da masculinidade faz uma referência à identidade com base no olhar do outro, sendo este outro o próprio masculino e, por outro lado, que a forma assumida pela capa da revista MH assemelha-se às revistas dirigidas ao público feminino, como Cláudia Cosmopolitan, Nova, Boa Forma, entre outras. Isso configura-se como uma visão do masculino como consumidor

em potencial de fitness, de saúde, de cuidados com a imagem, que será intensamente explorado pela Revista.

Nas capas com modelos somente formados por homens, encontramos no plano de fundo a presença feminina, geralmente uma mulher jovem dentro dos padrões de beleza atual: magra, com corpo definido (sarada), pele clara (na sua maioria), rosto com recortes e traços finos, com um leve toque de sensualidade, trajando biquínis ou lingerie – sem ter uma conotação apelativa no que diz respeito à sensualidade feminina – soma-se a isso uma palavra que faz ligação à prática sexual como: sexo, prazer, transa.

Ainda dentro deste contexto, destacamos que as características físicas do modelo de masculino apresentado na capa da revista MH seguem um mesmo padrão, que se encaixa no tipo ideal apresentado por Connell (1985): aparentando ter idade entre 28 a 35 anos; cor da pele branca ou levemente bronzeada; corpo com definições musculares acentuadas (sarado); barba por fazer (que trabalha o perfil de selvagem); sofisticado e moderno; poderíamos dizer que um homem “de seu tempo”, contextualizado e atento às mudanças impostas pelas relações da chamada pós-modernidade.

Feito esse levantamento inicial das características encontradas na capa da Revista MH, importante no sentido de trazermos para o cenário analítico a proposta que a revista faz para atrair o seu público consumidor, passamos para a segunda etapa de levantamento de dados deste periódico.

Na edição de número 42 de outubro de 2009, entre as páginas 42 e 43, portanto, um texto conciso, temos uma reportagem sobre a prática sexual, escrita por Yara Achôa, em que o título propõe que *Ela* assuma o comando:

- *Ela é quem manda; deixe sua garota assumir as rédeas na hora do sexo. Ela subir pelas paredes de tesão...e você também. Veja como estimular esse lado selvagem.*

Essa chamada de reportagem tem como proposta uma mudança de comportamento na prática sexual, mexendo com a relação de poder que permeia este contexto relacional. O **comando** irá mudar de mãos, passando do homem, a quem é algo dado culturalmente e que faz parte da construção de sua masculinidade, para a mulher, revertendo a ordem social dada. O interessante da reportagem é que a autora chama a atenção sobre a necessidade de uma mudança nas relações sexuais e, para tal, usa de argumentos descrevendo os avanços e as conquistas femininas. O maior apelo é pela conquista e independência financeira da mulher, ressaltando que *ele* não é mais o único provedor em uma relação.

Parte daí a ideia que para que haja uma relação mais intensa, duradoura e que para satisfazer a ambos é necessário em alguns momentos que o comando da relação, sexual, se *inverta*. Os **conselhos** são dados objetivando a reflexão, inicialmente por parte do homem, da postura masculina diante do relacionamento mostrando que as mulheres conquistaram e ampliaram seu espaço.

O interessante é que nos subtítulos da matéria as mensagens assumem uma postura de caráter dúbio que reflete a proposta contraditória da MH. Ao indicar a necessidade de mudança de seu comportamento, propõe que isso ocorra sem que Ele se coloque numa condição de submissão. Isso demonstra que esse “novo homem” tem que permitir e entender a mudança ocorrida na condição feminina, mas não pode perder a sua condição “original”; como verificamos nos subtítulos abaixo:

- *Aprenda a aceitar o comando;*
- *Deite. Role. Só não precisa dar a patinha.*
- *Seja um bom menino, mas nem tanto.*

Em todos esses subtítulos há a presença de elementos contraditórios, pois propõe para que *Ele*, leitor homem, mude seu comportamento e, ao mesmo tempo, não ceda totalmente para não perder a sua condição de masculinidade construída com base em elementos culturalmente determinados.

A edição de número 43, de novembro de 2009, traz como matéria um “guia do queima-filme no verão” onde cria um manual para o homem “perder - ou não ganhar - uma mulher”. O guia apresenta 23 dicas para que os homens não cometam erros de comportamento na praia o que poderia “queimar o seu filme” e, portanto, perder toda a essência da conquista das mulheres. Essas 23 dicas são no sentido *Dele* adotar um comportamento que está diretamente associado ao seu visual que pode comprometer sua conquista.

Vejamos alguns:

- *convide a sereia para ir ao motel;*
- *capriche no perfume;*
- *chame o Hugo;*¹³
- *pratique esporte à lá Mr. Bean;*
- *Ofereça-se para passar o protetor nela;*

¹³ Termo usado para se referir ao ato de vomitar.

Já na edição de dezembro de 2009, número 44, temos uma matéria um pouco mais próxima do nosso universo de pesquisa. Na capa, a chamada é: “Não deixe a birita detonar sua transa”. Se olharmos esta frase percebemos que ela poderia nos induzir a pensar que se bebermos demais não conseguiremos transar no final da balada. Ao abrirmos a página 44, no início da matéria, encontramos outra chamada para o texto: “Fuja da rebordose sexual!”¹⁴.

Ao lermos a frase notamos um erro de escrita, pois a palavra *rebordose* deveria ser escrita com um a no final, se tornando *rebordosa*, que significa:

re.bor.do.sa: *sf* (*re+bordo+oso*, no *fem*) **1** Alarido, gritaria, conflito, confusão. **2** Barulho, pancadaria, arruaça. **3** Admoestação, censura, reprimenda. **4** Situação desagradável, contingências difíceis. **5** Doença grave. **6** Reincidência de moléstia. (MICHAELIS On Line. Dicionário da Moderna Língua Portuguesa; consultado em 21/06/2010)

Na definição 4 – *Situação desagradável, contingências difíceis* – associamos com o *Brochar* e em 5 – *Doença grave* – associamos ao alcoolismo, o que significa que a reportagem traz subjacente a recomendação do “beba com moderação”.

Porém, temos uma segunda definição de *rebordosa* que vem de uma personagem das histórias em quadrinhos do cartunista Angeli. *Rê Bordosa* é uma personagem das histórias em quadrinhos dos anos de 1980, de aproximadamente 40 anos, alcoólatra, ninfomaníaca, desbocada e desprovida de bom senso. No final de suas boemias estabelece relações amorosas com qualquer um que estiver ao seu lado. O problema é que, no outro dia, ela não se lembra de absolutamente nada – onde está, onde esteve e quem é a pessoa que está ao seu lado.

A matéria traz como subtítulo “a gente sabe que você vai transar. Mas antes veja aqui os micos que elas relatam e não termine a noite como o cara abaixo” (foto de um homem dormindo e a mulher lendo uma revista que esta apoiada no abdômen dele).

Diante desta cena a matéria mostra os erros que *Eles* acabam cometendo quando bebem exageradamente, como trocar o nome da parceira ou quando já bebeu demais fazer juras de amor e no dia seguinte nem se lembrar do nome da pessoa que está ao lado ou vomitar na festa e sair carregado pela parceira. Esses são alguns relatos dados por mulheres que já passaram por algumas dessas situações.

¹⁴ *Rebordose*: aqui *dose* no sentido de uma dose de bebida.

Um desses relatos nos chama a atenção, pois fala exatamente de um dos maiores problemas do consumo em excesso do álcool, a impotência sexual. Vejamos o relato e as dicas:

- relato: *“Eu tentei. Esfrega daqui, esfrega dali, com a mão, com a boca – e nada. E olha que não tem nada pior que fazer sexo oral em um pinto mole. Fica aquela coisa constrangedora. Acho que o cara ficou se sentindo um lixo quando se deu conta de que havia broxado”*.

- conselho: *“O álcool age diretamente no sistema nervoso central. Em excesso, funciona como depressor e inibidor do processo sexual”. ‘A pior coisa é tentar justificar. O ideal é você caprichar no sexo oral e garantir o orgasmo à moça’, sugere Carrion. Ou adie o jogo. É possível que você e seu pênis acordem com mais disposição”*.

Neste relato encontramos que uma das consequências do consumo em excesso de bebida alcoólica é a disfunção erétil. O efeito depressor e inibidor pode levar o homem a não ter ereção e/ou não mantê-la, aproximando-se de uma de nossas hipóteses, que é o uso de MDE não para ter somente a ereção, mas para manter sua condição de virilidade. Jovens consomem álcool em grandes quantidades e para driblar os efeitos do álcool utilizam-se dos medicamentos de disfunção erétil. A matéria nesta edição (12/2009) não faz referência a essa prática, mas é muito comum entre os jovens, como relatado em nossas entrevistas, e como denunciado em reportagem Veja On-line (21/06/2010), sobre o uso de medicamentos de disfunção erétil de maneira recreacional.

Ainda nesta edição da MH, encontramos outra matéria que vale a pena ser citada neste momento. Assinada por Marcela Souza, a reportagem *“Garanta boas entradas: nove resoluções para você transar mais e melhor em 2010”* faz uma divisão por faixa etária, mostrando os entraves que podem atrapalhar a relação sexual e dando três soluções para cada faixa etária.

Na primeira, que refere-se ao grupo dos 20 anos, diz que o entrave é a *“ansiedade pelo excesso de tesão”*. As soluções propostas para conter a ansiedade é que o leitor haja na busca de *seduzir corretamente, prolongar a transa e elaborar a transa*; já na faixa dos 30 anos, o entrave é *“preocupar-se demais com a carreira”*, onde as soluções são no sentido de não trocar o sexo pelo trabalho, pois responderá positivamente nas suas atividades de trabalho.

Mas é na terceira faixa, a dos anos 40, que para a condição masculina e sua virilidade que está o pior entrave, o *“medo de falhar”*. As soluções passam desde

estabelecer uma relação de parceria e companheirismo, na ajuda dos afazeres domésticos, até o inovar sempre.

Temos três faixas etárias que condizem com três momentos da afirmação da masculinidade, sendo que as preocupações levantadas pela revista referem-se a três condições que podem colocar em xeque a própria condição masculina. Assim, observamos que é o desenvolvimento dessas condições, associado a outros fatores, que estabelece a crise atual da masculinidade.

O que nos chama atenção é que nessas três faixas de idades apresentadas a suposta crise da masculinidade só passara a ser sentida quando da passagem da segunda faixa para a terceira. Nos relatos dos pertencentes à primeira faixa, dados à revista MH, fica claro que eles não têm muita preocupação no falhar, respeitam as conquistas femininas e ainda não têm ou não se sentem com cargas de responsabilidade alta.

O número 45 da revista de MH, de janeiro de 2010, traz uma edição especial sobre o prazer. São seis matérias sobre o prazer sexual. São elas: *Transe mais no verão!*; *Temporada de pesca*; *Não marque bobeira*; *Seduza a lá Hollywood*; *Meu pênis, meu amigo*; *Lave, passe e transe!*.

Por ordem numérica das páginas, a primeira matéria está localizada na página 18 e tem como título, *Aberta a temporada de pesca*, escrita por Sofia Solves. Temos alguns elementos culturais que estão subentendidos nesta frase. O primeiro se refere ao mês de janeiro, mês de férias escolares, férias do trabalho e que está em pleno verão. Como o Brasil é um país com grande extensão litorânea, janeiro é o mês de férias, é mês de ir à praia. Portanto, nessa construção da masculinidade estabelece-se uma analogia entre a *temporada de caça* (atributo masculino) e a *temporada de pesca* e é desta forma que todos os homens “deveriam” agir: saírem à pesca.

É dos “preparativos” para a pesca que a matéria irá tratar. Ela traz “sete dicas para você se dar bem na praia e garantir o sucesso com as sereias à noite”. A ideia é criar um “clima”, iniciando pelas relações que se possam estabelecer na praia, para ser “recompensado” à noite. As dicas são desde o andar e se comportar na praia, até processos de interação como uma partida de vôlei de praia. É interessante notar o uso de adjetivos como: “matador”, trabalhado dentro do contexto de confiança e segurança de si; “Mané”, que corriqueiramente aparece enquanto expressão e é atribuído àquele que assume uma postura de otário; “visual relaxado”, que demonstra que aquele homem “não” tem tanta preocupação com sua aparência física.

3.2 Disfunção Erétil: as fronteiras entre o prazer e o gozo.

Diante de uma discussão em que a questão do prazer na elaboração da masculinidade está em jogo, discutir *prazer e gozo*, no campo das relações, faz parte deste trabalho. Assim, partimos da ideia de como localizamos o prazer. E se este é localizado, o gozo então faz parte desse prazer, ou é uma manifestação da masculinidade em suas estruturas de manutenção de poder?

Observamos acima que são vários os fatores que podem levar à impotência sexual, ou ainda, como parte desta discussão, podem levar à impotência sexual “momentânea”, pois nosso foco é um grupo específico. Assim, como expressar a libido num momento de plena exaustão e esgotamento físico, ou como criar um discurso de manutenção de uma potencialidade plena?

Para responder a tais questões, utilizamos algumas das ideias trabalhadas por Grassi (2004) que estabelece uma discussão entre sintoma e gozo. Dentro da linha da teoria da psicologia freudiana e lacaniana, a autora demonstra, por meio da conceituação do gozo, como um paciente (no caso dos estudos desenvolvidos por ela) é levado a uma desorganização psíquica.

Diz Grassi que:

Com o conflito, a libido é forçada a encontrar outros objetos e outros caminhos, já que foi impedida de se satisfazer; essas outras opções suscitam desaprovação em uma parte da personalidade que impõe um veto, impossibilitando o novo método de satisfação. As tendências libidinais rechaçadas, recalçadas primordialmente, abrem então caminho por vias indiretas que são aquelas da formação dos sintomas. Estes constituem a satisfação nova e substituta (...). (2004, p.151)

Colocado dessa forma, Grassi nos possibilita pensar as salas de bate-papo como um espaço utilizado no resgate da libido que está sendo rechaçada por um discurso normatizador. É neste cenário que encontramos homens que são capazes de manter seus pênis eretos por tempos prolongados e atingir o orgasmo não uma ou duas, mas três, quatro ou mais vezes.

Compreendermos o gozo conceitualmente é compreendermos os elementos que fazem parte do princípio de prazer, que Lacan denomina, para a Lei psicológica, como sendo a questão da excitação. Para Grassi (2004), o princípio de prazer trabalhado por Lacan está sempre preparado para impor uma barreira ao que denomina de *lajouissance* (gozo).

Freud e Lacan dão interpretações diferentes para o gozo. Para o primeiro, gozo é sinônimo de prazer, enquanto para o segundo, um excesso intolerável de prazer, numa manifestação do corpo em uma tensão extrema da dor e do sofrimento.

No dicionário, temos:

Gozar: 1. Usar ou possuir (coisa útil ou apreciável). 2. Aproveitar-se da vantagem de; 3. Sentir prazer íntimo, deliciar-se, com; 4. Bras. Deliciar-se com, achar graça em, rir de. 10. Bras. Atingir o orgasmo. Gozo: 1. Ato de gozar; gosto, prazer, satisfação. 2. Posse ou uso de alguma coisa que advêm satisfação, vantagens, interesses. 4. Bras. Deleite sexual; prazer. (Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa)

O caminho a ser seguido, para análise, é o pensamento lacaniano, *lajouissance*, que auxilia melhor as discussões deste trabalho. Tanto Freud como Lacan utilizaram o termo gozo em seus primeiros trabalhos como sinônimo de alegria, de prazer extremo, contentamento ou êxtase. Em Lacan, encontramos *lajouissance* como algo próximo de muita alegria, “tendo como seu paradigma o reconhecimento no espelho da imagem unificada de si mesmo e de outro lado, *lajouissance* do acesso ao símbolo, que permite um primeiro nível de autonomia frente às pressões da vida” (GRASSI, 2004, p.154).

Segundo Grassi (2004), até os anos 1950, os eixos de ensinamentos de Lacan passavam por: desejo, alienação e significante, vicissitudes do desejo, refração deles sobre a demanda articulada, desejo de reconhecimento e reconhecimento do desejo, acesso à realidade, passando pela imposição ao sujeito das condições do outro, do mundo, da ordem simbólica que induz efeitos imaginários, regulação da satisfação de necessidades e determinação das condições dessa satisfação. No que se refere à questão do gozo, este não era centralidade em seus ensinamentos.

Ao anunciar que a originalidade do desejo masculino implica em uma condição oposta ao prazer, o que denomina de *lajouissance*, Lacan elabora o conceito de gozo, com base na filosofia do direito de Hegel, no qual o gozo tem sua raiz em qualquer coisa de “subjetivo, de particular, impossível de partilhar, inacessível ao entendimento o oposto ao desejo que resulta de um reconhecimento recíproco de suas consciências e que é objeto, universal, sujeito a legislação” (GRASSI, 2004 pp. 154-155).

Na filosofia do direito, gozo remete a uma concepção de usufruto, de se apropriar de algo que não é mais do que se expropriar do que poderia ser do outro. Juridicamente não posso gozar senão daquilo que possuo; sendo assim, preciso possuir plenamente e que o outro renuncie às suas pretensões sobre o objeto.

Em Grassi (2004), temos que a Teoria do Direito se estabelece dentro de regulamentações, sendo que as restrições impostas ao gozo do corpo fazem parte do contrato social. “É a história das restrições das barreiras do gozo, do lícito e da licença. O que invariavelmente nos remete à castração” (2004, p.155). Esse é o contexto em que a psicanálise e o direito se encontram, pois que se coloca o problema da propriedade de cada indivíduo, o corpo e as relações desse corpo, desse sujeito com o corpo do outro, intermediado por relações sociais e discursivas.

O Sujeito da psicanálise, a que Lacan se refere, produz-se como efeito de uma articulação entre os Outros: o Outro do sistema significante, da linguagem e da Lei de um lado; e o Outro que é o corpo “gozante”, incapaz de encontrar um lugar nas trocas simbólicas e que aparece nas linhas do texto, ma fala do sujeito, como pressuposto. (GRASSI, 2004, p.155)

O que Grassi (2004) mostra é que o *gozo* é um excesso (*trop*) traumático de excitação (*trop-matisme*) que vai além do sistema amortizante das representações, dos significantes e que constitui o lugar do Outro, criando uma lacuna no simbólico, tornando o real insuportável.

Esse gozo vem do exterior, pelo Outro que é interiorizado, portanto, o Outro no interior de si mesmo (*d’extérioritéintérieure*), representante do Um que se resignou por entrar no mundo das trocas e da reciprocidade. Essa posição de “exterioridade interior” está muito próxima do que Freud chamou de Isso (*Ça*) e é topologicamente definido por Lacan como *extimité*. (GRASSI, 2004, p.156)

Temos a ideia de que o *gozo* vem do exterior, como demonstrado acima, mas também que ele não deriva só de uma interiorização desse Outro. A sexualidade afeta o corpo em seu interior e exterior, na relação do *gozo* perverso do Outro em seu corpo. Assim, temos que pensar a Dor do gozo do corpo.

Segundo Grassi (2004), para Lacan, o corpo não é somente a *res extensa* de Descartes que se opõe à substância pensante e, sim, feito para gozar como uma máquina de gozo, o homem-máquina¹⁵. No que se refere ao corpo das pulsões, este é um corpo

¹⁵ A expressão *homem-máquina* é o título de uma obra escrita por Julien Offray de La Mettrie. Médico que viveu no séc. XVIII, publicou várias obras e, em 1748 escreveu ‘*O homem-máquina*’. Dois anos antes, escreveu *A volúpia*, livro depois em parte retomado em *A arte de gozar*, em que defende a ideia de que o homem tem como vocações essenciais o prazer, principalmente o prazer dos sentidos, vocação que ele compartilha com os animais, e a volúpia, algo de especificamente humano, um prazer sublimado, que o homem desfruta depois do prazer, gozando o gozo, por assim dizer, e mais prolongado que o prazer.

livre de silêncio e repleto de tensões. “Esse Gozo dos sentidos constitui a face mais bem-escondida e a mais aparente da relação que se estabelece entre saber, ciência e técnica médica sobre o corpo”. (GRASSI, 2004, p.158)

O campo da Medicina surge como um reflexo da doença, na busca de um saber sobre o sofrimento dos corpos. Saúde e fisiologia aparecem em segundo plano, como preocupação, isto é, após a patologia. A Medicina busca definir seu objeto no (re)estabelecimento de bem, de adaptação e de equilíbrio para os quais podemos estabelecer um correlato, segundo Grassi (2004), com o ideal de princípio de prazer, da menor tensão, da constância, trabalhados por Freud.

O que Lacan chama de *jouissance* é, no sentido do que o corpo experimenta, da ordem da tensão, por isso há gozo quando começa a aparecer dor, e ele diz que não é senão pela dor que se pode experimentar toda uma dimensão da origem que, de outro modo, ficaria deformada. Por isso falamos que o sintoma goza. (GRASSI, 2004, p.158)

Dentro de uma lógica que podemos estabelecer na “curtição” em uma festa *rave*, que passa a extravasar as capacidades do corpo, na dança, portanto, na busca de um gozo desse corpo, na dor desse corpo, observamos que neste caso não há uma preocupação com o ‘gozo’ da boa saúde. O uso da droga, como o ecstasy, leva o indivíduo a intensificar ou a imaginar estar intensificando esse gozo, um gozo prolongado.

Diferentemente do gozo no prazer sexual masculino, concentrado no falo e no momento da experiência sexual vivida, a medicina está dividida entre os objetivos do prazer e do gozo, erguendo barreiras ao gozo, ao desconsiderá-lo como uma dimensão da experiência.

Os estímulos podem ser internos, o que Freud chama de instituais, como a fome que gera um desprazer de tensão. Estímulos podem, também, ser externos, que imprimem um impacto momentâneo no organismo. O primeiro, interno, é caracterizado por uma situação de necessidade orgânica que precisa ser satisfeita. Assim, o prazer é da ordem de redução da tensão da necessidade orgânica, deixando para nós, quando crianças, um traço mnésico como forma de representação pulsional.

(Rouanet, Sergio P. “O Homem-Máquina Hoje”. In: NOVAES, Adauto (org.). **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003)

Diante de uma nova condição de tensão pulsional, a representação será reativada e reinvestida. Disso decorre que, para Grassi (2004), não existe satisfação na realidade, pois a dimensão do desejo não tem outra realidade senão a psíquica.

Em Lacan, segundo Grassi, o desejo é exatamente a falta que não pode ser preenchida por um objeto real, “não só porque essa realidade psíquica apenas alcança a necessidade (e não o desejo), mas porque o que temos daquilo que desejamos primordialmente, e que tivemos que abrir mão (...), não podem ser se não objetos substituídos”. (2004, p.160)

A centralidade na questão do desejo, que se diferencia da necessidade, é a presença do Outro, aquele que torna possível a primeira experiência de satisfação pulsional bem como suas repetições. Dessa forma, o desejo surge no registro de uma relação simbólica com o Outro, por meio do desejo do Outro.

4. CAPÍTULO III - A DESCOBERTA DA *SEXUALIDADE* NA FORMAÇÃO DA MASCULINIDADE.

As questões de gênero e sexualidade mudaram com o tempo, variam consideravelmente conforme culturas e instigam uma série de reflexões. Na contemporaneidade, fala-se da crise do macho, por exemplo, no enfrentamento de novos papéis sociais a afloramento do desejo e das fantasias. Há controvérsias sobre vantagens e desvantagens das transformações sociais ao longo da história, muitas vezes apoiada pela ciência, para homens e mulheres. Há também uma multiplicidade de papéis e de combinações entre sexo, gênero, aparência física e preferências sexuais sem precedentes.¹⁶

A Masculinidade, como uma das representações do significado do “ser homem”, traz, em si, a *Sexualidade*, como um componente de sua construção. Discutida em diversas perspectivas, a sexualidade pode ser compreendida pela discursividade do senso comum, bem como pela elaboração de diversos campos de saber, como a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia, a História, a Medicina, entre outras ciências possíveis.

Ao falar de sexualidade, o mote parte da perspectiva de um imaginário formulado no senso comum, em que ela é vista como algo da ordem do instinto natural, do sexo, peculiar a todas as espécies humanas e, além de tudo, é, a partir do século XIX, que se fortaleceu a ideia fundamental de que a sexualidade não era apenas um instinto natural relacionado ao instinto reprodutivo, mas também uma pulsão psíquica que é fundamentalmente, de acordo com Heilborn (2009), a ideia matriz da psicanálise desenvolvida por Freud.

Do ponto de vista das ciências sociais, como em qualquer outra ciência que procura explicar o mundo, a partir de suas premissas e, a partir do olhar da Sociologia, da Antropologia e da Psicologia, chamamos a atenção para o fato de que qualquer manifestação da sexualidade se fará, necessariamente, por meio de um código natural de regras que são geralmente inconscientes para os sujeitos que as seguem. Portanto, esse código não é da ordem do consciente das pessoas, mas modela as regras naturais como se fossem tabus sexuais; que modelam o comportamento das pessoas, de tal maneira que isso não diz respeito somente ao que de fato seria sexual, o encontro de duas pessoas para a obtenção e produção de prazer.

¹⁶ GOUVEIA, Flávia. “O posto do oposto: há uma crise dos gêneros na contemporaneidade?”. In: Revista Eletrônica **Luz**. Consultado em 14 de janeiro de 201, edição de nº 2.

Como se essa fosse a definição de sexualidade, tendo em torno de si um conjunto de outros elementos culturais que têm a ver com concepções de beleza, atração, contatos corporais permitidos, sensações corporais, como satisfação, medo, nojo, a sensação de que o contato com determinadas partes do corpo, ou com fluidos do corpo, que, em um algum momento do ato sexual, podem ocorrer, sendo, em determinados contextos culturais, considerados aceitáveis, desejáveis, eróticos, ou absolutamente desagradáveis, produtores de um mal-estar nesse encontro entre pessoas que estão praticando o ato sexual.

O objetivo deste capítulo é fazer um estudo da Sexualidade, para chegarmos próximos de sua definição, como categoria de análise, na busca de compreender a formação e a construção das Masculinidades. Ao estabelecer o recorte da sexualidade masculina, não estaremos deixando de fora a sexualidade feminina, pois homens e mulheres constroem suas sexualidades e as tornam visíveis, ou não, em um cenário culturalmente construído e socialmente demarcado, a partir das relações de gênero.

Também não estaremos deixando de lado a possibilidade de compreender a sexualidade masculina numa visão múltipla, pois podemos identificar, nas relações sociais, a existência não de uma, mas de várias masculinidades.

Utilizando as ideias de dois autores, como pilares de nossa discussão, verificamos que a sexualidade e seu processo de categorização como construção histórica, passa por uma concepção que se estrutura na articulação entre saberes e poderes relacionados às práticas do falar sobre o sexo. Deparamo-nos, então, com a *História da Sexualidade* trabalhada por Michel Foucault (1988) e *Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*, de Thomas Laqueur (2001), ao pensar o sexo como uma invenção social.

Em Thomas Laqueur (2001), encontraremos a discussão acerca da polêmica que intriga vários campos das ciências humanas e biológicas, a *diferença* entre os sexos. Laqueur chama a atenção para o fato de que as relações sociais de sexos não são a-históricas e que isso leva a romper com qualquer perspectiva naturalista ou biologizante. Por meio de análises de discursos sobre o corpo, a fisiologia reprodutiva e as relações entre os sexos, Laqueur demonstra como as variadas formas de se pensar a diferença entre os sexos pouco tiveram a ver com o progresso da ciência. Isso nos proporciona a possibilidade de enxergar o quanto, nos dias de hoje, as ciências se apoderam desse saber no estabelecimento dessas diferenças.

Com base nos estudos de Thomas Laqueur (2001), percebemos que o sexo, que irá se encaminhando para o campo biológico, é uma construção discursiva dentro de contextos historicamente determinados. Assim, podemos estabelecer uma aproximação com as ideias de Michel Foucault (1988) que atribui essa mesma perspectiva em relação à sexualidade, no sentido de que esta passa a ter uma concepção discursiva.

Percorremos os caminhos traçados por Michel Foucault na obra “A história da sexualidade 1 – a vontade de saber”, na qual encontramos um tratado sobre a sexualidade que mostra o percurso pelo qual vão sendo criados discursos acerca do sexo, fazendo com que ele deixe de ser algo censurado, reprimido com o advento do capitalismo, para ser algo exposto, isto é, com o nascimento das ciências humanas o sexo passa a ser incitado a se confessar, a se manifestar. A proliferação desses discursos se deve a um poder que convida a nos pronunciar sobre nossa sexualidade, impostos pelas instituições, como a escola, a igreja, a família e o consultório médico e saberes, como a demografia, a biologia, a psicologia, a psiquiatria, entre outras.

Portanto, neste capítulo, estabelecemos uma relação de aproximação entre os dois autores, no sentido de complementaridade dos estudos realizados, que nos proporcionaram uma visão mais ampliada da formulação da sexualidade.

4.1 Sexualidade: o sexo expresso *pelos e nos* discursos.

Ao nos depararmos com os estudos de Foucault (1988), podemos fazer um conjunto de questionamentos para compreendermos a sexualidade como expressão da masculinidade. Assim, em pleno século XXI, questionamos as formas pelas quais somos incitados a falar de sexo e em que local falarmos de sexo. O falar de sexo deixou de ser algo reprimido *pelos e nas* instituições para se banalizar nas relações interpessoais? O fazer sexo, ainda se limita ao espaço do privado, ou ultrapassou os limites do público? E no campo virtual, quais as possibilidades do falar de e sobre o sexo?

Na busca de algumas respostas a essas inquietações, utilizamos a obra de Foucault – *A História da sexualidade I: a vontade de saber* - como base para as discussões e a compreensão de como a sexualidade masculina é hoje vivenciada em um determinado contexto.

As análises das falas proferidas por nossos interlocutores demonstram como suas práticas sociais dão significados à elaboração de suas masculinidades. A sexualidade é

parte dessa elaboração e Foucault mostra o quanto os discursos vão refletir essas práticas e como as palavras dão significados a tudo aquilo que se pratica. Razão pela qual podemos afirmar que elas dão significados às práticas.

Comparando os discursos sobre sexo, proferidos entre os séculos XVII e XIX, Foucault mostra que, no primeiro, o que vigorava era certa franqueza, as palavras eram ditas sem reticências excessivas, com gestos diretos, discursos sem vergonha e transgressões visíveis. E, num rápido “crepúsculo” até as noites da burguesia vitoriana, veremos a sexualidade sendo cuidadosamente encerrada.

Para Foucault (1988), a sexualidade será confiscada pela família conjugal, tornando-a algo agora no campo das práticas privadas das quatro paredes do quarto, sendo ela um objeto que tem por função a reprodução. “O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo”. (1988, p.9)

Há a ideia de que o que não é regulamentado para a geração ou por ela transfigurado, não possui sentido ou lei e nem verbo, sendo, ao mesmo tempo, expulso, negado e reduzido ao silêncio.

O que se está mostrando é que a sexualidade, ou o falar de sexo, torna-se parte de um processo de uma hipótese repressiva, diferente das interdições da lei penal, mas que funciona como condenação ao desaparecimento, ou como injunção ao silêncio e afirmação de inexistência, o que comprovaria que não há nada para se dizer, nem para ver e muito menos para saber.

Em algumas exceções e concessões, era preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, de modo que tais sexualidades foram reinscritas em outros lugares, que não podendo ser do circuito da produção, que fossem pelo menos do lucro. Esses locais “alternativos” eram os bordéis, com as prostitutas, o cliente, o rufião. Era também o sanatório com os psiquiatras e suas histéricas. “O prazer a que não se alude para a ordem das coisas que se contam; as palavras, os gestos, então autorizados em surdina, trocam-se nesses lugares a preço alto”. (FOUCAULT, 1988, p.10)

Se, no passado, o “sexo selvagem” só teria possibilidades em dados lugares e, portanto, em algumas formas do real e em tipos de discursos que eram clandestinos, circunscritos e codificados, sendo que fora destes locais o puritanismo impôs seu tríplice decreto: interdição, inexistência e mutismo; perguntamos: nos dias atuais, como

o puritanismo impõe seus decretos?; quais são os lugares em que o “sexo selvagem”¹⁷ pode ser realizado sem pudores, na atualidade?

Foucault (1988) explica que a repressão foi, desde a época clássica, o elemento de ligação entre poder, saber e sexualidade e que esta só podia ser liberada a um preço altíssimo. Seria necessária toda uma suspensão das interdições e transgressões das leis, uma irrupção da palavra e, por fim, uma restituição do prazer. Isso tudo condicionado a uma nova economia dos mecanismos de poder e a uma verdade condicionada politicamente.

Aqui, o que está em jogo é o discurso sobre a repressão moderna do sexo que se sustenta por ser facilmente dominado. “Uma grave caução histórica e política o protege; pondo a origem da Idade da Repressão no século XVII, após centenas de anos de arejamento e de expressão livre” (FOUCAULT, 1988, p.11).

Para Foucault, a repressão do sexo se dá com tanto rigor, pelo fato de ser incompatível com a colocação no trabalho, geral e intensa, pois há uma grande exploração da força de trabalho. Assim, o sexo é reduzido ao mínimo de prazeres, tornando-se somente parte de um processo de reprodução, o que torna sua repressão facilmente analisável.

No sentido oposto, a sua liberdade, o seu conhecimento e o direito de falar dele estão associados a uma causa política, tornando-se legítimo e inscrevendo o sexo no futuro. Dessa forma, se o sexo é reprimido, portanto, levado à inexistência, ao mutismo, à proibição, o simples fato de se falar dele demonstra um ar de transgressão deliberada.

Podemos, então, tomar como base que, nos dias atuais, o falar de e sobre sexo está ligado, como Foucault (1988) mostra, não só a uma incidência econômica, mas a sua existência em um discurso no qual o sexo é a revelação da verdade, em que a inversão da lei do mundo associa-se à promessa de um novo mundo pautado na felicidade.

A idéia do sexo reprimido, portanto, não é somente objeto de teoria. A afirmação de uma sexualidade que nunca fora dominada com tanto rigor na época da hipócrita burguesia negociadora e contabilizadora é acompanhada pela ênfase de um discurso destinado a dizer a verdade sobre o sexo, a modificar a economia real, a subverter a lei que rege, a mudar o futuro. (FOUCAULT, 1988, p.13)

¹⁷ Sexo Selvagem no sentido de uma relação sem compromisso, subversiva, que foge dos padrões permitidos explicitamente.

A sexualidade pode ser analisada em um processo histórico que mostra toda a hipocrisia de uma sociedade que fala prolixamente de seu próprio silêncio, que não questiona o porquê de sermos reprimidos, mas porque dizemos durante todo tempo, passado, presente e futuro, que somos reprimidos.

Nesse campo, Foucault (1988) elabora três questionamentos ou dúvidas sobre a “hipótese repressiva”: a primeira - “a repressão do sexo seria, mesmo, uma evidência histórica?”; a segunda é - a “mecânica do poder e, em particular, a que é posta em jogo numa sociedade como a nossa, seria mesmo, essencialmente, de ordem repressiva?” e, enfim, a terceira - o “discurso crítico que se dirige à repressão viria cruzar com um mecanismo de poder, que funciona até então sem contestação, para barrar-lhe a via, ou faria parte da mesma rede histórica daquilo que denuncia chamando-o de repressão?” (1988, p.15)

Feitos esses questionamentos “hipotéticos”, o que está em jogo é saber se as sociedades burguesas se beneficiaram dessa repressão, ou, ao contrário, de um regime de libertação. Se o poder em nossa sociedade é mais tolerante do que repressivo e de ruptura de um processo muito mais antigo do que ela, ou, ainda, como uma forma de artimanha de atenuação das interdições para a manutenção do poder.

Ainda, há a necessidade de opor à hipótese repressiva dúvidas que têm por objetivo não mostrar que essa hipótese é falsa, mas recolocá-la no que o autor chama de economia geral dos discursos sobre o sexo, no interior das sociedades modernas. São elas: “Por que se falou de sexualidade, e o que se disse disso? Quais as relações entre esses discursos, esses efeitos de poder e de prazeres nos quais se investiam? Que saber se formava a partir daí?” (FOUCAULT, 1988, p.16).

Daí o fato de que o ponto essencial (...) não é tanto saber o que dizer ao sexo, sim ou não, se formular-lhe interdições ou permissões, afirmar sua importância ou negar seus efeitos, se policiar ou não as palavras empregadas para designá-lo; mas levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz, em suma, o ‘fato discursivo’ global, a ‘colocação do sexo em discurso’ (FOUCAULT, 1988, P.16)

Temos as condições dadas para pensar a masculinidade pertencente a uma sexualidade construída também com bases nas práticas discursivas. Assim, ao descobrir quais são essas bases discursivas, quais os canais, os fluidos que levam a compreender

as condutas dos indivíduos e como os sujeitos conduzem suas práticas, estaremos compreendendo a sexualidade presente na masculinidade.

Entramos agora no que Foucault denomina de “a incitação aos discursos” em que busca analisar o início da sociedade burguesa, como uma sociedade marcada por uma repressão que se exerce sobre seus membros, no exercício do controle, e que, para tal façanha, é necessário reprimir o sexo em nível de linguagem, controlar sua livre circulação no discurso.

Considerando as mudanças que vêm ocorrendo durante esses últimos séculos, as transformações que ocorreram em torno e a propósito do sexo, motivaram uma verdadeira explosão discursiva. Por um lado, “pode ser que se tenha codificado toda uma retórica da alusão e da metáfora. Novas regras de decência, sem dúvida alguma, filtraram as palavras: polícia dos enunciados.” (FOUCAULT, 1988, p.21) Por outro, temos a possibilidade de um controle das enunciações, em que se define, de forma escrita, onde e quando não era possível falar sobre sexo, em quais situações, entre quais locutores, e em que relações sociais, estabelecendo-se zonas de absoluto silêncio.

Em nível de discurso e de seus domínios, houve um processo inverso, pois os discursos não cessaram de proliferar, durante o século XVIII, não como uma multiplicação dos discursos ilícitos como formas de zombarias aos novos pudores. Há, sim, um cerceamento das regras de decência que provoca um contrafeito, uma valorização e uma intensificação do discurso indecente.

O essencial é compreendermos que a multiplicação dos discursos sobre o sexo está associada ao campo do exercício do poder, uma incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais, “obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado” (FOUCAULT, 1988, p.22).

Historicamente, Foucault (1988) mostra que é necessário considerar a evolução da pastoral católica e do sacramento da confissão, depois do Concílio de Trento¹⁸. A partir de então, vão progressivamente sendo cobertas as exposições das questões que foram formuladas na Idade Média como normas de confissão. Evita-se entrar em questões de foro íntimo do ato sexual em sua execução.

¹⁸ O Concílio de Trento, realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico. É considerado um dos três concílios fundamentais na Igreja Católica. Foi convocado pelo Papa Paulo III para assegurar a unidade da fé e a disciplina eclesiástica no contexto da Reforma da Igreja Católica e a reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, razão pela qual é denominado como Concílio da Contra-Reforma.

Porém, o controle da língua, a extensão da confissão e da confissão sobre a carne continua a crescer como ato obrigatório nos países católicos, como forma de penitência aos pecados de insinuações aos desejos da carne.

Assim, temos que:

O sexo segundo a nova pastoral, não deve ser mais mencionado sem prudência; mas seus aspectos, suas correlações, seus efeitos devem ser seguidos até as mais finas ramificações: uma sombra no devaneio, uma imagem expulsa com demasiada lentidão, uma cumplicidade mal afastada entre a mecânica do corpo e a complacência do espírito: tudo deve ser dito. (FOUCAULT, 1988, P.23)

Isso mostra que os pecados estão associados aos prazeres da carne, ocorrendo um deslocamento do ato em si para a inquietação do desejo, pois é esse o momento que deve ser controlado por um discurso obediente e atento, segundo seus desvios, que revela o exato momento da junção entre corpo e alma, fazendo com que haja seu controle.

É aí, talvez, que pela primeira vez se impõe, sob a forma de uma constrição geral, essa injunção tão peculiar ao Ocidente moderno. Não falo da obrigação de confessar as infrações às leis do sexo, como exigia a penitência tradicional; porém da tarefa, quase infinita, de dizer, de se dizer a si mesmo e de dizer a outrem, o mais freqüente possível, sensações e pensamentos inumeráveis que, através da alma e do corpo tenha alguma afinidade com o sexo. Este projeto de uma colocação do sexo em discurso formara-se há muito tempo, numa tradição ascética e monástica. (FOUCAULT, 1988, P.24)

O século XVII irá influenciar todos os outros, no sentido de uma imposição direta da pastoral em determinar a confissão, como algo obrigatório. Não somente dizer o que se consumou como ato sexual, mas também os toques sensuais, os olhares impuros, todas as palavras obscenas, bem como os desejos, o que, portanto, estará mediando o controle da sexualidade.

A pastoral cristã procurava produzir efeitos de sentido sobre o desejo, quando este era colocado integralmente e aplicadamente em discurso, apresentando-se com efeitos de domínio e de desinteresse, mas também com efeito de reconversão espiritual, sentidos no próprio corpo.

É interessante notar que, quando perguntado para os sujeitos da pesquisa da necessidade do uso de MDE, ou do seu uso, mesmo na forma recreativa, grande parte das respostas eram dadas fazendo-se uma referência divina, como: - *nunca, graças a Deus*; o que mostra a ideia de um controle espiritual da sua sexualidade/virilidade.

O que se tem é uma censura sobre o sexo, não o que o constitui, mas é, na realidade, o que se denomina enquanto aparelhagem para produzir discursos sobre o sexo, em condições cada vez maiores, susceptíveis de funcionar e de serem efeitos de sua própria economia.

Essa forma de controle por intermédio de uma técnica não fica somente ligada a uma espiritualidade cristã ou à economia dos prazeres individuais, ela é apropriada e relançada por outros mecanismos. Mecanismos de poder que se apropriam do falar sobre o sexo.

No século XVIII, o falar do sexo é incitado no campo da política, da economia e da técnica, não como uma teoria da sexualidade, mas com base em elementos científicos de pesquisas quantitativas e casuais, sob forma de análise, contabilidade, de classificação e de especificação.

O falar do sexo passa a ter uma nova conotação que não seja a de moral. Passa-se a formular um discurso sobre o sexo, com base na racionalidade, em nome da qual se deve falar do sexo, e de falar publicamente, procurando, agora, não demarcar a relação entre o lícito e o ilícito. Assim, o falar do sexo não pode ser algo que se condena, ou se tolera, mas se gere e se insere em sistemas de utilidade, regulando-o para o bem de todos.

No século XVIII o sexo se torna questão de 'polícia'. Mas no sentido pleno e forte que se atribui então a essa palavra – não como repressão da desordem e sim, como majoração ordenada das forças coletivas e individuais: 'fortalecer e aumentar, pela sabedoria dos seus regulamentos, a potência interior do Estado e, como essa potência consiste não somente na república em geral, e em cada um dos membros que a compõem, mas ainda nas faculdades e talentos de todos aqueles que lhe pertencem, segue-se que a polícia deve ocupar-se inteiramente desses meios e fazê-los servir à felicidade pública. (FOUCAULT, 1988, pp.27-28)

A fala sobre sexo se torna uma coisa pública, por meio da qual são utilizadas técnicas de poder para o controle do indivíduo. No século XVII, vemos o surgimento da 'população' que passa a ser tratada como uma questão econômica e política. Temos: população riqueza, população mão-de-obra, população em equilíbrio entre seu crescimento e fontes de produção.

A preocupação, agora, em um processo de produção capitalista, passa a ser não mais o sujeito isolado, nem este como povo, mas a população com seus fenômenos específicos, que vão ter uma conotação sistemática e metodológica de investigação.

Surgem variáveis de análise e interpretação, como natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência de doenças, formas de alimentação e de habitat.

Foucault (1988) nos mostra que essas variáveis estabelecem uma intersecção entre os movimentos próprios à vida e os efeitos que as instituições irão exercer sobre os indivíduos. Isso já é característica de um desenvolvimento impulsionado pelo processo produtivo industrial, de seus produtos e das instituições, em suas formas variadas, que são instituídas na consolidação da sociedade moderna.

Assim, temos que o cerne do problema, gerado e impulsionado pela e na sociedade moderna, é o sexo. Segundo Foucault, temos que analisar

a taxa de natalidade, a idade do casamento, os mecanismos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecunda ou estéreis, o efeito do celibato ou das interdições, a incidência das práticas. (1988, p.28)

O que iremos encontrar é uma sociedade, que, na fase mercantilista, afirmava a necessidade de um povoamento e que é agora uma sociedade que busca o gerenciamento do controle da população. Assim, constrói-se um discurso em que a conduta sexual é tomada como objeto de análise para, em seguida, sofrer intervenção. As análises transitam entre o biológico e o econômico, levando, também, ao surgimento de campanhas de gerenciamento do comportamento sexual dentro de uma conduta econômica e política deliberada.

O Estado aparece como um elemento fundamental no controle das práticas sexuais. É ele que vai buscar saber o que se passa com o sexo dos cidadãos e o uso que eles fazem, por uma disputa pública do sexo na qual uma teia de discursos, saberes e de injunções será investida.

A produção de discursos projeta-se nas instituições, como por exemplo, nas escolas. Nelas, vão ser elaborados dispositivos para a disciplina e a organização de seu funcionamento, que se trata continuamente de sexo. As formas dos espaços da sala, o recreio, a distribuição das carteiras, dos dormitórios, os regulamentos elaborados para a vigilância são alguns exemplos de como o falar do sexo se torna algo extremamente regulamentado.

Os médicos, como também visto em Laqueur (2001), são portadores de um saber e exercerão um controle sobre as práticas sexuais através de conselhos dados a professores, à família, aos pedagogos e a outras autoridades.

Seria inexato dizer que a instituição pedagógica impôs um silêncio geral ao sexo das crianças e adolescentes. Pelo contrário, desde o século XVIII ela concentrou as formas do discurso neste tema; estabeleceu pontos de implantação diferente; codificou os conteúdos e qualificou os locutores. Falar do sexo das crianças, fazer com que falem dele os educadores, os médicos, os administradores e os pais. Ou então, falar do sexo com as crianças, fazer falarem elas mesmas, encerrá-las numa teia de discurso que ora se dirigem a elas, ora falam delas, impondo-lhes conhecimento canônico ou formando, a partir delas, um saber que lhe escapa – tudo isso permite vincular a intensificação dos poderes à multiplicação do discurso. (FOUCAULT, 1988, P.32)

Fica claro que, no século XVIII, o sexo das crianças e dos adolescentes passa a ter uma importância, como foco dos dispositivos de controle institucionais e estratégias discursivas. Mas também há de se observar que este não foi o único foco de estratégias discursivas. O falar do sexo passa por outras formas ou instâncias discursivas que se expressam de forma múltipla, entrecruzadas, sutilmente hierarquizadas e articuladas.

Como em Foucault (1988) e em Laqueur (2001), a partir do século XVIII e/ou século XIX, entra em atividade, para suscitar os discursos, a Medicina, por intermédio das doenças dos nervos. Logo em seguida, temos a Psiquiatria que trabalha inicialmente ao lado da “extravagância”, depois do onanismo, mais tarde, da insatisfação e das fraudes contra a procriação, da etimologia das doenças mentais e, por último, no seu domínio exclusivo das perversões sexuais.

Veremos, também, que outras instituições vão se preocupar com a sexualidade, como é o caso da justiça penal, no que diz respeito a crimes hediondos, e, mais tarde, preocupar-se-á com coisas de menor importância.

Ficou claro que os discursos sobre o sexo se multiplicaram dentro do poder ou contra ele, exatamente onde ele se exercia e como meio para seu exercício. Foram sendo criadas incitações a falar, dispositivos para se ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular. Em um período histórico tão curto, como nesses três últimos séculos, nunca se acumulou uma quantidade tão grande de discursos sobre o tema.

Não é, portanto, simplesmente em termos de extensão contínua que se deve falar desse acréscimo discursivo; ao contrário, deve-se ver aí a dispersão dos focos de onde tais discursos são emitidos, a diversificação de suas formas e o desdobramento complexo da rede que os une. (FOUCAULT, 1988, p.35)

O que Foucault nos revela é que no lugar de se esconder o sexo, no lugar de uma linguagem recalcada, os três últimos séculos mostram uma característica de variáveis para se falar sobre o sexo. Encontramos uma incitação ao discurso regulada e polimorfa.

Serem os discursos regulados e polimorfos não significa um fator meramente quantitativo, mas que a colocação do sexo no discurso não estaria direcionada no sentido de afastar das realidades formas de sexualidade insubmissas a uma dada economia da reprodução. Com tais discursos, multiplicaram-se as condenações judiciais das perversões menores, além disso, vinculou-se a irregularidade sexual à doença mental. Da infância à velhice cria-se uma norma do desenvolvimento sexual. Organizam-se controles pedagógicos e tratamentos médicos, enfim, todo um tratamento em torno da sexualidade.

Diante dessa colocação, Foucault faz observações sobre aquilo que torna explícita toda uma propensão ao controle das práticas sexuais com objetivos bem definidos. Primeiro, ele questiona se não foram reabsorvidas “em proveito de uma sexualidade centrada na genitália tantos prazeres sem fruto?” e, num segundo momento, se toda a atenção despendida em torno da sexualidade não estaria “ordenada em função de uma preocupação elementar; assegurar o povoamento, reproduzir a força de trabalho, reproduzir a forma das relações sociais”, isto é, fazer da sexualidade um objeto “economicamente útil e politicamente conservadora?”. (1988, pp. 37-38)

Foucault (1988) não afirma saber se o objetivo, de fato, foi o descrito acima. Para ele, os séculos XIX e XX foram os tempos da multiplicação que levou a uma dispersão de sexualidades, de implantações múltiplas das perversões, sendo nossa época, a época de heterogeneidades sexuais.

Três grandes códigos regiam as práticas sexuais até o século XVIII, que são: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. O objetivo desses códigos era o de estabelecer uma linha divisória entre o lícito e o ilícito. Esses códigos são centrados nas relações matrimoniais, portanto, na lógica do dever conjugal, na capacidade de desempenhá-lo, regulamentando as violências e as carícias inúteis ou indevidas, a questão da reprodutividade, entre outras.

O sexo dos cônjuges era sobrecarregado de regras e recomendações, e todo o foco de constrições se projetava na relação matrimonial, que passa a estar em estreita vigilância.

Esses códigos não demonstravam uma distinção clara entre as infrações às regras das alianças e os desvios em relação à genitalidade. A condenação era posta em prática

toda vez que se procurava romper com as leis do casamento, ou procurar prazeres estranhos.

“Na lista dos pecados graves, separados somente por sua importância, figuravam o estupro (relações fora do casamento), o adultério, o rapto, o incesto espiritual ou carnal, e também a sodomia ou a ‘carícia’ recíproca” (FOUCAULT, 1988, p. 38). Homossexualidade, infidelidade, casamento sem consentimento dos pais e bestialidade eram de responsabilidade de condenação dos tribunais.

No que diz respeito à ordem civil como à ordem religiosa, o que se levava em conta era o ilegalismo global, isto é, o que demonstrava ir ‘contra-a-natureza’ era marcado por uma abominação particular. Assim, as proibições relativas ao sexo estavam na ordem jurídica, sendo que a natureza era ainda uma espécie de direito.

É dentro de um sistema centrado na aliança legítima que veremos uma explosão discursiva, presente nos séculos XVIII e XIX, que provocará duas modificações: a primeira, no sentido de afunilamento das práticas de relações, pautadas na monogamia heterossexual. Isso leva a um apontamento do campo das práticas e dos prazeres ao estabelecimento de uma regra interna. O falar de sexo ocorre cada vez menos, de modo mais sóbrio, levando o casal legítimo, com uma sexualidade regular, a ter maior discrição.

No contrapeso dessa formalização, o que vai se interrogar é a “sexualidade das crianças, dos loucos e dos criminosos; é o prazer dos que não amam o outro sexo; os devaneios, as obsessões, as pequenas manias e as grandes raivas.”? (FOUCAULT, 1988, P.39)

Isso nos leva a uma segunda modificação, que ocorre dentro da dimensão específica da “contra-natureza” do campo da sexualidade. Outras formas que eram condenadas passam a conquistar sua autonomia, como é o caso do adultério, ou o rapto. O casamento com um parente próximo, a prática da sodomia, a sedução de uma religiosa, o fato de enganar uma mulher ou a violação de um cadáver vão, segundo Foucault (1988) se tornando algo diferente.

No que diz respeito à ordem civil, desfaz-se a confusão categórica da “devassidão”, surgindo, por um lado, as infrações à legislação ou à moral, em relação ao casamento e à família. Por outro lado, danos à regularidade de um funcionamento natural das relações e práticas sexuais.

As leis matrimoniais e as regras da sexualidade vão, ao longo do século XVII, sofrendo alterações em suas formas de controle social. Um mundo de perversões surge

como forma de desregular o ato legal ou moral, aparecendo toda uma “gentalha” diferente para desmoralizar os interstícios da sociedade.

O que significa, para Foucault, o surgimento de todas essas sexualidades periféricas? O fato de essas sexualidades poderem se apresentar, de forma mais explícita, e à luz do dia, é um sinal de que as regras perderam seu valor? Ou, ao contrário, pelo fato de elas chamarem tanto a atenção se faz necessário o exercício de um controle direto?

Ao elaborar esses questionamentos, Foucault (1988) abre o caminho para uma definição da sexualidade na atualidade, que se inicia pela repressão.

Em termos de repressão as coisas são ambíguas: teremos indulgência, se pensarmos que a severidade dos códigos se atenuou consideravelmente, no século XIX, quanto aos delitos sexuais e que frequentemente a própria justiça cede em proveito da medicina; mas teremos um artil suplementar da severidade, se pensarmos em todas as instâncias de controle e em todos os mecanismos de vigilância instalados pela pedagogia ou pela terapêutica. (Foucault, 1988, p.40)

O relevante para o autor não é o que se encontra no nível de indulgência ou de repressão, mas na forma de poder exercido, isto é, utiliza-se o exercício de controle da sexualidade, levando a condições de vegetação, para se exercer o controle e o domínio das práticas sociais. Assim, ocorrerão quatro operações bem diferentes da simples proibição: a primeira, nas considerações às velhas proibições de alianças consanguíneas, a condenação do adultério e os recentes controles exercidos sobre as crianças e seus hábitos solitários.

Nessa primeira forma de proibição, segundo Foucault (1988), não há uma forma de mecanismo de poder, não pelo fato de termos a Medicina e a lei como formas de interdição, mas o que há é adestramento das crianças em relação às suas práticas. A lei busca punir a prática, no caso do incesto, para que haja o exercício do controle, para a diminuição assintótica daquilo que condena. Portanto, trata-se de um dispositivo de barragem que se organiza em torno da criança.

A segunda forma de proibição se dá em uma espécie de caça às sexualidades, ditas periféricas, que incorporam as perversões, dando novas formas aos indivíduos. A sodomia e a homossexualidade são exemplos de sexualidades periféricas que serão perseguidas. A primeira, por meio de atributos jurídicos, pelos quais o direito civil é a forma de interdito. Já o homossexual do século XIX, vai se tornar uma personagem, com passado, história, infância, caráter, uma forma de vida; também será visto com uma

morfologia, representada por uma anatomia indiscreta e uma fisiologia misteriosa. Assim, nada daquilo que forma o sujeito irá escapar de sua sexualidade.

A mecânica do poder que ardorosamente persegue todo esse despropósito só pretende suprimi-lo atribuindo-lhe uma realidade analítica, visível e permanente: encrava-os nos corpos, introduzi-lo nas condutas, e torna-o princípio de classificação e de inteligibilidade e o constitui em razão de ser e ordem natural da desordem. (FOUCAULT, 1988, p.44)

Esse mecanismo de poder se dá por um processo no qual se disseminam ideias em forma de semear no real, como o próprio Foucault diz, e que os indivíduos vão incorporando. Passado um século, em que mudanças culturais foram intensas, ainda temos a sensação de que muito desse mecanismo de o sujeito ser em sua sexualidade está presente em nossas relações.

Na terceira forma de interdição, o poder exige, para se exercer, “presenças constantes, atentas e, também, curiosas; ela implica em proximidades; procede mediante exames e observações insistentes; requer um intercâmbio de discursos através de perguntas” (FOUCAULT, 1988, p.44) que irão retirar do sujeito toda uma confissão e confiança.

O que Foucault irá nos mostrar nessa terceira interdição é que a sexualidade vai ser apoderada pela Medicina, pois as extravagâncias sexuais estarão engajadas no corpo, transformadas em caráter profundo do indivíduo, sobrepondo-se à tecnologia da saúde e do patológico (FOUCAULT, 1988).

Segundo o autor, o poder irá tomar a seu cargo a sexualidade, assumindo o dever de tocar levemente o corpo, intensificar regiões, eletrizar superfícies, dramatizar momentos conturbados. Monopoliza o corpo sexual, promovendo uma eficácia no domínio sobre o controle, mas também sensualização do poder, beneficiando o prazer.

Temos, então, segundo Foucault (1988), um duplo efeito: por um lado, temos que o poder ganhará impulso pelo seu próprio exercício; o controle vigilante será recompensado por uma emoção que o reforça; a intensidade da confissão relança a curiosidade do questionário; e, por outro lado, o prazer descoberto refluirá em direção ao poder que o cerca.

O poder irá, ainda, funcionar como um mecanismo de apelação, que atrai, extrai as estranhezas pelas quais desvela, e o prazer irá se difundir por meio do poder que o cerceia e que procura fixar o prazer que acabou de desvendar.

Assim temos que:

O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico e os controles familiares podem, muito bem, ter como objetivo global e aparente dizer *não* a todas as sexualidades errantes ou improdutivas mas, na realidade, funcionam como mecanismos de dupla incitação: prazer e poder. Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e, por outro lado, prazer que se abraça por ter de escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar-se ou de resistir. (FOUCAULT, 1988, p.45)

Chegamos, assim, ao quarto mecanismo de interdição o qual Foucault denomina de *dispositivo de saturação sexual*, presente nos espaços e nos ritos sociais do século XIX.

Esses mecanismos estão associados à sociedade moderna que procurou reduzir a sexualidade ao casal heterossexual e, se possível, legítimo. Procurou, também, organizar e fez proliferar grupos com elementos múltiplos e sexualidade circulante, com uma distribuição de pontos de poder hierarquizados ou nivelados, uma busca de prazeres.

A sociedade moderna vai atribuir à família, ou às pessoas da casa, os pais, os filhos e os serviçais, procedimentos de vigilância e controle dos prazeres, tornando-se uma rede de prazeres e poderes articulados, segundo múltiplos pontos e com relações transformáveis.

Vários são os mecanismos utilizados no controle da sexualidade, que irão se incidir na família, de modo a marcá-la pela separação entre adulto e criança nos espaços da casa, como quartos de dormir separados; a segregação entre meninos e meninas; as regras estritas sobre os cuidados com os bebês; a atenção concentrada na sexualidade infantil; os supostos perigos da masturbação; os segredos e os medos. Tudo isso se mostra como uma rede complexa, que está saturada de sexualidades múltiplas, fragmentárias e móveis.

Entendido isso, o passo seguinte é mostrarmos a definição de sexualidade construída por Foucault. A multiplicação do discurso sobre o sexo faz solidificar um despropósito sexual. “De tanto falar nele e descobri-lo reduzido, classificado e especificado justamente lá onde o inseriram procurar-se-ia, no fundo, mascarar o sexo” (FOUCAULT, 1988, P.61).

Foucault mostra que até Freud, no discurso sobre o sexo – o dos cientistas e dos teóricos – fala de um discurso elaborado, no sentido de ocultar o que dele se falava.

“Poder-se-iam considerar todas as coisas ditas, precauções meticolosas e análises detalhadas, como procedimentos destinados a esquivar a verdade insuportável e excessivamente perigosa sobre o sexo”. (Idem, 1988, p. 61)

Assim procurava-se falar do sexo da maneira purificada e neutra da ciência, feita de maneira esquivada, fugindo da demonstração de sua incapacidade ou na recusa em se falar do próprio sexo. O falar do sexo referia-se às aberrações, perversões, extravagâncias, anulações patológicas, exasperações mórbidas.

Além disso, a ciência era algo subordinado a uma moral, cujas classificações se reiteraram com base nas normas médicas. O pretexto era o de dizer a verdade, o que provocava medos, atribuindo à sexualidade um imaginário de males que repercutirão por gerações futuras.

Foucault (1988) mostra, confirmado por Laqueur (2001), que isso se vinculou à prática médica que irá, de maneira insistente e indiscreta, demonstrar suas repugnâncias, no sentido de correr em socorro da lei e da opinião dominante. Assim, o que temos é a elaboração de um discurso sobre o sexo que irá dominar todo o século XIX e entra no século XX como o detentor do saber e do conhecer.

Mais do que a proliferação de um discurso sobre o sexo o que se vê é a apropriação desse discurso pela classe médica que estabelecerá um domínio do saber sobre o sexo. Assim, o ocidente será marcado por uma ciência da sexualidade, o que irá diferenciá-lo do oriente que se dotou de uma *ars erótica*.

A arte erótica é, segundo Foucault (1988), enquanto verdade, extraída do próprio prazer, prazer este que é vivenciado nas experiências. Não é por referência a uma lei absoluta do proibido e do permitido e nem a um critério de utilidade que o prazer é levado em consideração, mas veremos que é exatamente ao contrário. O prazer se dá em relação a si mesmo, segundo sua intensidade, sua qualidade, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma.

Isso leva a se constituir num saber que deve permanecer secreto, “não em uma suspeita de infâmia que marque seu objeto” (FOUCAULT, 1988, p.66), mas pela necessidade de se manter em discrição. Caso contrário, ele perderia sua eficácia e sua virtude. Notamos em nossa pesquisa que, no campo virtual, encontramos resquícios de uma possível arte erótica, quando a sedução de um pelo outro, passa pela condição de convencimento em que uma das partes tem o domínio da arte de fazer sexo e que, portanto, tem o domínio de sua sexualidade, proporcionando prazer ao outro.

Os efeitos dessa arte magistral, bem mais generoso do que se faria supor a aridez de suas receitas, devem transfigurar aquele sobre quem recaem seus privilégios: domínio absoluto do corpo, gozo excepcional, esquecimento d tempo e dos limites, elixir de longa vida, exílio da morte e de suas ameaças. (FOUCAULT, 1988, p.66)

A civilização ocidental não possui a *ars erótica* - ou ainda não possui, ou está à procura de possuir, ou ainda na tentativa de possuir uma – mas, em compensação, pratica uma *scientia sexualis*. É na sociedade ocidental que se desenvolveram, no decorrer dos três últimos séculos, procedimentos que criam uma ordenação em função de uma forma de poder-saber sobre o dizer a verdade a respeito do sexo. Isso se deu por intermédio da confissão.

Confissão que, no dias atuais, foi incorporada nos meios de inter-relacionamentos proporcionados pelas redes sociais virtuais. Espaços que ocultam o olhar cara a cara, ou que, no mínimo, limitam esse olhar, facilitando o processo de falar sobre sexo, de confessar.

Foucault (1988) mostra que a confissão é colocada como um ritual de suma importância na Idade Média, pois dela se espera a produção da verdade. Assim, passa-se por todo um processo de desenvolvimento desse ato em que se vai aperfeiçoando os métodos para se chegar a uma verdade. O indivíduo será autenticado pela referência dos outros e pela manifestação de seu vínculo com outrem. Em seguida, esse indivíduo será “autenticado” pelo discurso da verdade que era capaz de ter sobre si mesmo; a confissão irá se inscrever nos processos de individualização pelo poder, o que leva a fazer da confissão um instrumento altamente valorizado para se produzir a verdade.

É interessante destacar que, em nossa pesquisa, percebemos essa valorização, uma vez que, nas salas de *bate-papo*, cria-se um “clima” em que a confissão, mesmo sendo em caráter virtual, assume a concepção da verdade. O se confessar é o elemento que dá aos usuários a validade e veracidade de si, sendo então reconhecido e aceito pelo outro. O exemplo é que, quando perguntado à pesquisadora se era “casada” ou “solteira”; a resposta era de pouca relevância, mostrando que o que está em jogo é exatamente o falar de si, é mostrar sua intimidade, no sentido de se abrir para o outro.

A confissão irá se difundir amplamente na Justiça, na Medicina, na Pedagogia, nas relações familiares e nas relações amorosas (permitidas e não permitidas). Foucault (1988) mostra e podemos verificar que elas também se difundem quando são confessados os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos; enfim, um leque enorme de possibilidades de se confessar o *eu* mais interno. O que podemos notar é que

de uma confissão imposta pelas e nas instituições, como bem mostrado por Foucault, passa-se a uma confissão imposta pelo desejo de se mostrar para o outro na satisfação de seus próprios desejos.

Constata-se, por meio dos estudos de Foucault, que há uma mudança na literatura: o prazer que está centrado no contar e ouvir narrativas heróicas ou maravilhosas de bravura ou santidade passa para uma busca profunda de si mesmo em que a própria forma de confissão acena como sendo algo inacessível. Na atualidade, os meios de comunicação, mais especificamente as redes de relacionamento em nosso recorte de pesquisa, mostram essa mudança. O contar e ouvir, agora, em grande parte, é um contar e ouvir em que se fala de sexo e de um sexo que procura mostrar-se em sua total intimidade.

Fica claro quando, ao falar de sexo, os sujeitos da pesquisa vão aos pouco se despindo totalmente de seus “pudores”. Alguns de maneira direta convidam a uma seção de sexo virtual, sem ao menos estabelecerem contatos primários. Os mais “comuns” vão preparando o “terreno” para, num dado momento, convidar a interlocutora para uma relação virtual mais íntima; usualmente, o convite propõe uma inserção no *MSN*; menos usual, o convite propõe compartilhar uma sala ou espaço privê, o que ocorreu em uma de nossas incursões.

Por outro lado, Foucault também irá falar de outra maneira de filosofar; a ideia de um procurar a relação fundamental com a verdade, não simplesmente em si mesmo, mas no sentido de um exame de si, na busca de certezas fundamentais da consciência. A confissão, portanto, passa a ser algo obrigatório, sendo imposta de diferentes formas que levam a uma incorporação que nós não percebemos, minimizando as estruturas de poder que estão ao seu redor.

Percebe-se que o que está em jogo não são as relações de poder, mas sim os instrumentos que permitem analisá-las. Assim, a análise só pode ser constituída, liberando-se de certa representação do jurídico-discursiva poder.

Em outros temos, o que distingue uma análise da outra, a que é feita em termos de repressão dos instintos e a que se faz em termos de lei do desejo é, certamente, a maneira de conceber a natureza e a dinâmica das pulsões; não é a maneira de conceber o poder. Uma como a outra recorre a uma representação comum do poder que, segundo o emprego que faz dele e a posição que se lhe reconhece quanto ao desejo, leva a duas conseqüências opostas: seja à promessa de uma “liberação”, se o poder só tiver um domínio exterior sobre o

desejo, seja à afirmação – se for constitutivo do próprio desejo – de que sempre já se está enredado. (FOUCAULT, 1988, p.93)

Foucault irá propor cinco elementos que podem ser utilizados para pensarmos o poder. O primeiro passa pela questão da *relação negativa*, dizendo que, a respeito do sexo, o poder jamais estabelece uma relação que não seja negativa; rejeição, barragem, ocultação e mascaramento, o que faz com que ele não possa fazer nada contra o sexo e os prazeres, ou, no máximo, dizer não. Assim, se produz alguma coisa, que Foucault diz serem falhas, ausências, marcas de fronteiras.

Como segundo elemento, Foucault fala em *instância da regra*, sendo o poder aquilo que dita a lei a respeito do sexo. Sendo assim, o sexo torna-se um regime binário, de lícito e ilícito, permitido e proibido. Em seguida, o poder irá prescrever o sexo dentro de uma ordem, na qual ele, sexo, irá se decifrar a partir de sua relação com a lei. E, por fim, temos que o domínio do poder age sobre o sexo efetuado por meio da linguagem ou ato do discurso.

O *ciclo da interdição*, que aparece como o terceiro elemento, mostra-se como algo que só existirá no segredo, na sombra. Não aproxime, não toque, não consuma, não tenha prazer, não fale. A renúncia de si mesmo, sob pena de supressão daquilo que possui. O poder, nessa concepção, irá oprimir o sexo exclusivamente dentro de um jogo possibilitado por duas alternativas existentes.

Como quarto elemento, temos a *lógica da censura* que supõe que a interdição tome três formas: afirmar que não é permitido, impedir que se diga, negar a existência. A lógica está em ligar o inexistente ao ilícito e ao informulável, fazendo com que cada um seja o princípio e o efeito do outro. Isso faz com que a lógica do poder possa ser enunciada como a injunção de inexistência, de não manifestação e de mutismo.

Por fim, chega-se ao que ele chama de *unidade de dispositivo*, em que o poder sobre o sexo seria exercido do mesmo modo e em todos os níveis. Sua homogeneidade, como forma de poder e, ao longo de toda a sua existência, corresponderia àquele que coage a forma geral de submissão.

4.2 Do sexo único ao duplo sexo: um estudo da (des)construção dos gêneros para a construção dos sexos

Em *Inventando o Sexo*, Thomas Laqueur (2001) esclarece que parte de uma perspectiva multicausal, em função da qual se descobre que o sexo também é situacional e só pode ser entendido no campo das relações entre gênero e poder. Entre o dilema natureza/cultura, sexo biológico/marcas sociais e políticas da diferença, muitas têm sido as saídas. Dessa forma, estabelece-se um diálogo complementar entre Laqueur e Foucault, que nos possibilita falar de uma relação muito mais complexa entre a sexualidade e o corpo, enfatizando a sexualidade como uma forma de moldar o *self* na experiência da carne.

Laqueur acrescenta que, para os desconstrucionistas mais radicais, o fato de nos tornarmos humanos na cultura não nos dá licença para ignorar o corpo. O enfoque de Laqueur parte dessa centralidade do corpo na ordem social. Porém, isso não significa que tenhamos de pensá-lo como algum tipo de substrato irreduzível, muito pelo contrário, é preciso levar às últimas consequências a ideia de que ele também é objeto de construção.

Assim, procura traçar um perfil da construção dos sexos e dos gêneros, a partir de descobertas dos discursos proferidos por médicos e parteiras, nos séculos XVIII e XIX, sob condições ideais, sendo que o orgasmo feminino parte dessas condições, para que as mulheres cheguem à concepção. Essa proposição inicial levou Laqueur a desenvolver uma pesquisa que nos mostra como num determinado período histórico criaram-se condições para que se elaborassem discursos sobre as diferenças entre os sexos e entre os gêneros.

Pensar tais diferenças tem como princípio, no pensamento de Laqueur, a relação entre o corpo e a diferença sexual, de um lado, e a natureza da diferença sexual, em geral, do outro. Assim, parece óbvio que a Biologia definisse os sexos, sendo que não haveria mais nada a se esperar dos sexos.

Ter ou não ter um pênis diz tudo em quase todas as circunstâncias, e várias outras diferenças podem ser acrescentadas à vontade: as mulheres menstruam e amamentam, os homens não; as mulheres têm um ventre onde os fetos se desenvolvem, os homens não têm nem esse órgão nem a capacidade. (LAQUEUR, 2001, p.8)

Elementos incontestáveis, de natureza biológica humana, pensados de maneira isolada, não proporcionam condições para compreendermos as estruturas de relações sociais que são estabelecidas a partir dessa diferença. Laqueur (2001) descobre que não há conhecimento específico da diferença sexual, em termos históricos, a partir de fatos indiscutíveis sobre os corpos e que isso só se tornará possível quando o prazer da mulher, como elaboração conceitual do processo de concepção foi retirado dos relatórios médicos, ou, como ele diz, mais ou menos, quando o corpo da mulher passa a ser conhecido, agora não como uma versão menos importante do corpo do homem, mas como seu oposto. Temos, então, a passagem do modelo de sexo único ao modelo de dois sexos.

É nessa passagem que Laqueur irá construindo suas concepções, mostrando que as descobertas em relação aos corpos e, em especial, ao corpo feminino, levam a produzir novas concepções acerca do corpo sexual, mas não num sentido de um resultado do progresso científico, e, sim, pelos discursos produzidos para a construção de privilégios sociais, sendo que uma história que começou com a história do prazer sexual feminino e sua tentativa de apagar isso foi tornando-se a história de como o sexo e o gênero foram socialmente construídos.

O que chama a atenção é que há uma tensão entre a ideia de um único sexo e a de dois sexos, pois não existe um elemento que dê estabilidade à natureza da diferença sexual. A visão de uma ou de outra é estabelecida em momentos anedóticos e contextos retóricos, nos quais é favorecido o domínio de uma ou de outra, sem que jamais entrem em descanso.

Laqueur relata a história de uma moça que engravida após ter sido considerada morta. Na noite de seu velório, num lugar onde existia o hábito de não velarem o corpo durante a noite, o pai da moça acolhe um jovem e pretendente a seminarista, dando-lhe pouso. O jovem, embriagado pela beleza da moça, não resiste aos prazeres da carne e viola o corpo, praticando o ato sexual com a falecida. Alguns anos depois, o jovem volta à casa em que lhe deram a pousada numa certa noite e eis que, para seu espanto, encontra a moça que supostamente estava morta com um filho nos braços. A moça na noite em que seu corpo foi violado estava em estado de coma.

A história recontada em 1836 foi ligeiramente modificada, retirando dessa reinterpretção o fato de a moça estar em um estado comatoso. A intenção era de mostrar e provar que o orgasmo era irrelevante na concepção.

O que está em jogo nessa história é a discussão em torno do prazer feminino, como algo que contribui para a concepção e, mais, o debate em torno da existência do sexo único ou de dois sexos. Laqueur trabalha com a ideia de como certos argumentos, dentro de um contexto histórico, contribuíram para a imaginação e a idealização de um sexo único.

Essa reorientação aplicava-se em princípio ao funcionamento sexual do homem da mulher. Mas ninguém que tenha escrito sobre esses assuntos sustentou a ideia de que as paixões e os prazeres masculinos em geral não existiam ou que os orgasmos não acompanhavam a ejaculação durante o coito. Porém, não era o mesmo para as mulheres. A contingência recém descoberta do prazer abriu a possibilidade da passividade e “falta de paixão” da mulher. A alegada independência da concepção com relação ao prazer criou o espaço no qual a natureza sexual da mulher podia ser redefinida, debatida, negada ou qualificada. E assim seguiram-se as coisas. Indovelmente. (LAQUEUR, 2001, p.14)

O final do século XVIII mostra que as histórias das mulheres não se preocuparam com os sentimentos sexuais, e a presença ou ausência de orgasmo tornou-se o marco biológico da diferença sexual. Isso mostra uma reinterpretação do corpo feminino em comparação com o masculino.

Por um período muito longo de tempo, acreditou-se que as mulheres tinham a mesma genitália que os homens; como se dizia, a delas fica dentro do corpo e não fora; assim, desenvolveu-se o mais poderoso e exuberante modelo de identidade estrutural, mas não espacial, dos órgãos reprodutivos do homem e da mulher. Assim, esse discurso demonstrava que as mulheres eram essencialmente homens, e que, uma falta de calor vital resultou na retenção interna das estruturas que nos homens eram visíveis.

A vagina nesse contexto era vista como um pênis interno, os lábios como prepúcio, o útero como o escroto e os ovários como os testículos, uma analogia anatômica usada para respaldar a afirmação de que a mulher tem testículos com canais seminais muito semelhantes aos dos homens, com a diferença de que, nos homens, eles estão contidos no escroto, enquanto, nas mulheres, não.

A linguagem irá marcar essa visão de diferença sexual e por muito tempo as genitálias femininas foram denominadas por palavras utilizadas para a classificação e identificação dos órgãos masculinos. Somente no século XVIII é que a natureza sexual humana irá mudar¹⁹.

¹⁹ Vimos, com Michel Foucault, como essas mudanças contribuíram para a construção da sexualidade.

Segundo Laqueur (2001), é por volta de 1800 que escritores, para descrever as diferenças fundamentais entre os sexos masculino e feminino, entre homens e mulheres, basearam-se em distinções biológicas constatáveis, expressando, assim, uma retórica radicalmente diferente.

Os sexos não só foram pensados como diferentes, mas também com diferenças que aparecem em todos os aspectos concebíveis do corpo e da alma, em todo o aspecto físico e moral. Para o médico ou naturalista, uma série de oposições e contrastes marcará a diferença da mulher para o homem.

O antigo modelo em que homens e mulheres eram classificados de acordo com seu grau de perfeição metafísica, seu calor vital, e as referências eram masculinas, foi dando lugar a um novo modelo, que surge no final do século XVIII, marcado pelo disformismo radical de divergência biológica. A anatomia e a fisiologia irão substituir uma metafísica de hierarquia na representação da mulher com relação ao homem.

No século XIX, a nova diferença será demonstrada não apenas em corpos visíveis, mas também através de seus blocos microscópicos, em que a diferença será vista como algo na ordem da espécie e não em grau, baseando-se na noção de natureza. Assim, mulheres eram consideradas mais passivas, conservadoras, indolentes e variáveis, com base em explicações de fisiologia celular.

De acordo com Laqueur (2001), cientistas da época, principalmente biólogos, achavam que os machos eram constituídos de células catabólicas que despendiam energia, enquanto as mulheres eram constituídas de células anabólicas que armazenavam e conservavam energia.

Embora os pesquisadores admitissem não conseguir uma explicação completa para a ligação entre as diferenças biológicas e as resultantes das diferenciações psicológicas e sociais, ainda assim justificavam os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres com base nas ideias das diferenças.

A visão que dominou desde o século XVIII é a de que há dois sexos estáveis, incomensuráveis e opostos, e que a vida política, econômica e cultural dos homens e mulheres, portanto, seus papéis de gênero são baseados nesses elementos. Assim, na biologia, veremos que o corpo estável, não histórico e sexuado será compreendido sob essa ordem social.

O que Laqueur propõe é que

Em textos pré-iluministas, e mesmo em alguns textos posteriores, o *sexo*, ou o corpo, deve ser compreendido como o epifenômeno, enquanto que o *gênero*, que nós consideraríamos uma categoria cultural, era primária ou “real”. O gênero - homem e mulher – era muito importante e fazia parte da ordem das coisas; o sexo era convencional, o que nós chamamos de sexo e gênero existiam em um “modelo de sexo único” explicitamente ligados em um círculo de significados. (2001, p.19)

Isso mostra que ser homem ou mulher era manter uma posição social, isto é, assumir um papel cultural, não sendo organicamente um ou outro de dois sexos incomensuráveis. Dessa forma, o sexo antes do século XVII era uma categoria sociológica e não ontológica.

Dito isso dessa forma, o questionamento levantado por Laqueur é: de que maneira teria ocorrido uma mudança de modelo de sexo único para o modelo de dois sexos? E, diante disso, por que se usou a ideia da excitação sexual e sua satisfação, mais especificamente a feminina, tornou-se irrelevante na concepção?

As repostas a esses questionamentos serão dadas com base no avanço das ciências e nos discursos provenientes de avanço científico. Enquanto a ciência não contemplava todo o entendimento do conceito sexual, limitava-se a fornecer a base a ser usada como teorização. A ciência passa a mostrar que a ovulação é algo desligado do coito e do prazer para a maioria dos mamíferos, inclusive as mulheres.

Ao mesmo tempo em que explicações científicas eram dadas para a concepção, o direito das mulheres ao prazer ia deixando de ser realçado e passava a ser desintegrado diante das consequências da elaboração de modelos mais sofisticados de reprodução.

Ao contrário do desaparecimento do orgasmo na fisiologia reprodutiva, a mudança mais geral na interpretação dos corpos masculino e feminino originou-se, até mesmo em princípio, do progresso científico. (LAQUEUR, 2001, p.21)

Isso mostra que as oposições e contrastes entre o masculino e o feminino, ou entre macho e fêmea, foram interpretados, desde o início dos tempos, e marcados por distinções do tipo: um dá à luz, o outro, não. As várias descobertas científicas da anatomia feminina e descobertas de determinantes bioquímicos e neurológicos que irão mostrar verdades temporárias não davam conta das explicações para as diferenças e desigualdades existentes entre os sexos.

As certezas das diferenças e semelhanças, igualdades e desigualdades estão presentes por toda a parte, mas quais delas importam e com que finalidade são determinadas fora dos limites da investigação empírica. Assim, o discurso dominante irá interpretar os corpos masculinos e femininos, em determinado contexto, dentro de uma versão hierárquica e verticalmente ordenada de um sexo, e, em outro contexto, oposto horizontalmente, ordenado e incomensurável, independente das descobertas reais e suposto.

A interpretação do corpo por essas novas formas não foi elaborada somente com base no avanço científico, mas também como resultado de dois grandes desenvolvimentos analíticos, mas não históricos. O primeiro tem de caráter epistemológico e o segundo, caráter político.

No século XVII, mais precisamente em seu final, “o corpo não era mais visto como um microcosmo de uma ordem maior, na qual cada partícula da natureza é posicionada dentro de várias camadas de significação”. Isso mostra que a ciência não era mais a geradora de hierarquias com base em analogias, mas “criava um corpo de conhecimento ao mesmo tempo infinito e extremamente pobre” (LAQUEUR, 2001, p.22) o que também demonstra Foucault (1988).

O que Laqueur (2001) mostra e o que se confirma em Foucault (1988) é que o sexo, durante o Iluminismo, tem, no fundamento biológico, a definição do que vem a ser masculino e feminino, só se tornando possível após essa mudança epistêmica.

Mas a epistemologia não conseguirá sozinha reproduzir dois sexos opostos e isso só se tornará possível devido às circunstâncias políticas.

A política amplamente compreendida como competição de poder, criou novas formas de constituir o sujeito e as realidades sociais dentro das quais o homem vivia. Falar em tom sério sobre a sexualidade era, inevitavelmente, falar sobre a ordem social que ela representava e legitimava. “A sociedade”, escreve Maurice Godelier, “persegue a sexualidade do corpo”. (LAQUEUR, 2001, p.22)

Laqueur chama a atenção para o fato de que os discursos proferidos no século XVIII refletiam um imaginário em que a ordem social repousava com base em princípios de uma biologia reprodutiva. A nova biologia buscará estabelecer as diferenças fundamentais entre os sexos, das quais o questionamento do prazer sexual feminino fazia parte, abalando as estruturas da antiga ordem social.

Porém o que verificaremos é que explicações e reinterpretções dos corpos foram sendo construídas, a partir de um conjunto de desenvolvimentos em vários

aspectos da vida social, deste a ascensão da religião evangélica até os contextos pós-revolucionários franceses e industriais.

Assim, as ideias de Laqueur versam sobre a criação, não do gênero, e, sim, do sexo, mostrando, com base em evidências históricas, que tudo o que se queira dizer sobre o sexo já traz em si reivindicações sobre o gênero²⁰.

A perspectiva de Gênero trabalhada por Laqueur está vinculada às tensões formuladas entre linguagem e realidade extralinguística, entre natureza e cultura e entre a ideia do sexo biológico e a diferença social e política, o que nos possibilita pensar o corpo tanto como uma “massa de carne extraordinariamente frágil, sensível e passageira”, que faz parte de nós e, assim, de modo que a concepção que conhecemos bem, “o corpo tão profundamente ligado aos significados culturais que não é acessível sem mediação” (LAQUEUR, 2001, p.23).

Isso mostra a importância da compreensão do significado do corpo dentro de nossos aspectos de compreensão da sexualidade, como veremos nos próximos capítulos, ao falarmos da construção dos gêneros e das identidades como parte da construção da sexualidade.

Posto isso, Laqueur indaga que, se não for o corpo, ou se não se expressar no corpo, então o que será? Mostra, assim, a influência de Foucault nas versões de desconstrução da diferença sexual, sendo ela ameaçada na formulação das identidades.

Ao pensarmos na perspectiva das ideias de Foucault, percebemos que a problemática da natureza da sexualidade, segundo Laqueur:

A sexualidade não é, argumenta ele, uma qualidade herdada da carne que várias sociedades louvam ou reprimem – não, como pensava Freud, um impulso biológico que a civilização canaliza em uma direção ou outra. É uma forma de moldar o *self* “na experiência da carne”, que por si só é “construída em torno de certas formas de comportamento”. (2001, p.24)

Se Laqueur refere-se a uma ideia segundo a qual Foucault mostra que o *self* está na experiência da carne, em determinados contextos históricos, não podemos deixar de levar em consideração essas formas de existência, as quais Foucault (1998) chama de modo ou relação entre o indivíduo e ele próprio. Assim, a sexualidade é algo que

²⁰ Sobre Gênero discutimos com mais propriedade no capítulo 3.

pertence ao indivíduo, como um atributo de sua condição social e vai se tornando um produto do século XVIII que dará características do sexo oposto.

Da representação à descoberta dos sexos

A representação de um mundo, com base em um único sexo, tinha como pretexto não somente a sustentação de uma diferença entre homens e mulheres como uma condição biológica. Circunstâncias sociais, políticas e culturais mostram todos os condicionantes de organização social, que, em certos momentos da história, um terá mais relevância que o outro, não significando que os demais irão se silenciar.

A ideia de um único sexo marcará toda uma justificativa para a manutenção de uma ordem social contextualizada, na qual homens e mulheres teriam papéis sociais que foram formulados a partir de uma condição anatômica. Ter um pênis do lado de fora, ou do lado de dentro, eram as marcas para a definição de seus papéis sociais, em relação à procriação e a vários outros papéis específicos do gênero.

Para tais definições de papéis sociais, atribuídos de acordo com o gênero, era criada toda uma retórica discursiva que iria garantir e justificar as atribuições sociais. Histórias e anedotas eram contadas e reproduzidas para dar explicações às condições e atribuições sociais referentes ao universo masculino e feminino (LAQUEUR, 2001).

Assim, vemos que a biologia reprodutiva e as representações dos corpos masculinos e femininos são parte de um modo literário que marcará o processo de construção de um modelo de sociedade.

O sexo biológico não dará um fundamento sólido da categoria cultural do gênero, mas ameaçará subvertê-lo. Laqueur (2001) e Foucault (1998) falam sobre a existência de um único sexo verdadeiro – o masculino. Enquanto Foucault mostra a não existência desse sexo verdadeiro, está afirmando que nas representações de homens e mulheres há uma diferença manifestada no social. Laqueur afirma que Foucault tem razão nessa existência de diferenças no contexto social, porém chama a atenção para os perigos da subversão dessas diferenças causadas pela ideia do sexo biológico.

Laqueur (2001) mostra que, no mundo imaginativo, que representa o funcionamento fisiológico dos sexos, não há um sexo real que baseie e distinga os dois gêneros. Assim, o gênero é parte da ordem das coisas, e o sexo, se não inteiramente convencional, tampouco é solidamente corpóreo.

Temos que o sexo que conhecemos e concebemos na modernidade, foi inventado, em alguma época do século XVIII. Os órgãos reprodutivos irão assumir uma importância da qual eles sairão da sua condição para estabelecer uma hierarquia através do cosmo, para ser o fundamento da diferença incomensurável entre homens e mulheres. O que se mostrará é um repúdio ao velho modelo de isomorfismo, como também à ideia de que, sutis entre os órgãos, fluidos e processos fisiológicos refletiam uma ordem transcendental da perfeição (LAQUEUR, 2001).

Os órgãos passam a ter uma distinção linguística, assumindo nomes específicos; ovários, testículos, órgãos que não possuíam nomes passaram a tê-los, como vagina; estruturas que se imaginavam ser comuns a homens e mulheres foram diferenciadas, de modo a que correspondessem ao homem e à mulher culturais.

O corpo natural tornou-se o padrão de outro discurso social, o corpo da mulher tornou-se o campo de batalha para redefinir a relação social antiga, íntima e fundamental entre homem e mulher. O corpo reprodutivo da mulher na sua concretude corpórea cientificamente acessível, na própria natureza de seus ossos, nervos e principalmente órgãos reprodutivos, passou a ter um novo significado de grande importância. Os dois sexos, em outras palavras, foram inventados como um novo fundamento para o gênero. (LAQUEUR, 2001, pp.189-190)

A condição de mulher diante desse cenário irá assumir uma nova dimensão. A mulher passa a ser considerada sem paixão, sendo essa uma das muitas manifestações do novo sexo recém-criado. O orgasmo feminino já havia sido considerado o elemento crucial na fertilização; sendo assim, o sinal do corpo para uma geração de sucesso será banido para as fronteiras da fisiologia, um significante sem significado. Isso marca os processos de domínio discursivo e, portanto, de poder, que será assumido pelo discurso médico.

Anteriormente inquestionada, a rotineira culminação do orgasmo no coito tornou-se um grande tópico de debates. A afirmação de que as mulheres não tinham paixão, ou a proposição de que elas – como seres biologicamente definidos – possuíam uma capacidade maior que a do homem de controlar sua fúria bestial, irracional e potencialmente destrutiva durante o prazer sexual, e o novo questionamento sobre a natureza e qualidade do prazer da mulher e da atração sexual, tudo isso fazia parte de um grande esforço para descobrir as características anatômicas e fisiológicas que distinguiam o homem da mulher. O orgasmo tornou-se um participante do jogo das novas diferenças sexuais. (LAQUEUR, 2001, p.190)

O modelo de um único sexo não deixou de existir nos séculos XVIII e XIX, pois o novo modelo foi gradualmente sendo construído, de diferentes formas, em diferentes contextos. Há duas explicações para as formas segundo as quais os sexos, modernamente, foram e continuaram a ser inventados. A primeira se dá em nível epistemológico, enquanto a segunda, em nível político.

A epistemológica, que pode ser dividida em duas partes, estabelece, na primeira, uma condição em que o fato é distinguido da ficção, a ciência da religião e a razão da credulidade. O corpo é o corpo, se distanciando do fanatismo e da superstição, estabelecendo limites da razão quanto ao imaginável. Assim, o ceticismo, que não fora criado no século XVIII, ganha força e a divisão do possível e do impossível, entre o corpo e o espírito, entre a verdade e a falsidade, entre o sexo biológico e o gênero foi aguçada.

A segunda parte, a da questão epistemológica, mostra que os graus de conhecimento nos quais os sinais e as semelhanças eram entrelaçados, se davam na forma de uma espiral sem fim, na qual as relações do microcosmo com o macrocosmo estabeleciam o conhecimento e os limites de sua extensão. Tudo isso terminou no final do século XVII. As semelhanças que se davam entre os corpos e entre esses e o cosmo, estabelecidas com base em uma hierarquia, foram reduzidas a um único plano, o da natureza. Isso acarreta uma explicação reducionista, o que importava era o fundamento simples, horizontal e imóvel do fato físico – o sexo.

O que Laqueur está fundamentando é que o trabalho cultural, com base no modelo de uma só carne, que fora feito pelo gênero, passava agora para o sexo. Em suas vidas diárias, homens e mulheres eram e, ainda são, identificados por suas características corporais. Porém, ele mostra que a afirmativa de que a geração do macho era a causa eficiente e da fêmea a causa material, não foi e continua não sendo um princípio fisicamente demonstrável. Simplesmente isso garante uma justificativa naturalista para a condição social da mulher.

A segunda explicação mostra que o contexto da articulação de dois sexos não era nem uma teoria de conhecimento e nem avanços no conhecimento científico. O contexto era e ainda é político. As lutas por poder e posição, na esfera pública, eram a marca dos séculos XVIII e XIX pós-revolucionários desferidas entre homens e mulheres, feministas e antifeministas. A ordem transcendental pré-existente ou os costumes irão deixando de ser a justificativa para as relações sociais, fazendo com que a batalha do gênero mude para a natureza natural ou do sexo biológico.

Assim, a anatomia sexual distinta era levada à tona para dar apoio ou negar toda e qualquer espécie de reivindicações, sejam elas dentro do contexto social, político, econômico, cultural ou erótico, “o sexo, em outras palavras, substituiu o que nós poderíamos chamar de gênero como uma categoria basicamente fundamental. Na verdade, uma estrutura onde o natural e o social podiam ser claramente distinguidos entrou em ação” (LAQUEUR, 2001, p.193).

As contribuições de Laqueur para o nosso estudo mostram que as diferenças entre os sexos, que tomam força no século XVII, vão fazer com que a ideia da diferença sexual seja uma questão de natureza biológica, pois esta constitui unicamente a categoria “sexo”. Mesmo assim, houve propostas políticas de reversão desse quadro, mas, na verdade, o sexo está em todo lugar, precisamente porque a autoridade do gênero entrou em colapso. A questão mostrada por Laqueur é que houve um processo histórico em que o sexo foi paulatinamente ocupando o lugar como gênero.

Marcadores sociais serão fundamentados pela Biologia, reformulando os conceitos de geração, prazer e orgasmo, por exemplo. A estética da diferença anatômica será outro marcador social fundamentado pelo biológico. A anatomia e a natureza, como as conhecemos, são parte de uma rica construção complexa que tem como base a observação, que terá uma variedade de restrições sociais e culturais aplicadas às práticas da ciência, como também é parte de uma estética da representação. Corpos masculinos e femininos são artefatos cuja produção está associada ao contexto histórico de cada época. As descrições da anatomia de nossos sujeitos de pesquisa representam a estética desejada na atualidade, bem como representam a diferença física que marca os corpos.

Outros elementos importantes, que serão novos imperativos culturais de interpretação, simplesmente apresentam um campo maior para se construir, ou não, uma Biologia da diferença. As declarações de que toda a vida se origina do óvulo e a subsequente descoberta do folículo ovariano, que consideravam conter o óvulo e a descoberta de que o sêmen continha milhões de animálculos, reforçavam a comparação imaginativa convincente dos dois sexos.

Tudo isso e, principalmente a descoberta do óvulo, pareceu subtrair grande parte da dignidade do sexo masculino, pois se criava um imaginário em que a mulher fornecia a matéria do *Feto*, enquanto o homem apenas atuava nela. A retomada da “dignidade” masculina vem pela descoberta de que aquilo que o homem ejaculava não era apenas um líquido espesso, mas ali continha uma quantidade enorme de “animais” minúsculos.

Assim, “o esperma e o óvulo podiam agora figurar como homem e mulher, e a dignidade masculina foi restaurada”. (LAQUEUR, 2001, p.210)

Por fim, para agrupar o orgasmo a esses condicionantes, Laqueur mostra que ele será outro marcador da diferença sexual. Antes, ele era associado ao processo de geração, pelo qual só ocorreria a fecundação, se a mulher chegasse ao orgasmo, durante o coito. Mais do que discutir aqui os elementos anatômicos e fisiológicos que levam a mulher ao prazer e ao orgasmo, como discute de forma exemplar Laqueur, o importante é vermos que todo um discurso elaborado vai fazendo com que o sexo biológico se sobreponha em relação ao gênero. O discurso científico ficará carregado de uma visão moral da qual se tira um conjunto de regras de distinção de comportamentos masculinos e femininos.

Assim, podemos chegar a uma questão com base na sexualidade masculina. Afinal o que é ser homem? Tomando como base a sociedade atual, a resposta a essa indagação poderia convergir para a definição do *homem de verdade*. No modelo de masculinidade a ser seguido, ressaltam-se as ideias de que o homem de verdade é solitário e reservado no que se refere a suas experiências pessoais, ou quando muito, superficial e prático, direcionado para agir e realizar atividades. Por outro lado, espera-se que o homem compreenda demandas emocionais de suas parceiras e de seus filhos, sendo cúmplice e sensível.

Observa-se que a sexualidade masculina tende a expressar mais inquietação que a feminina porque os homens separaram suas atividades sexuais das outras atividades da vida, onde são capazes de encontrar um direcionamento estável e integral. São essas inquietações que cada vez mais veem deixando de ser encobertas.

4.3 Manifestações da sexualidade - salas de *bate-papo* e Men’s Health: aproximações e distanciamentos.

Quando Foucault (1988) nos propõe analisar o saber sobre o sexo, não em termos de repressão ou de lei, podemos verificar que esse poder não está significando “o Poder” pertencente a um conjunto de instituições e aparelhos que garantirão a sujeição dos indivíduos a um Estado, nem como modo de sujeição numa condição de oposição à violência, como forma de regra.

Assim, o poder deve ser compreendido como uma multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio que exercem e de cuja organização são constitutivas.

Essas correlações aparecem como um jogo no qual, ao manifestar suas lutas e afrontamentos, as transforma, reforça e as inverte. Elas encontram umas nas outras apoios, formando cadeias ou sistemas ou, ainda, podendo estabelecer o contrário, fazendo com que as defasagens e contradições as isolem. As estratégias em que se originam essas correlações vão tomando corpo nos aparelhos estatais, na formação da lei, nas hegemonias sociais, o que nos dá elementos para pensar a masculinidade como produção de uma construção de correlações de força que fazem dela, como sexualidade, algo hegemônico.

A condição de possibilidade do poder que permitiu tornar seu exercício inteligível até em seus efeitos mais “periféricos” e, também, enseja empregar seus mecanismos como chave de inteligibilidade do campo social, não deve ser procurada na existência primeira de um ponto central, num foco único de soberania de onde partiram formas derivadas e descendentes; é o suporte móvel das correlações de forças que, devido a sua desigualdade, induzem continuamente estados de poder, mas sempre localizados e instáveis. (FOUCAULT, 1988, p. 103)

Ao pensarmos a masculinidade como constitutiva de uma correlação de forças, percebemos que a sexualidade, como categoria de análise, faz parte dessa correlação, o que permite compreendermos os processos pelos quais a masculinidade vai sendo construída. Dito isso, a masculinidade pode ser construída dentro de padrões sociais nos quais a sexualidade estabelece um jogo de poder num campo central ou periférico.

Salas de *bate-papo* são constituídas por correlações de força dentro de um jogo em que as regras não são declaradas, mas estão presentes e aceitas pelos ocupantes daquele contexto social. Nas salas se estabelecem interações que são permitidas somente ali, onde o que é permitido tem como pressuposto essa correlação de força dentro de um jogo do e pelo poder.

O falar de sexo abertamente faz parte de uma estratégia em que se busca estabelecer com o outro o controle da satisfação de um desejo. O discurso do falar sobre sexo tem conotação de um saber do sexo, fazendo com que aquele que tem o saber tenha o domínio do poder.

Nas salas de *bate-papo*, fala-se de sexo com toda naturalidade e permissão, como se todos os participantes conhecessem muito sobre o assunto. A correlação de forças estabelece um jogo, no sentido de provar e comprovar que conhece mais, tanto que a imagem, possibilitada pela webcam, é que irá comprovar esse saber construído

dentro do imaginário virtual. Caso contrário, o navegador(a) estará despido(a) de todo o conhecimento e, portanto, de poder.

Em contraposição às salas de *bate-papo*, a Revista Men's Health procura trabalhar de forma sutil as mudanças que vêm ocorrendo no que diz respeito à sexualidade masculina. Diferentemente, das salas a revista não tem o caráter da privacidade encontrada nas salas de *bate-papo*, o público é definido dentro de certos padrões os quais não é possível estabelecer nas salas, o que faz com que o falar de sexo na revista seja realizado dentro de certa sutileza e com clareza para um público selecionado e que sabe, ou que procura saber, o que quer com sua sexualidade.

Nesse falar de sexo em um cenário em que se prega que a sexualidade se efetiva pela atração dos opostos, como representado nas salas de *bate-papo* e na revista MH, observamos que a construção da masculinidade é formulada em um contexto de insegurança. O que está em jogo é o fato de que para o homem se sentir homem é necessário que ele sinta a ameaça de tornar-se mulher. Outro fator importante, já citado, é que a esse medo se associa o temor de “falhar” na hora H e, portanto, fazer de sua sexualidade algo não viril.

Mais do que possuir um pênis o homem tem que se relacionar que consiste o que ser homem não é somente se sentir homem, mas receber da mulher o atestado ou prova de que o é de fato. Verificaremos que tanto nas salas de *bate-papo*, como na revista, esses temores se tornam explícitos. No primeiro contexto, verificamos a necessidade de receber esse atestado, enquanto no segundo, verificamos a fornecimento de informações para que o homem de hoje possa conquistar esse atestado.

Com o título “6 Lições Pra Você se Dar Bem Online”, a edição de março de 2011 da MH, revela em uma pesquisa realizada pelo Ibope Nielsen Online que, só no mês de dezembro do ano anterior, 5,7 milhões de pessoas entraram em sítios de relacionamento. Essa informação chama a atenção do leitor para que ele, provável usuário desses sítios de relacionamento, não cometa equívocos na hora da “paquera”, da conquista. Porém, a proposta da reportagem caminha no sentido contrário do que nós encontramos em nossas pesquisas. Enquanto a revista propõe um se “dar bem” dentro de um padrão em relação à imagem de si, como por exemplo, dicas em relação à foto que ira postar no sítio, as incursões nas salas de *bate-papo* mostram que o comportamento é muito mais exposto e aberto sob o falar de sexo.

É interessante uma fala de Ryam.cam, um de nossos sujeitos e colaboradores, que descreveu três de suas fantasias sexuais. Em uma, ele expressou o desejo de “um

bokete num cine quase vazio” e na outra, “*colocar no meio da rua, d dia*”; nessas duas fantasias de Ryam.cam, ele demonstra a condição pela qual relaciona prazer e desejo e, para tal realização, a de colocar a mulher numa situação de submissão, na qual, como forma de prática sexual, a mulher, naquilo que *ele* deseja, deve se encontrar na relação de poder de maneira submissa, pois *ela* se encontra exposta.

Observemos que Ryam.cam não tem nenhuma preocupação e nem temor em falar de sexo. Conforme vai se expressando, ele procura dar a entender que é possuidor de um saber sobre sexo; veremos que, conforme ele descreve o que deseja, seu objetivo é convencer ‘Morena Sensual’ que ele domina as práticas sexuais e que, portanto, tem um domínio de sua sexualidade e que, por isso, lhe dará prazer.

Numa terceira fantasia, *ele* fala em “*1 garota me masturbar no meio da rua, d dia Tb*”; isso garante a afirmação de sua suposta potência e a manutenção da submissão da mulher, pois ela se encontraria totalmente despida de suas condições de pessoa, marcadas por uma desigualdade e desequilíbrios que se produzem nas próprias condições internas dessas diferenças.

Ao mesmo tempo em que isso ocorre, temos que as salas de *bate-papo* podem ser um local em que o *poder* pode ser visto e permitido como uma manifestação de baixo a cima. Isso porque a nossa pesquisadora virtual pode se colocar de tal maneira que *ela* subverta a ordem do *poder* estabelecido, deixando de ser controlada para ser controladora. O que lhe garante essa possibilidade é o mesmo que garante a Ryam.cam falar abertamente sobre sexo: o espaço garante a manutenção e preservação da identidade “original”, permitindo criar um imaginário de que todos são possuidores do saber sobre sexo.

Ainda em Ryam.cam, observamos que, para ele, a prática sexual e, portanto, a forma de representação de sua sexualidade está na afirmação de superioridade masculina, manifestada da seguinte maneira: *Deixa q gozem na sua boca?;d 4; qual parte do corpo vc + gosta q gozem em cima?*; nessas declarações Ryam.cam deixa, de forma explícita, o seu desejo de controlar a parceira. O ‘gozar’ na boca, como expressão máxima de superioridade masculina, representada em ritual de passagem em que meninos são forçados a beberem o sêmen dos mais velhos para incorporar a masculinidade do outro, indica aqui a satisfação do homem em ver a mulher incorporando esse homem.

Quando da resposta de nossa pesquisadora, no sentido de não permitir essa prática, ele insiste, perguntando em qual parte do corpo ela sente mais prazer em receber

o “gozo” do parceiro, o que denota a importância que é dada por ele a essa prática; como se o ato sexual só se completasse com a condição de sujeição da mulher em relação ao homem; é possível observar que a posição sexual que ele mais aprecia é aquela em que mulher se coloca “de quatro”, o que novamente deflagra a necessidade de afirmação de uma posição (no caso física) de dominação.

Ao buscarmos requisitos semelhantes ao descrito por Ryam.cam na revista MH, é lógico e por motivos óbvios que não encontraremos o falar de sexo de forma totalmente aberta como no bate-papo com o entrevistado. Porém, em reportagem de Sofia Salves (18/02/2011) com o título: “Para todo tamanho, um grande documento”, faz-se uma referência ao tamanho do pênis procurando mostrar que “tamanho não é documento”.

O tamanho do pênis faz parte da construção de uma sexualidade masculina dominante penetrante, partindo do pressuposto de que as mulheres querem/gostam do tamanho. Nesta construção, está contida uma relação de poder em que “quem tem mais” está em vantagem na estrutura das relações de poder. A MH procura desmitificar essa concepção onde o falar de sexo se dá de maneira orientadora e instrutiva, fazendo com que o leitor descubra a sua sexualidade. O objetivo é que o leitor conheça sobre o assunto para desfrutar mais de sua sexualidade.

É interessante pensarmos, a partir de algumas características de poder que são discutidas por Foucault (1988), que ao mesmo tempo em que o poder vem de baixo, portanto não se manifesta em oposições binárias e globais, deve-se, ao contrário, supor que as correlações de força múltiplas se formam e atuam nos aparelhos de produção, nas famílias, nos grupos restritos, servindo de suporte para atravessar o corpo social.

Isto mostra que há uma linha de força que atravessa os afrontamentos locais que se ligam, levando a uma troca e redistribuições, alinhamentos, homogeneizações, arranjos em série, convergências desses afrontamentos locais, fazendo com que as grandes dominações sejam efeitos hegemônicos continuamente sustentados por esses afrontamentos.

E, ainda, que as relações de poder são estabelecidas, ao mesmo tempo, de forma intencional e não subjetiva e que onde há poder, há resistência; esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder.

Sem se preocupar com o poder em si, a sala de *bate-papo* é um espaço no qual as correlações de força vão estabelecendo teias de poder que são *habitus* que vêm do exterior e que assume ali uma infinidade de outras possibilidades como formas de

poder. A sexualidade é a representação dessas correlações de força que se estabelecem nas salas; o falar de sexo abertamente e sem pudores pelos usuários faz com que essas correlações de reproduzam dentro de uma naturalidade que é imanente às salas de *bate-papo*.

Em uma de nossas incursões pelas salas nos deparamos com a fala de uma suposta internauta do gênero feminino – identifica-se pelo *Nick* ‘Menina’ – que dizia o seguinte para H-29:

- *Gostaria de te desde que ã me venha com ordinarices que ã tenho tempo para perder com isso, pode ser? :P;*

Essa fala nos chama a atenção, pois ela confirma que o espaço das salas de *bate-papo* é utilizado para as “conquistas sexuais”, que isso parte, na grande maioria das vezes, dos homens e que ela se impondo pode exercer uma subversão da ordem estabelecida. Nessa mesma sala, encontramos “solteiro” que irá confirmar as intenções manifestas nesses locais.

Logo, ao estabelecer contato com nossa pesquisadora virtual, *Solteiro* diz que: *estou ate sem roupa dentro de casa;* sua conduta se refere à pergunta feita pela *Morena Sensual* sobre estar calor, ou não, como forma de criar laços para o desenvolvimento do diálogo.

Como o falar de sexo é altamente permitido, *Solteiro* não perde tempo ao dizer que está disposto a expor seu corpo nu; outro fator importante que notamos é que o falar de sexo sem limites se expressa tanto na fala, naquele espaço, utilizando-se o recurso da escrita, bem como na imagem, utilizando-se a webcam; a escrita antecede a imagem, porém elas são utilizadas como complementos de expressões máximas; nem sempre sabe-se muito sobre sexo, fala-se muito, age-se pouco, mas acredita-se ter o controle do poder.

Trabalhamos algumas ideias expostas por ‘Solteiro’, ao pensarmos na concepção de gênero. Quando ele manifesta estar sem roupa, como uma forma natural de estar em casa, percebemos que a sua estratégia é de não perder o foco de exibição de seu corpo; mais adiante, ele retoma essa ideia, convidando nossa pesquisadora para uma ida ao MSN; lá ele poderá se exhibir e realizar a sua sexualidade plena, representada pelo corpo nu.

‘Solteiro’ insiste em mostrar seu corpo nu, utilizando-se das seguintes falas:

- *entra La so me ver na foto e me diz se gostou;* (referindo-se à foto de apresentação do MSN)

Em seguida, fala a respeito de como são os homens, baseando-se em uma provocação de nossa pesquisadora, dizendo:

- *a maioria são safados;*

E perguntado sobre o que é serem safados, responde:

- *adoram sexo;*

- *so pensam nisso;*

Ela questiona: “vc é safado?” e ele:

- *muito;*

Ela: “então também só pensa em sexo?”, e ele:

- *Tb;*

- *estou ate de pau duro agora;*

Chegamos, então, a uma condição de expressão da sexualidade masculina, dentro de um universo simbólico; “o estar de pau duro” representa o poder do falo, como símbolo de uma masculinidade viril e centralização da sexualidade; o que ‘Solteiro’ buscava era expor sua sexualidade expressa no falo ereto;

Nesse momento do diálogo, nossa pesquisadora virtual questiona como ele consegue manter o pênis ereto; sua intenção é provocá-lo sobre o uso de MDE para a manutenção do órgão ereto; ele responde de forma irônica e sarcástica:

- *e so pensar em xoxota;*

- *quer ver ele duro;*

- *nunca tomei mas se precisar tomo;*

- *ainda não;*

- *vc tem que me passar; (referindo-se ao MDE)*

- *q ver ou não;*

- *rapidinho;*

Insistimos na questão do uso de MDE por jovens e se ele conhecia alguém que já tinha feito o uso;

- *muitos;*

De repente, uma pausa e então perguntamos o porquê da interrupção da conversa e ele responde num apelo máximo da manifestação de sua sexualidade masculina hegemônica:

- *e q to batendo uma aqui; (referindo-se à masturbação)*

- *e vou gozar p vc;*

Muito semelhantes foram as manifestações de ‘Ryam.cam’ e ‘Solteiro’, pois eles mostraram o lado de representação da masculinidade focado em uma sexualidade em que o importante está em subjugar o outro – no caso - a mulher; as correlações de poder estão presentes nos fatos de o primeiro desejar ‘gozar’ sobre a mulher e o segundo, no imaginário de que ele está ‘gozando’ para a outra, o que , portanto, os colocam em uma condição de superioridade masculina.

Em outra de nossas incursões, encontramos dois internautas que se mostraram de maneira muito interessante. Um deles se apresentou com o *Nick* de ‘Médico - 25 anos’ e o outro com o *Nick* de ‘Homem’. Estabelecemos contato, sem nenhuma novidade nas formas de apresentação e aproximação.

‘Homem’ demonstrou-se do tipo galanteador e rebatia nossas perguntas sempre com resposta no sentido de agradar nossa pesquisadora, por exemplo, quando perguntado o que procura nas salas de *bate-papo*, responde:

- *a sua procura;*

A nossa insistência ele responde:

- *procuro mulheres...*

- *e adoro uma morena sensual;*

Ao mesmo tempo, mediávamos o diálogo com ‘Homem’ e com ‘Médico – 25 anos’; enquanto o primeiro dialogava com galanteios e o segundo procurava seduzir com obscenidades. ‘Médico – 25’, depois de perguntar se “eu” era casada ou solteira, se estava em casa ou no trabalho, meu tipo físico, perguntou como eu estava vestida; para provocar, rebatemos dizendo o que ele gostaria que “eu” estivesse vestindo, sua resposta foi direta e objetiva:

Médico - 25 anos (reservadamente) fala para morena sensual: nada;

A visão de sexualidade manifestada nas salas de *bate-papo* trafega em rumos onde a exposição visual se faz necessária. Imaginar o corpo nu e a possibilidade de visualizar esse corpo externaliza a sexualidade do desejante, pois, dessa forma, a sexualidade estará toda expressa verbal e visivelmente.

Notamos que a afirmação da masculinidade se dá pela condição de negação das sexualidades que fogem do padrão da masculinidade hegemônica. Ser homem, tanto na expressão dos discursos de nossos colaboradores, como nas ideias presentes na revista MH, significa que *Eles* têm que passar uma imagem que condiz com o padrão heteronormativo, de homem viril, forte e ao mesmo tempo sedutor, enquanto que na

revista a preocupação é dar condições para que esse ‘homem’ que navega na internet se torne um homem real.

A sexualidade que já passou pela repressão e, nas sociedades contemporâneas, com o avanço das técnicas de informática, passa algo a ser explorado de forma intensa, na construção da masculinidade onde ela continua sendo um fator de suma importância. Agora, no lugar de uma hipótese repressiva, a sexualidade passa por uma hipótese permissiva em sua totalidade, pois deve ser manifestada ao vivo.

5. CAPÍTULO IV - A MASCULINIDADE SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO.

A identidade de gênero é algo construído culturalmente, tanto para o homem quanto para a mulher. O masculino se prevalece da sua hegemonia para impor definições que o tornam ainda mais hegemônico. O estereótipo e os mal-entendidos resultam daí: confundido que é com o falo (fator psíquico comum a homens e mulheres), o pênis torna-se um instrumento de força. Homem tem que ser penetrador, mandão, duro, reservado. E seu pênis deve estar sempre pronto para caçar. Neste contexto, o homem se faz masculino em oposição ao feminino, o penetrado – ou, na fantasia falocêntrica, o castrado. O ponto de vista hegemônico e falocêntrico considera a mulher a ser penetrada como um apêndice do pênis penetrador.²¹

Este capítulo tem por objetivo trazer uma contribuição ao pensar sobre a *Masculinidade* dialogada a partir das elaborações da categoria de *Gênero*, em suas diversas frentes teóricas.

O mote inicial é dado a partir das reflexões sobre a masculinidade, vistas em um contexto relacional, quando, na atualidade, a masculinidade, em sua essência naturalizada, é colocada em xeque. Portanto, os questionamentos iniciais aqui são até que ponto a masculinidade estaria sendo construída e reproduzida, a partir de seus pilares tradicionais, ou se esses pilares estariam sofrendo todo um processo de transformação que leva a masculinidade a assumir novas concepções.

Algumas considerações são relevantes na construção das respostas. A primeira delas e, talvez, uma das mais importantes são as conquistas femininas pela busca emancipatória, após a revolução sexual e o crescimento do feminismo, que levam à ocupação de espaços social e historicamente construídos, sob a perspectiva masculina. Conquistas que também fazem parte de um contexto histórico de lutas marcadas por vários momentos e que não caberia aqui apontá-los na sua totalidade. Sendo assim, em nosso entender, as conquistas femininas tomaram impulso significativo com a Revolução Sexual, motivada pelo surgimento dos medicamentos contraceptivos, nos anos 60, possibilitando às mulheres um melhor planejamento de suas atividades sexuais e, portanto, do controle de seu corpo, o que gera as condições primárias para a conquista de sua autonomia, como sujeitos.

²¹ TREVISAM, João Silvério. “O masculino nos tempos contemporâneos”. In: Revista Eletrônica **Luz**, consultado em 14 de janeiro de 2011. Entrevista concedida à edição nº 2.

A primeira Revolução Sexual aconteceu nos anos 1960, ativada pelo surgimento da pílula anticoncepcional (que abriu as portas para os movimentos de emancipação feminina) e pela ideia de Hebert Marcuse, entre outros, de que a livre expressão da sexualidade humana traria desdobramentos políticos, igualitários e libertários. Incorpora-se a isso a luta do movimento feminista que se desenvolveu, no final da década de 60, conquistando autonomia política e proporcionando, assim, melhores condições para as mulheres.

Outro fator importante que questiona a masculinidade dentro de uma perspectiva dominante é uma maior aceitação das relações homoafetivas pela sociedade que, motivada pelos meios de comunicação, é levada a uma diminuição gradual do preconceito, como verificamos nos relatos, em nossa pesquisa, mas sem eliminá-lo, pois ainda se constata que vivemos em uma sociedade homofóbica.

Desse modo, as reflexões acerca da masculinidade passam pela discussão da elaboração do gênero, como uma categoria analítica, que nos permite a compreensão das masculinidades em (re)construção dentro de novos contextos relacionais. A realidade de como o indivíduo do gênero masculino tem medo de sentir e expressar emoções que podem vir a comprometer a sua identidade de homem *viril*.

Sócrates Nolasco (1995) fala-nos que, para o homem, a seletividade emocional é algo necessário, como recurso de afirmação sexual. Da mesma maneira que as mulheres, os homens também desejam e eles o fazem por meio dos sentimentos. Porém, são desde cedo levados a manipulá-los de modo assertivo, a associá-los a seu sexo pujante.

Observamos que a condição masculina, como comportamento socialmente desejado, vai sendo moldada, a partir da ideia de que o homem deva assumir a postura de marcador social que demonstre a condição de “forte”, autônomo, tomador de decisões e de enfrentamento, enfim aquele que olha e se sente possuidor de um controle e domínio da situação na presença dos desafios.

Em sentido metafórico, mas que ganha força nas manifestações relacionais, a condição de homem como “caçador”, aquele que sai à procura de sua caça, é uma das características de papéis sociais que contribuem para a construção da masculinidade. Nossas incursões pelas salas de *bate-papo* demonstraram uma forte manifestação dessa característica, pois nelas as condições para a reprodução desse condicionante de masculinidade são ideais.

Na elaboração dos Gêneros, a mulher enquanto atributo socialmente desejado, aparece na condição de “caça”, aquela que deve ser conquistada e permitir a conquista, isso não somente no campo amoroso-sexual, mas nas diversas frentes relacionais que se estabelecem entre homens e mulheres.

Quando há a inversão dos papéis, passando *ele* de caçador para caçado e *ela* de caça a caçadora, surge um questionamento acerca da heteronormatividade em que a masculinidade diante dessa situação se desconfigura. Esses mecanismos alteram a ordem dita natural, demonstrando toda incapacidade de agir diante de um “perigo” representado pela mudança de papel socialmente construído. A saída se dá em dois planos: ou por meio da reconstrução de novas masculinidades, ou pela reafirmação de valores tradicionais na construção do gênero masculino.

Na construção dos gêneros, o sexo feminino representa o objeto de desejo, em uma relação marcada pela heteronormatividade; manifestar o seu desejo de desejante subverte a ordem estabelecida. Essa condição representaria toda capacidade que *ela* tem dentro de um processo social de subverter a ordem natural. Nossa pesquisa irá demonstrar que, no espaço virtual, no qual as relações se dão quase que numa condição de particularidade e privacidade, a inversão pode vir a ocorrer, porém essa inversão só será aceita, quando, no jogo da sedução, a fêmea permitir momentos de subalternidade por meio de trocas, no sentido de fazer com que *ele* – o macho – não se sinta ameaçado.

Segundo Nancy Chodorow, “Meninas e meninos desenvolvem diferentes capacidades relacionais e diferentes sentidos do eu como resultado do fato de crescerem numa família na qual a mulher materna” (1990, p.217). Essas diferenças são resultados da formação de personalidades de gênero pelas diferenças nos processos de identificação das meninas e dos meninos. Homens e mulheres são preparados de forma diferente, construindo capacidades relacionais e formas de identificação e irão assumir as funções adultas do gênero que situam as mulheres dentro da esfera de reprodução numa sociedade desigual quanto ao sexo.

Chodorow (1990) afirma que nos processos de aprendizagem da função do gênero e desenvolvimento de um senso de identificação, em meninos e meninas, há uma assimetria nos cuidados dos filhos, e o fato de as mulheres maternarem é a causa básica de significativos contrastes entre os processos de identificação masculina e feminina.

A partir dessa percepção, o aprendizado gira em torno do comportamento funcional do gênero apropriado, que se manifesta nos processos de cognição das

crianças. Assim, há todo um interesse no desenvolvimento da identidade básica do gênero.

Para Chodorow (1990), os processos estudados parecem ser universais, já que tratam de uma sociedade constituída com base em uma divisão estrutural, decorrente da maternação das mulheres, e estabelecem uma divisão entre privado e público. Privado para as mulheres e público para os homens. Como é no espaço privado que se dão os primeiros processos de identificação para as crianças de ambos os gêneros e, inicialmente e geralmente, com a mãe, encontramos de forma mais disponível as funções familiares das mulheres e o ser feminino, do que as funções masculinas e o ser masculino.

Assim, da mesma forma como veremos mais adiante com Daniel Welzer-Lang (2001), Chodorow (1990) mostra que o desenvolvimento masculino – sem querer cair na teoria de vitimização e da naturalização da heteronormatividade – é mais complicado que o feminino, devido às difíceis transições de identificação a que o menino tem de se submeter para atingir a devida e esperada identidade de gênero e sua suposta função.

O que vale especificamente para a identificação edípica vale também para a identificação mais geral de gênero e aprendizado da função do gênero. Para sentir-se adequadamente masculino, um menino deve distinguir-se e diferenciar-se dos demais, de um modo como a menina não precisa fazer – deve categorizar-se como alguém a parte. Além do mais ele define masculinidade negativamente, como aquilo que não é feminino e/ou relacionado à mulher, em vez de fazê-lo positivamente. Esse é um modo como os meninos vêm a negar e reprimir relação e conexão no processo de crescimento. (CHODOROW, 1990, p.219)

Essas distinções permanecem e ocorrem da mesma forma onde os processos de socialização de meninas e meninos são parecidos, como na escola, nas instituições como um todo, até chegar à vida adulta, na força de trabalho. Porém, de uma maneira crítica, percebemos que esse tipo de análise proposto por Chodorow está condicionado a um contexto de família tradicional, onde a figura da mulher está associada à função de mãe.

Mesmo se concordássemos com as colocações de Chodorow em que a organização da família e a ideologia produzem diferenças de gênero e geram expectativas de funções e papéis em relação a mulheres e homens a serem encontrados na identidade primária da família, temos que considerar as conquistas femininas que colocaram as mulheres dentro de outro patamar social presentes na realidade do contexto da organização capitalista da família.

Temos, então, dois aspectos que não se contradizem, mas que se complementam, no sentido de pensarmos a construção da masculinidade. O primeiro, o meio pelo qual se iniciam os processos de sociabilização dos meninos, onde se formula toda uma identidade de gênero, em oposição ao feminino²² e, no segundo aspecto, essa nova condição da mulher que não é somente representada pela figura da mãe, mas, também, da mulher que tem possibilidades de deixar de se colocar em condição submissa.

Ainda, em Chodorow (1990), a permanente ausência do pai, algo normal dentro dos padrões de nossa sociedade, não significa que os meninos não adquiram as funções masculinas ou os comportamentos adequados aos padrões heteronormativos. Para ela, o que importa é o grau de relacionamento pessoal que uma criança de qualquer gênero estabelece com seu objeto de identificação, e as diferenças nos modos de identificação como resultados disso.

Welzer-Lang (2001) analisa a construção do masculino, com base nas relações entre homens/mulheres e homens/homens como relações sociais de sexo. No primeiro caso, relações que se estabelecem no “mundo das mulheres”, o lar enquanto espaço de maternação e primeiros momentos de sociabilização.

No segundo caso, estabelece um novo espaço, que denomina de “Casa-dos-Homens”, onde se cria o momento em que os meninos deixam o mundo das mulheres e começam a se reagrupar com outros meninos. Nesse momento, os meninos passam por uma fase de homosociabilidade, com fortes tendências e pressões para viver momentos de homossexualidade.

Competições de *pintos*, maratonas de punhetas (masturbação), brincar de quem *mija* (urina) mais longe, excitações sexuais coletivas a partir de pornografias olhadas em grupo, (...). Escondidos do olhar das mulheres e dos homens de outras gerações, os pequenos homens se iniciam mutuamente nos jogos de erotismo. (WELZER-LANG, 2001, p.462)

Isso mostra que o menino passa por todo um ritual de aprendizagem que se faz por mimetismo, o mesmo ocorrendo com as meninas. A diferença é que, no ritual dos meninos, há estratégias de violência, que se iniciam contra si mesmo. Os homens empreendem um aprendizado das funções que caracterizam o desenvolvimento

²² A masculinidade pensada a partir da oposição em relação ao feminino é somente uma das construções da Identidade de Gênero, pois verificaremos outras definições em nossas incursões teóricas.

feminino. Aqui a construção do gênero masculino se faz pelo reconhecimento da semelhança e pela competição, características que fazem parte da masculinidade.

Colocado isto dessa forma, podemos questionar qual o tipo de mãe com que as meninas estão se identificando na atualidade. E, ainda, mãe ou a mulher que conquistou um espaço antes reservado aos homens. É pertinente esse questionamento, quando percebemos que, em nossas entrevistas, os sujeitos procuram mulheres com comportamentos que se distanciam daquele representado pela mãe.

Ao declarar o tipo de mulher que procuram no espaço de interação virtual, os sujeitos idealizam uma mulher que assuma uma postura de independência. Além dos atributos físicos de beleza, que são importantes em um contexto da atualidade de culto à forma física, eles procuram mulheres que demonstrem atributos que se assemelham aos atributos que são típicos das características desejadas e impostas a um homem, o que comprova uma mudança de comportamento desejante diante da idealização feminina. Não se busca mais uma mulher dentro de padrões sociais pautados numa ordem patriarcal em que a mulher tem uma função bem definida. Isso demonstra características de mudanças no contexto relacional, porém Chodorow não deixa de ter certa razão na sua defesa teórica na construção dos gêneros, pois homens, mesmo estando à busca de mulheres com posturas divergentes das tradicionais, não querem perder ou procuram criar mecanismos de manutenção de seus privilégios social e historicamente determinados.

Meninos também desenvolvem uma identidade posicional com aspectos da função masculina. Para eles, o laço entre os processos afetivos e o aprendizado da função, numa linguagem psicanalítica, está rompido.

Chodorow (1990) fala em dois tipos de identificação: a pessoal e a posicional. A primeira consiste em uma identificação difusa com a personalidade geral de alguém, mas com traços comportamentais de valores e atitudes. A segunda consiste em aspectos específicos de outrem, o que não acarreta necessariamente a internalização dos valores e atitudes da pessoa com quem se identifica. Assim, as crianças recorrem, geralmente, à primeira, pois ela surge de um relacionamento afetivo positivo que está à mão, presente.

Ao pensarmos nos aspectos de identificação das meninas e dos meninos, podemos, num primeiro momento, ser levados à reflexão de que, na sociedade moderna, as mães acham-se mais presentes para as meninas, enquanto os pais e outros homens da família aparecem como mais ausentes para os meninos. Assim, a menina teria uma

condição melhor de identificação pessoal e posicional com a mãe, o que já não ocorreria com o menino.

O menino passa por um processo em que o esforço é maior no desenvolvimento da identificação de gênero, para aprender a função masculina, na ausência permanente do pai. Chodorow (1990) mostra que essa identificação posicional ocorre psicológica e sociologicamente. No primeiro caso, fica claro para a autora, em relação ao complexo de Édipo, que o menino adquire componentes específicos da masculinidade do seu pai ou da referência masculina, que teme serem usados contra ele.

No segundo caso da identificação posicional, que é sociológica, os meninos, em famílias onde é comum a ausência do pai, desenvolvem “um senso do que é ser masculino através da identificação com imagens culturais de masculinidade e homens escolhidos como modelos masculinos” (CHODOROW, 1990, pp. 220-221). Muito próximo do apontamento com o qual Welzer-Lang trabalha em: “Homens que ocupam, ao mesmo tempo, o lugar de irmão mais velho, modelo masculino a ser conquistado pelos pequenos homens e agentes encarregados de controlar a transmissão dos valores” (2001, p.463).

Nesse contexto sociológico, os ensinamentos dos meninos a serem masculinos, são mais conscientes do que os ensinamentos das meninas a serem femininas. Quando a presença do pai ou de outros homens não é o bastante, meninas são ensinadas a assimilarem os componentes heterossexuais da sua função, enquanto se presume que nos meninos as aprendizagens se dão sem ensinamentos, por meio da interação com a mãe. Outros componentes da masculinidade devem ser impostos, de forma mais consciente, dando à masculinidade uma identificação da função de gênero. No caso das meninas, essa identificação é predominantemente parental.

Então, temos que “os machos tendem a identificar-se com o estereótipo cultural da função masculina; ao passo que as fêmeas tendem a identificar-se especificamente com aspectos da função da mãe” (CHODOROW, 1990, p 221).

Assim, vemos que, enquanto os processos de identificação da menina são continuamente entrosados no relacionamento com sua mãe e mediados por ele, no caso dos meninos, a identificação se dá através de relacionamentos particularísticos e afetivos com outrem. Dessa forma, na identificação dos meninos não há um entrosamento na relação pai e filho, como na relação entre mãe e filha. Ao mesmo tempo, o menino tende a negar a identificação e o relacionamento com sua mãe,

rejeitando o mundo feminino. A masculinidade definiu-se a partir da negação da feminilidade, ou seja, a masculinidade é a não feminilidade.

Para Chodorow, “os processos de identificação masculina acentuam a diferenciação em relação a outros, a negação da relação afetiva, e componentes categóricos universalísticos da função masculina” (1990, p.221). Nos processos de identificação, as meninas tendem ao relacionamento, enquanto os meninos tendem a negar o relacionamento.

Nesses processos, as distinções mostram que o desenvolvimento da feminilidade da menina pode vir a ser suave e tranquilo. Para a menina, o desenvolvimento de sua identificação apresenta problemas de espécies diferentes, em relação aos que se apresentam no desenvolvimento dos meninos. Enquanto a menina atinge sua identificação feminina, para o menino a identificação masculina, que lhe permanece incerta, é valorizada diferentemente. Para as meninas, a feminilidade e a função feminina aparecem de forma concreta e real, já para os meninos, a masculinidade e a função masculina são, pelo menos, fantasiadas e idealizadas.

Fantasiar e idealizar uma masculinidade faz parte de uma ‘imaginação’ que os homens procuram criar e reproduzir, enquanto aquele que tem poder de “caçador” tiver a “arma na mão, munição e a licença” dadas socialmente para caçar. Em nossa pesquisa, ao entrarmos na *sala de bate-papo* fomos recebidos como “caça” – é muito comum a abordagem se dar com as palavras:

- *oi gata vamos tc?*²³

ou

-*tc de onde gata?*

Observa-se, aqui, o uso de *gata*, como uma palavra que representa beleza e que, ao mesmo tempo, associa-se a um animal felino, símbolo da caça pela sobrevivência. A caracterização da caça/conquista inicia-se com o chamado para teclar, ou de onde se está teclando, demonstrando a condição de superioridade masculina.

Assim, nas palavras de Chodorow, temos:

A maternação das mulheres na família nuclear isolada típica da sociedade capitalista contemporânea cria características específicas de personalidade nos homens que reproduzem a ideologia e a psicodinâmica da superioridade masculina e submissão às exigências

²³ TC na linguagem dos internautas significa “teclar”, conversar.

da produção. Prepara os homens para a participação na família e sociedade machista, para sua participação menos emocional na vida familiar, e para sua participação no mundo capitalista do trabalho. (1990, p.226)

Observamos que para Chodorow (1990), a construção da masculinidade passa pelo aspecto da formação da família no contexto da sociedade contemporânea, mulheres na figura da mãe que maternam e pais que são isentos do cuidado infantil e da vida familiar; isso mostra uma sociedade marcada por uma desigualdade dos sexos e uma ideologia da superioridade masculina, que está em processo de mudança.

Essa linha patriarcal que Chodorow discute tem significativa importância na análise da construção da masculinidade, porém, na contemporaneidade, as famílias²⁴ estão assumindo novos arranjos em sua conformação, em que mulheres e homens estão assumindo novos papéis e funções sociais e isso deve ser levado em conta.

Por outro lado, Chodorow (1990) levanta um importante fator que é o ato, no processo de sociabilização, de as mães apresentarem os pais aos filhos, como alguém importante, alguém a quem elas amam, podendo até criar uma imagem do marido para os filhos, como forma de compensação por este não conhecer melhor do que ela seus filhos. Assim, podem, ao mesmo tempo, desvalorizar seu marido em reação à posição de superioridade social ou autoridade na família, que ele assume.

A masculinidade torna-se um problema diferente da feminilidade, pois ela vem a ser um problema não referente a uma questão biológica intrínseca e nem porque as funções masculinas sejam mais difíceis que a feminina. “A masculinidade torna-se um problema como resultado direto da experiência que um menino tem de si mesmo em sua família – como consequência de ter sido cuidado por uma mulher” (CHODOROW, 1990, p.227). Isso mostra que, para as crianças de ambos os gêneros, as mães, no contexto descrito por Chodorow, representam a regressão e a falta de autonomia.

O menino vai associar a sua identificação de gênero à figura da mãe, isto é, a dependência em relação à mãe, o seu apego afetivo como algo que não faz parte do que é masculino, pois o menino deve rejeitar a dependência e negar o apego e a identificação. Dessa forma, o preparo para a função do gênero masculino torna-se muito mais rígido que o feminino, fazendo com que o menino reprima as qualidades que ele considera femininas e desvalorize as mulheres.

²⁴ No dia 05/05/2011, o Supremo Tribunal da Justiça, por unanimidade, aprovou dispositivo que regulamenta a união estável por casais homoafetivos. Isto faz com que uniões homoafetivas passem a ter os mesmos direitos e o reconhecimento como entidade familiar.

Assim é que os meninos definem e se empenham em construir seu senso de masculinidade grandemente em termos negativos. Dado que a masculinidade é tão esquiva, torna-se importante para a identidade masculina que certas atividades sociais sejam definidas como masculinas e superiores, e que se faça acreditar que as mulheres não são capazes de fazer coisas consideradas socialmente importantes. Torna-se importante achar que a contribuição econômica e social das mulheres não pode igualar a dos homens. (CHODOROW, 1990, p. 227)

Para o menino, desprezar tudo aquilo que é considerado e/ou associado ao feminino serve mais do que se livrar de sua mãe, na relação de dependência, mas também da feminilidade dentro de si mesmo. A questão da masculinidade se generaliza para todas as mulheres, como forma de desprezo.

O que fica evidente é que o gênero feminino é construído dentro de uma perspectiva de reconhecimento da menina, em relação a sua mãe, que, no caso, para ela, se faz presente. Enquanto para o menino esse processo de construção de seu gênero se torna mais complexo e difícil, diante da ausência do pai e, portanto, do reconhecimento do seu semelhante.

Isso nos leva a questionar o modelo de instituição familiar à qual Chodorow está se reportando, pois, diante das infinitas conquistas femininas e das condições impostas na atualidade no que se refere às conquistas materiais, o modelo de família de mãe presente e pai ausente encontra-se em declínio. Assim, temos que as mudanças provocadas na contemporaneidade estão levando a uma mudança de postura em relação às definições dos papéis de mães e pais.

Esses questionamentos são levantados, no sentido de pensarmos a relação de *poder*, criada com base nos privilégios sociais que o gênero masculino absorveu durante todo o seu processo de construção de uma identidade. E, se, de fato, houver uma absorção de privilégios, criando um poder social, isso não levaria a um questionamento da masculinidade diante dos espaços e conquistas femininas.

O que ficou claro em nossa pesquisa é que, mesmo ocorrendo uma mudança na representação da família, que não é nosso objeto de estudo, isso nos mostra que, apesar de mães e pais trocarem papéis na criação de seus filhos, há, ainda, uma manutenção dos privilégios socialmente atribuídos para o gênero masculino.

A resposta é pensada na discussão em torno da masculinidade que expressa “mudanças em relação à aceitação social do arbitrário poder masculino e de sua hegemonia dentro do regime de gênero vigente nas culturas contemporâneas

ocidentais.” (OLIVEIRA, 2004, p.142) Para isso, traçamos uma panorâmica das transformações sociais ocorridas na transição da modernidade para a chamada pós-modernidade, analisando as transformações de algumas instituições que elevavam o masculino a uma condição de dominância simbólica.

Com esse objetivo, cabe uma discussão no sentido de entendermos todo um conjunto de condutas sociais que dificultam a hegemonia e a permanência do ideal masculino elaborado na modernidade.

O suposto declínio do masculino na pós-modernidade aparece como discussão da Sociologia, de maneira indireta, uma vez que é tema tratado como secundário, periférico e, em relação ao feminino, como estudo da cultura e do consumo, ele é visto como tema a ser abordado pela academia, em oposição à centralidade das esferas da produção e da economia de âmbito masculino.

Temos duas concepções básicas. De um lado, cultura, consumo e feminilidade que são pensados como pertencentes à pós-modernidade. De outro lado, produção, economia e masculinidade, relacionadas à modernidade. Segundo Oliveira (2004), os conceitos-chave para se entender a contemporaneidade são cultura e consumo. Esses elementos são perceptíveis, ao pensarmos a internet como algo a se consumir e, mais ainda, ao pensarmos a mulher como algo a ser consumido. Um de nossos interlocutores fala que tornou-se viciado em sexo virtual, no sentido de um desejo constante de possuir e, portanto, de consumir algo.

O conceito de contemporaneidade será utilizado dentro de uma perspectiva descrita pela ideia de modernidade tardia, modernidade reflexiva, sociedade do espetáculo, sociedade pós-industrial, ou mesmo, pós-modernidade, que, no nosso entender, como no entender de Oliveira (2004), se torna o mais adequado.

Tal conceito é originário do movimento artístico/cultural/literário pelo qual se buscou rejeitar a institucionalização no museu e na academia. Proposta pelo poeta nicaraguense Federico Onís, na década de 1930, a ideia foi difundida nos anos 60 e tinha como principais características

(...) abolir as fronteiras entre arte e vida cotidiana; a derrocada da distinção hierárquica entre alta cultura e cultura de massa/popular; uma promiscuidade estilística favorecendo o ecletismo e a mistura de códigos; paródia, pastiche, ironia, diversão e a celebração da ‘ausência de profundidade’ na cultura; declínio da originalidade/genialidade do produtor artístico e a suposição de que a arte pode ser somente repetição. (OLIVEIRA, 2004, p.85)

Fica claro, nessa breve exposição, que o termo pós-modernidade foi importado das artes plásticas e da arquitetura para os estudos acadêmicos, principalmente pelas Ciências Humanas, como a Sociologia, a Antropologia, a Filosofia, a Economia, entre outras.

Estabelecendo uma comparação entre termos de oposição, para entendermos a passagem da modernidade para a pós-modernidade, ou para entendermos os elementos que dão características à primeira e à segunda, temos: homogeneidade/diversidade, alienação/esquizofrenia, propósito (projeto)/jogo (acaso), universalismo/localismo, poder de Estado/poder econômico, centralização/descentralização, metateoria/jogos de linguagem, políticas de classe/políticas de identidade, concentração/dispersão.

O que vemos nessas bipolaridades é que são termos usados para descrever o capitalismo, mas os que se localizam à direita, são, na atualidade, mais enfáticos do que os primeiros. Assim, a pós-modernidade representa a afirmação da vitória do capitalismo, criando uma polêmica no que tange à autonomização das esferas sociais. Na pós-modernidade, essa autonomização sucumbe ao pastiche, à referência cruzada, à interdisciplinaridade, levadas a cabo pelas contínuas transgressões de fronteiras.

Assim, a pós-modernidade são reflexos de aspectos de mudanças do capitalismo, em que se aponta para um movimento contínuo de privatização e esvaziamento do espaço público. Além disso, a tônica dominante é a constante mudança das expectativas, a inconstância das normas que se alteram, antes de o jogo terminar e a multiplicidade das vozes nas quais se torna difícil determinar o motivo dominante.

Outro destaque de Oliveira (2004) é que o capital passa a invadir todas as esferas da vida social, isto é, o mercado, instituição pertencente ao capital, invade a vida social, tornando tudo uma mercadoria, caracterizando a pós-modernidade como um campo cultural que se mostra como a superação de tudo o que está fora da cultura comercial, a absorção de toda a cultura, alta e baixa, num único sistema.

No contexto em que a cultura transforma-se em uma cultura comercial, velocidade e *performance* são algumas das obsessões pós-modernas cultivadas cada dia mais. Para Bauman (1998), a velocidade possibilitada pela técnica pulveriza o espaço e destrói as totalidades sociais, desagregando o *chez soi* (em casa) que se alimenta daquele espaço e dessas totalidades, para entrar em cena um novo *chez soi*, que, segundo Oliveira, “paulatinamente desmantela as injunções sociais mais indiscutíveis, dentre as quais aquelas presas aos comportamentos que visam à realização dos ideais modernos de masculinidade” (2004, p.90).

Outro elemento importante para o avanço da cultura, no sentido dado acima, é o desenvolvimento da tecnologia no mundo da produção capitalista. Há um processo de descorporificação do trabalho, em que as características físicas de gênero se tornam menos relevantes, possibilitando o aumento da participação feminina no mercado de trabalho. Não podemos desconsiderar que, nesse processo, mesmo as mulheres ocupando espaços que antes eram só ocupados por homens, seus ganhos salariais ainda são menores, com segurança menor e menos possibilidade de alcançar posições mais elevadas. Isso mostra que há uma diminuição das desigualdades de gênero, mas que elas não deixam de existir.

Este cenário, na visão de Oliveira (2004), avança para o triunfo do consumismo e da indústria da cultura, na qual as políticas clássicas de classe tradicional estão cedendo espaço para as políticas de identidades.

A importância dessas políticas de identidade é que movimentos, como o feminismo e outros, se aproveitaram da cultura pós-moderna, beneficiados pela expansão capitalista que buscou no mercado um número cada vez maior de consumidores e trabalhadores que sempre estavam de acordo com as características do agente hegemônico, ou seja, macho, branco, de ascendência europeia e heterossexual.

A esses elementos que fazem parte de uma construção daquilo que denominamos de “colocar a masculinidade em questionamento”, colocando em xeque o poder masculino, podemos acrescentar a discussão dos rumos que a ciência toma em relação ao saber contemporâneo. Ao desferir golpes na pretensão universalista, característica da ciência moderna, o pragmatismo, mais adequado à *performance* e à competitividade global, levou ao aperfeiçoamento da técnica, que tem como função receber dados e agir sobre o contexto.

Segundo Oliveira (2004), esse espírito obedece ao princípio da otimização da *performance*, do aumento das informações ou modificações desejadas e consequente diminuição das energias gastas. Nesse contexto, podemos pensar o papel do “Viagra” como objeto de maximização da *performance* e com uma diminuição dos esforços em se chegar à eficiência. Porém, no discurso da masculinidade viril, proferida por nossos interlocutores, a *performance* ocorre em sua totalidade, sem a necessidade do uso de um catalisador, o que só ocorreria dentro de um cenário de fetiche sexual.

A *performance* é altamente significativa no âmbito das relações virtuais, em que o distanciamento entre os corpos leva a uma necessidade de demonstrar para o outro ser possuidor de uma identidade cuja *performance* é elevada. O sujeito não aparece

enfraquecido, mas sempre apoderado de uma eficiência total, o que lhe garante a condição de uma masculinidade dentro dos padrões heteronormativos.

Ainda, de acordo com Oliveira, “eficácia e acúmulo andam de braços dados, e a ultrapassagem de uma impele o desenvolvimento da outra.” (2004, p.115) e ainda, a pós-modernidade é marcada pelo pluralismo das normas, “o que dificulta qualquer escolha moral sem laivos de ambiguidade. Nela, as instituições perdem o lastro de certeza e adequação que as caracterizou durante o período moderno.” (2004, p.116).

Vivemos num mundo pós-moderno, no qual as totalidades vão se esvaziando, dando lugar ao império do economicamente correto, sendo este que dará sentido e não mais, o social, o político, ou propriamente o humano. Ao pensarmos em identidades em crise, num modelo ideal de “anti-identidade”, ou uma identidade fragmentada em diversas outras, dando um sentido de uma *bricolagem*, temos um universo pós-moderno de não delimitação, mas com possibilidades infinitas. “O acelerado fluxo de mercadorias deve privilegiar a intensificação do consumo, levando necessariamente a uma flexibilização dos estilos de vida” (OLIVEIRA, 2004, p.118)

A vertigem pós-moderna pode levar a uma desestabilização do ideal moderno de masculinidade, pois observamos uma crescente necessidade dos homens nos cuidados do corpo, sendo este transformado pelas obsessões impostas pela pós-modernidade. Do “corpo perfeito” das academias, com músculos exuberantes, conquistados à base de muito esforço e de muito anabolizante, ao desgaste do corpo no imaginário de uma plenitude nas práticas das relações sexuais.

Na busca de se tornar um “homem objeto”, os homens passam a cuidar de seus corpos mais intensamente, para se mostrarem não apenas musculosos e fortes, mas algo atraente, desejável, desfrutável. Assim os M.D.E. surgem no campo da informação, como o elemento “milagroso” que, num primeiro instante, faz com que o homem deixe de perder ou tenha condições de recuperar seu poder dominante com base na representação do falo ereto.

Num primeiro momento, os M.D.E. surgem atrelados a um discurso no qual a sua funcionalidade é voltada para um determinado segmento da sociedade, homens de idade avançada, ou que apresentem problemas de ereção, e que aos poucos passam a ser incorporados por outro segmento, subvertendo a ordem e usando o medicamento para satisfazer seu desejo de usar o seu corpo intensamente. Assim, na fala permitida por estarem do outro lado, o uso do medicamento torna-se algo permissível diante de uma

determinada situação, que não coloque em xeque a sua condição de masculinidade, mas que, em sentido contrário, satisfaça seus desejos de manutenção do controle da fêmea.

Assim, Oliveira mostra-nos que o “princípio do prazer impera no virtual pós-moderno, enquanto real representa o limitante princípio de realidade e deve, portanto, ser evitado” (2004, p.125), em que tudo está ao contrário, como se lá fosse o mundo real e aqui o sonho; numa sociedade de consumo esse real deve ser evitado sempre que possível. Nesse contexto, encontramos um paradoxo com o qual a coletividade tem de conviver. “Enquanto o mercado tende a elevar os sonhos e desejos dos agentes a um estado de frenesi, e faz isso seduzindo toda a coletividade via publicidade, há um crescente hiato entre os que desejam e os que podem satisfazer esses contínuos desejos” (OLIVEIRA, pp.125-126).

Então, o ato de “brochar”, que se apresenta dentro de um imaginário extremamente punitivo e não admissível para o homem, se coloca no campo virtual, como algo não possível. *Brochar é um momento dramático. Não resta a menor dúvida.* Em nossas pesquisas não encontramos sequer um sujeito que admitiu esse acontecimento.

Duas são as condições impostas acima no que se refere às relações de poder. Pensar o *Poder* na *performance*, e que é uma das características da masculinidade e pensar o *Poder* no domínio do provento do lar, devido às conquistas femininas. A perda de uma dessas condições leva o homem a colocar em questionamento sua masculinidade e, quando as duas acontecem ao mesmo tempo, a “crise” toma dimensões inimagináveis.

Em Oliveira (2004), temos que, com a existência do que ele chama de inconsciente sexuado, há uma garantia de que a masculinidade, considerada valor social cultivado e reiterado, resiste a muitas das transformações que ocorrem na sociedade contemporânea, levando à manutenção das condições de poder. Os MDE surgem como um dos elementos do avanço tecnológico para manutenção dessas condições de poder ou não.

Diante de um conjunto de transformações que vêm ocorrendo, percebe-se que elas têm dado motivo a uma série de mudanças nas correlações de força entre o masculino e o feminino, o que nos pode levar a uma interpretação de que há um questionamento do poder masculino quando se analisa o jogo de forças, num movimento mais amplo. Oliveira (2004) fala em fases, uma estruturada, atribuída às leis e às instituições, e a outra, estruturante, que se refere a valores, símbolos e agentes,

pelos quais elas sustentam as assimetrias e diferenças simbólicas presentes no regime de gênero.

Os valores simbólicos que atravessam a perda de privilégios, no exercício da masculinidade, podem ser considerados como crise, de maneiras diferentes. Enquanto para uns são motivos de insatisfação, para outros, são motivos a serem desfrutados.

A heteronormatividade relacionada ao pavor e à fuga, em relação às mulheres, numa análise vitimária, pode ser vista como um fator exclusivo, provocador de ansiedade, interna e hierarquicamente diferenciada, de forma brutal e violenta. Dessa forma, **o que querem os homens?**

Cabe aos homens uma verificação da constatação do usufruto e enriquecimento proporcionados aos agentes pelo exercício da masculinidade.

A resposta à pergunta feita pode ser vista de maneira simples ou elaborada pelo senso comum. Nas palavras de Almeida, “não ser mulher, e ter um corpo que apresenta órgãos genitais masculinos” (2000, p.127) nos remete simplesmente a características de um corpo físico com uma identidade pessoal. Essa definição de masculinidade mostra que *ser homem* vai além da característica que se mostra no dia a dia, nos processos de interação social, nas construções ideológicas, que nunca se reduzem a seus caracteres sexuais, mas, sim, a um conjunto de atributos, em nível de comportamento moral e que são socialmente sancionados e constantemente reavaliados, negociados, lembrados. Em suma, em constante processo de construção.

Em Oliveira, encontramos uma definição inicial de masculinidade, que ele trabalha como um lugar

simbólico/imaginário de sentido estruturante nos processos de subjetivação. (...) na qualidade de estrato constitutivo e articulado do *socius*, apresenta-se como uma significação social, um ideal culturalmente elaborado ou sistema relacional que aponta para uma ordem de comportamento socialmente sancionado. (2004, p.13)

Optamos por uma distinção entre sexo e gênero, sem dissociá-los, como ponto de partida, a fim de compreender e investigar a masculinidade. A categoria gênero dá o elemento básico de uma discussão acerca da masculinidade, pois mostra a distinção entre a biologia e a cultura.

A separação conceitual entre sexo e gênero nos dá a entender que o segundo é uma elaboração cultural do primeiro, o que nos leva a compreender a variação cultural dos papéis femininos e masculinos. Bem como os traços de uma personalidade, tidos

como normais para cada sexo, em cada cultura e num contexto social em que trazem o determinismo cultural para o campo da sexualidade.

Os traços naturais de gênero, bem como os processos naturais de sexo e de reprodução, são apenas um pano de fundo sugestivo e ambíguo para a organização cultural do gênero e da sexualidade. O que o gênero é, o que homens e mulheres são e o tipo de relações que acontecem entre eles, ou melhor, todas essas noções não são simples reflexos ou elaborações de ‘dados’ biológicos, mas, sim - em grande medida - produtos de processos sociais e culturais.

Assim, pensar no que vem a *ser homem* na contemporaneidade significa buscar analisar os requisitos culturais necessários para que indivíduos do sexo masculino sejam considerados homem. Esses requisitos não se localizam no nível estrito do corpo, mas se encontram diluídos em vários níveis do social – família, trabalho, idade, prestígio e *status* social, classe social, raça e etnia, linguagem verbal e gestual, corpo, potencialização, controle, entre outras coisas mais que poderíamos listar.

Dessa maneira, em nosso estudo, a escolha de um “local” específico e a forma de “manifestação” para a construção da masculinidade, definem o *campo* do *corpus* de pesquisa que tem toda uma especificidade de um grupo social (com base no comportamento), que faz uso do universo virtual em que busca a satisfação de seus desejos e prazeres.

Gênero, como categoria, nasce de estudos sobre mulheres, desenvolvidos pelas feministas e que, mais tarde, como mostra Scott (1992), possibilitaram ouvirmos não somente as vozes femininas, mas também as vozes masculinas. Assim, podemos ter uma visão mais ampla da homologia masculino/público/político que caracteriza a masculinidade hegemônica.

Ser homem não é a mesma coisa para quem assume a norma social da heterossexualidade, ou para quem assume a bissexualidade, ou, ainda, a homossexualidade. Qualquer que seja o nível de identidade social que se cruze numa comparação com o gênero, estaríamos com o mesmo problema de compreensão da masculinidade. Aí está a dificuldade em definir a masculinidade num paradigma exclusivo. Portanto, a questão está em “que o gênero é uma área de estudos e do real que introduz significativa novidade epistemológica” (ALMEIDA, 2000, p.131).

Oposto à classe ou às instituições sociais, como a escola, a família, o gênero cruza-as de maneira transversal. Assim, o gênero, como categoria, além de ser um corte nas estruturas hierárquicas é, também, de difícil introdução nas ciências sociais, porque

é de difícil introdução no âmbito da vida social. Assim, ele também irá cruzar as redes de interações sociais criadas na internet, da mesma forma que cruza em outras instituições.

Esse cruzar de instituições é revelado pelas desigualdades sociais que estão presentes na distinção dos sexos e refletidos na construção e reprodução dos gêneros. As causalidades das desigualdades entre os gêneros, postas de forma cultural, caem na tentação de ver no sexo e no corpo o problema do gênero. Por isso, para Almeida, o gênero é a ‘última fronteira’ da reflexividade das ciências sociais, uma vez que é “Constituinte de identidades pessoais e sociais, o gênero não cria, porém, grupos sociais, mas sim categorias” (2000, p.130).

Vemos que o surto de estudos de mulheres, da teoria feminista e do movimento gay, com suas bases na teoria crítica, proporcionou a abordagem da questão da masculinidade. Nos últimos anos, surgiu uma série de trabalhos que focam especificamente as mulheres como atores sociais e isso se deve ao fato de uma visão androcêntrica das ciências sociais, mostrando uma posição eminentemente política das feministas, deixando o estudo da masculinidade articulada por uma perspectiva homoerótica. Estudar a masculinidade na perspectiva heterossexual se torna algo inovador que requer toda uma perspicácia, para não se ser taxado de defensor de uma teoria da vitimização.

O feminismo, como movimento social e como movimento acadêmico, desenvolveu-se, sobretudo, nos países anglo-saxônicos e é típico de um fenômeno de sociedade moderna. Assim, não devemos menosprezar seu alcance teórico e epistemológico que construirá uma teoria crítica para rebater a evolução de vários matizes que afirmavam que os papéis sexuais estavam relacionados com a anatomia e teriam sido estabelecidos há milhares de anos.

O artigo de maior influência para as feministas é o texto de Gayle Rubin – *The Traffic in Woman: notes on the political economy of sex* – que tem como proposta discutir o sistema de relações de opressão da mulher, sobrepondo as grelhas de Freud e Lévi-Strauss.

Compreender a opressão da mulher no seio da dinâmica capitalista é o elemento central do feminismo que se organizava academicamente, apontando a relação entre o trabalho doméstico e a reprodução da força de trabalho, deixando claro que a utilidade da mulher para o capitalismo não explica a gênese da opressão da mulher, ou seja, que há existência de uma questão histórica e moral. É nessa abordagem de elementos

históricos e morais que se pode compreender o que faz da mulher/esposa uma das necessidades do trabalhador.

Com base na distinção entre relações de produção e relações de sexualidade é que encontramos a explicação do ‘sistema de sexo/gênero’. Um sistema de sexo/gênero não é apenas o momento reprodutivo de um ‘modo de produção’, mas também a formação da identidade de gênero, como exemplo de produção, no reino do sistema sexual, além de um sistema que envolve mais do que as ‘relações de procriação’.

Portanto é na área do parentesco que encontramos o *locus* da reprodução do sistema de sexo/gênero, pois é no modo de parentesco que surgem formas concretas de sexualidade organizada, isto é, é aí que se fazem e se reproduzem as sexualidades. É nesse contexto que se vê a questão da troca de mulheres, não como fazendo parte de um processo de mercantilização, mas como parte de uma distinção entre quem dá e quem recebe, sendo os homens os beneficiários do produto das trocas na organização social.

A existência de uma ‘economia’ do sexo e do gênero, em que as divisões dos trabalhos pelos sexos seriam um tabu contra a semelhança de homens e mulheres, exacerbam as diferenças biológicas entre os sexos, criando o gênero. A organização social do sexo se assenta no gênero, em uma heterossexualidade obrigatória e imposta, e no constrangimento da sexualidade feminina.

Nesse sentido, os indivíduos serão engendrados em um duplo sentido, construído em uma identidade e feito com um gênero, para garantir a manutenção de uma ordem, com base na heterossexualidade instituída.

Tomando por base uma análise marxista dos sistemas sexo/gênero, utilizamos de um exemplo que mostra as mudanças de comportamento de homens e mulheres, que se inicia com o processo de industrialização, se desenvolve com as propostas de higienização das instituições, principalmente o sexo confinado ao lar, muito comum no século XX e que culminará com a sequência da ‘revolução cultural’ dos anos sessenta desse mesmo século e das mudanças na estrutura e relações econômicas e sociais do pós-guerra.

A teoria crítica feminista dá entrada na Antropologia, buscando responder à crítica da ausência das mulheres como informantes (ALMEIDA, 2000), já que se observa que a maioria dos informantes são homens e isso leva a uma ampliação do tema para as questões de poder. Assim, vemos que, nos anos sessenta do século XX, o poder será questionado pela via das noções estabelecidas entre indivíduo e sociedade, com base na Psicanálise e no Marxismo.

A partir dessa época, a Antropologia registrou uma explosão de obras escritas por e sobre mulheres, como podemos verificar em J. Scott (1986) e J. Butler (2003). Tais obras reavaliaram as áreas de parentesco e família, pessoa e emoções, sexo e gênero, dando uma ênfase à questão feminina sobre as mudanças em termos social e político. Daí o motivo de ficarem em segundo plano as áreas, quer da masculinidade, quer da homossexualidade.

Num segundo momento do feminismo, o mais acadêmico, gênero, sexualidade e repressão deviam ser tratados como símbolos investidos com significados ou sentidos pela sociedade em análise.

Na maioria dos casos apresentados, verifica-se uma oposição binária metafórica, sendo que quase todos os *homens* surgem definidos por categorias de *status* e papel social, ao passo que as mulheres são definidas em relação aos homens/parentes. Os mesmos eixos que separam as mulheres dos homens atravessam as categorias de gênero, no seu interior e, em todos, se dá a separação conceitual entre um mundo dos homens e um mundo das relações heterossexuais.

Percebe-se, então, a ideia do parentesco e do casamento, como meios privilegiados de produção e reprodução da ideologia do gênero, e que, portanto, é na esfera das relações de prestígio que se medeia a organização entre parentesco e casamento e a formação de uma ideologia do gênero.

Parentesco e casamento, a distribuição dos meios de violência, as relações de produção é que darão a estrutura para o *prestígio*. Essas estruturas de prestígio são como projeções entre as várias outras estruturas (materiais, familiares e políticas) que são ou tentam se mostrar como concepções culturais da masculinidade. Esses prestígios não estão escondidos por detrás de um mundo erótico, mas, sim, em psiques que se projetam em relação ao *status*.

O antagonismo entre homens e mulheres é de valor metafórico, isto é, por meio de um imaginário com base na diferença sexual ordena-se uma ampla variedade de valores. Portanto, o gênero, pensado como atributo social, não é só sobre homens e mulheres. Mulheres não podem se dissociar dos atributos de serem fêmeas, tal como os homens têm de provar que podem utilizar o potencial de serem machos.

Almeida (2000) mostra-nos que são os homens que desempenham o papel principal na fabricação da criança. Isso faz parte de uma estrutura que está no nível do pensamento, mas que se expressa de forma que parece ser real socialmente, da mesma forma como os outros elementos de dominação masculina como controle dos meios de

produção, da violência etc. “A sua especificidade é consistir num conjunto de gestos, ritos e práticas simbólicas” (p.137). Esses elementos são formas de fazer uma passagem do mundo das ideias para o mundo do corpo, da natureza e, ao mesmo tempo, de transformá-los em relações sociais.

Neste sentido, o pensamento não reflete, mas antes dá sentido a situações que nascem de causas e forças cuja causa não é somente a consciência ou o inconsciente. Para Godelier, é preciso analisar as idéias de que uma sociedade cria acerca do corpo e os discursos que sustenta não somente acerca do corpo do homem e da mulher, mas também, com a ajuda dos seus corpos, um discurso sobre a sexualidade e um discurso da sexualidade. (ALMEIDA, 2000, p.138)

Verificamos a existência de um elemento comum na submissão da sexualidade à ordem social, o tabu do incesto funcionando como uma amputação do desejo e sua orientação para as pessoas.

Na relação entre sexualidade e gênero, discutida por Foucault (1988), o que tem de novo é a questão da identidade, já que a sexualidade pode ser vista como parte integrante da identidade. Assim, a fertilidade é valorizada, mas só com parceiros de *status* certo, sendo dada maior importância ao *rank* (classificação posicional do indivíduo na sociedade) do que ao sexo biológico ou à identidade de gênero.

O machismo, por exemplo, pode ser visto como um jogo diferente, governado por regras que se diferenciam e que será representado de outra maneira na economia sexual, ou, ainda, em termos foucaultianos, a sexualidade latina representa uma prática discursiva diferente da anglo-saxônica, como veremos em nossa pesquisa. Distingua-se a sexualidade burguesa da sexualidade “popular”, aquela em que tudo é permitido, sendo que hoje é no espaço virtual que se cria o imaginário em que tudo é permitido, independente de sua posição sexual.

Uma contribuição aos estudos de gênero é a separação dos fatos biológicos do sexo dos fatos culturais do gênero, isto é, a interpretação do gênero como um sistema de símbolos e significados influenciadores e influenciados de e por práticas e experiências culturais. Este caminho leva a um complicador, pois aqui o gênero é visto como a elaboração de uma diferença biológica, levando às dicotomias como público/doméstico, natureza/cultura, produção/reprodução (ALMEIDA, 2000).

Daí surge a reflexão de como é que as pessoas são constituídas como sujeitos com gênero, em sistemas culturais específicos e de como é que as categorias de gênero

são definidas e, ainda, quando o sexo é a base do gênero, devemos nos perguntar como é que esse sistema auto-referencial é construído.

Essas práticas devem ser explicadas e não pressupostas por sistemas de diferenças entre pessoas, de modo a parecerem invariáveis. Assim, após termos questionado o modelo de base natural do sexo, começamos a explorar as práticas culturais por meio das quais as pessoas são sexualmente constituídas como sujeitos sexuais, mantendo o caráter de gênero de tais práticas.

Não podemos deixar de lado o sexo nas nossas análises de gênero, porque ele é o espaço discursivo a partir do qual iniciaram-se os estudos comparativos de gênero. Mas sem esquecer que o sexo é o que na América se entende como o núcleo central do gênero, estando implícito que possa não ser noutros contextos.

A sociedade não é constituída independentemente do gênero, o que, portanto, não pode ser um contexto explicativo para o gênero e ainda, que as relações de gênero não são nem mais nem menos autônomas, comparadas a outras relações sociais.

Dessa forma, Almeida (2000) faz uma ressalva no sentido de que nem todos os pontos de vista, antropológicos ou feministas, trabalham com a ideia de que os cultos de homens sejam cultos para 'fazer homens'. A identidade sexual individual é um assunto cultural do Ocidente. A *performance* sexual é uma preocupação, tanto heterossexual como homossexual, e a necessidade de 'optar' por uma ou outra torna o comportamento erótico uma fonte importante de autodefinição.

O interessante é que, antes de chegarmos a uma teoria unitária da identidade de gênero, precisamos desenvolver uma teoria unitária da identidade. Dessa forma, quando trabalhada a construção social e cultural do gênero, não é necessário tomar uma decisão prévia ou derivada do sexo do corpo. A preocupação é em relação às categorias macho e fêmea, elucidando a base metafórica dos sistemas de classificação.

Nos anos setenta do século passado, a estratégia de papéis sexuais falhou, pois as categorias de macho e fêmea tornaram-se referências fixas. No Ocidente, a ideia de domesticidade é semelhante à de infantilidade e, ambas, associadas à ideia de ausência de autonomia porque estão fora da esfera do salário, do local de trabalho, da produção cultural, porém em outros locais pode não ser assim.

A relação entre a teoria e a prática tem perspectivas paralelas à ideia de incorporação, experiência e *performance*, pois as abordagens da prática focam pessoas reais, fazendo coisas reais. Isso mostra que o 'sistema' tem um efeito poderoso na ação humana e esse sistema é visto como um sistema de desigualdades, constrangimento e

dominação, chamando a atenção aos conceitos culturais de feminilidade e masculinidade pelos quais o sistema de dominação deve ser entendido como sistema cultural.

A teoria da prática, isto é, a atuação dada com base na elaboração teórica, como na feminista, questiona a participação em um sistema visto de maneira bi-polarizado: base e superestrutura, sociedade e cultura, doméstico e político, produção e reprodução, como determinante e determinado, há a preocupação política de ver como a ‘prática reproduz o sistema, e como o sistema pode ser mudado pela prática’.

Para Almeida (2000), há três tendências nos estudos de gênero: a teoria da prática, que deriva da crítica ao marxismo ortodoxo; os modelos de relação entre estrutura e prática desenvolvida por P. Bourdieu (1972; 1980) e A. Giddens (1979); e uma terceira, que é a análise contextual do *self*, da ação pessoal e da intersubjetividade.

Essas focagens oscilam entre os relatos extrínsecos e os intrínsecos dos determinantes das desigualdades sociais – na focagem intrínseca, temos os que se centram no costume e no poder; e na abordagem do poder, temos as que veem as categorias como anteriores à prática e as que as veem como emergindo dela. Essa tendência é para dar conta do entrelaçar da vida pessoal com a estrutura social.

A teoria da prática aponta também para a historicidade do gênero no que diz respeito à vida pessoal; assim, estabelece-se a ideia de que sexualidade, como algo socialmente construído, emerge do trabalho de historiadores radicais e da análise do discurso e da Sociologia Interacionista. “Isto abre para o fato central do gênero, que é o modo como as estruturas são vividas, com múltiplas feminilidades e masculinidades” (ALMEIDA, 2000, 143). Assim, observamos que a historicidade das relações de gêneros não tem sido compreendida, pois no gênero há uma estrutura inserida que é trans-histórica: a dicotomia sexual dos corpos, ideia que envenenou as teorias sobre os papéis sexuais, descartando a necessidade de uma teoria social.

Para Bourdieu (2000), a ideia de uma presença ativa da estrutura na prática e, portanto, de uma constituição ativa da estrutura pela prática foi formulada teoricamente como uma noção de produção social, como único ponto em que pode pôr em risco a dinâmica histórica.

Já para a teoria da estruturação em Giddens (2005), a prática humana pressupõe sempre uma estrutura social, pois essa prática traz regras e recursos sociais. O equilíbrio formulado pelo autor como ‘dualidade da estrutura’ é das teorias que mais se aproxima, das exigências de uma teoria do gênero. Assim, ele propõe um programa de teoria para

o estudo do gênero, com as mesmas linhas da teoria da prática, sendo a divisão do trabalho, a estrutura do poder e a estrutura da *cathexis* (sentimentos e emoções) elementos principais de qualquer ‘ordem do gênero’ ou ‘regime do gênero’. Assim, os modelos e os inventários estruturais seriam modos que se completam, olham para os mesmos fatos e, na prática, são feitos juntos.

A crítica é de que falta o entrelaçar da vida pessoal e da estrutura social, ficando evidente para ele que isso acontece na literatura e não nas ciências sociais. E, ainda, se uma teoria da prática para o campo do gênero fosse elaborada, teríamos que a estrutura não é dada, mas é historicamente produzida; que há a possibilidade de estruturar o gênero de modos diferentes, refletindo a dominância de diferentes interesses sociais; que a estrutura seria diferentemente coerente ou consistente e que isso seria o reflexo de níveis cambiáveis de contestação e resistência.

Ainda, para Almeida (2000), sobre a ideia de trans-historicidade dos corpos, uma teoria social do gênero tem de ser, em sua opinião, algo autônomo em relação à diferença natural, à reprodução biológica, às necessidades funcionais da sociedade, aos imperativos da reprodução social.

Giddens (1998; 2002) trabalha com a ideia de que, nas relações entre a modernidade e a identidade, as questões de gênero passam por uma aprendizagem e por ‘trabalhos’ contínuos e não são uma simples extensão da diferença biológica. Assim, reportamo-nos às nossas incursões etnográficas para perceber que ser ‘homem’ ou ser ‘mulher’ depende de um monitoramento (vigilância e autocontrole) cerrado do corpo e da gestualidade, mesmo que isso se dê em nível virtual.

Fica claro para nós que, por um lado, o corpo, com base nas ideias de Foucault, faz parte da relação dos mecanismos do poder, isto é, esses mecanismos estão concentrados na emergência do ‘poder disciplinador’ da modernidade, em que o corpo torna-se foco do poder, uma posição contrária aos tempos pré-modernos e sujeitando-o a uma disciplina interna de autocontrole. Assim, os mecanismos de autocontrole produzem ‘corpos dóceis’, segundo Foucault (2002c).

Por outro lado, “o corpo” parece uma noção simples, se o compararmos a conceitos como “eu” e “autoidentidade”, uma vez que esse corpo é um objeto em que todos têm o privilégio de viver e/ou condenados a viver. (GIDDENS, 2002). Nesse corpo encontramos a fonte de sensações e de prazer, como também das manifestações de doenças e tensões.

Na medida em que avançamos em nossa pesquisa, tivemos a sensação de que a Internet, com suas salas de *bate-papo*, é utilizada como válvula de escape na busca da satisfação das sensações de prazer para a qual somos levados e que, no mundo real, se torna difícil de alcançar.

Pensando no estado das coisas do mundo real e não na teoria, Giddens (2002) trabalha a sexualidade, mostrando que ela foi inventada quando o comportamento sexual ‘passou para os bastidores’ fazendo parte da intimidade do sujeito. A partir de então, ela se torna propriedade do indivíduo, e mais especificamente, do corpo. Isso se dá ao mesmo tempo em que o erotismo, visto como culpa, passa a ser, progressivamente, substituído por uma associação entre sexualidade, autoidentidade e propensão para a vergonha.

No comportamento sexual, sempre se faz uma distinção entre aquilo que é visto como prazer e aquilo que é intimidade, uma vez que a sexualidade separou-se de modo mais radical da procriação. A sexualidade nesse sentido constitui-se duplamente como meio de auto-realização e como meio de expressão da intimidade.

Vista dessa forma, a dominação masculina era um dado universal, passando logo em seguida a questionar a homogeneidade das categorias ‘masculino’ e ‘feminino’, como possuidoras de significados sociais diversos. Assim, temos que pensar em alguns argumentos que são contrários à noção de que as variações culturais nas categorias de gênero e desigualdades são meras elaborações de um mesmo fato natural.

Essas posturas levam também a um questionamento de outras dicotomias como: natureza/cultura, público/doméstico e reprodução/produção e à primeira ideia de *self interest/social good*.

Uma quarta dicotomia que surge na literatura é a que distingue ‘consciência feminina’ de ‘consciência masculina’ focada nas diferentes estratégias dos membros de grupos domésticos, fazendo deles algo desnaturalizado. É Bourdieu (1996) que, por meio da noção de ‘incorporação’, procurou contrariar a noção de separação entre a esfera doméstica e a pública. Para ele, o despertar da criança de sua consciência da identidade sexual e a incorporação das disposições associadas leva em consideração o que cabe aos homens e o que cabe às mulheres, portanto, faz uma definição das funções sociais pré-estabelecidas. Nesse processo, a identidade sexual surge associada à adoção de uma visão socialmente definida da divisão sexual do trabalho.

Temos, então, um “modelo ou discurso de gênero é o conjunto de idéias que informam a atividade de cada sexo num dado contexto, e o seu delinear é tanto mais difícil quanto menos instituído for o contexto” (ALMEIDA, 2000, p.147-148).

A estrutura da masculinidade pode ser pensada, não de forma conclusiva, mas dentro de pressupostos sociais, definida com base em três aspectos de uma moral de injunção: a) um homem deve engravidar as mulheres; b) deve proteger os dependentes do perigo; c) deve prover os parentes. Nessa visão determinista, quanto mais duro é o ambiente, mais a masculinidade é acentuada como inspiração e objetivo.

Dentro de uma equação da masculinidade, a junção de ideologia e ambiente forma dois aspectos de força, que se associam a um terceiro elemento, o psicológico – o perigo para a performativa do trabalho humano está na regressão, na fuga da realidade. Assim, a masculinidade pode ser vista como um incentivo para substituir o princípio do prazer pelo da realidade. “Os homens alimentaram a sua sociedade vertendo sangue, suor e sêmen, ao passo que as mulheres alimentariam os outros diretamente - com os seus corpos, o seu leite e o seu amor” (ALMEIDA, 2000, p.148).

As contribuições da Psicologia mostram que o homem criaria um escudo protetor que ele chama de ‘ansiedade simbiótica’, no qual o comportamento social masculino demonstra estratégias defensivas para conter o medo da autonomia feminina, invejando e, conseqüentemente, menosprezando as mulheres; o medo de entrar em seus corpos, o medo da intimidade, o medo de manifestar atributos femininos e o medo de ser desejado por outros homens.

Chegamos, assim, ao primeiro regulamento da ‘visão de ser homem’ que é ‘não ser mulher’, e para as mulheres o que é ‘ser mulher’. Quatro são as tendências dos idiomas da masculinidade: 1 – uma correspondência perceptual, com semelhanças que ligam entre si diferentes classes de fenômenos (por exemplo: mulher = casuar – avestruz fêmea); 2 – uma antropomorfização polarizada dos fenômenos naturais com base no gênero, reaplicada sobre as construções culturais; 3 – projeção focal – isomorfismos que isolam laços subjetivos entre órgãos (ou traços) humanos e outros fenômenos (ex.: flor de *pandanus* é um pênis); 4 – fissão perceptual – categorização dos fenômenos em subtipos tácitos ou manifestos baseados em imagens subjetivas que polarizam os significados atribuídos aos membros das classes de gênero resultantes (ex.: rapariga vs rapaz, *pandanus* vs casca de noz). (Almeida 2000)

Temos, ainda, outra possibilidade que, inspirada em Bourdieu e Giddens, mostra a perspectiva de uma masculinidade em três linhas: 1 – a questão do poder sexual deve

ser abordada dentro das categorias sexuais, de modo a perceber a constituição da masculinidade como ordem política; 2 – a análise da masculinidade precisa ser relacionada com outros tópicos correntes no feminismo, como a divisão sexual do trabalho, a política sexual nos locais de trabalho e a inter-relação entre o gênero e a dinâmica das classes; 3 – devem ser usados os desenvolvimentos da teoria social que ultrapassam as dicotomias de estrutura versus indivíduo e sociedade versus pessoa.

5.1 Masculinidade Hegemônica ou Heteronormatividade?

O uso do termo ‘masculinidade hegemônica’ é um dos pilares nas discussões sobre a masculinidade, no sentido em que essa categoria não é vista como o papel masculino, mas como matriz particular de masculinidade que subordina outras matrizes. Cabe, ainda, dizer que o termo ‘masculinidade hegemônica’ refere-se a um conjunto de características que colocam o homem dentro de um posicionamento de privilégios, principalmente, o ideológico.

Assim, da mesma forma que a quebra (ou separação) entre as categorias de homens e mulheres é um fato central do poder patriarcal e de sua dinâmica, no que se refere aos homens, a divisão central é estabelecida entre masculinidade hegemônica e várias masculinidades que se subordinam a ela (ALMEIDA, 2000). Observa-se que as masculinidades são construídas não só pelas relações de poder, mas também, por uma inter-relação proporcionada pela divisão do trabalho e com os padrões de ligação emocional.

Em nossas incursões, verificamos que a forma culturalmente exaltada de masculinidade, que corresponde às características de um pequeno número de homens, é manifestada no desejo de um grande número de sujeitos. Eles se idealizam a partir de um modelo cultural construído por um ideal de masculinidade.

A definição estabelecida por Almeida (2000) vai ao encontro de nossas discussões, na medida em que questionamos se os espaços da internet, por meio das salas de *bate-papo*, estão sendo utilizados como espaços de afirmação da heteronormatividade ou se estão utilizados apenas como espaços de entretenimento.

Almeida (2000) ressalta que um dos traços importantes da masculinidade hegemônica está associado à dominação e à heterossexualidade. Dessa maneira, o processo que Foucault descreve como a passagem da noção de ‘luxúria’ para a

especificidade das ‘perversões’ é fundamental para compreender a constituição histórica da hegemonia masculina.

Já em Bourdieu (1999), é nos corpos socializados, portanto, no *habitus* e nas práticas rituais, que o passado se perpetua no tempo, o que se verifica na discursividade de nossos sujeitos de pesquisa. Assim, a dominação masculina não necessita de uma justificativa, já que está presente nos discursos. Ele chama atenção para o fato de que esses discursos não se referem a uma ideologia, mas às práticas rituais e aos discursos que os legitimam, sem o princípio de intenção de legitimar.

Talvez por isso a visão dominante se exprima também nos objetos e práticas da vida material: na estrutura do espaço, nas divisões interiores da casa, na organização do tempo, nas práticas tanto técnicas como rituais do corpo, posturas, maneiras. Trata-se de um sistema de categorias de percepção, de pensamento e de ação que, graças à concordância entre as estruturas objetivas e as cognitivas, gera a ‘atitude natural’ da experiência dóxica. (ALMEIDA, 2000, p.150)

Nessa linha de raciocínio, constata-se que a divisão das coisas e das atividades, com base na oposição masculino/feminino, também se insere num sistema de oposições homólogas, como o alto/baixo, forte/fraco, sobre/sob, levando a uma compreensão de que a diferença está inscrita na natureza das coisas.

Por meio dessas oposições, estabelece-se uma ordem social que, ao se somatizar, desenvolve certas relações fundamentais, tendo por resultado a instituição de duas ‘naturezas’ contraditórias que aparecem em dois sistemas de diferenças sociais naturalizadas. Estas estão simultaneamente inscritas nas *hexis* corporais, sob forma de duas classes opostas e, ao mesmo tempo, complementares, de posturas, nas formas de andar, nos gestos, etc.

Quando Bourdieu se refere ao fato de que essas práticas não são ideológicas, isto é, que elas não têm a intenção de legitimar uma prática ou um discurso, isso é facilmente notável nos discursos sobre o ato da posse do homem em relação à mulher ou do medo da admissão do ato da ‘falha’ na relação sexual demonstrado por nossos interlocutores.

Vemos, ainda, que o dominado não tem os dispositivos para pensar se são os instrumentos de conhecimento que tem em comum com o dominador, já que esses dispositivos podem aparecer incorporados na relação de dominação.

O gênero, como uma construção social, em seu processo de construção das categorias de percepção que são determinadas em torno das oposições que reenviam para a divisão do trabalho sexual, estruturando a percepção dos órgãos sexuais e da atividade sexual, mostra, por outro lado, a possibilidade de uma resistência. Uma forma de representação dessa resistência é pensarmos não numa masculinidade hegemônica, mas, sim, numa heteronormatividade, isto é, uma mudança de nomenclatura que induz a pensarmos a lógica da ordem social, com base em outra perspectiva, a da possibilidade de ruptura.

O corpo biológico também é um corpo político, que tem como base toda uma moral da honra, do ‘olhar de frente’ e da postura que ele assume. “É, aliás, através da mediação da divisão sexual dos usos legítimos do corpo que se estabelece o laço (que a psicanálise conhece) entre o *phalus* e o *logos*” (ALMEIDA, 2000, p.151)

Dessa forma, observamos que tanto para Almeida (2000), como para Bourdieu (2005) e Welzer-Lang (2001), os homens são ‘vítimas’ de sua dominação. O fato de serem dominados pelos mesmos mecanismos de dominação masculina faz uma grande diferença em relação às mulheres. O *habitus* masculino, segundo Bourdieu (2001), constrói-se e cumpre-se em relação ao espaço em que se jogam, entre homens, os jogos de competição, mesmo estando presente somente um único homem nesse jogo, o que leva a uma dissimetria entre homens e mulheres no que se refere às trocas simbólicas, isto é, há uma dissimetria de sujeito e objeto, de agente e instrumento.

Essa competição entre homens aparece nos diálogos estabelecidos em nossas incursões. No plano virtual, os sujeitos competem, mesmo não conhecendo seu oponente. O jogo de palavras é construído, no sentido de superioridade em relação ao seu oponente virtual/imaginário, procurando convencer a “fêmea” de que ele é um “macho” muito mais capacitado sexualmente do que outros que ela conhece, ou venha a conhecer, principalmente naquele espaço.

Assim, a sexualidade é algo que cada um de nós ‘tem’, não como uma condição natural, mas como um traço de nossa identidade, um ponto de junção entre corpo, autoidentidade e normas sociais.

Giddens (1993) questiona: *o que querem os homens?* De certo modo, a resposta tem sido clara e compreendida por ambos os sexos, desde o séc. XIX. Os homens querem *status* entre eles e isso ocorre por meio de recompensas materiais e a par e passo com rituais de solidariedade masculina, o que aparece na prática e nos ‘rituais’ de reprodução desse *status*.

Pensar a sexualidade, algum tempo atrás, é dizer que: o domínio da esfera pública pelos homens se dá em um duplo padrão - a divisão das mulheres entre puras (casáveis) e impuras, na compreensão da diferença sexual, como dada por Deus, pela Natureza ou pela Biologia; e a problematização das mulheres como opacas ou irracionais nos seus desejos e ações e a divisão sexual do trabalho. É no campo das transformações da contemporaneidade que devemos pensar uma nova masculinidade em construção.

5.2 Identificando a matriz de gênero na discursividade dos internautas das salas de *bate-papo* e nas propostas da revista *Men's Health*.

O que nos propomos aqui é realizar uma interpretação dos dados coletados, em nossas incursões pelas salas de *bate-papo* e da proposta editorial da revista *Men's Health*, no sentido de compreendermos a concepção de masculinidade, por meio de uma análise teórica sob a perspectiva de Gênero. É claro que, como já proposto anteriormente, não realizamos uma análise linear e, sim, estabelecemos um diálogo com as outras categorias discutidas.

Sendo a questão de Gênero o pilar teórico dessa discussão, iniciamos fazendo referência às condições criadas para inserção nas salas de *bate-papo*. O pesquisador é do gênero masculino que se transveste em um pesquisador virtual, tornando-se do gênero feminino. A proposta foi de levar nossos interlocutores a imaginarem que dialogam (fazendo um *bate-papo*) com uma pesquisadora, portanto, com atributos físicos femininos. Esta se apresentou com um *Nick/name*, com propósitos apelativos, associando sensualidade e sexualidade – *Morena Sensual*.

Essa estratégia não teve o objetivo de iludir nossos interlocutores, mas, sim, de criar elementos que facilitassem a aproximação e aceitação do(a) pesquisador(a) por parte dos sujeitos. Ao longo do desenvolvimento do diálogo, após se estabelecer uma relação de confiança, a pesquisadora virtual se apresentava expondo os motivos que a levaram a pesquisar. Sendo assim, e por questões éticas, utilizou-se de fragmentos das entrevistas que foram autorizadas pelos sujeitos da pesquisa.

Uma das formas de estabelecer contato nesse espaço é realizando uma abordagem como a do internauta que entra na sala. Assim que isso se dá, aparece uma mensagem dizendo que alguém acaba de entrar, mostrando a hora, minutos e segundos, como no exemplo a seguir:

(03:36:42) Morena Sensual entra na sala...

Essa estratégia teve êxito, pois todos os dias em que fomos a campo a nossa pesquisadora virtual foi abordada rapidamente, num espaço de tempo que leva segundos. A abordagem quase sempre se dava dentro de um padrão de linguagem estabelecido naquele contexto.

- *oi*

- *oi tudo bem?*

- *oi, podemos tc?*

Alguns mais educados, como:

- *boa tarde posso tc com vc;*

O exemplo mostrou uma postura assumida, como verificamos no decorrer do diálogo, para marcar uma condição de homem mais maduro, em se tratando de um espaço de ocupação em que a maioria é de jovens, ou dão indicadores de serem jovens, que têm marcadores sociais que os irão distinguir na categoria geração. A linguagem na forma de escrita - e nesse espaço a escrita é a forma de expressão predominante - é a maneira pela qual se estabelecem os diálogos e se desfazem as diferenças de geração.

Vemos aqui uma condição de demarcador social de *gênero*, em que a postura assumida de amadurecimento dá característica de uma condição de masculinidade diferenciada que pode se apresentar em condicionantes que se opõem: a ideia de uma masculinidade, com base em um gênero construído a partir de valores sociais ligados a sua condição de jovialidade, força, disposição, que se contrapõem a elementos como a desestabilidade financeira, de segurança, de proteção também são atributos de gênero que fazem parte da construção da masculinidade.

Um de nossos entrevistados se apresentou de maneira mais formal, assumindo um *Nick/name* de G.O.E. que, durante nosso diálogo, descobrimos serem as iniciais de *Grupo de Operações Especiais*. Em tempos de 'Tropa de Elite' e herói representado pelo 'Capitão Nascimento', esse *Nick* fica bem apropriado para quem procura conquistar e seduzir uma mulher num sítio de relacionamento. Pertencer a uma corporação como essa cria um imaginário de superioridade em tempos de forte violência no contexto atual.

Mas não é exatamente isso que irá chamar a atenção. Quando pensamos sobre uma postura, com base no *gênero*, nosso interlocutor traz fortes elementos em sua fala.

Perguntado a ele sobre sua condição masculina, a resposta demonstra indícios de representações da masculinidade marcadas pela condição de gênero dominante:

- *nos dias de hoje tem muitos h q se achao os valentes mais na hora q cai na minha mao passa mal;*

Oliveira (2004) e Almeida (2000) mostram que um dos marcadores sociais que contribuem para a construção da masculinidade são os atributos de gênero em que a identidade de gênero masculina se dá em condição de confronto, de disputa que se estabelece entre os homens. Ser homem significa ser superior não só à mulher, mas, principalmente, em relação a outros homens.

Mesmo sendo um diálogo entre um homem e uma mulher, o discurso é no sentido de se mostrar superior a outros homens, o que deixa subentender que ele é melhor que os outros e, portanto, é o homem que ela procura.

Para confirmar nossa tese, na sequência, perguntamos quais condições são importantes para ser homem. A resposta confirma a condição de masculinidade construída dentro de valores sociais tradicionais:

- *ter carater o suficiente e saber e reconhecer os erros e saber amar o sexo oposto;*

O sujeito da pesquisa utiliza as palavras *caráter* e *saber* como elementos de definição de masculinidade, como algo inato à condição masculina. Em seguida, para não fragilizar sua condição de homem, ‘macho’ e hetero, ele repete a palavra *saber*, no sentido daquele que detém o conhecimento, associada a *amar o sexo oposto*, isto é, ser homem é saber amar.

Esse *saber amar* tem duplo sentido: o primeiro no sentido daquele que *ama* a mulher, enquanto parceira, companheira; o segundo é no sentido do domínio da arte de fazer amor; no caso de G.O.E., o segundo sentido se faz mais presente.

Seguindo a linha de percepção da marca de uma condição de masculinidade viril, ao ser questionado sobre a possibilidade de usar algum tipo de estimulante para aumentar o seu desejo sexual, ele responde que não usaria jamais, justificando sua resposta com as palavras:

- *não jamais pq tenho bala da agulha e nunca fiz e não tenho vontade de fazer;*

G.O.E. se mostrou categórico em relação a sua virilidade e mostrou-se um pouco irritado pelo fato de termos colocado a sua masculinidade em questão. Na condição de uma identidade de gênero masculino, associada à identidade profissional de policial, faz uso da expressão típica da profissão e de uma representação simbólica de sua condição

de virilidade – *tenho bala na agulha*. Na expressão, temos a representação do *falo* na forma da arma que dispara balas, criando um imaginário de que o pênis é essa arma que dispara e não falha.

É interessante a fala de G.O.E. quando comparada com as chamadas que a revista MH faz:

- “*10 jeitos de ter um tanque antes do natal*”;

Nas palavras de G.O.E., com “ter bala na agulha”, que expressa a ideia de revolver associado ao pênis, a revista trabalha num duplo sentido. “Tanque” pode ter o significado do próprio “tanque de guerra” que dá o sentido de duro, forte, grande, portanto, os signos que representam o gênero masculino; ou, ainda, a ideia de tanque associado a um abdômen esculpido em forma de tanque, rendendo a uma imagem almejada de identidade de masculinidade dos dias de hoje

Assim, G.O.E. não admite o uso de uma MDE, argumenta que não tem necessidade, nem na hipótese do uso recreativo. Isso mostra que G.O.E. tem uma construção de gênero masculino centrada em valores tradicionais, em que os marcadores sociais das diferenças entre homens e mulheres são muito bem definidos. A esse respeito G.O.E., afirma:

- *bom isso foi feito p aqueles q já esta no fim de carreira;*

Nessa fala temos dois articuladores de construção de gênero. O primeiro, formulado pela questão geracional, articulado com um discurso médico dominante/verdadeiro em que o uso dos MDE é para homens mais velhos e, em seguida, ele utiliza um termo que pode ter dois sentidos a priori. Por um lado, a ideia de ‘*fim de carreira*’, como alguém que já não produz de forma eficiente, e por outro lado, a ideia de que o ‘*fim de carreira*’ está associado à condição da não manutenção do falo ereto. Portanto, no sentido de gerar produção, numa sociedade de moldes de produção capitalista e, noutro sentido, daquele que está perdendo sua condição de homem viril.

Mesmo tendo fortes indicadores de formação de gênero masculino, construído dentro de moldes tradicionais, G.O.E. se mostrou bastante consciente da condição que o homem cria para manter o *status* da masculinidade.

A noção de masculinidade demonstrada por nosso entrevistado se caracteriza pelo **não falar** da intimidade do homem - ‘*quem usa não fala*’; ‘*sim tem medo e receio*’; ‘*de falar e ser ou ter repressão*’; - mostrada nessas falas. Isso caracteriza as mudanças de concepções em relação aos processos de construção dos gêneros, mas que não são fortes o suficiente para uma mudança de postura relacional.

No sentido oposto, a revista MH incentiva a mudança de postura e atitude masculina como proposta de reconstrução do modelo masculino. Como o uso dos MDEs está, dentro de um discurso médico normativo, associado a um grupo social que necessita deste tipo de medicamentos, como homens com problemas de disfunção erétil, a revista não trabalha com a possibilidade de seu leitor se enquadrar neste perfil.

A revista se propõe a falar abertamente dos assuntos que colocam em xeque a condição da masculinidade, porém esse falar abertamente tem limites na forma de abordar os temas da nova masculinidade. Ela busca reinventar as masculinidades sem ferir a masculinidade hegemônica, portanto, sua lógica de gênero se mantém dentro de uma matriz heteronormativa.

Outro sujeito da pesquisa que se identificou como Eduuuu, estudante, vinte e dois anos e trabalhador, se declarou bem conservador e, de nossa perspectiva, contraditório:

- eu sou bem conservador, porém não preconceituoso, tenho amigos gays e a amizade rola numa boa...quanto a medicamentos de como Viagra e td mais não tenho necessidade...;

A postura de Eduuuu é muito semelhante à de G.O.E., no que diz respeito à formação da masculinidade, apesar de terem uma diferença de idade de aproximadamente sete anos e relações profissionais distintas, mas pertencerem a uma condição posicional de *status quo* masculino referentes à profissão (Engenheiro e Militar, respectivamente). Os dois assumem uma postura de conservadorismo no que concerne à masculinidade e, ao mesmo tempo, procuram se mostrar abertos às mudanças que estão ocorrendo na sociedade. Eduuuu fala em ter ‘amigos’ gays e que essa amizade “*rola numa boa*” o que demonstra que, em sua formação de gênero, é permitida a outro a homossexualidade e que “*rolar numa boa*” representa manter certo distanciamento.

Outra forma de criar uma compreensão do ponto de vista de G.O.E., sobre a masculinidade é sua percepção do “medo” que os homens têm de assumirem a condição de “falhar”, pois esse “medo” refere-se à incapacidade de satisfazer seu desejo e o desejo do outro, mais do que isso é se deslocar e, portanto, o de não pertencer à lógica heteronormativa.

Outros mais ousados procuram, já no primeiro contato, utilizar uma linguagem em que deixam claro qual o tipo de diálogo que querem estabelecer:

- oi gata! tdo bem?

- *podemos te gata?*

Estes, geralmente, perguntam se temos uma webcam e se temos MSN. A intenção é estabelecer um diálogo mais reservado o qual pode se encaminhar para algo mais a fundo, como o sexo virtual.

Outro fator a se destacar é que, ao iniciarem a conversa, na sala de *bate-papo*, o diálogo irá transcorrer em um nível não esperado para aquele contexto, o que criará a imagem de uma mulher que, além dos atributos físicos desejados, também possui um diálogo com nível acima do esperado para aquele contexto, mostra-se inteligente, o que causa, ao mesmo tempo, admiração e espanto.

Encontramos gato_msn na sala de *bate-papo*, de 20 a 30 anos, da UOL, no dia 09 de setembro de 2010, apresentando-se com uma idade acima de 30 anos, militar e solteiro. A conversa iniciou-se dentro dos padrões habituais de abordagem e foi dividida em dois momentos. No primeiro, a conversa aconteceu na sala de *bate-papo* e, aproximadamente, uns 40 minutos após iniciarmos nosso diálogo, ele convidou a entrevistadora para a sala do “reservado”. Como o diálogo estava transcorrendo de maneira muito interessante e produtiva, aceitamos. Infelizmente, por motivos técnicos, parte da conversa não foi salva e o que reproduzimos dela são partes guardadas na memória, ou que foram retomadas no diálogo. Assim, procuramos desenvolver a análise no que se refere à segunda parte que contém elementos significativos para as nossas discussões.

A conversa entre gato_msn e Morena Sensual, a pesquisadora, atingiu um grau de intimidade que encorajou gato_msn a convidá-la para o reservado, o que foi aceito. Transcorrido algum tempo de conversa, sentimos que gato_msn tinha o desejo de se expor, não no sentido de banalizar-se, mas no sentido de desabafar e, ao mesmo tempo, manter o controle, já que havia encontrado alguém que lhe dava oportunidade de manifestar seus desejos e sentimentos. Essa é uma característica socialmente atribuída ao gênero feminino e não permitido ao gênero masculino, expor seus sentimentos.

Como havia já indícios de que se estava realizando uma pesquisa e, portanto, não se estava ali para uma conversa qualquer e nem à procura de uma aventura sexual, gato_msn sentiu-se à vontade para se pronunciar.

A conversa, antes de irmos para o reservado, estava transcorrendo sobre o assunto do uso de MDE por amigos dele. Ressaltamos a máxima de que sempre quem faz uso é “um amigo” e não “eu”. Gato_msn relatava que seu amigo usava MDE, pois

consumia bebida alcoólica em excesso e temia não conseguir ter e manter ereção. Diz gato_msn:

- *pelo que me parece;*
- *ele se sente confiante;*
- *tomando o medicamento;*

Temos características que nos levam à percepção da construção de gênero que estão presentes nesse suposto amigo de gato_msn e/ou no próprio gato_msn. Uma é o consumo de álcool em grande quantidade, uma prática socialmente aceita para o gênero masculino, mas que coloca o homem numa condição de **poder** imaginário, motivo pelo qual ele irá gozar dos privilégios que possui como pertencente ao gênero masculino.

A outra é no sentido de que esse ‘amigo’ faz uso do MDE para adquirir **confiança**, o que significa que, mesmo sendo o álcool socialmente aceito, muitos ultrapassam os limites e passam a ter uma dependência em relação à bebida. O MDE entra exatamente como elemento que cobrirá a lacuna aberta pelo consumo excessivo, a perda do **poder**, funcionando como elemento que, constituído em seu imaginativo, reconstitui a condição de masculinidade projetada pela heteronormatividade e que, portanto, impede a perda da condição de gênero dominante.

Nosso interlocutor relata que, além desse amigo, que busca confiança por meio do MDE, sabe de mais usuários de medicamento desse tipo. Em relação a um deles diz o seguinte:

- *um toma de vez em qdo pra fazer um agrado pra esposa;*

Gato_msn traz nessas palavras toda uma concepção daquilo que compete ao gênero masculino, ao utilizar a expressão ‘fazer um agrado’. Não procurando fazer um juízo de valor, as palavras de gato_msn remetem à ideia de que cabe ao ‘homem’ o dever de satisfazer a companheira. O ‘fazer um agrado’ nos induz a pensar que ele não está se relacionando sexualmente com a esposa para compartilhar prazeres e desejos, mas simplesmente para cumprir com a “obrigação social” de homem, que é de satisfazer sua parceira sexualmente. Indo mais além, no sentido do que essa condição de obrigatoriedade representa, depara-se com o fato ou risco que ele, como homem/macho, corre de perder sua parceira ou que esta possa buscar satisfação de seus desejos com outro homem. Como vimos neste capítulo e veremos no capítulo que trata da identidade da constituição do gênero masculino, a identidade de gênero masculina se dá pela assimilação da característica de competitividade, que é atribuída a esse gênero.

Quando questionado sobre a masculinidade de seus amigos, gato_msn responde, relatando que um de seus amigos está com idade de 34 anos, teve um infarto e, mesmo assim, continua com os mesmos hábitos – o de consumo de álcool de forma excessiva e “viciado” em MDE. Isso demonstra que, para gato_msn, masculinidade representa a manutenção de característica atribuída ao gênero masculino. Completa ainda dizendo que seu amigo criou um perfil no msn se apresentando como viúvo, isto é, se apresentando com uma identidade com a qual está aberto a possibilidades de relacionamentos.

Na sequência, gato_msn diz que seus amigos são “machos até que provem o contrário”, “são mulhereiros” e, após dar essas informações, ele pede confidencialidade para revelar uma nova informação.

- *olha são todos Policiais;*

Vejamos que no discurso de gato_msn encontramos outros elementos que caracterizam a construção do gênero: ‘... até que provem o contrário...’ e ‘são mulhereiros’, portanto, o pertencer ao gênero masculino é uma questão de demonstração de reprodução das “qualidades” de ser macho, mas, ao mesmo tempo, ele mostra certa perplexidade, ao falar da atitude de seus colegas de profissão. Essa perplexidade é pela condição de ser um policial, escrito em letra maiúscula, que tem por obrigação manter um comportamento ético e esse comportamento tem como princípio uma postura heteronormativa.

Essa postura será reafirmada quando questionado em relação à homossexualidade. Gato_msn diz que dentro da corporação (Policia Militar) há muitos que se encontram em condição de não exposição de sua sexualidade homoafetiva, dizendo: - “só q *naum saem do armário*” e usa o termo ‘armário’ para se referir a “*naum mexendo comigo*”. Mesmo supostamente aceitando esses colegas de trabalho, sua manifestação se mostra homofóbica, o que é também característica de uma construção de gênero.

Numa reportagem postada em 18/02/2011, a revista MH traz uma matéria com o título: “Para todo tamanho, um grande documento”. Nela encontramos um trocadilho com o dito popular que “documento não tem tamanho”. Nesta fala popular, encontramos a justificativa para aqueles homens que possuem o pênis pequeno. Na sociedade com base na masculinidade hegemônica ter o pênis pequeno é sinal de inferioridade. A contra partida para a superação dessa inferioridade é ter o domínio da arte sexual, é ser o amante que satisfaz a parceira em seus desejos sexuais.

Assim, a proposta da revista é trabalhar um conjunto de dicas que oriente o homem/leitor a dominar a relação sexual para satisfazer sua parceira sem que isso traga qualquer tipo de constrangimento. Para cada tamanho de pênis a revista MH traz uma forma de arte erótica para que a relação sexual seja plena. A concepção de gênero na afirmação da masculinidade se manifesta no sentido do homem manter o controle da relação acrescido do fator de satisfação pessoal e do outro.

No próximo capítulo, discutiremos a construção da identidade, para pensarmos a masculinidade. Ao trabalharmos a categoria de gênero, estabelecemos uma aproximação com a categoria identidade, pois elas estão imbricadas na compreensão das relações sociais. Assim, como já vimos com a categoria gênero, ter uma identidade é passar por todo um processo de construção no qual atributos sociais são impostos e que são assimilados individualmente.

6. CAPÍTULO V - IDENTIDADES MASCULINAS.

Sabemos que durante centenas de milhares de anos os homens se têm admirado mutuamente, e têm sido admirados pelas mulheres, sobretudo por sua atividade. Homens e mulheres, igualmente, concitaram homens a desbravar lugares perigosos, levar sua coragem às cataratas, perseguir javalis selvagens. Todos sabiam que, se os homens fizessem isso adequadamente, as mulheres e crianças poderiam dormir em segurança. Agora, porém, os javalis transformaram-se em porcos no chiqueiro, e os rios caudalosos, na cascata do pátio do Museu de Arte Moderna. A atividade pela qual os homens eram outrora amados deixou de ser necessária. (BLY, Robert. 1991, p.58)

A citação acima, retirada do livro “*João de Ferro: um livro sobre homem*”, de Robert Bly, mostra-nos como o mito da masculinidade ou as representações acerca da masculinidade são criadas numa relação espaço/tempo e como, dentro de contextos históricos, criam-se novas variáveis que transformam as maneiras de interpretação e reprodução das representações masculinas. Essas mudanças levam, na atualidade, a uma infinidade de questionamentos do que vem a ser *homem*, com uma identidade de gênero *masculino*. Questionamentos que se inserem no próprio homem, dotado de uma identidade construída a partir de uma pluralidade de simbolizações e representações socialmente desejadas e impostas.

A categoria *Identidade* é parte de um processo de compreensão da masculinidade, como objeto de análise sociológica. *Masculinidade* é elemento de uma identidade que se projeta no indivíduo sob forma de características de comportamentos que serão expressos no agir, nas práticas cotidianas e nas práticas discursivas.

Neste capítulo, procuramos demonstrar que a masculinidade, como parte de uma construção social, pode ser pensada, num primeiro momento, com base em uma identidade construída a partir da negação da diferença. Diferença que tem como referência a oposição, isto é, uma identidade construída a partir daquilo que não se é, que não se é *feminino*. E, num segundo momento, como uma identidade que também não só se opõe à identidade feminina. Assim, o trabalho aqui referido não assume somente uma postura negativa, mas procura demonstrar alguns elementos que levam à formação social do sujeito – que possui identidades, tanto no sentido essencialista, quanto no sentido materialista.

Trabalhar com uma teoria sociológica da identidade é fundamental para traçarmos uma relação das práticas sociais e discursivas presentes na afirmação de uma

masculinidade entre os jovens que fazem da internet, em especial das salas de *bate-papo*, um local com espaço e tempo definidos de uso, com a intenção de estabelecerem contatos que podem levá-los à exploração de sua sexualidade nas possíveis práticas de sexo estabelecidas em uma relação virtual.

Dentro desse pressuposto em que a identidade é construída nas práticas sociais e discursivas, ela pode e deve ser incluída em uma abordagem sociológica, pois a sua divisão interna deve ser esclarecida pela dualidade de sua definição. Dubar nos coloca que “a identidade *para si* e a identidade *para o outro* são ao mesmo tempo inseparáveis e ligadas de maneira problemática” (2005, p.135). Isso mostra que elas são inseparáveis, já que há uma correlação entre a identidade *para si* e a identidade *para o outro*, bem como seu reconhecimento: “nunca sei quem sou a não ser no olhar do outro.” (2005, p.135)

Posto dessa forma, “nunca sei quem sou”, levanta-se a problematização da identidade, quando da vivência com o outro, que nunca é vivida diretamente pelo *eu*. Sendo assim, é nas formas de comunicação ou em nossas práticas discursivas que informamos sobre a identidade que o *outro* nos atribui.

Mas isso não é suficiente para pensarmos uma teoria sociológica da identidade. No contexto acima, estaríamos limitados a uma abordagem fenomenológica na relação interindividual Eu-Outro ou a uma abordagem psicanalítica em que o Ego se apresenta como elemento de um sistema fechado numa relação entre o Id e o Superego. Isso significaria jogar para as bordas o conjunto das instituições e das relações sociais, que também é significativo na construção das identidades.

Desse ponto de vista, a identidade nada mais é que o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições. (DUBAR, 2005, p.136)

O que temos de diferente nessa interpretação Sociológica é que ela procura trabalhar a dimensão subjetiva, vivida e psíquica, no cerne da análise sociológica, procurando demonstrar o processo de construção da masculinidade, ou do tornar-se homem.

O tornar-se homem ou possuidor de uma masculinidade heteronormativa é marcada pela passagem na qual os elementos simbólicos são trabalhados a partir do mito, a ideia das descobertas que os homens devem passar para buscar dentro de si

aquela identidade que será a marca de sua masculinidade durante “toda a sua vida”. Porém, a contemporaneidade provoca uma instabilidade nesse discurso de “toda a sua vida” que a identidade masculina não pode ser vista como única, mas, sim, descentrada e deslocada, provocando a ideia e o sentir de várias identidades, portanto, vista no plural - masculinidades.

Podemos, ainda, pensar que a construção das novas identidades e o abandono da identidade construída na relação mãe/filho, processo que, na contemporaneidade, se dá cada vez mais tarde, gera uma das causas dos questionamentos da identidade de gênero heteronormativa. O consumo de álcool, drogas e dos medicamentos de disfunção erétil, bem como os espaços de interação proporcionados pela internet podem nos dar um indicativo da busca ou da reafirmação do homem escondido “dentro de nós”.

Neste trabalho, a concepção de Identidade irá permear discussões que, por um lado, estão fundadas na teoria social de hoje, como uma categoria de intensa análise e, por outro, nos dá a possibilidade de entendermos os movimentos sociais que perpassam os sujeitos da contemporaneidade. A construção de identidades tem como referência, ou ponto de partida, a suposta passagem da modernidade para a modernidade tardia, ou para a chamada pós-modernidade. Neste ponto, é fundamental entendermos que a identidade, associada a outras categorias, como gênero e sexualidade, leva a uma reflexão sobre a própria construção da categoria.

Os questionamentos da identidade são vistos hoje como parte de um processo mais amplo, num contexto histórico de mudanças, que fizeram do indivíduo moderno um sujeito unificado que passa, agora, por uma instabilidade no mundo das práticas sociais que constantemente vive as experiências de novas identidades, que se mostram fragmentadas, instáveis, fluidas (BAUMAN, 1998) o que aponta para uma nova concepção de sujeito (HALL, 2002).

Stuart Hall (2002) leva-nos a um questionamento sobre a identidade cultural na modernidade tardia (ou pós-modernidade) e a avaliar a existência de uma suposta crise de identidade. Por isso, questiona o que pretendemos dizer com crise de identidade e quais foram e/ou são os acontecimentos que precipitaram o que ele denomina de crise; e, ainda, se isso traz consequências potenciais e a quem interessam as novas identidades que estão sendo elaboradas.

Dessa forma, ao questionarmos a que crise estamos nos referindo, vemos que, se estiver clara a existência de um inconsciente sexuado, temos a garantia de que a masculinidade, como valor social, continuamente cultivado e reiterado, continua seu

processo de resistência às transformações em curso na sociedade contemporânea. No entanto, se pensarmos numa crise *na e da* masculinidade, não no sentido negativo da palavra crise, mas no sentido de compreendermos os processos de reelaboração dessas masculinidades, seria necessário constatar se elas continuam a expressar, de forma concreta, as assimetrias de poder por meio dos privilégios sociais e culturais que os homens desfrutam, comparados às mulheres ou, ainda, verificar que a masculinidade procura manter sua hegemonia por meio de comportamentos notadamente de orientação sexual.

Oliveira mostra-nos que

(...) as transformações em curso têm dado azo a uma série de mudanças que altera a correlação de forças entre o masculino e o feminino, mas seria, ainda assim, temerário pensar que isso se configura de fato numa crise do poder masculino quando analisado o jogo de forças mais amplos em que se movimentam os estratos que constituem o *socius*, em suas faces estruturadas (instituições, leis, etc.) e estruturantes (valores, símbolos, agentes), mais especificamente aqueles que sustentam as assimetrias e diferenças simbólicas presentes no regime de gênero. (2004, pp 199-200)

Dito de outra maneira, Stuart Hall pretende mostrar que esses questionamentos levam as identidades modernas a um processo de “descentramento”, isto é, são deslocadas ou fragmentadas ou, ainda, desconstruídas. É o que mostram as transformações do final do século XX quando, nas sociedades modernas, os sujeitos se fragmentaram nas paisagens culturais, fazendo surgir novas formas de visualizar a classe, a raça, a sexualidade e o gênero. Essas mudanças estão transformando nossas identidades pessoais, abalando o pensamento que temos de nós mesmos, como sujeitos integrados. “Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito (HALL, 2002, p.9)”,.

Trabalhar a categoria de identidade é um tanto quanto delicado, pois a sua conceitualização, feita por meio das teorias de socialização, nos leva a interpretações e a possíveis erros que acabarão enrijecendo o termo, o que não seria o caso, já que a perspectiva que se busca adotar é de uma visão na qual a identidade deve ser vista não como algo fixo e imutável, mas exatamente seu oposto, algo que está em pleno processo de reconstrução. Procuraremos adotar definições em que a identidade possa ser vista não fundada apenas no aspecto individual, mas como algo pertencente ao coletivo, já

que nosso objetivo central é trabalhar a masculinidade como algo visto e percebido no coletivo.

Nosso ponto de partida será a descrição das três concepções de identidade trabalhadas por Hall (2002), por meio das quais o autor busca analisar a formação do sujeito em três momentos historicamente datados. Hall demonstra que as formas de se conceber o sujeito estão relacionadas com o contexto da dinâmica da organização e manifestação social. Sua linha de raciocínio, num primeiro momento, dá um sentido de linearidade, ao denominar os três sujeitos, como: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

Essa linearidade, aos poucos, irá se desmanchando, quando se passa a ter uma percepção de que os sujeitos vão sofrendo mudanças imperceptíveis a eles. Mudanças que só serão sentidas quando estiverem enraizadas nas práticas sociais, levando-nos a pensar e questionar as identidades.

Em seguida, procuraremos estabelecer um diálogo mais amplo no que diz respeito à constituição desse mesmo sujeito e suas desconstruções nos processos de fragmentação ocorridos na passagem da sociedade moderna para a pós-moderna.

Hall (2002) propõe uma análise com base em três concepções de identidade do sujeito: o Sujeito do Iluminismo, o Sujeito Sociológico e o Sujeito Pós-Moderno.

O primeiro, o sujeito do Iluminismo, ao descrevê-lo, Hall mostra que este sujeito estava “baseado em uma concepção da pessoa humana como um indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação” (2002, p.10). A centralidade desse sujeito era constituída de um núcleo interior, que emergia em seu nascimento e com ele se desenvolvia, ainda que “permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou idêntico a ele – ao longo da existência do indivíduo” (2002, p.11).

Esse sujeito do Iluminismo, pensado a partir de sua centralidade, será a base da identidade masculina que será construída na modernidade, mas que sofrerá adaptações, ao longo dos tempos, ao se constituir nesse novo sujeito, fazendo com que esse núcleo se adeque aos novos contextos em que está sendo reproduzido, portanto, não está acessível às mudanças, já que esse sujeito é descrito como masculino, sem, ainda, a possibilidade de se pensar na existência do feminino, como algo que se refere ao elemento do não masculino.

Mais do que isso, temos a ideia de uma identidade de gênero masculino que será defendida pela e na hegemonia do poder, sob a dominação masculina e que, portanto,

não pode ser reconstruída numa outra identidade que não seja a de manutenção de um *status quo* masculino.

A identidade masculina como pessoa era constituída por uma centralidade que projetava a essência de seu *eu*. Assim, a identidade apresentava-se em uma concepção ‘individualista’ do sujeito e de sua identidade. Mostrava, na verdade, como a identidade era projetada como sendo *dele*, já que este sujeito do Iluminismo era usualmente descrito como masculino. Mostramos essa descrição numa visão masculina no capítulo 1, onde Thomas Laqueur, em *Inventando o Sexo*, demonstra como a Medicina, por meio da anatomia e da verdade médica, vai criando valores existenciais de um mundo que gira em torno do masculino.

Mesmo sendo um sujeito datado, isto é, historicamente localizado, nossa pesquisa mostra sujeitos cuja identidade masculina ainda é determinada por um conjunto de fatores que são introjetados pelo gênero masculino que faz com encontremos elementos perceptíveis de um sujeito do Iluminismo. A partir desse referencial, podemos dizer que, quando nossos sujeitos de pesquisa afirmam a não necessidade de uso de um medicamento para disfunção erétil, estão procurando reafirmar a sua condição de homem viril e, portanto, de uma identidade centrada na força, no vigor, como algo inerente à condição de ser homem.

Em relação ao Sujeito Sociológico, este irá refletir a crescente complexidade do mundo moderno – que passa por profundas mudanças na estrutura social - de modo que a consciência, núcleo interior do sujeito, já não aparece como autônoma e auto-suficiente, mas, sim, formada por um contingente de relações que são típicas dessa época. Época de intensas transformações que estão associadas aos processos de industrialização, urbanização e individualismo, características centrais da sociedade moderna.

Na interação com outras pessoas importantes para ele, estabelecem-se relações que vão criando e mediando, para os sujeitos, valores, sentidos, representações e símbolos – o que denominamos de cultura, formando um contexto sócio-histórico. Deve ficar claro, aqui que, em se tratando de sociedade moderna, valores, sentimentos, representações, símbolos – formando um todo cultural – são condições socialmente criadas e impostas por todo um processo de transformação que a sociedade sofreu em sua constituição e que no ocidente terá como suporte a organização capitalista.

Temos que os processos de intensificação das interações sociais são os elementos sociológicos que irão dar condições para a elaboração da concepção “interativa” da identidade e do eu, “De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade” (HALL, 2002:11). Isso mostra que o sujeito continua tendo uma essência interior que é formada pelo seu “eu real”, mas que este é formado e modificado num diálogo contínuo entre as diversas culturas que são exteriores ao seu eu, em conformidade com uma troca de identidades que esse mundo oferece.

Pensado por meio do sujeito sociológico, o núcleo da identidade do sujeito se depara com as contradições de um mundo em transformação e suas variações possíveis. A necessidade de transformação de uma identidade imutável, interior ao sujeito, mostra a passagem a uma nova concepção de mundo no qual o universo masculino deve se projetar como mudanças. À medida que a identidade masculina vai sendo exposta às novas relações construídas pela modernidade, esse homem vai perdendo sua centralidade e se deslocando pelas novas relações.

Nessa concepção sociológica de sujeito, a identidade preenche os espaços entre o interior e o exterior dos indivíduos, estabelecendo níveis de concepção bem definidos entre o mundo público e o mundo privado. Assim, da mesma forma que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais e, ao mesmo tempo em que internalizamos novos significados e sentimentos com os lugares que ocupamos nas relações sociais e culturais, vamo-nos transformando em novos indivíduos.

Em uma visão estruturada da sociedade, a identidade vai estabelecer o elo entre o sujeito e a estrutura dessa sociedade, estabilizando tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando-os unificados e predizíveis em suas reciprocidades. Isso mostra que a identidade masculina é e está voltada para a centralidade do *eu*, um eu imutável, a partir dos valores que a sociedade projeta nele, de um homem com características necessárias para o seu ingresso e permanência no processo de produção capitalista.

No terceiro elemento, o Sujeito Pós-Moderno, veremos que estabelecidas as relações entre os sujeitos e a estrutura da sociedade na projeção “nós próprios” e na internalização “parte de nós”, vamos notar que essa relação é sempre um processo de transformação. Assim, percebemos que aquele sujeito unificado e estável em sua identidade também passa por uma dinâmica de mudança. Torna-se, assim, um sujeito

fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, ao mesmo tempo múltiplas, processuais e, muitas vezes, contraditórias.

Nesse processo, o sujeito em questão é localizado no que hoje compreendemos como pós-moderno, em que as identidades aparecem não de forma fixa, essencial ou permanente, mas de uma forma de “celebração móvel”, “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representantes ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2002, p.13), definidas historicamente e não biologicamente.

Assim, o sujeito na pós-modernidade assume identidades diferentes em diversos contextos sociais, identidades estas que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. E, ainda, neste mesmo “eu”, há identidades contraditórias que fazem deslocamentos em várias direções, que fazem com que as identidades estejam em contínuo deslocamento.

As contradições da concepção de identidade, manifestadas pelos sujeitos da pesquisa, são expostas, quando querem demonstrar que eles estão abertos às possibilidades de mudanças, até mesmo para interagirem com as novas relações, de modo que dão um espaço social maior para as mulheres, ao mesmo tempo em que procuram retornar ao “porto seguro” de uma identidade com resquícios de centralidade.

As três concepções de sujeito propostas por Hall são argumentos para se estabelecer um diálogo com outras concepções teóricas a respeito do sujeito dotado de uma identidade, a fim de estabelecer um “norte” e que aponte a passagem e a transformação, por meio da categoria de “identidade”, que vêm ocorrendo com o Sujeito na relação modernidade/pós-modernidade.

Feitas essas considerações a respeito do sujeito, como indivíduo dotado de uma identidade fragmentada na modernidade tardia, como entende Hall (2002), ou pós-modernidade, trabalhada por Giddens (2005), que mostra algo não fixo, essencial ou permanente, a identidade ou as identidades mostram-se como uma celebração móvel que passa por processos de transformação contínua nas formas pelas quais somos representados nos meios culturais que nos permeiam.

As identidades são, portanto, definidas historicamente e não biologicamente. Os sujeitos vão assumindo identidades em diferentes momentos e em diferentes contextos socioculturais, que fazem com que elas estejam em constantes deslocamentos, isto é, as identidades perdem o sentido de centralidade em um ‘eu’ coerente e são projetadas em

um conjunto de possibilidades por meio das quais elaborarão suas trocas de acordo com as necessidades desejantes.

A internet, com seus espaços de interação, talvez seja o local em que encontramos as maiores possibilidades de mudanças constantes da identidade, ao teclarmos com uma pessoa que se encontra separada por uma rede tecnológica que interage com indivíduos distantes espacialmente. Daí ocorre todo um processo de imaginação condicionada por elementos socialmente desejantes, fazendo com que os interlocutores possam assumir identidades infinitas, que nem sempre condizem com sua real identidade.

Hall (2002) chama a atenção para o caráter das mudanças provocadas na modernidade tardia, e, em particular, no processo ao qual denominamos globalização e seu embate a respeito da identidade cultural. Sociedade que se caracteriza por mudanças constantes, a modernidade não pode ser definida apenas nas experiências de convivência rápida, abrangente e contínua, mas também como uma forma reflexiva de vida em que as práticas sociais e discursivas são constantemente reformuladas. Na modernidade tardia, a possibilidade de interconexões mais abrangentes leva a um aumento da velocidade de acesso a novos bens culturais, ocasionando uma transformação virtualmente mais ampliada.

Na pós-modernidade e na modernidade, observamos que as transformações ocorridas são radicalmente novas, se comparadas com as sociedades tradicionais, ou têm uma enganosa continuidade com formas anteriores, o que nessa segunda opção, possibilita a afirmação de contextos específicos na construção da masculinidade. Sendo assim, qual seria o posicionamento sociocultural ao qual a masculinidade está se apoiando em sua formulação? Será que as transformações ocorridas em meados do século passado e no seu fim levaram a uma mudança na estruturação das condições de construção da masculinidade ou, ainda, nos dias atuais está havendo um retorno às formas tradicionais de formulação da masculinidade? Esses dois questionamentos são significativos, pois refletem o confronto de identidades masculinas passadas e presentes.

Isso chama a atenção para as transformações do tempo e do espaço - o 'desalojamento do sistema social' - a 'extração' das relações sociais dos contextos de locais de interação e sua reestruturação, ao longo de escalas indefinidas de espaço-tempo. Hall trabalhando próximo às ideias de Giddens (2002), nos dá um norte para pensarmos as respostas das indagações anteriores. O que ele procura mostrar é que nas

transformações ocorridas na relação tempo-espaço se projeta a noção de *descontinuidade*.

Para Giddens, descontinuidade é:

Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livraram, de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Tanto em extensão, quanto em intensidade as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. No plano da extensão, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos de intensidade, elas alteram algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana (1990, p.21).

Ao pensarmos esse plano da modernidade podemos observar que, se ela, de fato, nos livrou das formas tradicionais de ordem social, a quantas andam as estruturas de poder com base no gênero? Retornamos as nossas indagações anteriores, o que nos leva novamente a pensar em uma identidade masculina colocada em xeque. A mudança para Giddens se deu na ordem tempo-espaço, porque ainda discutimos as desigualdades e diferenças no campo das relações de gênero.

Stuart Hall (2002), ao se referir a David Harvey e Ernest Laclau, mostra que o primeiro trabalha com a ideia de que, na modernidade, ocorre um rompimento com toda e qualquer condição que a precedeu e que esse rompimento se torna algo que assume características de um processo sem fim de rupturas e fragmentações. Por outro lado, Hall, ao se referir a Laclau, discute o conceito de *deslocamento*, em que as estruturas não têm um centro, mas são deslocadas e substituídas por uma pluralidade de centros de poder.

A sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo “descentrada” ou deslocada por forças fora de si mesma. (HALL, 2002. P.17)

Essas definições de sociedade moderna nos dão uma dimensão confortável para pensarmos nesse questionamento da identidade que a masculinidade vem sofrendo na passagem da modernidade para a modernidade tardia. Chega-se à importante conclusão de que uma das características da pós-modernidade é dada pela “diferença”. Elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos - não somente aqueles

antagonismos clássicos encontrados na modernidade - o que leva a uma produção de uma variedade de diferentes posições de sujeito, isto é, de identidades.

Ainda podemos observar que essas sociedades não se desfazem totalmente, devido não a sua suposta condição de unificada, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem ser conjuntamente articulados. Temos, então, elementos que nos remetem a pensar a “resistência” de uma dominação hegemônica do masculino em determinadas instituições sociais. Para Hall (2002), essa articulação é sempre parcial, pois as estruturas de identidades permanecem abertas.

O que está em jogo na questão das identidades é que, quando nos referimos ao sentido plural das identidades, consideramos que a dominação da heteronormatividade já não tem como elemento único a suposição de uma diferença em relação ao feminino. A diferença é, agora, uma diferença que se dá também em relação à própria masculinidade.

Se a identidade assume, na modernidade tardia, uma condição plural, a diferença, no sentido de algo oposto à identidade, também irá assumir uma condição plural. Por isso, faz-se necessário pensarmos em uma teoria da identidade e da diferença, não no sentido isolado, mas, a partir de elementos que se complementam na compreensão do sujeito da contemporaneidade.

Uma das discussões decorrentes da atualidade é a do chamado multiculturalismo, que se apóia no apelo à tolerância e no respeito para com a diversidade e a diferença. Para Silva (2006), essa perspectiva é um tanto problemática, pois se limita a proclamar a existência da diversidade como base de uma crítica política da identidade e da diferença. “Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas.” (SILVA, 2006, p.73)

Como dito anteriormente, a identidade pode ser definida como aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou homossexual”, “sou homem”. Dessa forma, ela nos dá uma conotação de positiva – aquilo que sou – assumindo, assim, uma característica de autonomia. Do mesmo modo, podemos conceber a diferença como algo independente. Nesse caso, em oposição à identidade, logo a diferença é aquilo que o outro é: “ele é estrangeiro”, “ele é branco”, “ele é homossexual”, “ela é mulher”. O que encontramos nessa perspectiva é que tanto a identidade como a diferença não se concebem de maneira autorreverenciada, como algo que remete a si própria, mas que toma como referencial o outro.

Ao se afirmar positivamente a forma de expressar a identidade e a diferença, não se deixa clara a relação de estreita dependência que há entre elas, nem demonstra a relação que se estabelece entre identidade e diferença. Quando é dito “sou homem”, isso garante o sentido de uma referência de uma identidade que se esgota em si mesma. “Sou homem”, afirmação que é necessária, porque existe uma quantidade enorme de humanos que não *são* homens.

A afirmação “sou homem” faz parte de uma cadeia de “negações”, de expressões negativas de identidade, portanto, de diferença. Quando se afirma “sou homem” deve-se ler também que “não sou mulher”, ou ainda, de uma forma extensiva, que “não sou gay”. Como ocorre em outros casos e constatamos em nosso trabalho, a linguagem ajuda, mas também em nossas práticas discursivas ela pode esconder outros sentidos.

Silva (2006) procura nos mostrar que na discursividade, por trás da afirmação ou negação de uma identidade e de uma diferença, há uma relação estabelecida entre ambas sendo, portanto, inseparáveis, o que reflete a tendência a tomar aquilo que somos como pertencente a uma norma pela qual é descrito ou avaliado aquilo que somos. Sendo assim, essa perspectiva mostra que identidade e diferença são mutuamente determinadas e, indo mais além, dentro de uma postura mais radical, podemos dizer que a diferença é anterior à identidade.

Para isso seria preciso considerar a diferença não simplesmente como resultado de um processo, mas como processo mesmo pelo qual *tanto* a identidade *quanto* a diferença (...) são produzidas. Na origem estaria a diferença – compreendida, agora, como ato ou processo de diferenciação que está no centro da conceituação. É precisamente essa noção que está no centro da conceituação lingüística de diferença. (SILVA, 2006, p.76)

Dentro de uma perspectiva teórica muito semelhante, Hall (2002) mostra que a diferença assume a postura de tomar frente, quando as políticas de identidades se apresentam de forma contraditória, isto é, quando as identidades começam a se deslocar, forçando as contradições a atuar no interior da sociedade, em cada indivíduo.

Hall vai mostrar que uma identidade singular já não pode mais alinhar as diferentes identidades como uma identidade-mestra, única, abrangente, na qual pode se estruturar uma política. As pessoas não mais identificam seus interesses sociais exclusivamente em uma única identidade, sendo assim, uma única identidade não pode ser um dispositivo discursivo ou uma categoria mobilizadora.

Se as identidades, na visão de Hall (2002), Giddens (2002) e Bauman (1998) mudam de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado nas práticas sociais e discursivas, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida, tornando-se politizada. Esse processo é marcado pela mudança de uma política de identidade para uma política da diferença.

A identidade e a diferença, além de serem interdependentes, dividem uma importante característica, a de serem o resultado de atos de criação linguística. Isso significa dizer que os atos de criação “não são elementos da natureza, que não são essência, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas” (SILVA, 2006, p.76).

Assim, observamos que tanto a identidade quanto a diferença não são dadas como fatos da vida, mas são nomeadas, o que faz com que, apenas por meio desse ato, instituamos a identidade e a diferença como tais. A definição de uma identidade é o resultado da criação de variados e complexos atos linguísticos, que vão definido-a como diferente de outras identidades.

Em Oliveira (2004), encontramos uma ideia semelhante, mas que parte de um princípio de identidades que são oferecidas nos e pelos processos de integração, pelos quais, para ele, as experiências, na contemporaneidade, se tornam experiências incompletas, já que podemos habitar diversos subsistemas, fazendo com que o indivíduo se ache um estranho frente a si mesmo.

Num primeiro momento, como já dito anteriormente, ao se buscar construir uma identidade, basta definir o que não se é. Isso não é o suficiente, pois está óbvio que, nos dias atuais, as identidades passam por processos de deslocamentos contínuos. Construir uma identidade é se embrenhar, como diz Oliveira, numa tarefa para estabelecer “autonomia através da submissão” (2004, p.132) ou, como nos diz Bauman, “tornar-se um indivíduo pela integração e afirmar a própria personalidade por meios impessoais” (2002, p.208). Ambos os autores mostram que é paradoxal tal relação, pois a busca pelo caráter único realiza-se por meio da integração a um determinado grupo, que será partilhada e confirmada por outros iguais.

A identidade na modernidade era sustentada e mantida por tradições justificadas socialmente, como mostrado por Hall (2002) e que, nos dias atuais, elas terão que ser sustentadas, segundo Oliveira (2004), por esforços conscientes de todos os componentes de uma determinada comunidade. Essas comunidades, para expressarem sua identidade ou identidades, devem ancorar-se em um conjunto de símbolos, imagens, ideias,

objetivos e signos não ambíguos que serão reconhecidos e reconhecíveis pelos demais integrantes, fazendo com que haja pouquíssimas chances de erros de leitura, para que sejam localizados, assumidos e incorporados.

O que nos chama a atenção, ao pensarmos a masculinidade, é que, diante da fluidez contemporânea e das possibilidades de pertenças múltiplas e contrastantes, fica difícil imaginar e supor que esses símbolos possam existir ou, ainda, se eles, de fato, emergirem, como se dará a sua sustentação. Talvez aqui tenhamos mais uma reflexão da suposta crise da masculinidade, o emergir e a manutenção dos símbolos da masculinidade.

Se há problemas, ótimo, nós encontramos a solução! O mercado não tarda a oferecer seus préstimos. Quereis identidade? Oferecemos várias possibilidades em cores, tamanhos e para todos os bolsos. *Identkits* são oferecidos “sob medida”, atendendo a todas diferentes individualidades, isto é, “personalizados”. Você pode ser uma mulher moderna, liberada, desembaraçada, ou então, uma dona-de-casa responsável, ponderada, amável, ou ainda uma jovem, romântica, antenada, sensível, e isso só pra começar. Para homens, temos *identikit* magnata impiedoso, autoconfiante, empreendedor; ou jovem intelectual, estudioso, doutorando, talentoso; ou ainda o pai responsável, educado, charmoso; pode-se continuar educado, charmoso, mas, ao invés de ser pai responsável, temos o solteiro bom partido, atlético, sexy, macho de físico exuberante. Se não gostar de nenhum desses, pode se fazer uma *bricolage self-service*, onde o cliente escolhe duas características de cada um e ele próprio compõe seu *identikit*. (OLIVEIRA, 2004, pp.132-133)

Ao criarmos uma imagem de uma *identikit*, demonstrada por Oliveira (2004), observamos que nela se encontra uma infinidade de signos linguísticos que só têm sentido quando os pensamos, não de forma isolada, mas quando associados a vários outros signos linguísticos. Pensar uma masculinidade como sendo representada por um homem charmoso, sexy, responsável, inteligente e bem sucedido só tem sentido quando há um referencial oposto constituído dentro de aspectos simbólicos e representados dentro de um contexto social.

Identidade e diferença não podem ser compreendidas fora de sistemas de significação nos quais adquirem sentido, portanto, não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem.

Por um lado, ao pensarmos a linguagem no seu campo mais genérico, como sistema de significações, veremos que ela própria assume uma estrutura instável. Essa indeterminação da linguagem decorre do próprio signo enquanto um sinal, “uma marca,

um traço que está no lugar de uma outra coisa, a qual pode ser um objeto concreto, um conceito ligado a um objeto concreto ou um conceito abstrato.” (SILVA, 2000, p.78)

Em se tratando de linguagem, não podemos ter, por um lado, a ilusão de ver o signo como uma presença em que se encontram o referente e o conceito, mas, por outro lado, sendo necessária essa ilusão, para que o signo funcione como tal, pois ele está no lugar de outra coisa.

Isso mostra que a plena presença da coisa ou do conceito no signo como uma “ilusão” é indefinidamente adiada. Sendo assim, é essa impossibilidade de presença que obriga o signo a depender de um processo de diferenciação. O “signo carrega sempre não apenas o traço daquilo que ele substitui, mas também o traço daquilo que ele não é, ou seja, precisamente da diferença” (SILVA, 2000, 79).

Chegamos a uma primeira conclusão no que diz respeito à formação da identidade: apesar de apresentar-se um pouco óbvia, ela nos remete à ideia de que o signo não pode se reduzir a si mesmo, ou seja, a uma identidade, como no exemplo da masculinidade – *sou homem*. A identidade carrega e contém em si mesma o traço do outro, ou seja, o da diferença. Portanto, quando estou dizendo “sou homem”, também fica implícito que quero dizer que “não sou mulher”. Podemos dizer que a identidade se faz não só na semelhança, mas também na diferença, na negação, no que está implícito nos signos. Em suma, o signo é caracterizado pela diferenciação ou adiamento (da presença) e pela diferença (relativamente a outros signos).

6.1 Por que o conceito de identidade é importante?

Na trajetória de algumas definições acerca do que vem a ser identidade, buscaremos respostas à questão colocada. A discussão central dá-se sobre a identidade, a partir da tensão entre o essencialismo e o não essencialismo. Primeiro, porque o essencialismo pode fundamentar-se tanto na biologia, quanto na história. O exemplo pode ser representado por movimentos políticos, em que algumas certezas se afirmam na identidade, apelando-se seja em uma verdade fixa de algo no passado, seja em verdades biológicas.

Para Woodward, o corpo “é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade – por exemplo, para a identidade sexual.” (2000, p.15). Sendo o corpo um local no qual se fundamentam as identidades, essa fundamentação se dá no campo biológico, por

exemplo, na questão da maternidade, no campo religioso ou étnico e, ainda, no campo nacionalista em que se reivindicam uma cultura ou uma história que constroem essas identidades.

Nessas possibilidades, nos deparamos com a questão das tensões entre as concepções construcionistas e as concepções essencialistas de identidades. Essas tensões levam ao exame da forma como as identidades se inserem no circuito da cultura e como identidade e diferença se relacionam na base das representações.

Duas são as instâncias de manifestação dessas tensões. A primeira, no cenário global, onde encontramos preocupações com as identidades nacionais e identidades étnicas e, numa segunda instância, que é local, temos as preocupações com as identidades pessoais, manifestadas nas relações pessoais e nas políticas sexuais.

As tensões provocam a discussão do início, isto é, se as identidades se encontram em crise. A suposta crise se refere às mudanças que vêm ocorrendo no campo da identidade, portanto, até que ponto podemos, de fato, fazer essa afirmação?

Nossa preocupação é pensar nessa suposta crise, com base nas discussões de identidades locais, em que as relações pessoais e as políticas sexuais se manifestam dentro de um circuito cultural, com particularidades específicas e representações que nos possibilitam compreender as identidades tanto no campo essencialista como no campo construcionista.

Só podemos compreender os significados envolvidos nesses sistemas se tivermos alguma idéia sobre quais posições-de-sujeito eles produzem e como nós, como sujeitos, podemos ser posicionados em seu interior. Aqui, estaremos tratando de um outro momento do “circuito da cultura”: aquele em que o foco se desloca dos sistemas de representação para as *identidades* produzidas por aqueles sistemas. (WOODWARD, 2000, p.17)

As práticas de significação e os sistemas simbólicos são elementos das representações que vão dando sentido aos significados produzidos e aos posicionamentos dos sujeitos. Esses significados produzidos pelas representações é que dão sentido à nossa experiência e à forma pela qual sentimos o que somos. Assim, “A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem sou eu? O que poderia ser? Quem eu quero ser?” (WOODWARD, 2000, p.17).

As representações serão construídas a partir de lugares em que se constroem os discursos nos quais os indivíduos podem se posicionar e, a partir dos quais, podem falar. A masculinidade, como identidade marcada pela diferença, vai estabelecer lugares em que os indivíduos possam falar na busca de construção de suas identidades. Por exemplo, o “jovem potente, forte, conquistador, aventureiro, descolado”, qualidades estas presentes nos discursos dos jovens, que possibilitam a eles um lugar de fala na construção de suas identidades de gênero.

Essa discursividade se confirma em nossas inserções em campo, pois os interlocutores elaboram suas falas a partir do campo simbólico e representativo no qual eles se veem e do contexto no qual se encontram, pois as salas de *bate-papo* dão a eles o suporte necessário para que a identidade criada possa se estabelecer e legitimar-se no e pelo outro.

Vemos que a produção de significados e a produção de representações estão estreitamente vinculadas, criando um deslocamento que promove uma mudança de foco – da representação para as identidades. Portanto, “A ênfase na representação e o papel-chave na produção dos significados que permeiam todas as relações sociais levam, assim, a uma preocupação com a *identificação*”. (WOODWARD, 2000, p.18)

O conceito de identificação passa a ser um elemento central na compreensão que a criança tem como sujeito sexuado. Isso mostra, na produção de cultura, uma forte ativação dos desejos inconscientes relativamente a pessoas e imagens, assim, diferentes significados são produzidos por diferentes sistemas simbólicos, mas esses significados são contestados e cambiantes.

Com base nesses elementos, podemos questionar o poder da representação e como e por que alguns significados se mostram preferidos em relação a outros. As práticas que produzem significados acabam também envolvendo relações de poder, incluindo, sobretudo, o poder de quem está incluído e de quem é excluído. A produção da cultura da masculinidade molda a identidade, ao dar sentido às experiências e ao tornar possível, na atualidade, optar entre as várias identidades que caracterizam a masculinidade. Somos, então, constrangidos não somente pelas várias possibilidades que a cultura atual nos oferece, como variedade de representações, mas também pelo conjunto das relações sociais que são reproduzidas.

Podemos, assim, voltar àquela questão: existe uma crise de identidade? o que nos faz pensar que a possibilidade de uma variedade de identidades, na contemporaneidade, pode colocar em xeque a identidade masculina? Dentro de um

contexto global, não só a identidade masculina sofre mutações como qualquer representação simbólica de identidade, pois as concepções dos velhos estados nacionais entraram em colapso, dando oportunidade a uma crescente transnacionalização da vida econômica e social. Juntando-se a isso, temos também o avanço tecnológico que permite e dá suporte a esse novo processo.

Mas é no campo das relações pessoais que a masculinidade irá expressar sua identidade mais latente. Seja numa relação a dois, seja numa relação de grupo. Na primeira, para confirmar sua capacidade de potencialização para a parceira, portanto, não pode ocorrer falha²⁵. Na segunda, em relação ao grupo que, manifestada pelo discurso, vai se colocar numa condição de manutenção do *status quo* de “macho dominante”.

Ao afirmarmos uma determinada identidade, poderemos estar buscando uma legitimação por referência a um suposto e autêntico passado, “possivelmente um passado glorioso, mas, de qualquer forma, um passado que parece ‘real’ – que poderia validar a identidade que reivindicamos” (WOODWARD, 2000, p.26)

Isso significa que o ponto de partida é a questão de quem e o que nós representamos, quando falamos, e o sujeito sempre fala a partir de uma posição histórica e cultural específica, mesmo que ele não tenha consciência desse posicionamento.

Os questionamentos das identidades também são movidos por mudanças não somente em escala global e nacional e na arena política, como também em níveis local e pessoal. O exemplo está nas mudanças que a economia gera nos padrões de produção e de consumo e o deslocamento do investimento das indústrias de manufatura para setores de serviços que levam a um impacto tanto no global quanto no local. Transformações na estrutura de classe social constituem algumas das características dessas mudanças globais e locais, bem como as novas ocupações de trabalho que, antes, assumiam características masculinas ou femininas e que hoje vêm sofrendo um processo de inversão.

Woodward (2000) mostra que os questionamentos das identidades têm a ver com aquilo que se chamou de deslocamento. Como já havíamos demonstrado, por meio dos estudos de Hall, o sujeito da contemporaneidade não tem um núcleo fixo ou centrado determinado que produza identidades fixas, mas, em outro sentido, possui uma pluralidade de centros, ocorrendo os chamados deslocamentos.

²⁵ No Capítulo I, falamos mais especificamente sobre a “falha” como Disfunção Erétil e a relação com o gozo no imaginário masculino.

Uns dos centros de deslocamentos mais visíveis é o deslocamento da classe social, não o da classe como uma simples função da organização econômica e dos processos de produção, a da classe como uma categoria mestra que determina todas as outras relações, como proposto por Marx.

O que não existe mais é uma única força determinante e totalizante, mas, no lugar desse paradigma marxista, hoje temos uma multiplicidade de centros, portanto, não somente a luta de classes é inevitável, mas faz-se necessário pensarmos em outros processos de emancipação social. Isso tem implicações positivas, pois esse deslocamento mostra que há muitos e diferentes lugares onde se possam emergir novas identidades.

Encontramos na atualidade um enfraquecimento da importância das afiliações baseadas na classe e um deslocamento para outras áreas de conflito social, como as baseadas no gênero, na raça, na etnia, ou na sexualidade. Os indivíduos vivem no interior de um grande número de instituições, que constituem ‘campos sociais’, como a família, os locais de trabalho, as instituições educacionais, a internet, entre outras e “nós participamos dessas instituições ou campos sociais, exercendo graus variados de escolha e autonomia, um espaço e um lugar” (WOODWARD, 2000, p.30).

Como pertencentes a uma multiplicidade de campos sociais, isso significa que assumimos múltiplas identidades, cada qual associada a um campo social. A família é um bom exemplo de campo no qual assumimos nossas identidades familiares, por outro lado, estamos em processos de interação, distintos da instituição família, assumindo, pois outras identidades. Embora possamos nos ver e nos sentir a mesma pessoa em todos os nossos diferentes encontros e interações, não é difícil perceber que nos posicionamos em diferentes momentos e lugares, de acordo com os diferentes papéis sociais que estamos exercendo.

Em um certo sentido, somos posicionados – e também posicionamos a nós mesmos – de acordo com os “campos sociais” nos quais estamos atuando.

Existe, em suma, na vida moderna, uma diversidade de posições que nos estão disponíveis – posições que podemos ocupar ou não. Parece difícil separar algumas dessas identidades e estabelecer fronteiras entre elas. Algumas dessas identidades podem ter mudado ao longo do tempo. A forma como representamos a nós mesmos – como mulheres, como homens, como pais, como pessoas trabalhadoras – têm mudado radicalmente nos últimos anos. (WOODWARD, 2000, pp.31-32)

É na concepção de sujeito da pós-modernidade, proposta por Hall (2002), que percebemos essa nova forma de representação sobre *nós*. As identidades e as lealdades tradicionais, que têm como base a classe, cedem lugar ao que Woodward denomina de “estilos de vida” e à emergência da “política de identidade”. Assim, “A etnia e a ‘raça’, o gênero, a sexualidade, a idade, a incapacidade física, a justiça social e as preocupações ecológicas produzem novas formas de identificação” (WOODWARD, 2000, p.31).

Ainda temos as relações familiares que sofrem mudanças, tanto nos aspectos dos novos e possíveis arranjos familiares, bem como sobre o impacto das mudanças na estrutura do emprego, apresentando, assim, novos padrões de vida doméstica, o que é indicado pelo número crescente de famílias chefiadas por pais solteiros ou por mães solteiras, bem como pela taxa de divórcio crescente. Não podemos esquecer as identidades sexuais que fazem parte, nos dias de hoje, de um questionamento nunca antes apresentado, tornando-se cada vez mais questionadas e ambíguas, sugerindo mudanças e fragmentações.

Segundo Woodward, “a complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito” (2000, p.31) e são esses conflitos que colocam em xeque a identidade masculina, pois se podem viver, nas vidas pessoais, tensões entre as diferentes identidades, quando aquilo que se é exigido por uma identidade sofre interferência das exigências de uma outra identidade. O exemplo está na própria construção da masculinidade. Quais são as exigências, nos dias atuais, em relação à masculinidade? A essa pergunta podemos dizer que existe um conjunto de tensões e conflitos entre as expectativas e as normas sociais, as quais temos que observar e analisar.

Pode parecer que algumas dessas identidades se refiram principalmente a aspectos pessoais da vida, tal como a sexualidade. Entretanto, a forma como vivemos nossas identidades sexuais é medida pelos significados culturais sobre a sexualidade que são produzidas por meios de sistemas dominantes de representação (WOODWARD, 2000, p.32)

Ainda pode-se afirmar com o mesmo autor que “Todo o contexto ou campo social tem seu controles e suas expectativas, bem como seu ‘imaginário’; isto é, suas promessas de prazer e realização.” (WOODWARD, 2000, p.33) ou que

Toda prática social é simbolicamente marcada. As identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas

são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido a nossa própria posição (WOODWARD, 2000, p.33)

6.2 Identidade e Diferença: é possível conviver com esses marcadores sociais?

Algumas conclusões podem ser feitas até aqui: de um lado, temos as identidades marcadas por um núcleo essencial que distinguiria um grupo do outro; de outro lado, temos que a identidade é vista como contingente, isto é, como parte de um número grande de intersecções de diferentes componentes que dão às identidades um caráter múltiplo e plural.

A essência desses dois contextos da identidade está no fato de que ela é produzida, em momentos particulares, no tempo, em que a marcação da diferença é crucial no processo de construção das posições de identidades.

De fato, são constituídas por um mecanismo de marcação da diferença, que se dá tanto por meio de sistemas simbólicos, como por meio de forma de exclusão social. Assim, temos que a identidade não é o oposto da diferença, mas algo que depende da diferença, já que nas relações sociais essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas por meio de sistemas classificatórios.

Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em, pelo menos, dois grupos opostos – nós/eles (como exemplo mulheres e homens) e eu/outro.

Ao analisarmos como as identidades são construídas, vemos que elas são formadas com base nas outras identidades, isto é, relativamente ao “outro”, ao que não é. Esse tipo de construção nos leva a pensar sob forma de oposições binárias, sustentadas pela teoria linguística (WOODWARD, 2000), que mostram a forma mais extrema de marcar a diferença para a produção de significados.

A diferença pode ser construída negativamente - por meio de exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como “outras” ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora: é o caso dos movimentos sociais que buscam resgatar as identidades sexuais dos constrangimentos da norma e celebrar a diferença. (WOODWARD, 2000, p. 50)

Ao produzir significados, as oposições binárias criam um sistema de pensamento em que há um compromisso com os dualismos pelos quais as diferenças se expressam,

em termos de oposições cristalinas – natureza/cultura; corpo/mente; paixão/razão; mulher/homem – o que nos leva a pensar em algo naturalmente construído. Em crítica a essa forma de pensar, temos o argumento de que os termos em oposição recebem uma importância diferencial, de maneira que um dos elementos que se encontra na dicotomia será sempre mais valorizado ou mais forte que o outro.

Numa relação binária, temos uma situação de poder que envolve um desequilíbrio entre eles, ocorrendo uma distribuição desigual de poder entre os dois termos de uma oposição (WOODWARD, 2000). Ao pensarmos na oposição criada pela divisão de gênero, vemos que essa oposição de poder também é a base de divisões sociais, especialmente daquela que existe entre homens e mulheres.

Como este estudo refere-se à questão da masculinidade, portanto no núcleo de gênero masculino, podemos pensar em uma relação de oposição binária dentro desse próprio gênero. Não estabelecida somente na relação hetero/homo, mas especificamente na relação hetero/hetero, pois há a necessidade de afirmação, no sentido de criar uma identidade masculina não somente na negação “não sou mulher” ou “não sou gay”, mas na afirmação “sou homem”, com base em um sistema de classificação que vai dando suporte para que essa afirmação se torne “real”.

Isso significa que somos sujeitos, que temos uma subjetividade que nos leva a uma compreensão de nós. Por um lado, temos essa subjetividade que envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais, por outro, vivemos nossa subjetividade em um contexto social. A cultura e a linguagem vão dando e criando significados às experiências que temos de nós mesmos e, a partir dessa vivência, adotamos uma ou mais de uma identidade.

Sujeitos são sujeitados ao discurso construído por um conjunto de significados e que só serão eficazes se esses discursos recrutarem os sujeitos. Ao serem sujeitados pelos discursos, os sujeitos assumem-se como indivíduo, posicionando-se a si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem a nossa identidade.

Temos, então, que a subjetividade inclui as dimensões inconscientes do eu, o que irá implicar em uma existência de contradições, como o exemplo do jovem que, encontrando-se numa condição espaço/virtual, procura viver e estabelecer contatos intensos, demonstrando toda a sua potencialidade, para que não possa correr o risco de sua perda, o que feriria sua identidade masculina.

Apresentamos conceitos relacionados à questão da identidade, assim como a relação entre identidade e diferença, desenvolvendo um quadro de argumentos para uma análise da realidade na qual se encontra nosso sujeito de pesquisa. Procuramos, dessa forma, discutir as razões que tratam dessa questão e analisamos de que forma a produção cultural é um ponto crucial na compreensão das identidades.

Há ainda muito que se aprofundar nas discussões sobre a identidade, na discussão da extensão na qual as identidades são contestadas no mundo contemporâneo, o que nos leva a uma análise da importância de se compreender a diferença e as oposições nas construções das identidades.

6.3 Nick/Nomes e o Corpo na Revista Men's Health: uma análise das identidades masculinas.

Em se tratando de Identidade, para a qual elaboramos uma definição que é formada por um núcleo central que se apresenta, na atualidade, em processo de constante deslocamento, procuramos trabalhar dentro de um contexto não pensando em uma identidade, mas nas identidades. Assim, faremos duas inserções empíricas, a primeira através dos *Nicks/Nomes* que estabelecem uma representação simbólica da identidade a qual o internauta quer assumir. A segunda, na revista Men's Health, utilizaremos as capas das revistas nas quais estão sendo representados corpos que manifestam um modelo identitário ao qual dever ser seguido como padrão. Assim, no corpo, estará a corporificação simbólica da identidade imposta.

As salas de *bate-papo* possuem uma estrutura que cria uma noção de espaço social, como já dito anteriormente, em que as relações estão sendo virtualmente estabelecidas. Para tanto, cada usuário desse espaço tem que se apresentar para os outros, por meio de um nome, comum nos processos relacionais, mas que tem por si só uma manifestação identitária. Dizemos:

- eu sou 'fulano de tal', muito prazer!

Ao nos apresentarmos, estamos dizendo ao outro que nos identificamos com aquele determinado signo que é nosso nome e que, portanto, faz parte de nossa identidade e que será por meio desse signo que seremos reconhecidos.

No contexto virtual das salas de *bate-papo*, a mesma apresentação formal ocorre, porém com uma possibilidade de alterarmos o nosso nome e, conseqüentemente, alterarmos a nossa identidade e a forma pela qual queremos ser reconhecidos. O nome –

ou *Nick*, na linguagem internauta – representa a identidade pela qual nos apresentamos e queremos que o outro nos reconheça. São vários os nicks a que tivemos acesso. Vejamos alguns que estão representados no quadro abaixo:

Quadro de *Nicks/nomes*:

A – por condição de raça/etnia: MorenOSaradO; Moreno 25; negro; MORENO SAFADO; Alemão; ANA-29; moreno claro 1.78; negro_23;Alemao SP cam; Loiro_Malhado;

B – por nome próprio/comum: Rafael 25; KAULLIN h; Gabriel33-Poa;Bruno SSA; Carlos nextel RJ; FRED MARLEY; LÉO 1981; MARCELO-SP; Luciano Paixão; RICARDOTADO; Marcos; Viniciosksd msn; Ariana (x), C@mil@; Serginho gente boa; flavinho sarado; ANA-29; KAKA(H);

C – por referência a idade: máster(h); Rafael 25 webcam;

D – por profissão: Piloto-Comercial; Médico-Cam; bombeiro FARDADOW; personal 21 cam; Professor LindoCAM; G.O.E.; medico de plantão; mecânico safado; PROFESSOR C/ AMOR; Militar; Psicóloga2.0; prof. de musculação; medico safado;

E – por referência à cidade ou região: porto seguro; H Aphaville; Mineirinho_Uai;Minerinho; gaucha;

F- por referência ao estado civil: Solteiro-25; solteiro webcam; Casado_Parana; ksado Safado; ksdoKarente; Casado_PR; Solteiro; kasado q amante SP; casada; recém solteiro cam;

G – os que têm referências diversas: Sem Sentido; VanillaEssence; tatuado cam; Tédio supremo/RS; Azitromicina; Face da Morte; goID; COCAINE; FoFoqUeira; feioveio e gordo; gato simpátco; IMPERADOR 29; A perfectcircle; rym; jogador cam; o pensador; Cara Legal; anjo da sedução; GAROTO CAM; MOÇA SP 28; SEQUESTRADOR; H-29; Descolado CAM; Lindo mais proibido;

H – os que se referência no apelo sexual: PlayboySafadoSexy; \$Samantha travesti; Pau na CAM; gostosinho_cam; pelado CAM; Gato.PauDuro_CAM; H 27; PELADO_Na_Webcam; medico safado cam; nego de pau duro; CarlosPinto15CM; pau 26cm cam; morangos2; SO de cueca; juniorpintudo; danexana7; H 36 olhos verdes;

I – os que fazem referência a animais ou plantas com significado de beleza: Gato simpático; daygatinha; gato triste na cam; (Flor)****; BOM GATO SP 26; Gatinha; gato sincero;

O quadro acima mostra *Nicks* que foram separados com base em alguns aspectos que chamam mais a atenção. Procurou-se fazer uma seletividade a partir do primeiro nome, assim, por exemplo, Moreno 25 faz referência tanto à cor da pele como à idade, e, assim, optamos por classificá-lo pelo que mais o identifica, que é o adjetivo. Porém essa separação e classificação não seguem uma lógica, elas foram elaboradas simplesmente para se ter uma noção dos vários *Nicks* que surgiram durante a pesquisa.

Já fizemos uma apresentação do significado dos *Nicks* na construção do espaço de interação. Aqui, procuraremos realizar as análises referentes à representação de identidades, que não se esgotarão, pois toda a análise tem um caráter de subjetividade.

No quadro, verificamos que os *Nicks* não possuem, na grande maioria, uma única característica como marca de sua identidade. Eles são formados, principalmente, com a associação de dois adjetivos, ou mais, que trazem em si sinais de representações de suas identidades. Por exemplo, quando se trata da cor da pele, marcas de uma identidade vista pela raça/etnia, os *Nicks* que aparecem estão associados à idade ou a outro marcador de identidade associado à condição física – “sarado”; “claro 1,78”.

Outro elemento importante é que os internautas dão ou criam uma identidade no sentido de atrair a atenção de outros internautas, já que o objetivo inicial é estabelecer contatos. Isso significa que, na elaboração de um *Nick*, está implícito aquilo que ele deseja encontrar na sala de *bate-papo* e ou aquilo que ele deseja como os outros o enxergam, mesmo que isso ocorra inconscientemente.

Quando o internauta se apresenta como “gostosinho_cam”, está subentendido que “gostosinho” é a representação de como ele se reconhece e como gostaria que o vissem. Essa marca identitária traz também representações de característica de ‘humildade’, ‘singeleza’, ‘carência’, o que se vê na forma diminutiva. A identidade tem como referência o olhar do outro, no sentido do reconhecimento. Sentir-se reconhecido para que se sinta pertencido.

Olhando de forma mais aprofundada, percebemos que alguns *Nicks* são compostos pela profissão e por outros signos. O que chama a atenção é que, quando se faz uma referência à profissão, esta é criada a partir de elementos valorizados socialmente ou que são possuidores de um fetiche sexual.

Temos o ‘médico’ como exemplo; ele aparece algumas vezes como *Nick* escolhido, como forma de identificação: *medico_cam*, *medico_safado* e *medico* de plantão. No primeiro, o ‘cam’ significa que ele possui e está disponível para se

relacionar, não somente da forma escrita, mas também visível, permitindo, pelo olhar, uma ampliação da identidade. A exposição faz parte da formação identitária criada socialmente e que encontra um local propício para a sua expansão.

Já se passaram dez anos do primeiro Big Brother, apresentado nos meios de comunicação televisivos brasileiros e com ele a cultura de expor o corpo, ideias e estilo de vida ganhou força e adeptos. A Internet é o local onde qualquer pessoa pode se expor, mostrando uma imagem a partir de uma identidade elaborada para aquele contexto e momento. Como colocado por Woodward (2000), em certo sentido somos posicionados – e também nos posicionamos a nós mesmos – de acordo com os “campos sociais” nos quais estamos atuando, o que faz com que assumamos identidades próprias.

Ainda temos ‘medico safado’ e ‘medico de plantão’ que exploram o mesmo imaginário identitário. O primeiro, associado a um adjetivo que explora a questão da sexualidade e o segundo se dispondo a atender a quem necessitar de seus cuidados.

Referente às profissões, temos aquelas com menos prestígio social, como mecânico e bombeiro, mas que exploram a imagem de uma identidade que está condicionada por um conjunto de significados de apelo sexual. A caracterização das oficinas mecânicas, como local de trabalho pertencente ao universo masculino, é formada por um imaginário constituído por um galpão, com suas paredes repletas de folhinhas de datas, com fotos de mulheres nuas ou seminuas. O mecânico é aquele que as admira, que as “come com os olhos”, pois não pode tocar com suas mãos cheias de graxa, é aquele que “mexe” quando a mulher passa, portanto, é dele que se espera uma manifestação de sexualidade, marcada por uma identidade de gênero masculino heteronormativa.

Não precisamos de muitas palavras para uma definição da identidade do ‘bombeiro’, já que é aquele que, no imaginário sexual, irá apagar o fogo com sua mangueira, portanto, esse *Nick*, dentro do imaginário popular, tem um grande apelo à sexualidade.

Quando a referência de identidade é a cor da pele, encontramos *Nicks* que navegam em sentidos opostos. ‘Moreno’ é o mais comum, pois este deixa uma condição de imaginário dúbio em relação à identidade que se está manifestando. Esta pode ser de uma pessoa que possui a cor da pele negra e, portanto, quer se mostrar como tal, mas não se sente totalmente pertencente; ou ‘moreno’ pode ser uma pessoa de cabelos escuros que se vê diferente dos padrões desejáveis de pele clara e cabelos loiros. Temos no sentido oposto ao moreno, o *Nick* ‘alemão’; este pode ver-se pertencente a uma

identidade dentro dos padrões sociais desejados: branco, loiro, olhos azuis, grande e homem.

O que está em jogo é que o *Nick* permite um transitar por diversas identidades as quais podem ser verdadeiras ou fictícias. ‘Alemão’ pode ser um homem da raça negra, mas que, popularmente, é apelidado de ‘alemão’, aquele que se opõe em relação à cor da pele, de forma pejorativa. Não se pode afirmar que, de fato, o *Nick* condiz com o sexo do internauta, portanto, as possibilidades são várias.

Encontramos indicativos que permitem supor algo que se apresenta subentendido. O *Nick* ‘C@mil@’ pode dizer algo muito mais do que aparentemente demonstra: o ‘a’ escrito, utilizando-se o sinal de arroba, pode ser um simples enfeite, um marcador para ser identificado por outro usuário, ou ainda, um indicativo de que esse *Nick* pode vir a ser algo que navegue pela homoafetividade.

Em se tratando dos *Nicks* de apelo sexual, a identidade manifestada expressa um conjunto de adjetivos que o navegador gostaria ou imagina possuir. Observamos que a maior parte deles faz referências aos órgãos sexuais, principalmente, os homens, que fazem menção ao pênis. Verificamos em nossas incursões um único internauta do sexo feminino que postou seu *Nick* referindo-se ao seu órgão genital – ‘danixana’; outro *Nick* encontrado foi o de \$Samantha travesti. Infelizmente não tivemos a oportunidade de dialogar com esses internautas, para termos uma compreensão mais apurada de suas identidades virtuais.

O *Nick* associado ao órgão genital representa, para os homens, uma identidade que, apesar de estar sendo constantemente bombardeada por um conjunto enorme de mudanças culturais, no que diz respeito à condição de uma identidade masculina, passa a ideia de centralidade do poder do falo ereto. Ser um sujeito possuidor de uma identidade masculina de homem, representada com a letra agá maiúscula – H, significa ter e estar com o pênis ereto.

A identidade passa por um conflito de posicionamento, ora se encontra centrada na postura de uma masculinidade viril, ora ela se depara com uma desconstrução necessária para a própria sobrevivência do Ser, como possuidor de identidades.

Assim, podemos estabelecer algumas conexões entre os campos teóricos trabalhados. O falar de sexo que, na concepção não foucaultiana, passou para a esfera das instituições, não no sentido repressivo, mas no sentido de falar de sexo se apoderando da verdade, chega ao início do século XXI numa condição de banalização, de modo que se fala de sexo como nunca se falou antes.

A sexualidade, que era algo que pertencia e se posicionava no interior do indivíduo, se externaliza de tal maneira que perde sua condição de sensualidade. O gênero que era representado pelo poder do falo ereto, constituindo uma identidade de gênero masculino, transforma-se em algo que será exposto sem pudores. Não basta falar de sexo, criando-se uma zona de sexualidade, faz-se necessário convidar a ver esse sexo exposto como troféu.

Quando focamos nosso olhar para a Revista Men's Health na construção analítica acerca da identidade, tomamos como base a crítica à oposição binária (BUTLER, 2003; LOURO, 2001) sexual como modelo que pode assegurar a coexistência de sexualidades masculinas, assim, estaremos concebendo a sexualidade no sentido plural, o que leva ao reconhecimento das diferenças.

A revista em questão é tomada como referencial, como já especificado no capítulo II, um público voltado inicialmente para o masculino. Porém, ela pode assumir enquanto consumidor final, um público múltiplo, não só formado por homens dentro do padrão tradicional, mas também por outros homens e por mulheres.

Neste capítulo, nossas discussões se concentrarão na análise, principalmente, da capa, pois ela é elaborada dentro de um padrão heteronormativo que sustenta a masculinidade hegemônica. A capa apresenta uma disposição gráfica na qual encontramos uma infinidade de informações, todas elas preocupadas com a saúde masculina.

Em destaque, em todas as revistas analisadas, encontramos a figura do modelo masculino, contrariamente às propostas das revistas voltadas para o público masculino, como Palyboy, EleEla, Vip, entre outras, que expõem modelos femininos como forma de chamar atenção. A revista MH se aproxima da proposta de revistas voltadas para o público feminino, o que vai caracterizar um olhar para a nova possibilidade de masculinidade que surge nos dias atuais, uma masculinidade que também está preocupada com o cuidar de si, algo que até então era atributo feminino.

O cuidar de si destacado na análise de Gomes (2008), que é atributo feminino, passa a ser algo que também irá fazer parte de atributos masculinos, sendo assim, observa-se que há uma mudança de comportamento que provocará mudanças na concepção de identidade construída pela masculinidade.

Ao vermos estampada a figura de homens em uma revista para homens, observamos que este indivíduo estampado não se configura como um homem qualquer, mas dentro de um padrão de ideal masculino anunciado por Connell (1985), isto é, de

cor de pele branca ou muitas vezes bronzeada, com aparência jovem entre 25 e 35 anos de idade, com um corpo de aspecto musculoso que enfatiza a eroticidade.

Assim, temos que os corpos masculinos que encontramos nas capas da revista MH “se alinham, em parte, a uma ideologia recorrente nas representações de corpo que circulam no vasto campo da mídia contemporânea” (GOMES, 2008, p. 101). Isso marca a construção de uma identidade masculina imposta por meio de um corpo idealmente constituído, o que nem sempre condiz com o que encontramos no dia-a-dia.

Marcado por essa idealização, observamos no dialogarmos com nossos sujeitos da pesquisa, que a representação desse corpo se faz presente dentro do imaginário que eles criam. A ideia de um corpo dotado de uma musculatura forte e definida se associa ao desenvolvimento de funções duras, estabelecendo uma relação entre músculos e masculinidade. O que, portanto, cria uma imagem de homem potente, possuidor de uma identidade masculina que suprirá os desejos e as necessidades do outro.

Por outro lado, ao criar uma infinidade de informações afirmando essa relação de músculos com a masculinidade, a revista MH produz uma obsessão por esse corpo como ideal masculino, gerando discursos que podem ser vistos como incentivo ao cultivo da estética centrada em corpos esculturais.

– “*derreta seus pneus! : planejamento que enxuga em 1 mês.*”

Com essa chamada de capa que está postada ao lado do modelo masculino, com as características já descritas, a manchete faz uma ligação ao corpo definido, *derreter os pneus*, propondo um planejamento de um mês para que o leitor perca os excessos de gorduras localizadas no abdômen. Isso pode, ainda, marcar uma caracterização de acirramento da individualidade, da autodisciplina e que serão elas as responsáveis por redesenhar e maximizar este corpo como saudável e viril.

Temos corpos com uma identidade masculina moldada dentro de técnicas de disciplinas que fazem desses corpos assujeitados não somente sob uma padronização, mas também, sob subjetividades controladas (MISKOLCI, 2006).

Ao entrarmos na revista, verificamos que em sua divisão interna encontramos seções voltadas não somente para o corpo, mas também para os cuidados de si: nutrição, saúde, estilo, cuidados pessoais, cabeça de homem.

Todas elas estão preocupadas em estabelecer uma concepção de masculinidade dentro de um padrão no qual o homem tradicional não se enquadra. A proposta vai ao encontro de uma reestruturação da masculinidade hegemônica chamando a atenção para o surgimento dessa nova masculinidade. Aquela que se preocupa com o tipo de

shampoo que irá usar no cabelo, o tipo de creme para o rosto, o tipo de alimentação de usa dieta diária.

A identidade masculina entra em uma concepção de mudança que nem todos estão preparados para aceitar. Dentro do padrão hegemônico de masculinidade os cuidados com o corpo são enquadrados como uma atividade que pertence ao feminino. Retrabalhar este enquadramento sugere uma revisão da identidade concebida naturalmente, sendo assim, observamos que o público ao qual se dirige a revista é seletivo. Homens que estão dispostos e preparados para aceitarem as mudanças que estão ocorrendo, porém sem a perda de sua essência que é a masculinidade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Várias foram as provocações a que tivemos alcance nas discussões sobre a *masculinidade*. Sairmos da percepção com base no senso comum foi, é e será a tarefa mais complicada e complexa em um estudo das Ciências Sociais sobre o tema, pois estávamos entrelaçados numa teia na qual a masculinidade é, aparentemente, vista como algo pertencente ao natural. Isso demonstra todo o envolvimento que a temática tem com o processo de organização social e toda a complexidade da teia de poder que emana dele. Discutir a masculinidade foi nos projetarmos, primeiramente, para fora de todos os elementos que nos constituí enquanto sujeito possuidor de uma identidade de gênero masculina. Assim, o olhar procurou ser projetado de fora, o que não justifica dizermos que estamos isentos de ideologias e pré-conceitos formados sobre o tema. O que essa pesquisa nos permitiu foi alcançarmos amadurecimento teórico, metodológico, profissional e de pesquisa, para pensarmos a realidade de maneira diferente.

Afirmar que a construção e formação da *masculinidade* vêm sofrendo mudanças na sua concepção é mostrar que os contextos e as relações sociais são os reais provocadores dessa mudança. Achar um único ponto em que essa mudança se faz representativa seria incorrer em erro. O que a pesquisa nos proporcionou foi demonstrar algumas condições, específicas, que nos possibilitaram compreender não só as mudanças em si, mas como os espaços e as condições sociais geridas por eles podem provocar certas mudanças.

Observamos que o indivíduo que assume características de uma masculinidade desejada socialmente as assume dentro de um processo de construção, ao mesmo tempo em que estão sendo bombardeados por uma infinidade de provocações que colocam em jogo e risco a sua condição de ser socialmente determinado dentro de um padrão heteronormativo, o levam a introjetar mudanças que o subvertem e, portanto, subvertem a estrutura socialmente desejada, mesmo que ainda de forma sutil e imperceptível por este indivíduo.

Portanto, ao sugerir um novo campo para o desenvolvimento da pesquisa empírica, com base na temática *masculinidade*, abriu-se a possibilidade de compreendermos e entendermos como, nos novos espaços de interação, estão se criando e recriando os processos de subjetivações desse *ser social masculino*, possibilitando que ele possa vir a assumir identidades múltiplas.

Aquilo que não é permitido abertamente encontra um local em que são dadas as condições para se expor, como indivíduo possuidor de uma identidade dotada de sexualidade. Foucault nos mostra como se deram os processos históricos de construção da sexualidade e nos fala da possibilidade de repressão do falar sobre sexo e que aos poucos se transforma numa prática de controle institucional, levando à formação de uma estrutura de poder. Esses novos espaços subvertem essa condição e permite o falar de sexo abertamente, ocasião em que as emoções, sentimentos e desejos são expostos sem ‘pudor’ algum, levando a uma subversão do poder. Fala-se com um apoderamento ilusório de “total” domínio das técnicas das práticas sexuais, uma junção da ciência erótica com arte erótica.

Essa permissão faz com que os indivíduos trafeguem entre o “permitido” e o “não permitido”, entre o “lícito” e o “não lícito”, entre não somente as dualidades, mas também entre os múltiplos, ali se pode.

A masculinidade vista dentro de uma percepção de construção social caminha pela percepção da sexualidade e do gênero para se chegar a uma identidade social. Nos espaços de interação das salas de *bate-papo*, a sexualidade transborda todas as possibilidades que não se encontram em espaços sociais comuns. O não olhar de frente, olhos nos olhos, mesmo se tendo e se utilizando do recurso da webcam, faz com que os usuários se acortinem diante da distância que os separa, bem como da possibilidade de nunca se depararem frente a frente. O que possivelmente não seria dito presencialmente, se diz ao ‘navegar’ pelas salas. A sexualidade masculina se ‘perde’ em palavras que a remetem somente para o sexo, o expor o sexo.

É nesse sentido que, ao estabelecermos a ligação entre sexualidade e gênero, são reproduzidos os discursos de nossos sujeitos de pesquisa, de modo que se percebe que os moldes tradicionais da construção do gênero masculino são visíveis, como modelos ainda a serem seguidos. A construção do gênero como formação da masculinidade reproduz todo um aparato de características e representações no campo simbólico no qual o homem, na sua condição de adulto, exterioriza tudo que internalizou em todo o seu processo de formação.

Competição com outro homem, mesmo este não estando presente, é um dos elementos-chave da exteriorização da masculinidade; domínio e controle da relação se associam com a primeira característica, o que dará o suporte para a reprodução de uma masculinidade heteronormativa. Assim, o falar de si “não” é permitido, porém enquanto espaço que não se define como público ou privado, alguns de nossos sujeitos de

pesquisa se permitiram essa exposição de suas intimidades; o se referir ao “outro”, ao “amigo”, àquele que não está perto se torna muito mais fácil.

Em outro espaço de análise, a revista *Men's Health*, verificamos que sua proposta não foge à tendência que encontramos nas salas de *bate-papo*. O que se tem são indicativos de mudanças da condição da masculinidade e que estas devem ser vistas de tal forma que possam ser incorporadas sem que haja a perda da hegemonia histórica e culturalmente dada ao masculino.

Conquistar o objeto de desejo que, dentro de uma relação heteronormativa, é a mulher, também aflora a masculinidade internalizada pela e na construção do gênero. Por mais que tenha conotação de senso comum, as salas de *bate-papo* e a proposta da revista MH são espaços em que um grande número de homens adentra e os utilizam para se reafirmarem como pertencentes ao universo social masculino.

Ao projetar para fora de si características de masculinidade heteronormativa, como a competição e a conquista, a pesquisa mostrou que os entrevistados também exteriorizaram características de feminilidade que são introjetadas pelos homens em suas constituições, mas que não são permitidas socialmente de serem projetadas para fora, pelas condições proporcionadas pelo contexto no qual sujeito e pesquisad@r se encontravam, isto é, um local onde público e privado se imbricam e a definição de espaço se liquefaz.

Ao sugerirmos o uso de medicamentos de disfunção erétil, na forma recreativa para criar uma relação sexual mais “apimentada”, as reações dos sujeitos de pesquisa demonstraram uma indefinição dessa zona de fronteira entre o permitido e o não permitido, entre a transgressão da ordem e a sua afirmação, o que caracteriza a mudança da masculinidade e seus questionamentos quanto ao que é ser masculino. Zona de fronteira que já aparece muito bem delimitada na proposta da revista MH e, portanto, assumindo essa nova possibilidade de masculinidade.

Mas a contemporaneidade traz consigo uma marca significativa nas representações da masculinidade. Nela a identidade não se encontra forjada num núcleo central, pelo contrário, a contemporaneidade rompe esse núcleo no qual a identidade se sentia segura, criando condições para que a identidade fique em constante processo de deslocamento. A internet, com suas salas de *bate-papo*, é uma dessas condições promovidas na contemporaneidade que faz com que a identidade não seja única, mas, sim, múltipla, portanto, que expõe identidades no plural.

Como vimos, ao nos apresentarmos como uma identidade imaginária, estamos criando uma possibilidade de ‘romper’ e, portanto, de transgredir a ordem imposta pela heteronormatividade. Falamos na **possibilidade** de transgressão, pois nem sempre há o desejo de transgredir, mas, sim, o de afirmar-se como possuidor de uma identidade de gênero masculino.

O rompimento, por um lado, foi representado por noss@ pesquisador@, pois assumimos uma identidade (virtual) pela qual nossa identidade de sexo se transfigurou, sendo possuidora de uma identidade de gênero masculino. Optamos por essa estratégia para entender como ocorrem as identidades no mundo virtual, pois assumir a condição de uma pesquisadora de identidade construída, com base em elementos do gênero feminino, foi uma transgressão que permitiu afirmar as incertezas provocadas pela pós-modernidade. O núcleo da identidade está rompido não somente para noss@ pesquisador@, mas para qualquer indivíduo que viva esse contexto.

Por outro lado, essa ruptura não se dá somente na criação de uma identidade, mas se faz presente na elaboração do *Nick*, na escolha da sala de *bate-papo*, nos desejos que os levam até as salas, nas falas e diálogos que são mantidos naquele espaço. Do ponto de vista da análise dialética, aquilo que se imagina ser entra em confronto com as possibilidades que são oferecidas para sermos. Os usuários das salas de *bate-papo* sabem muito bem como romper com os modelos e usufruir da criação de novas identidades.

O certo é que a *masculinidade* caminha no sentido de uma transformação de sua concepção, porém essa transformação caminha não diria a passos lentos, mas a passos em que a direção ainda se encontra confusa, pois ocorre não pela necessidade de uma mudança do próprio homem, mas por uma mudança imposta pelas e de acordo com as necessidades da organização social. Os privilégios masculinos não são inatos ao sexo masculino, eles são socialmente construídos e estão de acordo com projetos e justificativas de um modelo de sociedade. A transformação ocorre, portanto, de acordo com a mudança do contexto de organização e justificativa do modelo de sociedade.

O que temos são novas possibilidades surgindo em um cenário no qual a sua fixação é complexa. Quando focamos o olhar para a revista MH, observamos que sua seletividade enquanto direcionamento de público desejado não condiz com a realidade como um todo. Diferentemente, a internet vem a cada dia que passa tornando-se um local mais comum e democrático, pois milhões de pessoas acessam e fazem uso de seus espaços.

Enquanto na revista MH encontramos um discurso voltado para a manutenção e afirmação da masculinidade, que está sofrendo transformações, encontramos também uma proposta no sentido de manutenção de classe social. Mesmo não sendo o foco de nossas discussões, percebemos que a mudança e transformação do 'ser homem' atinge, inicialmente, um grupo social dotado de um capital cultural (BOURDIEU, 1996; 2001) no qual a mudança é aceita e assimilada.

Salas de *bate-papo* têm seus espaços de inserções mais ampliados, o que nos permitiu encontrar uma heterogeneidade e diversidade do capital cultural. Assim, neste contexto, as transformações que estão sendo impostas à masculinidade se apresentam de maneira mais sutil e, ainda, pouco aceita. Portanto, num espaço social localizado na pós-modernidade, percebemos a circulação de valores tradicionais e conservadores de forma explícita, mas que no implícito verificamos os desejos de transformação.

8. BIBLIOGRAFIA

AGACISNKI, Sylviane. **Política dos Sexos**. Trad. Márcia N. Teixeira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ALDEMAN, Mirian. “Para além dos discursos: o poder da afetividade”. In: Cadernos Pagu, (23), julho-dezembro de 2004, pp.389-397.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. “Gênero e sexualidade na mídia: de ‘Malu’ a ‘Mulher’”. 31º Encontro Anual da Anpocs. 22 a 26 de outubro de 2007, Caxambu – MG.

ALMEIDA, H. B. de; HAMBURG, E. I. “Sociologia, pesquisa de mercado e sexualidade na mídia: audiência x imagens”. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (orgs). **Sexualidades e Saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

ALMEIDA, Marilise M. de Matos. “Dimensões da Masculinidade no Brasil”. IN: Revista Gênero. Niterói, v.1, n.1, p.29-40, 2.sem. 2009.

ALMEIDA, Miguel Vale de. “O corpo na teoria antropológica”. In: Revista de Comunicação e Linguagem, 33: 49-66, 2004.

_____. **Senhores de Si: uma interpretação Antropológica da Masculinidade**. 2.ed. Lisboa: PT, 2000.

ANYON, Jean. “Interseções de Gênero e Classe: acomodações e resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sexuais”. In: **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo (73): 13-25, maio de 1990.

APPLE, Michael W. “Relações de Classe e de Gênero e Modificações no Processo do Trabalho Docente” In: **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo (60): 3-14, fevereiro de 1987.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ARTES, Amélia C. A.; CARVALHO, Marília P. de. “O trabalho como fator determinante da defasagem escolar dos meninos no Brasil: mito ou realidade?” In: Dossiê: **A Educação das Masculinidades**. Cadernos Pagu. (34), janeiro-junho de 2010: 9-15.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS – NBR 14724:2002

- BAMBERG, Michael. “Construindo a masculinidade na adolescência: posicionamentos e o processo de construção da identidade aos 15 anos”. In: MOITA LOPES, Luiz P. da; BASTOS, Liliana C. (orgs). **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- _____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- _____. **O Mal Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Trad.: Sérgio Milliet, 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. vol.1 – “Fatos e mitos”; vol.2 – “A experiência vivida”.
- BEIRAS, Adriano (et al). “Gênero e Super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma”. I: Psicologia e Sociedade; 19(3): 62-67, 2007.
- BENSUSAN, Hilan. “Observações sobre as políticas do desejo: tentando pensar ao largo dos instintos compulsórios”. In: Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, 14(2): maio-agosto/2006.
- BESSA, Karla Adriana M. “Posições do sujeito, atuações de gênero...”. In: Revista de Estudos Feministas, ano 6, 34, 1º semestre de 1998.
- BITANTE-FERNANDES, Luís A. **Adolescência: a construção das identidades sociais de gênero e de sexualidade**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUC/SP, 2005.
- _____. “Construindo Identidades Sociais: Feminilidade Masculinidade”. 31º Encontro Anual da Anpocs. 22 a 26 de outubro de 2007, Caxambu – MG.
- _____. “Identidades em questão: feminilidades e masculinidades”.
- BLY, Robert. **João de Ferro: um livro sobre homens**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.

BORUCHOVITCH, Evely. *A Sexualidade na Adolescência: considerações para uma educação sexual mais efetiva*. In: SISTO, Ferminio F.; OLIVEIRA, Gislene de C.; FINI, Lucila D. T. (orgs.) **Leituras de Psicologia para Formação de Professores**. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: USF, 2000.

BOURDIEU, Pierre. “A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura” In: NOGUEIRA, Maria A. e CATANI, Afrânio (org.). **Escritos de Educação – Pierre Bourdieu**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. (Col. Ciências Sociais e Educação).

_____. **A dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **O Poder Simbólico**. 4ªed. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Os usos sociais das ciências: por uma sociologia clínica do campo**. Trad. Denice B. Catani. São Paulo: Unesp, 2004.

_____. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

BRAIT, Beth (org.). **Baktin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1997.

BRASIL - Secretaria Especial de políticas para as Mulheres. Programa de Prevenção, Assistência e Combate à Violência Contra a Mulher – Plano Nacional: “Diálogo sobre a violência doméstica e de gênero: construindo Políticas para as Mulheres”. Brasília: A secretaria, 2003.

BRIGEIRO, Mauro; MAKSUD, Ivya. “Aparição do Viagra na cena pública brasileira: discursos sobre corpo, gênero e sexualidade na mídia”. In: **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, 17(1): 71-88, janeiro-abril/2009.

BRUSCHINI, Cristina. “Gender Inequalities in the Brazilian Labor Market: female labor in Brazil in the 1980s”. In: BARRETO, E. S. de S. e ZIBAS, D. M. L. (orgs.). Translated by Jonathan Hannay. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1996.

BRUSCHINI, C. e UNBEHAUM, S. (orgs.). **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas: Ed. 34, 2002.

BRUSCHINI, C. & PINTO, Céli R. (org.). **Tempos e Lugares de Gênero**. São Paulo: ed. 34, 2001.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. “Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo”. In: Cadernos Pagu (11) 1988, PP. 11-42.

CARVALHO, Marília; FARIA Fº, Luciano. **Apresentação**. Dossiê: A Educação das Masculinidades. In: Cadernos Pagu. (34), janeiro-junho de 2010: 9-15.

CASTRO, Mary G. e ABRAMOVAY, Miriam. “Marcas de Gênero na Escola: sexualidade e violência/discriminações representações de alunos e professores”. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL. **Gênero e Educação: Educar para a Igualdade**. Realização: Coordenadoria Especial da Mulher e Secretaria Municipal da Educação, de 24 a 28 de março de 2003.

CIAMPA, Antonio da C. **A Estória do Severino e A História da Severina**. 1 ed. 6 re. São Paulo: Brasiliense, 1998.

Revista de Estudos Feministas (132), Florianópolis, 2001, pp. 131-145.

CHARTIER, Roger. “Diferenças entre os sexos e dominação simbólica” (nota crítica) In: Cadernos Pagu, (4) 1995: pp.37-47.

CHODOROW, Nancy. **Psicanálise da Maternidade**: uma crítica a Freud a partir da mulher. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

COELHO, Maria C. “Trocas materiais e construção de identidades de gênero”. In: MOITA LOPES, Luiz P. da; BASTOS, Liliana C. (orgs). **Identidades**: recortes multi e interdisciplinares. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

CONNELL, R. W. “Políticas da Masculinidade”. In: Revista Educação e Realidade, 20(2): julho-dezembro de 1985, pp. 185-206.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo**. Rio de Janeiro: Vozes; 2008. Vol.1- Da Renascença às Luzes; Vol.2- Da Revolução à Grande Guerra; Vol.3- As mutações do Olhar. O Século XX.

CORRÊA, Sonia. “Gênero e saúde: campo em transição”. In: BRUSCHINI, C. e UNBEHAUM, S. (orgs.). **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas: Ed. 34, 2002.

COSTA, Rosely G. “Reprodução e Gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção”. In: Revista de Estudos Feministas, ano 10, 2º semestre de 2002.

COSTA, Albertina de O. e BRUSCHINI, Cristina (orgs.). **Entre a virtude e o Pecado**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

COSTA, Claudia de Lima. “O Tráfico do Gênero”. In: Cadernos Pagu (11), Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, 1998: pp. 127-140.

- DAMICO, José G. S.; MEYER, Dagmar, E. E.; “Constituições de masculinidades juvenis em contextos “difíceis”: vivência de jovens de periferia na França”. In: Dossiê: **A Educação das Masculinidades**. Cadernos Pagu. (34), janeiro-junho de 2010: 9-15.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 3 ed. rev. amp. São Paulo: Atlas, 1999.
- DERRIDA, Jacques e ROUDINECO, Elisabeth. **De que amanhã: diálogos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- DESLANDES, Suely F. “A construção do projeto de pesquisa”. In: MINAYO, Maria C. de Souza (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. São Paulo: Vozes, 2001.
- DUARTE, Luiz F. D. “A Sexualidade nas Ciências Sociais: leitura crítica das convenções”. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (orgs). **Sexualidades e Saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- DUBAR, Claude. **A Socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: edições 70, 1999.
- _____. **O processo civilizador** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- ELIAS, N. e SCOTSON, J.L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FAUSTO-STERLING, Anne. “Dualismo em Duelo”. In: Cadernos Pagu, (17/18) 2001/2: pp. 9-79.
- FARIAS, F. R. de e DUPRET, L. **A pesquisa nas ciências do sujeito**. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.
- FIORIN, José L. **Discurso e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1990.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1995.
- _____. **A ordem do discurso**. 9ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- _____. **As palavras e as Coisas**. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002a
- _____. **História da Sexualidade**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- (Volume 1)
- _____. **História da Sexualidade**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- (Volume 2)

- _____. **História da Sexualidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002b. (Volume 3)
- _____. **Microfísica do Poder**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- _____. **Vigiar e Punir**. 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002c.
- FONSECA, Márcio A. **Michel Foucault e a Constituição do Sujeito**. São Paulo: EDUC, 2003.
- _____. **Michel Foucault e o Direito**. São Paulo: Max Limonad, 2002.
- FRAGA, Alex B. **Corpo, Identidade e Bom-Mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- FRASER, Nancy. “Políticas feminista na era do reconhecimento: uma abordagem bidimensional da justiça de gênero”. In: BRUSCHINI, C. e UNBEHAUM, S. (orgs.). **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas: Ed. 34, 2002.
- GALLOP, Jane. “Além do falo”. In: Cadernos Pagu (16), Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, 2001: pp. 267-287.
- GAZETAONLINE. “Uso de Viagra por jovens pode levar à dependência”. Consultado em www.gazetaonline.com.br/vida_saudavel, em 17/02/2009.
- GIAMI, Alain. “A medicalização da sexualidade: Foucault e Lantéri-Laura: História da Medicina ou História da Sexualidade?”. In: PHISYS, Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro 15(2): 259-284, 2005.
- _____. “Permanência das Representações do Gênero em Sexologia: as Inovações Científicas e Médicas Comprometidas pelos Estereótipos de Gênero”. In: PHISYS, Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro 17(2): 301-320, 2007.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.
- _____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- _____. **O mundo na era da globalização**. Lisboa: Presença, 2000.
- _____. **Sociologia**. Trad. Sandra Regina Netz. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- _____. **Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. 4 reimp. São Paulo: Unesp. 1993.
- GIFFIN, Karen. “A inserção dos homens no estudo de gênero: contribuições de um sujeito histórico”. *Ciência e Sociedade*, 10(1): 47-57, 2005.

GIFFIN, Karen; CAVALCANTI, Cristina. “Homens e reprodução”. In: Revista de Estudos Feministas (53), Florianópolis, janeiro-fevereiro/1999, pp. 53-71.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. **Estigma: notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada**. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOMES, R.; NSACIMENTO, E. F. do. “A produção do conhecimento da saúde pública sobre a relação homem-saúde: uma revisão bibliográfica”. In: Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 22(5): 901-911, mai, 2006.

GOMES, Romeu. **Sexualidade Masculina, Gênero e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

_____. “Sexualidade masculina e saúde do homem: proposta para uma discussão. In: Revista Ciência e Saúde Coletiva. 8 (3): 825-829, 2003.

GRASSI, Maria V. F. C.; PEREIRA, Mário Eduardo C. “O ‘Sujeito-sintoma’ impotente na Disfunção Erétil”. In: *Ágora*, v. IV, n.1, jan/jun 2001, p.112.

GRASSI, Maria V. F. C. **Psicopatologia e Disfunção Erétil**. São Paulo: Escuta, 2004. Biblioteca de Psicopatologia Fundamental.

GROSSI, Miriam P.; HEILBORN, Maria L.; RIAL, Carmem. Entrevista com: **Joan Wallachh Scott**. In: *Revistas de Estudos Feministas*, ano6, 1º semestre/98.

GROSSI, Miriam Pilar. “Masculinidades: uma revisão teórica”. In: *Antropologia em primeira mão/Programa em Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC*, nº 1 (1995), Florianópolis – SC: UFSC.

GREGOLIN, Maria do R. “A Autoria: entre a memória do dizer e seus deslocamentos”, *no prelo*.

_____. **Foucault e Pêcheux: na análise do discurso – diálogos & duelos**. São Carlos, SP: Claraluz, 2004.

_____. “Mídia e construção da identidade”. Texto preparado para leitura na disciplina “Discurso e História: a construção das identidades”, pela Profª. Maria do Rosário Gregolin, UNESP-Ar, 2007-I

_____. “Mídia, discurso e identidade: a metáfora de uma breve história do tempo”. Texto preparado para leitura na disciplina “Discurso e História: a construção das identidades”, pela Profª. Maria do Rosário Gregolin, UNESP-Ar, 2007-I

GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

- GUILLEBAUD, Jean Claude. **Le Gout de L’Avenir (O sabor do futuro)**. Tradução: Profa. Dra. Caterine Koltai. Mimeo, 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HAGUETE, Teresa M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política social de uma palavra. In: Cadernos Pagu, (22) 2004, pp. 201-246.
- HEILBORN, M. L.; CABRAL, C. S. “Práticas sexuais na juventude: análise sobre a trajetória e a última relação sexual”. In: Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 22(7): 1471-1481, jul, 2006.
- HEILBORN, Maria Luiza. “Entre as tramas da sexualidade brasileira”. In: Estudos Feministas. Florianópolis, 14(1): 336, janeiro-abril/2006.
- _____. **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. RJ: Zahar, 1999.
- _____. “Sobre a sexualidade, gênero e juventude”. In: BRUSCHINI, C. e UNBEHAUM, S. (orgs.). **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas: Ed. 34, 2002.
- HEILBORN, Ma. Luiza e SORJ, Bila. *Estudos de Gênero no Brasil*. In: MICELI, Sergio (org.). **O que ler na ciência social brasileira (1970 – 1995)**. São Paulo: Ed. Sumaré: ANPOCS; Brasília, DF: CAPES. 1999.
- HIRATA, Helena. “Reorganização da produção e transformação do trabalho: uma nova divisão sexual?”. In: BRUSCHINI, C. e UNBEHAUM, S. (orgs.). **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas: Ed. 34, 2002.
- HITA, Maria Gabriela. “Masculino, Feminino, Plural”. In: Cadernos Pagu, (13) 1999, pp. 371-383.
- KOLTAI, Caterine. “Uma questão tão delicada”. Revista de Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, vol.14, p.35 – 42, 2002.
- LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Ática, 1991.
- LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LEAL, Andréa Fachel; KNAUTH, Daniela Riva. “A relação sexual como uma técnica corporal: representações masculinas dos relacionamentos afetivos-sexuais”. In: Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 22(7):1375-1384, julho, 2006.

- LEMOS, Doracy Araújo. *Jacobina, sua história e sua gente/memórias: Doracy Araújo Lemos, Jacobina*. D. A. Lemos, 1995
- LINS, Daniel (org.). **A dominação masculina revisitada**. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- LOYOLA, Maria Andréa. “Sexualidade e Medicina: a revolução do século XX”. In: *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 19(4): 875-899, jul-ago/2003.
- LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- _____. “Gênero: questões para a educação”. In: BRUSCHINI, C. e UNBEHAUM, S. (orgs.). **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas: Ed. 34, 2002.
- _____. (org.). **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica: 2001.
- _____. “Pedagogias da sexualidade”. In: LOURO, Guacira L. (org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- _____. “Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação”. In: *Revista de Estudos Feministas*, ano 9, 2º semestre/2001.
- LOURO, G. L.; NECHEL, Jane F.; GOELLNER, Silvana V. (orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- LÖWY, Ilana. Universalidade da ciência e conhecimentos ‘situados’. In: *Cadernos Pagu*, (15) 2000: pp. 15-38.
- MACHADO, Lia Zanotta. “Dilemas e desafios teóricos para a antropologia e para o feminismo referente à violência contra as mulheres”. 31º Encontro Anual da Anpocs, 22 a 26 de outubro de 2007, Caxambu – MG.
- _____. “Gênero, um novo paradigma”. In: *Cadernos Pagu* (11), Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, 1998: pp. 107-125.
- _____. “Masculinidades e violências – Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea”. In: SCHPUN, Mônica R. (org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.
- MACEDO, Ana G.; AMARAL, Ana L. (orgs.). “Masculinidade”. *Verbetes no Dicionário da Crítica Feminista*. Porto: Afrontamento, 2005. pp. 122-123.
- MATOS, Maria I. S. de. “Estudos de Gênero: percurso e possibilidades na historiografia contemporânea”. In: *Cadernos Pagu* (11), Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, 1998: pp. 67-75.

- MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- MINAYO, Maria C. de Souza (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. São Paulo: Vozes, 2001.
- MIRA, Maria Celeste. “O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar”. In: Cadernos Pagu, (21)2003: pp. 13-28.
- MISKOLCI, Richard. “Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência”. Revista de Estudos Feministas, 14(3): 681-693, 2006.
- _____. “O armário ampliado – notas sobre a sociabilidade homoerótica na era da internet”. In: Revista Gênero, Niterói – RJ, v.9, n 2, pp 171-190, 1. Sem. 2009.
- MOLINIER, Pascale. “Virilité Défensive, Masculinité Créatrice”. In: Revista Travail, Genre ET Societes. **Le genre masculin n’est pás neutre**. 3/2000, pp.25-44.
- MOLINIER, Pascale; WELZER-LANG, Daniel. **Verbetes: Feminilidade, masculinidade, virilidade**. In: HIRATA, Helena (et al.) (orgs). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009. pp. 101-107.
- MOITA LOPES, Luiz P. da (org.). **Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.
- _____. **Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002. (Col. Letramento, Educação e Sociedade).
- MOITA LOPES, Luiz P. da e BASTOS, Liliana C. (orgs.). **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.
- MONTEIRO, Marko. “Sujeito, Gênero e Masculinidade”. In: ALMEIDA, Heloisa B. de (et. all). Coleção Estudos CDAPH – Série História e Ciências Sociais. Bragança Paulista – SP, 2002.
- MORAES, Eliane R. “Os perigos da literatura: erotismo, censura e transgressão”. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (orgs). **Sexualidades e Saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- MORAES, Maria L. Q. de. “Em torno do ‘sujeito’ e dos processos de sujeição: Althusser, Foucault e Butler”. 31º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, 22 a 26 de outubro de 2007.
- _____. “Usos e Limites da Categoria Gênero”. In: Cadernos Pagu (11), Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, 1998: pp. 99-105.

- MOTA, Manoel Barros da (org.). **Foucault: Ética, Sexualidade, Política.** 2 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006. Col. Ditos e Escritos, vol. V.
- NOGUEIRA, Maria A. e CATANI, Afrânio (org.). **Escritos de Educação – Pierre Bourdieu.** 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. (Col. Ciências Sociais e Educação).
- NOLASCO, Sócrates (org.). **A desconstrução do masculino.** Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- _____. “A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero” In: NOLASCO, S. (org.). **A desconstrução do masculino.** Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- _____. **De Tarzan a Homer Simpson.** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- NOLASCO, Edgar C.; GUERRA, Vânia M. L. (orgs.). **Discurso, Alteridade e Gênero.** São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2006.
- NOVAES, Adauto (org.). **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A Construção Social da Masculinidade.** Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: Ed. IUPERJ, 2004.
- _____. **Discurso sobre Masculinidade.** Revista Estudos Feministas, Ano 6, 1º semestre de 1998. pp, 91-112.
- OLIVEIRA, Rosiska Darcy. **Elogio da diferença: o feminino emergente.** São Paulo: Brasiliense, 1999.
- OSTERNE, M. do S. F. **Família, pobreza e gênero: o lugar da dominação masculina.** Fortaleza: EDUECE, 2001.
- PAIVA, Miguel. **Sentimento Masculino: manual de sobrevivência na selva.** Rio de Janeiro: Record, 2001.
- PAZ, Octávio. **A dupla chama: amor e erotismo.** São Paulo: Siciliano, 1994.
- PETERSON K. “Young men add Viagra to their drug arsenal”, *USA Today*, 2001-03-21.
- PINTO, Graziela Costa. **Sexos identidades e sentidos: invenção da sexualidade moderna, vol. 1,** São Paulo: Duetto Editorial, 2008.
- _____. **Sexos identidades e sentidos: corpos feitos de desejo/tramas da cultura, vol. 2,** São Paulo: Duetto Editorial, 2008.
- _____. **Sexos identidades e sentidos: uma questão de gênero, vol. 3,** São Paulo: Duetto Editorial, 2008.

_____. **Sexos identidades e sentidos: fronteiras da transgressão**, vol. 4, São Paulo: Duetto Editorial, 2008.

PIOVESAN, Flávia; FLORES, Joaquim H. **Pobreza, multiculturalismo e justiça social**. Folha de São Paulo, 27/07/2004, Caderno Opinião, p. A3.

PISCITELLI, A.; CORRÊA, M. “Flores do Colonialismo” – Masculinidade numa perspectiva antropológica. In: Cadernos Pagu, (11) 1998: pp. 201-229. Entrevista com Miguel Vale de Almeida.

PISCITELLI, Adriana. “Gênero em Perspectiva”. In: Cadernos Pagu (11), Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, 1998: pp. 141-155.

_____. Resenha: “The gender of the gift”; In: Cadernos Pagu (2)1994: pp.211-219.

_____. “Viagens e sexo online: a Internet na geografia do turismo sexual”. In: Cadernos Pagu (25), julho-dezembro de 2005, pp. 281-326.

PITANGUY, Jacqueline. “Gênero, cidadania e direitos humanos”. In: BRUSCHINI, C. e UNBEHAUM, S. (orgs.). **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas: Ed. 34, 2002.

POVEY, Hilary. “The Gendered Construction of Knowledge and Identity”. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL. **Gênero e Educação: Educar para a Igualdade**. Realização: Coordenadoria Especial da Mulher e Secretaria Municipal da Educação, de 24 a 28 de março de 2003.

PRESTON, Rosemary e HUGBES, Christina. “Gender and Education 1995-2000: Faring Well”. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL. **Gênero e Educação: Educar para a Igualdade**. Realização: Coordenadoria Especial da Mulher e Secretaria Municipal da Educação, de 24 a 28 de março de 2003.

RAGO, Margareth. "Descobrimo historicamente o gênero". In : Cadernos Pagu (11), Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, 1998: pp. 77-87.

RESENDE, Viviane de M.; RAMALHO, Viviane. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RIBEIRO, Claudia R.; SIQUEIRA, Vera H. F. de. “O novo homem na mídia: ressignificações por homens docentes”. In: Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, 15(1): 280, janeiro-abril/2007.

RICOUER, Paul. **Parcours de la Reconnaissance**. Paris, FR: ÉditionsStoch, 2004.

ROHDEN, Fabíola. “A construção da diferença sexual na medicina”. In: Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 19 (Sup. 2): S201-S212, 2003.

- _____. “Diferenças de gênero e medicalização da sexualidade na criação do diagnóstico das disfunções sexuais”. In: **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, 17(1): 89 – 109, janeiro-abril/2009.
- ROSEMBERG, Fúlvia. “Educação Formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo”. In: *Revista de Estudos Feministas*, ano 9, 2º semestre de 2001.
- ROUANET, Sergio P. “O Homem-Máquina Hoje”. In: NOVAES, Adauto (org.). **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003
- ROUDINESCO, Elisabeth. **A Família em Desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- SANT’ANNA, Denise B. de (org.). **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; NUNES, João A. “Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Porto: Edições Afrontamento, 2004.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pelas Mãos de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 7 ed. Porto: Afrontamento, 1999.
- SANTOS, Vanessa Flores dos Santos. “Gênero, Masculinidades e Violência”. In: *Revista Todavia*, Ano 1, nº1, julho de 2010, p. 119-124.
- SANTOS, Vanicléia Silva. Sons, danças e ritmos: A Micareta em Jacobina-Ba (1920-1950), Dissertação de Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001
- SCAVONE, Lucila. “Estudos de gênero e feministas: um campo científico”. 31º Encontro Anual da Anpocs, 22 a 26 de outubro de 2007, Caxambu – MG.
- _____. **Dar a vida e cuidar da vida: feminismo e ciências sociais**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- SCAVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César; MISKOLCI, Richard (orgs.). **O Legado de Foucault**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- SCHRAIBER, Líbia B.; GOMES, Romeu; COUTO, Márcia T. “Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva”. In: *Ciência e Saúde Coletiva*, 10(1): 7-17, 2005.
- SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Revista Educação e Realidade*. V.16, nº2, jul/dez 1990. pp. 5-22.
- _____. “‘La querelle des femmes’ no final do século XX”. In: *Revista de Estudos Feministas*, ano 9, 2º semestre de 2001.

_____. “O enigma da igualdade”. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 13(1): 216, janeiro-abril/2005.

SILVA, Alcira Pereira Carvalho. Jacobina Sim . UFBA, 1986.

SILVA, Isabel de Oliveira e; LUZ, Iza R. da. “Meninos na educação infantil: o olhar das educadores sobre a diversidade de gênero”. In: Dossiê: **A Educação das Masculinidades**. Cadernos Pagu. (34), janeiro-junho de 2010: 9-15.

SOIHET, Rachel. “História das Mulheres e História de Gênero: um depoimento”. In: Cadernos Pagu (11), Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, 1998: pp. 77-87.

SOROMENHA, Ana. “Geração Explosiva: as drogas recreativas invadiram a noite- a nova moda são cocktails bombásticos de ecstasy e Viagra”. Consultado em 26 de setembro de 2009. In: www.expresso.pt.

SOUZA, Raquel. “Rapazes negros e sociabilização de gênero: sentidos e significados de ser homem”. In: Dossiê: **A educação das masculinidades**. Cadernos Pagu (34), janeiro-junho de 2010:107-142.

STERNS, Peter N. **História das Relações de Gênero**. São Paulo: Contexto, 2007.

STRAUSS, Anselm L. **Espelhos e Máscaras**. São Paulo: Edusp, 1999.

STREY, Marlene N. (org.). **Gênero por Escrito: saúde, identidade e trabalho**. Porto Alegre: EDIPUCCRS, 1999.

_____. (et. al.). **Psicologia social contemporânea: livro texto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TAMANINI, Marlene. “Novas tecnologias reprodutivas conceptivas: bioética e controvérsias”. In: Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, 12(1): 360, janeiro-abril/2004.

VEJA ONLINE. “O perigo do Viagra barato: uso indevido”. Por Natalia Cuminale, postado em 21 de junho de 2010.

WANDERLEY, Luiz Eduardo. **Os sujeitos sociais em questão**. Revista Serviço Social & Sociedade, No 40, ano XIII, Dez./1992 – São Paulo: Cortez.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: Ed. 34, 2000. Curso de Pós-Graduação da USP.

_____. (org.). **Dossiê Norbert Elias**. São Paulo: Edusp, 1999.

WEBER. Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 6ª ed. São Paulo: Pioneira, 1989.

_____. **Ciência e Política: duas vocações**. 9ª ed. São Paulo: Cultrix,

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino:** dominação das mulheres e homofobia. Revista Estudos Feministas, Ano 9, 2º semestre de 2001. pp, 460-482.

_____. “Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, Mônica R. (org.). **Masculinidades.** São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.